

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES**

REGINÂMIO BONIFÁCIO DE LIMA

**MEMÓRIAS DE VELHOS NO TERCEIRO EIXO
OCUPACIONAL DE RIO BRANCO**

Rio Branco – Acre
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES**

REGINÂMIO BONIFÁCIO DE LIMA

**MEMÓRIAS DE VELHOS NO TERCEIRO EIXO
OCUPACIONAL DE RIO BRANCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras – Linguagem e Identidade, área de concentração Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Margarete Edul Prado de Souza Lopes.

Rio Branco – Acre
2008

© LIMA, R. B. 2008.

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Acre

L732 1

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. *Memórias de velhos no terceiro eixo ocupacional de Rio Branco*. 2008. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Rio Branco – Ac. 2008.

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Margarete Edul Prado de Souza Lopes

1. Memória de Velhos, 2. Linguagem, 3. Identidade, I. Título

CDU 159.953.63 (811.2)

REGINÂMIO BONIFÁCIO DE LIMA

MEMÓRIAS DE VELHOS NO TERCEIRO EIXO OCUPACIONAL DE RIO BRANCO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras – Linguagem e Identidade, área de atuação Cultura e Sociedade.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Margarete Edul Prado de
Souza Lopes (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Olinda Batista Assmar

Prof. Dr. Humberto de Freitas Espeleta

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro
(suplente)

Rio Branco, março de 2008.

Ao Deus Todo-Poderoso, criador da vida.

A todos os amantes e estudiosos da memória humana que por guerras, holocaustos ou mortes prematuras não conseguiram concluir suas obras. Ofereço-lhes este trabalho que ensejo ser mais um capítulo sobre a memória de velhos, nem melhor, nem o último, apenas diferente – como todos os outros.

Aos sujeitos lembrantes que entrevistei.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Dra. Margarete Edul Prado de Souza Lopes, por ter dado crédito ao trabalho a ser desenvolvido e auxiliado na constituição do mesmo;

A minha família que sempre me apoiou em todo o tempo. Meus pais: Severino e Maria, cuidando de mim, dando amor, afeto; e meus irmãos Reginaldo, Regineison, Regiglenis e Pedro que, juntamente com minha cunhada Ana Íris, e, meus sobrinhos, Stive e Kelven, proporcionaram apoio moral, emocional, contribuíram direta e indiretamente para esta realização;

A minha Musa Inspiradora, Iracilda Bonifácio, pelo apoio dado nas horas difíceis, pelo afeto e dedicação com os quais têm tratado os sujeitos lembrantes desta pesquisa;

A meus coletores de dados, Pedro Lima e Selyana Cavalcante, por me auxiliarem na aplicação dos questionários e transcrição das entrevistas;

As professoras Dras. Olinda Assmar e Luciana Marino, e ao professor Dr. Humberto Espeleta que muito contribuíram dando sugestões sobre o modo de ver o lugar e os sujeitos que nele vivem;

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Acre por tão prestativamente terem auxiliado na pesquisa das referências;

A todos os entrevistados que muito contribuíram com a pesquisa;

Aos amigos do CDIH e da Biblioteca da UFAC, por tamanha presteza com que me acolheram.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

De tudo ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando

A certeza de que é preciso continuar

A certeza de que somos sempre

interrompidos antes de terminar.

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo

Da queda um passo de dança

Do medo uma escada

Do sonho uma ponte

Da procura um encontro.

Fernando Sabino

RESUMO

A partir das falas dos moradores que vivem nas localidades que compõem o Terceiro Eixo riobranquense – também conhecido como Baixada da Sobral – desde o período de “formação urbana” deste, pudemos construir um *corpus* a partir do qual foram investigadas as relações e experiências vivenciadas a partir da memória.

No presente estudo, apresentamos nossos enfoques e constatações, tendo como ponto de partida um estudo crítico-reflexivo da memória de velhos, pautada em um contexto de geração.

Um ponto a salientar, refere-se à abordagem deste estudo, enfocando-se a ocupação dos espaços sociais e suas representações nas memórias ao longo das trajetórias de vida desses sujeitos migrantes. Tendo em vista as situações de mudanças pelas quais eles passaram, as rupturas, a adaptação e a resistência aos novos espaços e culturas, percebemos o configurar não só de uma mudança espacial, como também a reconstrução de suas identidades individuais e coletivas, bem como a formação de uma memória social.

Concomitantemente, cabe assinalar que o espaço relativo ao Terceiro Eixo riobranquense, na década dos anos de 1970 e primeiros anos da década seguinte, tornou-se palco da formação de uma nova comunidade, compreendendo segmentos populacionais diversificados, nos quais indivíduos e grupos interagem em uma nova dinâmica social, formando uma teia de relações sociais constituída por conflitos e formas de superação dos mesmos, laços de vizinhança e vivências de um cotidiano comum.

Ao perceber a memória como aporte da construção da história e da sociedade, trabalhamos com autores que observaram as atividades dos grupos sociais em sua unidade construída, evitando a dissociação prematura dos seus elementos; estudando as teorias existentes e a elaboração das mesmas ante o sujeito estudado. Embasamos teoricamente nosso estudo com as metodologias de Ecléa Bosi e Paul Thompson, embora como suporte para algumas questões específicas da memória consideramos os estudos identitários de Stuart Hall, uma

vez que o autor estuda a relação da identidade entre os indivíduos enquanto aporte da construção histórica do homem em sociedade.

Tentamos “reconstruir”, com entrevistas, a partir das memórias, lembranças e esquecimentos, uma parte das trajetórias de vida dos sujeitos lembrantes que atualmente são idosos – ou velhos, como preferem ser chamados – e presenciaram os momentos de lutas, rupturas e soerguimentos nos processos de ocupação dos bairros formadores do Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco, enquanto vivenciavam em si mesmos as modificações que estavam ocorrendo.

Palavras-chave: Linguagem; Identidade; Memória de Velhos.

ABSTRACT

Starting from the speeches of the dwellers living on these places, which compose the riobranquense third core – also known as Baixada da Sobral – since its period of the “urban formation”, we could build a corpus, that allowed us to investigate the relationships and experiences, lived since their memory.

On this present work, we present our approaches and findings, having as a departure point, a critical and reflective study of the ancients memory, ruled by a generation context.

A point to stress refers about the approaches of this study, focusing on the social occupation of the spaces and their representations on the memories, over the lives paths of these migrants. In view of the change situations which they suffer, the ruptures, the adaptation and the resistance to the new spaces e cultures, we saw the set, not just for a change, as well as to their identities reconstruction of a social memory.

Concomitantly, It is worth to point out that the space on the riobranquense third core, in the seventies and in the first year of the next decade, became stage to the formation of a new community, comprising various population segments, in which individuals and groups interacted in a new social dynamics, composing a net of social relations formed by conflicts and ways of overcoming, Ties neighbourhood and livings of a common everyday.

To understand the memory as contribution of the history and society construction, we worked with authors who observed the activities of social groups in its constructed unit, avoiding the premature decoupling of its elements; by studying the existing theories and their elaboration, faced the subject studied. We gave theoretical support to our study with the methodologies owned by Ecléa Bosi and Paul Thompson, although as support for some specific issues of memory, we wave been considered the studies of Stuart Hall. This last one studies the relationship identity among individuals, while a resource for a historic construction of the man in society.

We tried to “rebuild”, with interviews from the memories, from the remembrances and from forgetfulness, a part of the individuals ways of life whose currently are elderly – or old, how they prefer to be called – and witnessed moments of struggles, of disruptions and of raising in the process of community’s occupation that compose the Occupational Third Core of Rio Branco, while they have been lived in themselves the changes that were occurring.

Word-Key: Memory; Identities; Old’s Memories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
 CAPÍTULO I:	
TRAÇOS DA MEMÓRIA E SUBSTRATOS DE IDENTIDADES	28
1.1 Técnicas de registros de relatos orais	28
1.2 Contextualizando o Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco	33
1.3 Do planejamento à transcrição, textualização e transcrição	41
1.4 As vozes da memória	49
 CAPÍTULO II:	
LEMBRANÇAS DE VELHOS	57
2.1 Reflexões sobre a velhice	57
2.1.1 A velhice e o corpo	57
2.1.2 A velhice e o direito de sonhar	60
2.1.3 Presentificando o passado ou velhos em perfil	65
2.2 A Constituição social da memória	71
2.2.1 A memória, a identidade e o tempo	71
2.2.2 Memória autobiográfica e trajetórias de vida	80
2.2.3 Demências e apatia influenciando a memória e o esquecimento	85
2.3 O Velho, a Vida e o Mundo	93
2.3.1 Ficção e deslocamento	93
2.3.2 Saudades, sonhos e solidão	100
2.3.3 De donas de casa a chefes de família	107
2.3.4 Terras e Gentes: revisitando o passado	121

CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS.....	133
GLOSSÁRIO	138
ANEXOS.....	140
Anexo A (Roteiro Semi-aberto)	
Anexo B (Carta de cessão direitos sobre imagem e som)	
Anexo C (Termo de consentimento livre e esclarecido)	
Anexo D (Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos)	
Anexo E (Corpus - Transcrição das entrevista com os idosos)	

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

UFAC – Universidade Federal do Acre.

INTRODUÇÃO

A razão da escolha do tema se deve a uma experiência pessoal com velhos, além de há quase duas décadas conviver na localidade em estudo. Outro motivo foi poder dar continuidade às pesquisas que realizamos em Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu*, em “Cultura, Natureza e Movimentos Sociais na Amazônia”, pelo Departamento de História da UFAC, onde analisei a formação e crescimento do Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco. Durante a Pós-Graduação, foram trabalhados os aspectos de formação e transformação do espaço em lugar, em uma perspectiva geo-histórico-social acerca da estrutura ocupacional dessa área, bem como a ambiência empostada a partir dessas ocupações. Neste novo projeto, a continuidade foi dada analisando as perspectivas da memória cultural e identidade, inerentes ao modo de vida e as relações construídas na interação com os habitantes, formação das ideologias e práticas sociais nesse local.

Neste estudo, foram enfocadas histórias de vida de “cidadãos comuns”, migrantes que, em sua trajetória, reelaboraram seus espaços, adaptando-se às novas dinâmicas sociais, integrando-se a diferentes culturas, ao mesmo tempo em que se afirmam identitariamente como seringueiros e posseiros, em um processo de reconstrução de identidade individual e coletiva e este por sua vez forjado no interior do grupo. Embora seja sabido que, conforme afirma Thompson: “A natureza da memória coloca muitas armadilhas para os incautos [...] oferece também recompensas inesperadas para um historiador que esteja preparado para apreciar a complexidade com que a realidade e o mito, o “objetivo” e o “subjetivo”, se mesclam inextricavelmente em todas as percepções que o ser humano tem do mundo, individual e coletivamente.” (THOMPSON: 1990, p. 179).

Portanto, nossa proposta neste projeto é identificar e analisar as vozes dos velhos enquanto autonomia de expressão a partir das lembranças desses antigos habitantes do Terceiro Eixo, que se constituem como sujeitos reais, sociais e ativos na construção da história, bem como relacionar sua inventividade na transformação da memória cultural e construção das identidades.

Verificamos que, na velhice, a lembrança se torna algo muito fluido, alguns se lembram com riquezas de detalhes e outros não. As recordações também se embaralham, cristalizam, recriam memórias, perde-se a exatidão. Esse trabalho foi pensado tentando compreender esse fluir e refluir das memórias e tentando responder essas perguntas de como as lembranças se formam. Assim, nas problemáticas levantadas buscamos analisar como foram gravadas na memória dos habitantes do Terceiro Eixo o aumento do fluxo migratório, no sentido campo-cidade, na década de 1970 e início da década de 1980. Almejando explicitar, a partir de suas lembranças, de que maneira se produziam as relações e interações sociais entre os habitantes do Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco; como também levantar como se configuram e se constroem as identidades e a memória cultural nas conjunturas resultantes do processo de transformação ocorrido no local durante o período de formação (1971 – 1982).

A partir dos expostos, objetivamos proceder um estudo acerca do discurso dos moradores mais antigos do Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco, investigando como a presentificação do passado influenciou na construção de suas identidades e memória cultural, partindo da interação com suas lembranças e de que forma as modificações antrópicas efetuadas influenciaram suas vivências na periferia estendida de Rio Branco.

Especificamente, intentamos compreender como as migrações e as vivências dos habitantes do Terceiro Eixo se configuram em suas memórias, considerando suas origens e outros aspectos que levaram o local a ter um perfil tão peculiar; discutir, por meio dos relatos, a luta pela sobrevivência das populações migrantes expropriadas da periferia de Rio Branco e sua conseqüente construção identitária com/no local; e, analisar a flutuação de conjunturas resultantes do processo de transformação ocorrido no Terceiro Eixo durante o período de formação (1971 – 1982).

O trabalho de campo foi realizado após o devido registro no Comitê de Ética em Pesquisa. Fizemos entrevistas com homens e mulheres que moram no que a prefeitura de Rio Branco nomeou, no ano de 2006, como sendo a Regional VI estabelecida no novo Plano Diretor da cidade. Os entrevistados relataram fatos que lhes vinha à mente através de lembranças e memórias construídas pelos fragmentos de vivências e constituições a partir delas.

Em tempo oportuno, no texto, serão explicitadas algumas formulações mais detalhadas sobre o assunto. No momento, vale ressaltar a metodologia com estudos a partir de autores como Paul Thompson, Ecléa Bosi e Stuart Hall. Para trabalhar essas histórias de vida que pouco ou quase nada têm de escrito resolvemos escolher a história oral porque acreditamos que ela está mais próxima do que se intenta por sua possibilidade de “compor e interpretar” as histórias de vida dessas pessoas em seu cotidiano. A História Oral discute a documentação viva, ainda não aprisionada pela linguagem escrita e incorpora visões subjetivas, sentimentos e observações dos indivíduos. Alguém pode se perguntar sobre quais são os indivíduos e que de sentimentos se fala. Afirmamos que, sendo vários os discursos que participam, integram e recontam a realidade, a reconstrução dos fatos e a colagem das informações podem ter diversas formas.

Segundo Paul Thompson, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas por meio da História. A finalidade social da História requer uma compreensão do passado que direta ou indiretamente se relaciona com o presente. A história oral é construída em torno das pessoas. Ela traz a história para dentro da comunidade e extrai a mesma de dentro da comunidade.

Ao estudar as vivências dos sujeitos sociais, podemos tomar por empréstimo a topificação concisa elaborada por Garcia (2004), onde ela elenca o papel do pesquisador, o método, a atuação dos autores, a narrativa, e o enfoque pelo qual pode perpassar a Pesquisa, dentro de uma análise dos estudos culturais, atentando para o fato de essa ser possível apenas quando os entrevistados são vistos enquanto sujeitos da pesquisa, e não objetos. Em sua exposição, a autora afirma que:

O objetivo do pesquisador é aprender como a vida dos indivíduos aparece para eles, o poder da cultura e da estrutura social na determinação do comportamento pessoal.

Narrar a própria história implica num processo de racionalização, na medida que projeta o passado à inevitabilidade presente. Neste movimento ressurgem os erros e acertos, as motivações, constituindo um inventário de descobertas e reavaliação. Narra-se como se fora para o outro, narra-se para si mesmo em última instância.

A tarefa científica se reduz ao enquadramento da realidade interior dos informantes na realidade exterior. Trata-se de comprovar como a

experiência única é socialmente construída e situa-se dentro de padrões e regularidades social e historicamente previsíveis.

Os métodos tradicionais falham na captura das vozes silenciadas. Para isto é preciso praticar métodos, epistemologias adequadas aos subrepresentados sociais. Tanto história oral, quanto história de vida parecem orientadas a uma ciência com postura de ativismo social.

O pesquisador adquire status de hermeneuta interpretando vozes, ouvindo segredos e problemas, ouvindo com, superando a dicotomia pesquisa e prática, autor e texto, sujeito e objeto.

A experiência vivida, relatos do vivido, a problematização da vida revelam que o mais importante da experiência social é a forma como o ator social vive os processos sociais e entendem o mundo do seu tempo.

Ao escutar desvelamos a lógica oculta de certos comportamentos, podemos analisar como o ato social foi vivido e praticado pelos atores, as diferentes formas de compreensão do real, o social sentido e vivido e seu impacto sobre os indivíduos.

O indivíduo é agente ativo que pode construir seu ambiente ante uma infinidade de maneiras pode resistir à pressão da sociedade. Ele não é a expressão de relações sociais estruturadas dominantes no sistema social, portador de valores, atitudes e comportamentos. Ele possui sua autonomia pessoal, volitiva, afetiva e subjetiva, e atua num contexto social que perpassa nossos atos, sonhos, delírios, obras, comportamento. A história deste sistema está na história de vida pessoal (GARCIA, 2004, p. 5).

Garcia resumiu de forma concisa a atuação na pesquisa, contudo, algumas outras formulações precisam ser levadas em consideração, para tanto utilizaremos os procedimentos de outros autores. Assim, algumas referências teóricas, conceitos e conjunturas sociais serão estudados, com a devida contextualização, acerca da urbanização da cidade e do processo expansivo. A alteridade marcante no ser humano, que torna o outro imprescindível para sua constituição, posiciona as variadas visões ocorridas no confronto das entoações das lembranças e suas correlações com as relações sociais vivenciadas.

A base teórica de nossa investigação se apóia no pensamento identitário de Ecléa Bosí e na perspectiva historiográfica da discussão social como elemento fundante para a construção de um modo de vida comunitário, embasada no pensamento estrutural de Paul Thompson.

Continuando, em uma visão transdisciplinar da produção cultural e das ciências humanas, tendo como pressuposto diferentes discursos existentes, em relações sociais diferenciadas e uma cultura fundamentalmente não-unitária, foram analisadas as vozes que estão impregnadas no discurso, ou seja, a interação entre os discursos como constituição e manifestação da inventividade dos sujeitos.

Sequencialmente, foram aplicados questionários nos oito bairros, procurando levantar informações sobre o espaço de moradia dos habitantes e suas relações de convivência, nas palavras de Paul Thompson:

Uma coisa é saber que as ruas ou campos em torno de uma casa tinham um passado antes que ali tivesse chegado; bem diferente é ter tido conhecimento, por meio das lembranças do passado, vivas ainda na memória dos mais velhos do lugar, das intimidades amorosas por aqueles campos, dos vizinhos e casas em determinada rua, do trabalho em determinada loja (1992: p. 30-31).

A caracterização das evidências orais, sua confiabilidade e análises da aceitabilidade enquanto documentos são tratadas de forma a oferecer uma avaliação da produção e contribuição que a evidência oral tem dado quando revela novos campos e perspectivas da pesquisa.

Utilizamos a metodologia desenvolvida por Paul Thompson por acreditarmos ser a mais apropriada para o tipo de pesquisa por nós desenvolvida, uma vez que Thompson é um dos mais influentes eruditos e propagadores da pesquisa em história oral pelo mundo. Em sua obra *A Voz do passado*, escrita em 1978, revista e ampliada em 1988 e reeditada em 2002, o autor mostra as bases do método e do significado da pesquisa com oralidade e história oral.

Os estudos das evidências orais estão presentes na história humana há milênios, contudo ficaram esquecidos por várias décadas nos últimos séculos. Somente nos anos de 1960 houve um “boom” nas pesquisas com História Oral nos EUA. Nesse mesmo período, Paul Thompson, com o intuito de estudar um período recente de história social inglesa, utilizou e aperfeiçoou instrumentos de entrevistas para a atuação com oralidade. Enquanto nos EUA a pesquisa com relatos orais estava voltada para os “Great Men” – grandes homens –, em Paul Thompson e seus colegas da Essex atuavam coletando testemunhas de “ordinary people” – pessoas comuns.

A experiência bem sucedida na recém fundada Universidade de Essex, onde Paul Thompson trabalhava, logo se espalhou por várias áreas do conhecimento e seu método tornou-se modelo para pesquisadores de vários países, inclusive norte-americanos.

Um outro motivo para utilizarmos a metodologia de pesquisa oral inglesa de Paul Thompson é o fato dessa metodologia, desde a década de 1970, ser muito utilizada em atividades gerontológicas. No processo de reminiscência de pessoas idosas, estimulando sua memória, o convívio e as atividades terapêuticas o que levou a implicações sociais consideradas agradáveis tanto para os velhos em suas habitações, hospitais, asilos, quanto para seus conviventes.

Para Paul Thompson, a pesquisa com relatos orais é um instrumento de mudança que pode colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, uma vez que ela possibilita novas versões da história ao “dar voz” a múltiplos e variados narradores. Assim, permitindo atividades mais democráticas nas próprias comunidades, uma vez que possibilita a construção a partir das palavras dos que participaram e vivenciaram um determinado período, mediante as referências que têm em seu próprio imaginário.

Completando a base teórica da pesquisa, utilizamos o pensamento de Ecléa Bosi, em sua tese de livre docência que deu origem a obra *Memória e Sociedade* (1994), onde afirma que o velho não consegue lutar, é preciso que nós lutemos por ele. Esses homens e mulheres velhos são oprimidos de muitas e variadas formas: através da burocracia para se aposentar, as filas intermináveis, as necessárias próteses nem sempre adquiridas, as tutelas e tantas outras formas que explicitamente agredem os velhos ou tacitamente são permitidas.

Para Ecléa Bosi, ser velho “é lutar para continuar sendo homem” (1994, p. 18), na tentativa cotidiana de sobreviver e sua função social é lembrar e aconselhar. Ao retratar o velho na sociedade capitalista, a autora afirma que o velho “sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as diversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro um opressor” (Ecléa Bosi, 1994 p. 19).

Stuart Hall (2003) trabalha de forma um pouco mais “sistemática” e comenta a identidade cultural do sujeito pós-moderno. Para o autor, a alteridade tem se mostrado como necessária para que a nova busca de ver o local não se separe do global, de mesma forma que o global tem sido visto a partir das localidades. Porque hoje não existem mais “lugares fechados em si”, há uma pluralidade de

culturas interagindo dialeticamente e é necessário aprendermos a viver com as diferenças identitárias.

O *corpus* do trabalho consta da coleta e análise de entrevistas produzidas com os habitantes antigos da localidade, buscando neles a linguagem, a memória e as relações sociais vivenciadas. Portanto, ao acessar a memória desses homens e mulheres, temos como base para estudos as entrevistas e análises efetuadas a partir de relatos orais e questionários produzidos na interação com os moradores que chegaram e permaneceram no local, exercendo, de certa forma a liderança em cada bairro, assim, de acordo com entrevistas da pesquisa anterior sobre a formação da localidade, percebemos que algumas pessoas são aceitas e os líderes atuantes nas associações de moradores, comércios, escolas, igrejas, postos de saúde, dentre outros.

A escolha dos entrevistados para fazerem parte do “hall” que se apresenta neste trabalho se deu a partir da relação surgida entre o pesquisador e os moradores do Terceiro Eixo, na etapa de pesquisa de campo produzida para a realização da monografia de conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Cultura, Natureza e Movimentos Sociais na Amazônia, onde foram aplicadas 161 questionários, colhidas entrevistas orais e analisados documentos. Após alcançados os objetivos do estudo, que resultaram nas obras *Sobre Terras e Gentes*¹, *Habitantes e Habitat*² e *Habitantes e Habitat: a expansão da fronteira*³ traçamos objetivos outros, dos quais surgiu um projeto de pesquisa bidirecionado e complementar, na relação pesquisa documental e história oral, que se orientou por acompanhar as trajetórias de vida de dois habitantes de cada bairro do terceiro eixo, a partir do que a pesquisa temática de estudo da “formação da localidade” se funde, infunde e confunde com suas trajetórias de vida.

Dentre os 16 entrevistados, percebemos o fato de nos depoimentos colhidos algumas das trajetórias serem muito parecidas, embora parte destas não se relacionasse com o ambiente em sua formação. Também outras falavam muito do ambiente, falhando no viés das trajetórias a serem analisadas e comparadas com a

¹ LIMA, Reginâmio B. *Sobre Terras e Gentes: O terceiro eixo ocupacional de Rio Branco*. João Pessoa: Idéia Editora, 2006.

² LIMA, Reginâmio B.; BONIFÁCIO, Maria Iracilda G. C. (orgs.). *Habitantes e Habitat*. 2 ed. Rio Branco: Boni, 2007.

³ LIMA, Reginâmio B.; BONIFÁCIO, Maria Iracilda G. C.; ALMEIDA, Lelcia M. M. (orgs.). *Habitantes e Habitat: a expansão da fronteira*. Rio Branco, Boni, 2007.

localidade. Relacionando os critérios de estudo com as práticas nos relatos colhidos, verificamos que todas as entrevistas eram de riqueza abundante de vida ou de história temática para a “construção de identidades”. Embora o “leque de possibilidades” fosse muito amplo, para não nos perdermos com três motivos diferentes: trajetórias, temáticas ou trajetórias e temáticas, escolhemos ficar apenas com as entrevistas que tinham na essência de seus relatos as trajetórias e temática em concomitância, sem prejuízo de uma em privilégio de outra. Assim, apenas 10 das entrevistas foram escolhidas para a análise.

Vale ressaltar que as outras seis entrevistas não utilizadas ficaram de fora por não abranger os dois fatores escolhidos de forma aproximada. Essas seis privilegiavam de forma contundente a riqueza da temática escolhida de formação do terceiro eixo ou privilegiavam as trajetórias de vida dos sujeitos lembrantes. Embora sejam muito importantes, seria muito difícil estabelecer três vieses de estudo em uma única dissertação. Esse foi o motivo principal da escolha de apenas 10 para análise, apesar de inicialmente terem sido colhidos 16 relatos.

Com a classificação feita do material ideal para fazer as comparações que destaquem os conteúdos convergentes e divergentes, que pudessem contribuir para a construção de evidências, estabelecemos contato com os entrevistados acerca da permissão de uso de seus relatos nos trabalhos aqui apresentados.

Os entrevistados, que voluntariamente haviam assinado uma “carta de cessão de direitos sobre imagem e som”, foram postos a par do “termo de consentimento livre e esclarecido”, em que, após explanação detalhada, ratificaram o ato de permissão de utilização dos relatos para uso na pesquisa e outras formas de divulgação, como a possível publicação dos mesmos. Ainda que todos eles tenham aberto mão do anonimato, seus nomes, os nomes de seus filhos e qualquer outro sinal que os pudesse veementemente identificar foram propositadamente trocados por correlatos próximos. A título de exemplo, poderíamos citar que um pretense entrevistado com o primeiro nome de Cosmo seria chamado de Damião, ou uma Maria das Graças seria Maria Aparecida, seus filhos Tiago e João (filhos de Zebedeu) seriam Pedro e André (filhos de Jonas). O porquê da necessidade de permanência dos nomes se dá principalmente por mais de três quartos dos

entrevistados, familiares e conhecidos terem nomes⁴ bíblicos ou de santos católicos. Além do fato de a mudança não implicar possível reconhecimento, uma vez que há mais de mil nomes na bíblia e outro milhar de santos. Pretendemos demonstrar a religiosidade presente nos atos desses sujeitos lembrantes e o fato de os identificarmos apenas pelas letras iniciais do nome implicaria perdas consideráveis à pesquisa e aos traços aqui abordados.

Mas não apenas de promessas se constituem os nomes na linhagem dos católicos entrevistados para este trabalho. Muitos dos “chefes de família” eram devotos de algum santo porque seus pais e avós o foram primeiramente. É como se fosse uma espécie de gratidão por uma benesse advinda à família nos tempos passados. Desta forma, é comum aparecer nomes como Maria Aparecida, Maria das Dores, Maria das Graças, Maria de Lourdes, Maria da Conceição, dentre outras Marias. É comum ter oito filhas e todas se chamarem Maria.

A relação da oralidade com as questões pautadas na função social estão envoltas na escolha do método, evidenciando refletir o papel da história na comunidade e no significado que essas atividades têm para as pessoas que transitam pelas postulações da oralidade.

Ao utilizar a metodologia da pesquisa com oralidade o pesquisador precisa ter em mente que o método e significado são independentes, mas intimamente ligados, chegando a quase inerência em relação a estudos envoltos pela perspectiva da oralidade.

A atividade social de ouvir relatos, casos, lembranças, reminiscências, silenciamentos, arfares, choros, e congêneres da grandiloquência em que está inserida a memória é, antes de tudo, uma escolha de pensar a humanidade dos seres – plurais, heterogêneos, dinâmicos e atuantes.

Tudo isso está envolto na relação direta com a cultura, a política, a economia e a sociedade, mas cabe ao pesquisador, atuando com a oralidade,

⁴ As populações tradicionais acreanas de crença católica tinham e ainda têm o costume de fazer promessas a santos para alcançar algum favor por parte de seu santo de devoção, e como prova de devoção escolhiam o nome do santo para que fizesse parte da linhagem da família, não apenas dando o nome do santo aos filhos, mas também identificando a própria crença dos patriarcas da família em determinados ícones da fé católica, devotando aos santos o que têm de mais precioso, seus filhos.

escolher muito claramente a argumentação humana, pelo viés das linguagens que, a partir dos enlaces da memória externada pelos relatos orais, constitui substratos que nos levam a perceber as identidades dos sujeitos lembrantes. Entretanto não é possível em uma dissertação de mestrado atuar em todas as áreas abertas pelo discurso produzido no que veio a se tornar a construção do *corpus*. Por isso, escolhemos, dentro da linguagem e da identidade, não nos prendermos apenas à primeira, para não perdermos o foco de análise da relação direta das memórias dos sujeitos lembrantes com suas trajetórias de vida, o que implicaria em nos desfazermos do viés identitário como o percebemos nos relatos. Ao passo que não é possível nos prendermos apenas ao segundo, para que as falas, os tons, as pluralidades de apresentações e representações dessas vozes não se percam por trejeitos meramente identitários.

As muitas possibilidades de análise nos remetiam ora à literalidade do texto produzido na memória transcrita que constitui o *corpus* das entrevistas, ora nos impeliam à sociolinguística e suas postulações quanto a análise do discurso produzido e suas interações com a língua. Preferimos nos deter na linha tênue entre ambos, atuando com cultura e sociedade. Não estamos com isso escolhendo o meio termo, uma vez que este em nada é melhor que os extremos. Estamos, sim, propondo uma terceira via, a dos estudos culturais, dentro de cultura e sociedade.

São vários os estudos já produzidos⁵ tanto na área da literatura quanto na lingüística acreanas, tendo como base a memória – ainda que escrita ou transcrita – mas raros os que se propõem a estudar não apenas o dito, mas como foi dito, por quem foi, em que ocasião.

Pretendemos trabalhar com cultura e sociedade atuando nas letras transcritas do discurso produzidos em um contexto de geração de homens e mulheres velhos, lembrando o próprio passado e o da comunidade em que vivem. Não se trata de um trabalho histórico, geográfico ou sociológico. Neste trabalho, a

⁵ SILVA, Maria do Perpétuo Socorro. *Seringueiros: memória, história e identidade*. Rio Branco: EDUFAC, 1997.

ESTEVES, Florentina. *Enredos da memória*. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2002.

ASSMAR, Olinda Batista et al. *As dobras da memória de Xapuri*. Rio de Janeiro: Papel e Virtual, 2002.

BONIFÁCIO, Maria Iracilda G. C.. *Ideologia e Poder: uma análise do discurso dos jornais "O Rio Branco" e "Varadouro" durante a Ditadura Militar (1977 – 1981)*. Rio Branco: Cida, 2007.

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. *Motivos de mulher na Amazônia: produção de escritoras acreanas no século XX*. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

composição do *corpus* é tão importante quanto sua análise. As lembranças e os esquecimentos dos velhos são vistos pela ótica sócio-cultural, buscando conhecer melhor suas linguagens e seus substratos de identidades.

Sistematicamente, cada capítulo e sub-capítulo tratam de assuntos que se correlacionam uns com os outros, abordando várias faces da mesma temática de trajetórias de vida pautadas nas lembranças constituintes da memória.

Na introdução deste trabalho, elaboramos os procedimentos básicos de apresentação da pesquisa. Descrevendo de forma sucinta a temática os seus recortes, bem como as problemáticas levantadas e as possíveis hipóteses que fazem parte do projeto de pesquisa que embasa este trabalho. Da mesma forma, fizemos uma exposição dos objetivos, bem como revisão das referências e da metodologia, para, por fim, fazermos a exposição de cada um dos capítulos da dissertação.

No capítulo 1, intitulado *Traços da memória e substratos de identidades*, buscamos atender ao objetivo específico de analisar a flutuação de conjunturas resultantes do processo de transformação ocorrido no Terceiro Eixo durante o período de formação (1971 – 1982). Para que esse objetivo seja alcançado subdividimos o capítulo em quatro itens:

No primeiro item, intitulado *Técnicas de registros de relatos orais*, foi produzida uma revisão dos aspectos sociais da memória nas obras de Barthes (1975), Bosi (1994) e Thompson (2002), buscando interagir com seus procedimentos de pesquisa e análise para a correlação e possível aplicabilidade desses procedimentos neste trabalho.

No segundo item, intitulado *Contextualizando o Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco*, explicitamos de forma sucinta o que é esse terceiro eixo, onde ele se situa, como foi formado e a partir de qual contexto ele se insere na constituição da cidade de Rio Branco, bem como a contextualização geo-histórica das relações antrópicas produzidas no setor. Para tanto, dialogamos com autores como Thompson, Reboratti e Hall.

No terceiro item, intitulado *Do planejamento à transcrição, textualização, transcrição*, foram descritos e sistematizados os traços da memória coletados indicando como se procederam as fases da pesquisa, que iniciaram com o

planejamento e posterior ida ao campo de pesquisa, sendo esta primeira fase sucedida por outra que processa os dados colhidos em três atos distintos: primeiro transcrevendo as falas dos sujeitos lembrantes ao mais próximo possível da realidade, sendo seguida pela textualização da fala, suprimindo a idéia de diálogo interlocutivo e a voz do sujeito entrevistador. No terceiro ato, há a transcrição em que os relatos orais são propostos em forma de prosa como uma narrativa constante, na qual o entrevistador não aparece para dar lugar ao entrevistado, e este desenvolve seu pensamento e sua fala numa textualidade compreensível ao leitor que se fez ausente do diálogo inicial.

No quarto item, intitulado *As vozes da memória*, analisamos como se constitui a memória e sua conceituação do ponto de vista dos estudos da sociedade, a partir das relações entre os sujeitos lembrantes e suas lembranças, para compreender melhor a memória.

No capítulo dois, intitulado *Lembranças de Velhos*, a partir dos relatos coletados e transcritos de dez sujeitos lembrantes, residentes no terceiro eixo riobranquense, temos como objetivo específico compreender como o fluxo migratório dos habitantes do Terceiro Eixo se configura em suas memórias, considerando suas origens e outros aspectos que levaram o local a ter um perfil tão peculiar. Para tanto, este capítulo se subdividirá em três itens que se inscrevem a partir da memória dos sujeitos lembrantes:

No primeiro item, intitulado *Reflexões sobre a velhice*, é analisado o conceito de velhice na sociedade ocidental, bem como a ânsia desses sujeitos que se auto-intitulam velhos em buscar serem respeitados como seres humanos. Através de suas reminiscências eles presentificam o passado e refletem na memória as vivências passadas. Foram analisados os relatos dos sujeitos lembrantes e suas interações, buscando pontos de convergência e pontos que se diferenciam no discurso proferido a partir da memória produzida dentro do contexto de sociabilização das comunidades que fazem parte do terceiro eixo.

No segundo item, intitulado *A Constituição social da memória*, as implicações das temporalidades estão presentes nos relatos das memórias dos velhos, formulando substratos de identidades pelos múltiplos conceitos de temporalidades. A memória é descrita de forma presentificada e presentificadora, sendo, a partir dela, construídas as bases das identidades desses sujeitos

narradores. Buscamos discutir, por meio dos relatos, a luta pela sobrevivência das populações migrantes expropriadas da periferia de Rio Branco e sua conseqüente construção identitária com e no local. Para tanto, trabalhamos com quatro itens que auxiliam no desenvolvimento dessas idéias. Foram estudados os traços presentes na relação dos sujeitos lembrantes com a sociedade em que vivem. Desta forma, as identidades são constituídas não apenas pelo viés da memória presentificada, mas pela reformulação das interações sociais estabelecidas e revisadas pelos narradores.

No terceiro item, intitulado *O Velho, a Vida e o Mundo*, foram trabalhados os traços identitários e sua apresentação na memória presentificada dos sujeitos lembrantes, para, a partir deles, produzir uma correlação entre a memória do que eles dizem que aconteceu e a memória em que afirmam que teria sido melhor se tivesse ocorrido daquela forma como narram o pretenso fato. De mesma forma, observamos como repercute na fala das mulheres lembrantes do terceiro eixo o fato de desde cedo terem precisado trabalhar para sustentar seu lar, e mais que isso, em muitos dos casos se tornaram as chefes das famílias. Na ausência dos homens, ou quando esses partem para outro lugar, durante anos essas mulheres cuidaram de suas famílias, estabeleceram vínculos de confiança e reciprocidade com os seus filhos e netos. Estudamos a relação antrópica existente entre os sujeitos e a localidade em que estão inseridos, sendo eles interlocutores uns com os outros e com a própria localidade, constituindo laços identitários que os une ou distancia, conforme as vivências dos grupos envolvidos.

Por fim, foram produzidas as considerações finais que, de forma breve e sucinta, fazem uma exposição das idéias contidas e das perspectivas que envolveram as memórias dos sujeitos lembrantes.

Acreditamos ser necessário fazer uma última afirmativa: este trabalho não é sobre memória, nem é sobre velhos. No intuito de verificar a relação entre as vivências e a constituição do lugar escolhemos estudar a “memória de velhos”.

CAPÍTULO I:

TRAÇOS DA MEMÓRIA E SUBSTRATOS DE IDENTIDADES

1.1 Técnicas de registros de relatos orais

A comunidade acadêmica acreana vive um momento de descobertas das técnicas de registro e análise da oralidade, mais que entrevistas, as situações envolvem possibilidades de investigação e elaboração de experimentos. Há um pequeno exército de pesquisadores ansiosos por “dar voz aos vencidos”, embora seja preciso estar atento a esse conceito e suas implicações filosóficas. A necessidade de relacionar o conhecimento com a realidade política não pode ser posta de lado. Por isso, os métodos e os procedimentos de trabalho precisam ser discutidos a fim de se esclarecer os trajetos desta pesquisa e explicar as atitudes do procedimento envolvido.

Mesmo ansiando por um trabalho que se ponha à disposição de um público mais amplo, que possa ir além do ambiente universitário, pretendemos que este trabalho também supere as meras constatações de praxe, que seja aberto, de leitura agradável, mas que exponha de forma penetrante as narrativas dos sujeitos lembrantes do Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco. Por assim pensar, consideramos a tomada de decisões sobre o sentido de conhecimento, mediada pela ação metodológica como de fundamental importância para distinguir o trabalho de pesquisa com fontes orais, do trabalho jornalístico. Enquanto este lança ao público situações de imediata transparência, sem enveredar reflexivamente por técnicas complexas na determinação dos motivos geradores de tal ato; o trabalho com fontes orais reflete cautelosamente a situação posta, ponderando os fatos e se propondo a interferir na transformação social.

Coube-nos ordenar os depoimentos que nem sempre são lineares, e contribuir para o esclarecimento das questões propostas para que se possa conferir as hipóteses e alcançar as metas.

Na pesquisa, é necessário tornar claro o fato de a memória ser do tempo presente, ainda que represente o passado, sendo fascinante em muitos casos, resultando na necessidade de tomar cuidados especiais para não se tornar refém dos relatos coletados ou ser prejudicado em sua capacidade de análise. Porque o pesquisador comanda a fase inicial do processo de conhecimento, perpassa todo o processo de conhecimento, atravessa todo o processo de seleção de depoentes e depoimentos, recortes e fissuras. É ele quem reescreve as falas, reconstruindo as interpretações. Assim, Montenegro (2003) afirma que muitos depoimentos fascinam e instigam por reconstruir vivências, acontecimentos e experiências, ou ainda pela inexplicabilidade ou inusitado. Entretanto, é o pesquisador quem deve analisar e interpretar, porque só assim estará produzindo um conhecimento crítico.

Devemos ter consciência de que a memória está envolta em poder, indistintamente de ser memória individual ou coletiva: poder de lembrar, poder de esquecer, poder de omitir, poder de silenciar, e poder de lembrar de forma nostálgica. Em cada depoimento, percebemos o que Neves (2001) afirma “cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar emoções e identidades”, buscando contribuir para que as lembranças permaneçam vivas e atualizadas, não por questão de exaltação ou crítica pura e simples do passado, mas pela procura permanente de escombros do diálogo do presente com o passado.

Antes de ir ao campo de pesquisa e estudo, é necessário revisar a metodologia, delimitar os espaços a serem visitados e revisitados, reestudar os referenciais teóricos e críticos, cercar-se de artigos e textos que sejam pertinentes à análise que se propõe a fazer. Destarte, pode se dirigir ao campo de pesquisa com seu relógio pronto a ser utilizado, gravador profissional, pequeno, mas potente, para o caso de a câmera filmadora falhar, e à mão, máquina fotográfica de bolso.

A pesquisa foi feita nos oito bairros que compõem o Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco, que atualmente a Prefeitura renomeou como Baixada do Sol⁶. Ao chegarmos ao local, conhecido de antemão, percebemos casas e gentes

⁶ O local onde atualmente se configura a Baixada do Sol é formado pelos bairros do Terceiro Eixo, a saber, Bahia, Bahia Nova, Palheiral, Pista, Glória, Aeroporto Velho, João Eduardo I e II, além de outras localidades adjacentes. Esse local já foi chamado pelo poder público de Aprendizado, Terminal, Adalberto Sena, Salgado Filho e Ginásio Coberto. As populações que moram naquela área ainda na atualidade denominam aquela localidade como foi chamada desde a formação, ou seja, com os nomes dos oito bairros supracitados.

amistosas. “Íntimos desconhecidos”, que ao ver uma declaração com o símbolo da UFAC, e letras miúdas atestando a veracidade da pesquisa, nos receberam de portas abertas. Em seguida, éramos conduzidos ao “dono” da casa e esse insistia em dizer a história do bairro e contar um pouco mais de sua vida.

Após alguns meses de entrevistas, concluímos a segunda fase do trabalho de pesquisa, que se originou durante a realização de Pós-Graduação em Cultura, Natureza e Movimentos Sociais na Amazônia/UFAC, do qual este trabalho é continuação. Percebemos que alguns homens e mulheres idosos, ou velhos como se auto-intitulavam, eram considerados líderes na comunidade. Saudados e respeitados pelos habitantes que chegaram depois ao lugar. Dentre esses velhos, escolhemos dezesseis para fazer um novo processo de entrevistas, com os quais iniciamos um aprofundamento de estudos.

As entrevistas foram pensadas para se realizar em critérios “normais” de ambiente livre de ruídos e com privacidade para a fluidez do diálogo de uma pessoa para outra (THOMPSON, 1992), pensamos em condições favoráveis como espaço privativo, não-interferência, silêncio, mas o que vimos na localidade foi bem diferente. O ambiente do lar favorecia ao entrevistado, agora “já conhecido” do entrevistador, um ambiente de conforto e segurança “por estar no que é seu”. Mas ao mesmo tempo havia uma recepção familiar muito dinâmica de querer participar e contribuir, causando dificuldades na relação metodológica da pesquisa em ação. Dificuldades essas que logo foram transpostas.

Em vários dos 16 lares “visitados”, as condições de habitação eram precárias, falta de água, de esgoto, de pavimentação e até de comida. Alguns dos entrevistados chegaram a cogitar recebimento de dinheiro para poderem prestar entrevistas como afirmou uma das entrevistadas: “vocês sempre vêm aqui, gravam o que a gente diz, aí vão embora. E a gente continua sem nada. Isso deve dar dinheiro porque você é bem o quarto que vem em minha casa... Já que vocês tão ganhando, eu também quero o meu... É justo, não é?!”. Essa fala mostra que alguns pesquisadores vão às localidades e não dão retorno do resultado das pesquisas, uma vez que a idéia de dinheiro está presente. A realidade da maioria absoluta dos pesquisadores é mais de estudos e realização acadêmica que a de recompensa financeira. Essa, quando acontece, em grande medida, é a médio e longo prazo.

Uma outra senhora afirmou “Olha, pra mim falar tem que dá dez reais! ... Vocês vêm aqui no sol quente, andando de pé... um ano depois aparecem com carrinho, celular novo... Eu também quero ganhar algum com isso”. E, ainda, um outro entrevistado “olha rapaz... eu vou dizer uma coisa... dinheiro eu não quero não, mas se tivesse uma coquinha (coca cola) com um bolinho pra gente, era bom”. A idéia de troca ou ganho pelas memórias a serem compartilhadas esteve presente em alguns dos entrevistados, tanto que, pela nossa insistência em afirmar não estar autorizado a conceder proventos ou favores erários pelos diálogos a serem estabelecidos, alguns moradores antigos na localidade se recusaram a fazer parte do grupo de entrevistados voluntários.

Após explicada a função da entrevista, de coletar informações sobre a temática da constituição do bairro e das trajetórias deles até aquele momento na localidade, ressaltando o caráter voluntário das entrevistas, continuamos a coleta de relatos orais em um ambiente bem diferente do projetado.

As lembranças, as narrativas, os contos e rezas nos levaram a um fascínio, um ambiente que torna fortuito o papel de quem ensinava e de quem aprendia. Em meio a latidos de cachorros, propagandas em auto-falantes móveis, choro de meninos, gritos de vizinhos, e meia dúzia de familiares vendo/ouvindo/falando, interferindo na entrevista, em alguns momentos nos incomodou, todavia o que mais o incomodava e deixava perplexo era a naturalidade com que os narradores vivenciavam aquilo. Era como se aquele turbilhão de acontecimentos não estivesse ocorrendo ali.

O prazer da mera conversa com a vontade de fazer as entrevistas eram aquilatados pelas interferências familiares. Ora a esposa corroborava com o marido, dando detalhes sobre o fato recém narrado, ora os filhos interferiam acrescentando outras informações. Também quando a esposa era entrevistada, o marido ratificava sua fala, demonstrando querer participar das narrativas. Em alguns momentos, precisamos lembrá-los que estávamos gravando e a superposição de voz (falavam até quatro pessoas ao mesmo tempo) causaria dificuldades na transcrição.

Nesse ritmo contemporâneo, sem rígida condução, seguimos as entrevistas. Percebemos também uma maior “naturalidade ao falar” ou uma diminuição de receio por volta do terceiro encontro com o entrevistado, ou, em alguns casos, quando no fluxo contínuo de pessoas que entravam e saíam das

casas, percebíamos conhecidos em comum, parentes ou vizinhos dos entrevistados. Esses conhecidos faziam questão de nos cumprimentar – ao entrevistador e ao entrevistado, mesmo sabendo que a câmera estava ligada – e o entrevistado ficava mais à vontade após esse contato.

O nosso intento era ouvir, contudo alguns entrevistados com receio de não estar atendendo às expectativas esperavam de nós perguntas sobre temas para que os abordassem. Então trabalhamos com as técnicas de prosseguimento do diálogo (MONTENEGRO, 2003), do tipo: é mesmo?! Puxar! Hunrum! Ahh! E, então?! E depois?!

Foi preciso abandonar a noção de tempo cronológico baseado em horas. Alguns entrevistados preferiam nos receber cedo, pela manhã, outros ao meio dia, e ainda outros ao entardecer. A dificuldade não se apresentou no fator horário inicial, todavia algumas conversas se prolongavam por várias horas, às vezes, cinco ou seis, e os entrevistados não queriam parar. Preparavam de surpresa almoços, jantares, dois dedos de café que mais pareciam cinco. E sentiam-se extremamente ofendidos com a possibilidade de não aceitarmos os convites quase intimatórios. Ofereciam-nos o melhor que tinham. E mais ainda, as vozes dos parentes integravam o discurso do narrador.

Surgiram as indagações: o que fazer com o discurso, com as interações familiares, com os detalhes proferidos pelo cônjuge, com as informações pertinentes acrescentadas pelos filhos? O que fazer com essas interferências? Quanto à possibilidade dessa “interferência” no discurso, Paul Thompson já havia alertado:

Um velho casal, ou um irmão e uma irmã, freqüentemente proporcionarão correções de informação positivamente úteis. Pode ser também que cada um estimule a memória do outro. Esse feito acentua-se ainda mais quando se reúne um grupo maior de pessoas idosas. Nesse caso, haverá uma tendência muito mais forte, do que privadamente, de que se apresentem generalizações a respeito dos velhos tempos; mas como eles discutem e trocam histórias uns com os outros, podem surgir algumas *insights* fascinantes (Thompson, 2002, p. 266).

Ao captar as problemáticas, através das histórias das trajetórias de vida nas vozes plurais de cada lar, decidimos, depois de um árduo trabalho de edição, fazer a integração desses discursos à história central narrada pelo “chefe” ou pela “chefe” da família. Aprendemos que a voz desses velhos e velhas não é solitária,

que ela só pode ser ouvida se os interlocutores estiverem fazendo coro. Nessa rede de narradores, percebemos que muitos dos entrevistados se conhecem, mesmo morando a quilômetros de distância um do outro.

1.2 Contextualizando o Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco

Nas décadas que sucederam à Segunda Guerra Mundial, são vistas as muitas facetas dos interesses políticos e econômicos do Centro-Sul para com a Amazônia, e para com o Acre especificamente. O sistema de comunicações foi melhorado, as rodovias abertas, o Território Federal do Acre foi transformado em Estado, no ano de 1962, o que deu mais autonomia a ele.

Em fins da década de 1960 e seguintes, as terras acreanas estavam ganhando ares de mercadoria. O novo modelo de ocupação produzido pela expansão da pecuária retirava os trabalhadores da floresta e lhes negava as mínimas condições de sobrevivência. A própria política de colonização oficial, na década de 1970, produziu impacto decisivo sobre o “isolamento” em que o Acre ainda se encontrava, dando continuidade a uma política de “integração”, para beneficiar o capital que estava se estabelecendo no Acre. As decisões da justiça estavam comprometidas com o modelo de desenvolvimento dos governos militares para a Amazônia. A própria imprensa e os meios de comunicação eram extensões do poder oficial, omitindo-se acerca das questões agrárias e fazendo absoluto silêncio sobre as contradições no meio rural.

O propagandeado “futuro fator de desenvolvimento do Acre”, a pecuária extensiva, não alcançou seu objetivo, o governador Wanderley Dantas e seus auxiliares não conseguiram enriquecer o Acre com o progresso e o desenvolvimento. Antes, a concentração de terras nas mãos de uns poucos, a crescente derrubada das florestas para serem transformadas em pastos, a venda das toras por madeireiras vindas ao Acre e o êxodo rural, são mais visíveis como consequência da política implementada e do capital especulativo que, propriamente, do ostentado progresso acreano. Por conseguinte, as gentes foram migrando na direção campo-

cidade, e assim se formaram os “bolsões” populacionais ao redor das cidades e às margens das rodovias.

Rio Branco já havia passado por dois eixos de expansão. O primeiro quando a cidade se expandiu de Volta da Empresa para Penápolis, atualmente conhecida como Centro de Rio Branco. O segundo eixo de expansão se deu nas adjacências de Volta da Empresa e Penápolis, constituindo bairros como Triângulo Velho e Novo, Cidade Nova, Papouco, São Francisco, Jardim Tropical, Aviário, Cerâmica, Estação Experimental, e as diversas Cohabs (Habitasa, Bosque, Castelo Branco, Bela Vista), dentre outros.

Um Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco ocorreu na área que sai do núcleo central da cidade, que até o fim da década de 1960 era habitado de forma intensiva somente até a Secretaria de Estado de Educação – antigo Centro de Treinamento – indo em direção ao Aeroporto Velho. Limita-se ao norte com os bairros Novo Horizonte, Castelo Branco e Volta Seca; a leste e a sul com o Rio Acre; a oeste e a sudoeste com a Estrada da Floresta. Os bairros pobres dessa área foram formados a partir de três perspectivas: loteamentos, ainda que não totalmente estruturados, invasões e ocupações.

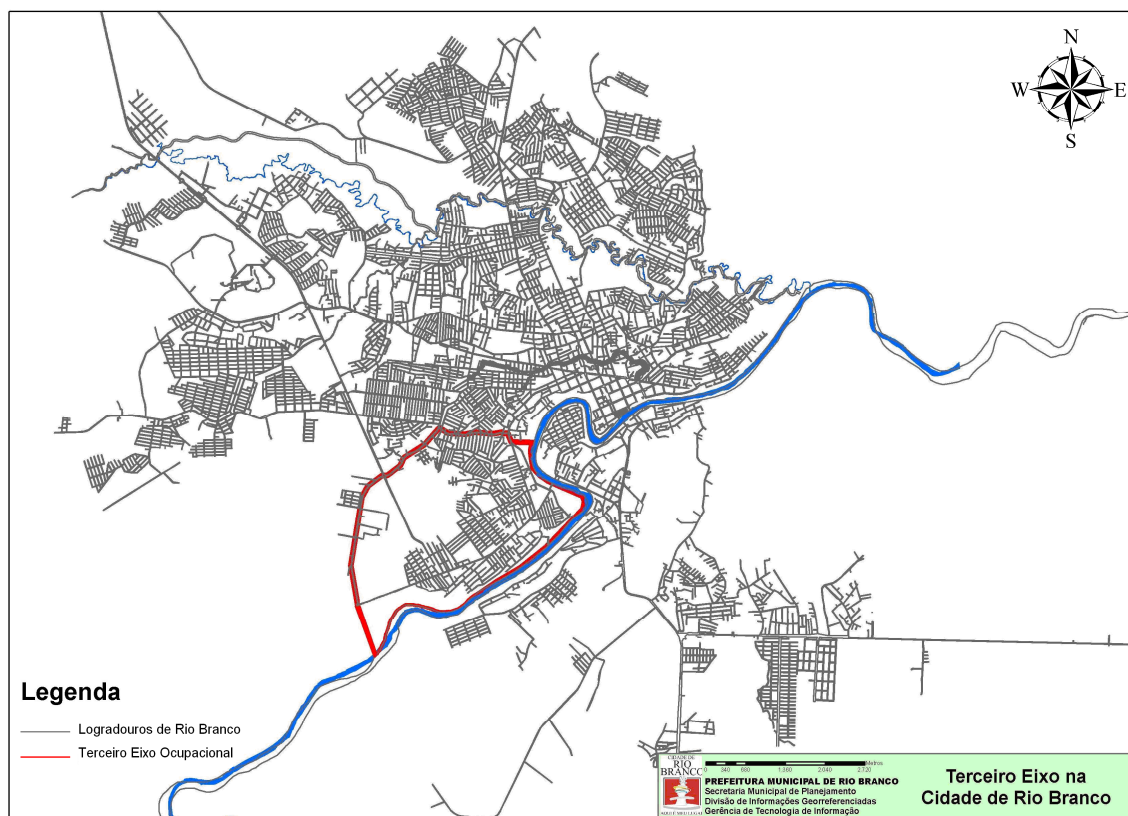
Ao falar de Eixo Ocupacional em Rio Branco, precisamos ter em vista que “a compreensão do movimento de formação e transformações da cidade, em sincronia com as etapas e contradições da economia mercantil da borracha, torna-se, então, uma das chaves para desvendar os problemas e conflitos surgidos agora com a aceleração do crescimento urbano” (Oliveira, 1982, p. 32).

Nesse aspecto, identificamos a formação, ainda que parcial, de uma localidade extensiva aos habitantes do que se chama Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco. Esse se constituiu na área próxima ao Centro de Treinamento, atual Secretaria de Educação, envolvendo os 08 bairros formados a partir da expansão da cidade ocorrida na década de 1970 e início de 1980. Quanto à temporalidade, é certo que não se pode definir uma data-marco de formação específica, também não tem uma data final de andanças populacionais. O que percebemos é que a área que compreende o Terceiro Eixo teve o início de sua formação “urbana” aproximadamente em 1971, e o desenvolvimento espacial com uma definição básica próxima ao que é atualmente, por volta de 1982. Também observamos, nesse mesmo território, uma pluralidade de identidades coletivas, envolvendo diversidades

em relação às origens, aspectos culturais, trajetórias de vida, que aproximam e distinguem grupos de indivíduos entre si. Em 1982, em sua obra “O Sertanejo, o Brabo e o Posseiro”, Oliveira citou o Terceiro Eixo, afirmando:

Um Terceiro Eixo de crescimento da cidade é aquele que segue o caminho em direção ao antigo Aeroporto, desde o núcleo central através da Rua Rio Grande do Sul, a qual até 1970 era habitada só parcialmente, até o chamado Centro de Treinamento. Esta parte, inclusive, se estendia por uma grande superfície de áreas verdes naturais, as quais foram inteiramente derrubadas durante a década passada. (...). Nessa área pontificam os bairros do Aeroporto Velho, Terminal, Bahia e Palheiral, habitados pela população pobre de origem rural e que já somam [em 1982] mais de 15.000 pessoas. Todavia, a invasão e a ocupação de áreas ainda prossegue (sic) nesse eixo e os novos bairros vão se formando, como o bairro João Eduardo (...). (Oliveira, 1982, p. 39).

Cidade de Rio Branco com Terceiro Eixo em destaque



Fonte: Setor de Georeferenciamento da PMRB.

A vivência dos ex-seringueiros e ex-posseiros rurais é o foco constituinte de interesse deste estudo, como matéria de investigação pertinente à compreensão específica das características assumidas à acentuação urbana.

Ao compararmos o momento anterior com o atual, levando em conta o Terceiro Eixo na Cidade de Rio Branco, percebemos que a cidade possui atualmente 154 localidades cadastradas pela Prefeitura – ainda que alguns digam que o número pode chegar a 187 – que os moradores chamam de bairros, embora haja a estimativa que o número dos mesmos seja maior, tendo em vista as recentes áreas de ocupação em situação “irregular”. Atualmente, a Prefeitura estuda a possibilidade de formação oficial dos bairros de Rio Branco, fazendo uma junção de localidades em um mesmo setor para a formação dos bairros. De acordo com dados prévios da Prefeitura, Rio Branco terá cerca de 50 bairros oficiais, tão logo seja concluída a demarcação e setorização da Capital acreana.

O IBGE, ao fazer o mapa da malha setorial riobranquense, dividiu a cidade em 83 setores censitários para o recenseamento de 2000. Os bairros que formam o Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco permaneceram agrupados em alguns setores. Sabemos que os bairros que atualmente formam a área da “Baixada da Bahia” são fruto da expansão do Terceiro Eixo, que antes tinha apenas oito bairros, sendo eles: Palheiral, Bahia, Bahia Nova, Glória, Pista, Aeroporto Velho, João Eduardo I e João Eduardo II. Segundo o Setor de Georeferenciamento da PMRB, atualmente essa região tem em sua área a quantidade de dezesseis bairros; além dos citados anteriormente, foram acrescentados os bairros Boa União, Airton Sena, Sobral, João Paulo II, Plácido de Castro, Boa Vista, Invasão da Sanacre e Floresta Sul.

De acordo com o IBGE, a área referente ao Terceiro Eixo Expandido, ou seja, os dezesseis bairros que compõem a localidade, foi dividida em 09 setores censitários, sendo eles: João Eduardo, Palheiral, Bahia, Pista, Glória, Aeroporto Velho, Airton Sena, Sobral e Plácido de Castro. Na pesquisa, foi constatada a quantidade de 33.908 pessoas vivendo nesses locais, residindo e convivendo em 14.109 domicílios. Portanto, é certo dizer que o Terceiro Eixo Ocupacional Expandido de Rio Branco representa, na atualidade, 14,98% da população urbana riobranquense, e comporta em sua área 17,14% dos domicílios da cidade. Assim sendo, é clara a super-povoação do local em comparação com o restante de Rio

Branco. Uma área que representa menos de 10% da extensão total urbana da Capital acreana comporta quase um quinto de seus domicílios, e um sétimo de sua população.

É importante lembrar que os habitantes dessas localidades não são “coitadinhos”. Eles foram vitimados pelas políticas públicas que não os contemplaram, mas também agem dialogando com os outros e fazendo seus próprios movimentos de resistência e defesa da sobrevivência própria e dos familiares. Muitos dos moradores têm noção dos embates, lutas e expropriações que houve no “campo” e das pejejas que ocorreram nas interações conflituosas e dinâmicas ocorridas na “cidade”.

Trabalhar as experiências dos velhos nos permite entender os percursos vividos e os olhares construídos pelas gentes que fazem parte do processo de ocupação e formação dos bairros que compõem o Terceiro Eixo. Esse é um lugar formado por famílias que têm em comum suas trajetórias, pois é fruto dos processos econômicos e ocupacionais estabelecidos para a região amazônica nos diferentes tempos. São famílias que têm suas origens formadas na grande maioria de migrantes nordestinos, que sem grandes recursos deixaram sua terra natal e saíram em busca de melhores condições de vida.

Vir para a floresta amazônica era ir mais além, e isso traduz a força de uma gente que não se dá por vencida. Nessa busca, atravessaram rios, percorreram varadouros, indo até o fim de uma prova cheia de perigos, mesmo que não conhecessem os limites. Nesse caminho, muitos não vieram para ficar, mas poucos retornaram para as terras que habitavam antes de vir para a Amazônia, e a maioria jamais conseguiu sair da região amazônica, como aconteceu com seu Raul Isaías, que atualmente tem 83 anos:

Nasci em 1924, mês 10... nasci em Paripuera, município de Cascavel, pra lá de Fortaleza... Eu saí de lá com 22 anos... A vida lá era boa, porque meu pai era um pequeno fazendeiro, era proprietário, vida boa pra nós lá... Meu pai criava boi, comboio, aquela coisa, coqueiral, terra, tudo nós tinha lá, ainda tem, ainda... Eu saí de lá na atitude de conhecer o Acre. Andar, né?! Não foi por briga, perseguição, nada, nada. Só pra conhecer... .. Eu embarquei de Fortaleza com problema de soldado da borracha, né? Fui direto para o rio Envira, passei por Maranhão, passei por Belém, passei por Manaus, direto pro Envira, pro Acre, né?! ... A viagem durou muitos meses, só em Belém nós passamos mais de 42 dias esperando o navio Belém, pra subir pra Manaus e um barco grande de ferro, navio e motor Belém, é o nome dele, mas ele é

grande, era muito grande... Eu vim pra cá contratado pela companhia americana... como é o nome dela?... não lembro o nome... mas, de noite, era proibido fumar... pra não fazer luz de noite no submarino... Ele botava o navio no fundo do mar... submarino alemão... O submarino botou um monte de navio no fundo do mar... O navio Siqueira Campos, que ia daqui do Acre pra lá foi afundado... só o que ele levava era a borracha...foi afundado bem pertinho da praia, e ainda tá lá. O aço grosso dele, nunca tiraram, tudo porque o navio é muito grande, né? Só sabe como era o navio quem conhece... (Raul Isaías, 83 anos).

Seu Raul é um dos milhares de brasileiros que vieram para o Acre em meio à “Batalha da Borracha”. Pelo seu depoimento, percebemos que as mortes não se davam apenas nas terras acreanas, com ataques de índios, de animais, doenças ou desnutrição. A morte também vinha em forma de bombas, tiros e torpedos. Eles vieram para o Acre, foram instalados nos seringais para produzir, como soldados, as pélas de borracha necessárias à guerra, a ser entregue pelo Brasil ao governo dos Estados Unidos da América.

Quando eles pensaram que tinham seu lugar fixo para morar com a família, foram expulsos pelas políticas de Governo que beneficiavam o levante da pecuária que se implantava no Acre. Quando esses não mais “brabos”, nem mais “arigós”, agora “seringueiros”, pensavam que haviam encontrado seu lugare, tiveram que reiniciar o percurso, atravessar novos caminhos e perigos em busca de um novo local de moradia.

Quando nós chegamos aqui, as casas do bairro era tudo de palha de ouricuri, cercada de palha... aí a pessoa morava...

Mas aqui teve muita mudança, muito mais dizem que essa rua aqui era só o varadouro, e só lama, quando era no inverno. (...) Mas era lama, meu amigo, e mato, só o varadouro daqui ali pra Bahia; o mato era assim de um lado e do outro.

Quando eu cheguei aqui você contava as casas. Mas, até que construíram muitas depois que eu cheguei... tá beleza (Aldira).

(...) A minha primeira casa, é como eu já falei, foi... era ali no meio da rua, toda coberta de palha... fechadinha de palha, não tinha piso, era só o chão mesmo. Aí nós passamos uns seis meses naquela casa, depois passaram aí cortando as ruas em lotes, né? Aí a gente teve que sair... Aí aquela casa ali era de madeira... (...)Fomos pra uma casa ali, atrás dessa daqui. Lá, nós passamos um bom tempo... Aí o dono também vendeu a casa. Aqui tava só coberta... essa parede aqui era só de palha, aquele lado também era de palha... Aqui era tudo no aberto... Tudo o que tínhamos aqui era um puxadinho de palha... Aí a gente... Nessa época ele [marido] tava trabalhando não sei pra onde, e eu ficava só, eu e os dois meninos pequenos (Laura).

As populações que saíam da “zona rural”, ao chegar na cidade precisavam se dirigir para as periferias, porque não tinham condições de adquirir propriedade nos locais “urbanizados” da cidade. Nesse contexto de mudanças territoriais e deslocamentos, tendo em vista a história acreana, percebemos que o projeto de desenvolvimento pecuarista, a partir de 1970, foi a principal política de investimentos no Estado, não sobrando muitas verbas para investir na melhoria das condições de vida das famílias que se dirigiam para a Capital. Para cumprir esse projeto “desenvolvimentista”, milhares de hectares de terras foram vendidos, outros simplesmente “perdidos” pelos que lá moravam. Quanto ao progresso prometido, ficou para os novos que chegaram, os mesmos responsáveis pela expulsão de milhares de trabalhadores dos seus locais de trabalho e de moradia.

Esse foi um tempo de profundas mudanças. Nesse processo de transformações, a cidade de Rio Branco tornou-se uma alternativa às populações tornadas migrantes que buscavam moradia, brigavam por um lugar, e, encontraram nas chamadas “terras devolutas”, “um pedaço de chão” para construir suas moradias, reconstruir suas vidas e sonhos.

Eu não sabia quase nada sobre o bairro quando eu me mudei pra cá. Nós, derradeiro, morava numa colônia... Era afastado da cidade, porque nesse tempo tinha três casinhas aqui... (...)quando dava uma chuva... Eu cansei... quando eu vinha do serviço, dava uma chuva de ficar a sandália, arregaçar a calça até em cima, era um sacrifício pra gente andar... Bem ali lavava os pés, que isso aqui era um gapó, que ia até a Semsur... Isso aqui bem aqui, tinha uns paus pra gente passar por cima dos paus...que era pra não se melar.

Essa rua não era alta assim, não... já foi aterrada... Aqui não andava carro, não andava nada, era um gapó, mesmo, isso aí. Aqui ficava só o lugarzinho das casas, quando chovia, a água invadia tudo... Aqui ficava tudo cheio de água.

Aqui tinha problema até de alagação, porque não tinha pra onde a água ir. Chovia, a água ficava toda, não tinha pra onde ir. Aí, com uns tempo, foi que o pessoal aqui inventaram uma bueirazinha, dacadá (Francisco).

As dificuldades de famílias como a de seu Francisco não começaram no local onde moram atualmente. Muitas das famílias moradoras dos bairros que formam o local também passaram por muitos perigos, atravessaram rios e percorreram varadouros antes de chegar a Rio Branco. São, assim, gentes de várias localidades. Isso ocorre de três maneiras distintas: primeiro porque vieram de lugares diferentes, ou seja, de várias regiões do Brasil; segundo, porque muitos

estiveram por muitos lugares dentro do próprio Acre; e terceiro, porque é intensa a migração dentro dos próprios bairros. Sendo que a explicação para essa última forma de mudança está provavelmente na época do seringa, quando era comum “enjoarem” da colocação e a trocaram com o vizinho. Prática que muitos no local ainda realizam, agora não em relação à colocação, mas em relação às próprias casas.

Nem só de terras vive uma localidade, as gentes são tão importantes quanto aquelas. Assim, percebemos que as falas dos entrevistados são reveladoras das muitas transformações, dos muitos problemas e alternativas ocorridas nos bairros ao longo do tempo. Suas lembranças sobre o passado nos possibilitaram o acesso a um *fio condutor*, que possivelmente nos tenha levado a entender um pouco sobre a história da *terra* que essas *gentes* requereram para si, e que foram a cada dia reinventando.

A partir da análise das condições em que viviam os moradores no final da década de 1970 e início da de 1980, segundo o relato dos entrevistados, percebemos a importância dada a valores como a honestidade e o trabalho, bem como o extremo apego ao local, dadas as relações estabelecidas pela vivência e convivência na localidade. Valores que, apesar das transformações ocorridas, ainda se mantêm nas vidas dos moradores do local.

Foi o movimento dessas transformações que buscamos entender, na medida do possível, no decorrer deste trabalho. Dessa forma, buscamos construir este trabalho não só pelas informações, mas também pela experiência de seus moradores, através do que lhes passou, lhes aconteceu e do que lhes toca. Foi na “ordem e desordem” que orientam o fazer e os saberes cotidianos das pessoas desse lugar que buscamos olhar sem velocidade e sem preconceito, para não ter pressa diante do turbilhão que nos foi mostrado.

Embora, em sua maioria, os moradores não sejam mais os mesmos da época de formação do bairro, percebemos que, para os que ficaram, estabelecer novas ligações de comunhão social foi fundamental para que aquele espaço representasse mais que um local, representasse um lar. Desse lugar, grande parte dos pioneiros no processo de formação do bairro só buscam sair para o cemitério, em uma demonstração que mesmo com várias oportunidades de se mudarem para outras localidades, eles mantêm uma relação muito forte com o lugar, a ponto de as

suas histórias não apenas fazerem parte do processo de formação, mas principalmente traduzi-lo, confundindo-se e misturando-se com ele.

As gentes que habitaram e habitam as terras do Terceiro Eixo, como muitos outros homens e mulheres, viveram e vivem suas vidas interdependendo uns dos outros. Eles saíram de seus locais e vieram para os bairros, e, em conjunto com outros, formam hoje um local, setorizados em um eixo, em uma cidade, em um estado, em uma nação. Se é que essas construções de nomenclatura não são meramente políticas. É bem provável que essas gentes não tivessem idéia da dimensão da intensidade dos atos que praticavam, ou pode ser que tivessem, porque na construção da memória o que se inscreve não é apenas o presente, mas também o passado representado.

Hoje, mais de 30 anos depois do início de seu efetivo processo de ocupação, muitos vestígios dessa época de formação ainda podem ser encontrados. São eles que, somados à lembrança dos moradores, mostram-nos que esse lugar tem uma história cheia de retalhos deslineares, fissuras, rupturas, descontinuidades e fragmentos.

A cada momento, a cada minuto de conversa transcorrido, um novo pedaço da história do local surge. Quando pensamos que está para se encerrar, tudo se reinicia, e começamos a galgar mais um degrau rumo à espiral que delinea as histórias das gentes e das terras do Terceiro Eixo Ocupacional de Rio Branco.

1.3 Do planejamento à transcrição, textualização e transcrição

A narrativa das memórias neste texto se dão a partir de relatos orais, coletados nas bases da metodologia da pesquisa oral formulada por Paul Thompson (2002). Para a transcrição das narrativas, foram trabalhados conceitos e métodos da pesquisa oral com autores críticos da metodologia oral, tais quais, Montenegro (2003), Delgado (2006) e Meihy (1991).

Parte da formulação prática da pesquisa realizada, dialoga diretamente com o método de Roland Barthes (1975), no que ele chama de “depuração”. No prefácio de uma série de diálogos, apresentados à radio “France Culture”, ele afirma:

Falamos, fazemos os registros de som, secretários diligentes escutam nossos comentários, depuram-nos, transcrevem-nos, marcam-lhes a pontuação, extraem deles um primeiro *SCRIPT* que nos é submetidos para que os limpemos, agora, nós, antes de entregá-lo à imprensa, transformá-lo em livro, lança-lo à eternidade. Não será a ‘preparação de um morto’, que acabamos de seguir? Embalsamamos aquilo que dizemos, como faríamos a uma múmia, de modo a torná-lo eterno. Pois é preciso que duremos um pouco mais que a nossa própria voz; é evidente que é preciso pela comédia da escrita *inscrever-mos* em algum lugar (1975, p.3).

Segundo Barthes, quando passamos da oralidade para o impresso, perdemos muito do que somente a oralidade pode propiciar: entoação, ritmo, métrica, sons, silêncios, timbres, empostações, dentre outros. Se bem que mesmo o ato de fala pensado no cotidiano, ao se apresentar de forma natural, espontâneo, verídico e expressivo, é teatralizado por todo um conjunto de códigos culturais e oratória, usa de táticas e artimanhas – principalmente em atos de fala público.

Ao escrever, apagamos a inocência daquela tática, a inocência exposta, tão explícita a quem sabe escutar quanto um texto a quem sabe ler. E ainda vem a reescrita, na qual muitas vezes, ainda que sem querer, censuramos e riscamos o que foi dito, as complacências, hesitações, ignorâncias, tolices e (in)suficiências.

Quando escrevemos o que foi dito, há perdas e ganhos, porque no ato da fala há o imediatismo que impossibilita a retomada do dito, a menos que se suplemente esclarecendo explicitamente, enquanto no impresso há tempo para diversas retomadas.

Quando falamos, é como se uma idéia asseverasse a anterior, legitimando o discurso. Há como que uma ligação nascente nos signos que retomam e denegam explicitamente o que foi dito anteriormente. Ao transformar a fala em escrito, perdemos o rigor de nossas transições de idéias, e na transcrição existe a perda do que se chama “resto de linguagem”, do tipo “não é?”. Essas interpelações costumam ser relacionadas pelos lingüistas com a função fática da linguagem, ou a de interpelação.

Para Barthes (1975), na transcrição da fala, perdemos o corpo exterior do diálogo, chamado contingente, que lança mensagens “intelectualmente vazias”, mas que têm a função de interagir com o outro, mantendo-o na condição de parceiro.

As práticas da linguagem não se reduzem à fala ou à transcrição. O escrito torna-se um novo imaginário do pensamento. O discurso transcrito deixa de coincidir com a personalidade, porque muda de destinatário (MONTENEGRO, 2003). Não é mais um diálogo de um sujeito e/com outro, mas o próprio sujeito muda. Se não há um sujeito dialogando, logo não há um “diálogo de dois”, mas um monólogo. Quando muito, há um “diálogo” do sujeito transcritor com o outro sujeito que não é o discursante. Há a desarticulação de continuidades e também o inverso, a articulação de descontinuidades. Segundo Delgado (2006), há a mudança de tempo e espaço, onde não mais existem contatos de interlocutores, agora são os conectores lógicos que permeiam a fala, retomando-a sintaticamente por semantemas lógicos.

Assim sendo, pretendemos estar o mais próximo possível dos discursos e relatos orais, razão pela qual aceitamos a utilização da transcrição como ato final de escritura das lembranças, em que certas “inteirezas” do discurso, presentes na fala, permanecerão no corpo do texto.

Por mais que a gramática de subordinação (BARTHES, 1975) tente dar uma estrutura de ordem às idéias, sutilmente servindo-se dos parênteses e da pontuação, das reticências e interjeições, ela não consegue apreender a forma, os sons, as entonações da fala. Não há a anulação do outro, mas a mudança de sujeitos, o outro antes interlocutor é substituído na transcrição pelo outro leitor.

O pensamento antes teatralizado pela voz e suas formas articulatórias é substituído pelo *script* da imagem que se quer dar ao leitor. Conseqüentemente, há um terceiro ato, o da escrita, que implica produção textual, a qual chamaremos de transcrição, a criação a partir da transcrição textualizada. Diferente da fala, em que o corpo do discurso aparece de maneira histórica, e da transcrição em que o corpo do discurso aparece castrado, na escrita transcrita o corpo das idéias é sintético, comedido.

No processo de transcrição, utilizamos a metodologia de Meihy (1991), que consiste em transcrever as entrevistas, textualizá-las e, face às condições dadas durante a coleta das narrativas, pelas constantes participações e intervenções de

peças interferindo nas entrevistas, gerando um contexto de pluralidade, concordamos e utilizamos a mesma postura de Meihy quando escreve:

(...) assumimos o caráter coletivo da narrativa, ainda que optássemos pela instauração de um narrador. Por sua vez este passava a ser não um representante do grupo, mas a sua fala foi assumida como expressão da voz comunitária. Uma fala aliás passível de ser “possuída” por qualquer pessoa do grupo. (1991, p. 29).

Tendo em vista, na maior parte das entrevistas, a experiência individual ser filtrada da coletiva, escolhemos manter um sujeito-lembrante-narrador, para registrar “sua expressão”.

A fala, o texto transcrito e a escrita transcrita despertam paixão e interesse não só pela sua repercussão cotidiana, mas pela diversidade, diferença e linguagem utilizadas que levam os interlocutores às idéias e diálogos. Levam a possibilidades.

Ao pensar na relação do sujeito pesquisador com o sujeito pesquisado, é necessário ter em vista a compreensão mútua do porquê e para quê se dá a conversa de registro das memórias. A concordância de ambos em participar interativamente do trabalho deve ser precedida pela cessão formal dos registros.

O ato de evocar as memórias através de entrevista é uma “arte” que em muito se aproxima da maiêutica socrática. A empatia, o diálogo, a rememoração se posicionam na relação em viés de mão dupla do diálogo estabelecido pela presentificação da memória – que está em constante mudança – e o registro da mesma que se difere da verdade socrática (MONTENEGRO, 2003).

O sujeito entrevistador ao trabalhar com a memória tem obrigação profissional de ouvir o que o entrevistado tem a dizer, respeitando sua fala. Cabe ao pesquisador, dentro de suas possibilidades, procurar conhecer ao máximo a história, o tempo, o espaço em que a memória é reconstruída. Dessa forma, o entrevistado não tem a obrigação de corresponder às perspectivas do entrevistador, antes este deve buscar compreender a fala do entrevistado e intervir com perguntas de caráter descritivo nos momentos que considerar necessário. Não podendo intervir com indução a juízos de valores ou atitudes coercitivas.

O que é dito é muito importante, mas não devemos nos prender a isso. As construções da memória lembrada, o espaçamento de tempo entre elas, os gestos, o olhar, a forma como é dita, assim como o próprio silêncio devem ser considerados. Os pensamentos cortados, mudanças de assunto ou atitude, os esquecimentos, dentre tantos outros traços da memória, precisam ser “convalidados” na construção das lembranças.

O que consideramos geral e específico ou universal e particular não nos ajuda a abreviar o processo de desvendar o real concreto, já que, nesse movimento de esforços, as especificidades e particularidades adquirem formas próprias em uma constante reconstrução das narrativas por seres que estão em movimento em relação uns aos outros, e, às determinações específicas das representações do vivido e do narrado.

O que é narrado oralmente ou escrito é distinto do acontecido, é uma representação. Ao estudar alguns ângulos das diversas dimensões do real, nesse hiato entre o vivido e o narrado, buscamos associar os acontecimentos e fatos, numa relação dinâmica entre as práticas e os imaginários ficcionais que a realidade coloca como desafio. Sobre esse quadro apresentado, Berman escreveu:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e reais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: Nesse sentido pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade-desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia (1978, p. 15).

Nesse sentido de ambigüidades e angústias, entrevistamos velhos e velhas lembrantes, narradores de lembranças marcadas pelas representações de suas “mentalidades”. Nas marcas da disputa, estão contidas permanências, rupturas, controles das relações, interações das diversidades, presentes nos registros descortinados da memória. Nesse contexto é que procuramos e/ou aguardamos registrar as formas como estas atuam na determinação da compreensão do passado, do presente e do futuro. (MONTENEGRO, 2003).

A partir dos depoimentos gravados, transcritos, textualizados e transcriados, acreditamos ser possível conhecer a visão que os entrevistados têm de

suas próprias trajetórias de vida, em consonância e/ou dissonância com a temática estabelecida para abordagem.

Dada a interação inicial entre o sujeito pesquisador e o sujeito entrevistado, passamos para as entrevistas que se sucedem pela tríade: transcrição, textualização e transcrição. Nos pautamos em entrevistas transcritas que passaram por um longo processo antes de se configurar “corpus” de um estudo. Vamos comentar de forma sucinta o processo de interação com o sujeito narrador, memória narrada, até chegarmos ao texto objeto de análise.

As entrevistas coletadas passaram por três etapas iniciais: a) a transcrição que é a primeira versão escrita dos depoimentos, nela se busca reproduzir fielmente tudo o que foi dito sem recortes ou acréscimos; b) a textualização na qual se omite o entrevistador e se afere ao narrador a titularidade das narrativas; c) a transcrição em que o texto é recriado a ponto de ser coerente e fazer sentido para o leitor que não teve acesso ao diálogo inicial. Mais à frente explicitaremos cada uma das três fases aqui brevemente pontuadas.

Quanto às informações, seguimos a orientação geral de referência para a transcrição dos relatos, embora não haja consenso no seio da comunidade de pesquisadores. O que percebemos de mais consensual foi descrito passo a passo por Lucília Delgado (2006), quando faz menção às transcrições afirmando que:

As passagens pouco claras devem ser colocadas em colchetes; dúvidas, silêncios e hesitações, identificadas por reticências; risos devem ser identificados com a palavra (*riso*) entre parêntese; o negrito deve ser utilizado para palavras e trechos de forte entoação (DELGADO, 2006, p. 22).

Após ouvir e re-ouvir as entrevistas, refazendo as conversas gravadas, revisando as transcrições para ver se havia falhas ou erros e corrigi-los, se necessário, passamos a classificá-los. Algumas das entrevistas diferenciavam-se da grande maioria. Algumas, por privilegiarem trajetórias de vida; outras, por darem privilégio à temática de estudo. Essas entrevistas foram retiradas do “corpus” do trabalho para serem reutilizadas em tempo oportuno. Não seria apropriado para uma dissertação de mestrado fazer três tipos distintos de análise de um “corpus com estilos diversificados em seu conteúdo”. Dadas as impossibilidades de análise de todo o material, precisamos refazer as alternativas de modo a refinar o processo. Por

isso, das dezesseis entrevistas iniciais, o presente “corpus” permaneceu com apenas dez.

Com o intuito de minimizar os prejuízos de conteúdo, na narrativa inicialmente oral e traduzida para a escrita, demos prosseguimento ao processo de textualização.

A certeza da impossibilidade de escrever como se fala, levou-nos a rever Barthes (1975) e sua transcrição, ao ponto que Delgado (2006) também se fez presente. Paul Thompson também ajudou na tentativa de repensar a metodologia, diante da situação apresentada. No período pós-campo de pesquisa, foram feitos os três estágios, passando o maior tempo possível em cada um. Começando com a transcrição, buscávamos marcar as palavras-chave que expressassem o sentido da narrativa. Atentando sempre para a “tradução” da fala para a escrita. Essa fase é interessante porque há, por parte dos entrevistados, o reconhecimento de “sua voz” no texto impresso. Foram mantidos os vícios lingüísticos, os choros, risos, lágrimas, alegrias, silêncios e contradições. As falas inconclusas, as superposições de relatos, tudo foi mantido no início.

Na segunda fase, ainda de acordo com o processo elaborado por Meihy (1991), foi produzida a textualização. Anulamos a voz do “entrevistador”, para que o diálogo fosse fluente, a ponto de não haver necessidade da presença do “entrevistador”. Com isso, passamos da transcrição inicial para a textualização, na qual reorganizamos o discurso obedecendo a estrutura plausível a um texto escrito. Assim, pela soma das palavras-chave, estabelecemos o *corpus inicial*, ou seja, os assuntos constituintes dos argumentos.

Pela anulação da voz do entrevistador e a supressão das perguntas incorporadas no discurso do depoente, buscamos envolver o leitor pela rearticulação das entrevistas, para fazê-la mais compreensível literalmente.

Nessa teatralização da atmosfera da entrevista, ansiando reproduzir no leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato real, voltamos a Barthes (1975) ao que ele chamou de “teatro de linguagem”, para nos embasar na fase final de trabalho dos discursos: a transcrição.

Na terceira fase, temos a transcrição que passa pela transcrição literal dos signos sonoros, atravessando pela textualização da idéias, e indo além de

ambos: a entrevista relatada completamente transformada em escrito que será lido em um outro contexto. Dessa forma:

O fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria ainda mais postiça. Com isso, valoriza-se a narrativa enquanto um elemento comunicativo preenche de sugestões. Convém não admitir o sentido pleno do falso nesta técnica. As entrevistas reeditadas são muito trabalhosas e para que o “teatro” se realize impõem-se situações variadas, e não raro complementação de palavras e frases que não foram mais que insinuadas. Neste procedimento uma atitude se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos dependentes (MEIHY, 1991, p. 31).

Após a transcrição, os relatos foram levados aos depoentes, que tiveram liberdade para mudar frases, alterar sentidos, subtrair ou adicionar o que acreditassem ser necessário ao conteúdo.

O atestado de veracidade, que certifica a verdade que ele deixa passar, é o que dá credibilidade à textualização do pesquisador. Um bom texto para ficar pronto é editado inúmeras vezes e embora sua “teatralidade” transpareça espontaneidade, não é esse o objetivo final. É mister ter a aprovação do depoente, para que se possa continuar a análise das entrevistas, buscando encontrar traços identitários em comum nos discursos dos entrevistados.

Não se trata de falsificação. O recriar textos está entre dois pólos: o da fala que diz muito, mas omite bastante; e o da escritura, que passa para o impresso o que a voz quis dizer, mas não falou. Trata-se de dispor dos mecanismos que a língua dispõe para “teatralizar” as vozes, viabilizando a recriação da aura narrativa. Basta usar instrumentos como reticências, interjeições, figuras de tropos, dentre tantos outros sinais e signos da linguagem.

De Michel Foucault utilizamos as questões referentes à autoria do autor. Há muitas proposições sobre a autoria e por vezes não se sabe dizer ao certo quem é o autor, se é o narrador, pesquisador/transcriador ou o leitor. Portanto, vamos utilizar o contexto foucaultiano (2001, p. 264) de autoria: “O autor é, sem dúvida, aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito. Mas a atribuição – mesmo quando se trata de um autor conhecido – é o resultado de operações críticas complexas e raramente justificadas”.

Embora o narrador seja um sujeito lembrante, alguém que conta histórias, relata atividades e expõe experiências ao entrevistador; o entrevistador/transcritor, por sua vez, também trabalha questionando. Formula e executa um projeto de pesquisa, conduz e domina os utensílios para a coleta das entrevistas e escolhe os entrevistados. É ele quem decide o que deve ou não ser transcrito, textualizado, transcrito; há também o leitor que tem todo um passado de discussões, leituras e vivências, é ele quem decide se começa a ler pelo início, pelo meio, pelo fim ou se nem inicia a tradução da letras grafadas no texto.

O objetivo da transcrição não é creditar autoria a um, a outro ou a um terceiro, mas evidenciar o narrador em sua essência maior. Como em uma construção na qual as sustentações provisórias, os andaimes e as marquises de suplementação devem sair de cena, após a obra completada. No processo de transcrição, o intento é chegar ao texto mais depurado possível, transcrever como quem traduz, refazendo o percurso, reintegrando as narrativas, somando as partes enunciadas para que o sentido íntimo da história contada se estabeleça. O intuito é que o narrador apareça e o intermediário permaneça na penumbra, para que o narrador se destaque.

1.4 As vozes da memória

Desde há muito tempo a memória tem sido tema de estudos. As abordagens feitas, em sua maioria, têm como foco o interagir do indivíduo: cérebro, redes neurais, mecanismos pré e pós-sinápticos. Ainda na Antigüidade, estudava-se a memória. Elizabeth Braga resumiu a interação que se faz com a memória do passado:

Aristóteles (séc. IV a. C.) localiza as funções mentais no coração (essa crença é marcada nas expressões “saber de cor”, “decorar”, “recordar”). Os profetas bíblicos consideram os rins e o coração ligados à alma humana. Os anatomistas alexandrinos (séc. III a. C.) sugeriram a localização da função mental no cérebro. A localização da memória no cérebro, hoje, é vista como inquestionável e a procura de *loci* cada vez mais especializados, considerados responsáveis pelo processo mnemônico, move as pesquisas mais atuais (2003, p. 23).

Assim, a ênfase da memória saiu do coração para o cérebro. Vários estudos tratam a memória como algo próprio do indivíduo e a recordação como um processo apenas interno de materialização da consciência armazenada. De outro modo, em autores como Squire (1986 *apud* Braga 2000), a memória é vista como um comportamento inteiro. O cérebro é o centro desse comportamento. É a partir dele que há a interação do homem com os outros indivíduos da espécie, com o ambiente, consigo mesmo e com a cultura em que se insere.

Os gregos imputavam o conhecimento da memória a uma deusa a quem veneravam, seu nome é Minemosyne. O Dicionário de Mitologia Grega faz uma descrição de quem foi essa deusa tão venerada por guardar e cuidar da memória:

Mnemósine, filha da Terra e do Céu, é uma das Titénides. Ela é a deusa da memória e foi durante muito tempo a única a ser considerada capaz de controlar o tempo.

A jovem foi, também, uma das esposas de Zeus. Quando a guerra contra os Titãs foi ganha pelos Olímpicos, estes suplicaram a Zeus que criasse divindades capazes de deleitar os seus tempos livres, celebrando dignamente a sua vitória. Zeus dirigiu-se então junto de sua mulher, que residia na Macedônia, e partilhou o seu leito durante nove noites consecutivas. Como resultado, Mnemósine irá dar à luz as nove Musas, cujo coro recordará aos deuses, em forma de arte, a lembrança dos seus altos feitos (Dicionário de Mitologia Grega, 2007).

De acordo com Ana Lúcia Enne (2007), “o século XX foi marcado por um ‘boom da memória’ como preocupação das Ciências Sociais e dos homens de um modo geral”. Para Enne muitos pensadores têm apontado para a valorização da memória e da tentativa de pensar as diversas categorias temporais como uma via de extrema riqueza nas análises das ciências sociais e no mapeamento da construção das identidades sociais.

Marcel Proust (2003) escreveu uma das mais belas passagens acerca da memória, ela está contida em seu consagrado *Em busca do tempo perdido*,: “Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso

edifício das recordações”. A busca do “aroma” e do “sabor” de que fala Proust, caminhos para a busca da memória e do passado, tem sido uma marca da sociedade contemporânea.

A memória não é algo do passado. Ela é o passado representado no tempo contínuo da lembrança, e somente se lembra no presente, portanto a memória é a lembrança presente da representação do que se supõe ou pressupõe passado (NEVES, 2000). No entanto, ela não morre, porque é atualizada nas lembranças, e é exatamente na atualização dos relatos que trabalha o pesquisador. Nesse local, é que reside o labirinto das possibilidades: algumas dando em clareiras, outras em cerceamentos e poucas em “saídas”, que em grande medida são momentâneas e só são saídas dependendo de quem olha ou de onde se olha.

Delgado (2006) vê a memória como ato de lembrar em um processo de construção contínua nas condições do tempo presente. Ao explicitar uma série de pensamentos sobre os sujeitos, em sua relação com a história e com a memória, há a construção de alguns pensamentos considerados primordiais em sua obra.

Na construção da memória, para Neves (2000) procurar o que se perdeu em nada é melhor que a falta de busca, porque mesmo que se pense encontrar e se encontre o perdido – o que é um sonho utópico, em grande medida – ele já não se insere no novo contexto. Esse achado não se encaixa nas conjunturas que se vão tecendo em meio à dinâmica do processo atual; e nem o será no futuro porque quando o futuro deixa de sê-lo, para tornar-se presente, também este muda, se modifica e é modificado, não apenas no tempo cronológico, mas também na memória, nas lembranças e nas leituras dessas lembranças.

O foco não deve ser o de buscar o que se perdeu, mas procurar o que pode renascer nesse novo presente (BOSI, 1987). Às vezes, o que parece mais fácil aos olhos é o “objetificar” as pessoas, torná-los congelados e fazer-se um jogo de cena com um antes e um depois: dois momentos contrapostos que mais parecem ao espectador meros objetos de curiosidade. Para Galeano, “a memória é o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade” (GALEANO apud NEVES, 2000, p. 109).

A aproximação entre memória e identidade é tratada por alguns autores que, nessas análises, relacionam memória e tempo, ambos de natureza social e em

um tempo que também é de natureza social. Sendo um sujeito histórico, recordar é um ato coletivo, que está ligado a um contexto de natureza social e a um tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada. A lembrança é a recordação de um tempo revivido.

De acordo com Ecléa Bosi (1987), lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora ainda declara que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que esse lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Édouard Glissant (2005), em sua *Introdução a uma Poética da Diversidade*, fala da idéia de “lugares comuns”, neles um pensamento do mundo encontra outro pensamento do mundo, quando ele fala da totalidade-mundo explicitando que a literatura provém de um lugar. Isso é interessante por ratificar as vivências e relações se estabelecerem no que o Reboratti (2001) vai chamar de território local. Também Freire (1992) fala da valorização que se deve às culturas tradicionais, e que, por não ouvi-las muitas coisas ruins acontecem com pessoas que poderiam ter a situação-problema resolvida ou esclarecida pelo conhecimento das populações tradicionais.

Stuart Hall (2004) trabalha de forma “mais sistemática” a conjuntura em que se forma e concretiza a identidade cultural do sujeito pós-moderno. Ele afirma que a alteridade tem se mostrado como necessária para que a nova busca de ver o local não se separe do global, de mesma forma que o global tem sido visto a partir das localidades. Porque, para o autor, hoje não existem mais “lugares fechados em si”, há uma pluralidade de culturas interagindo dialeticamente, sendo necessário aprendermos a viver com as diferenças identitárias. Para Neves (2003), as pessoas em suas relações sociais criam e rompem laços de vínculo, vivendo suas vidas interdependendo uns dos outros.

Fazendo um paralelo desse aspecto com o que Édouard Glissant trabalhou em relação às culturas, almejamos trabalhar as identidades em questão, procurando lembrar e afirmar explicitamente que a identidade não é una, mas plural.

Essas identidades e memórias fronteiriças são heterogêneas e “totalidades contraditórias” (REBORATTI, 2001) em si, de si, por si, exatamente por sua mestiçagem, suas pluralidades e turbidez. Pode-se dizer como Marli Fantini (2004) que são identidades quebradas porque há os rompimentos, os desenraizamentos e as descontinuidades presentes na vida, e que tanto aparecem na fala eivada de interdiscursos. Por isso, é tão complexo trabalhar com memórias e identidades.

Segundo Paul Thompson, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças porque passam em suas próprias vidas. A finalidade social da História requer uma compreensão do passado que direta ou indiretamente se relaciona com o presente.

Para trabalhar essas trajetórias de vida e histórias temáticas que, pouco ou quase nada têm de escrito, resolvemos escolher a pesquisa com relatos orais como base para registrar os discursos proferidos através da rememoração presentificada das lembranças, por sua possibilidade de “compor e interpretar” as histórias de vida dessas pessoas em seu cotidiano. O estudo dos relatos orais discute a documentação viva, ainda não aprisionada pela linguagem escrita e incorpora visões subjetivas, sentimentos e observações dos indivíduos (THOMPSON, 1992). Sendo vários os discursos que participam, integram e recontam a realidade, a reconstrução dos fatos e a colagem das informações podem ter diversas formas.

A atualização das vozes do passado no presente presenteiam o futuro com a memória. O ato de lembrar está inserido nas múltiplas possibilidades de registro do passado, a partir do qual as identidades são construídas e representadas de forma dinâmica, relacionando-se a inserção social e histórica de cada depoente nos processos culturais, comportamentais e hábitos coletivos.

A questão das identidades adquirirem uma dimensão especial quando se trata da produção de documentos orais, porque pelo afloramento das lembranças representativas do passado há a tradução das similitudes e das diferenças. O reconhecimento dado está presente nas dimensões dos tempos vivos⁷.

⁷ As dinâmicas das trajetórias individuais e coletivas se dão em diferentes dimensões de tempo. O tempo não é linear, mas torna-se volátil na lembrança, que por muitas vezes é intermitente, agindo como preterizador do presente ou presentificador do passado (DELGADO, 2006, p. 33).

Tantas vezes ao estudar as identidades não nos damos conta de que elas só existem porque são partes dos homens e mulheres, construtores da dinâmica processual e temporal que constitui a tessitura histórica. A história da humanidade tem muitos sujeitos construtores de povos, atitudes, idéias, credos pensamentos e origens diferentes. São heterogêneos em suas interações e plurais em suas relações. As multiplicidades que lhes são inerentes traduzem seus pensamentos e ações, aumentando o que os seres humanos têm de mais rico: a alteridade.

Em variadas posições, colocações sociais e/ou profissões, por seu ímpeto criativo representam as realidades e os sentimentos na várias composições de sua prática cotidianas. Anônimos ou públicos, são seres que deixaram suas marcas no tempo, em algum lugar específico e/ou nas várias atuações plurais. Seus atos e pensamentos visíveis ou não nos dias atuais, denotam o ato de ser, não apenas pelas modificações antrópicas no ambiente, mas também, pelas mudanças ocasionadas dentro do próprio ser sujeito da memória presentificada.

Os depoimentos recolhidos das fontes orais através do procedimento de entrevistas, narrativas e relatos visam a contra generalização relativizante dos pressupostos e conceitos que a universalizar os processos coletivos. Através de visões particulares, percebemos a profunda ligação das histórias de vida, suas trajetórias e vínculos. Há um número expressivo de potencialidades metodológicas e cognitivas no estudo dos relatos orais.

Os tipos de entrevistas mais utilizados no trabalho com relatos orais são: o depoimento de história de vida, entrevistas temáticas e entrevista de trajetória de vida (DELGADO, 2006). Neles percebemos que os elementos centrais para a reconstrução de atos, fatos, acontecimentos em diversas épocas e lugares estão principalmente na narrativa representada a partir da memória, em uma construção e reconstrução de versões, representações e interpretações da/na experiência histórica dos sujeitos envolvidos.

As histórias de vida são depoimentos aprofundados e prolongados, normalmente orientados por roteiros abertos, estruturados ou semi-estruturados na interação entrevistador/entrevistado objetivando reconstruir a trajetória de vida de determinado sujeito desde sua infância mais tenra até os dias presentes.

Normalmente, os depoimentos se compõem de uma série de entrevistas com periodicidade pré-determinada, ou, em um segundo caso, se intensifica o número de entrevistas, utilizando-se de um adensamento de tempo e concentração de número de encontros para entrevistas no período de algumas semanas.

A escolha do primeiro ou segundo caso normalmente está ligada às características de prolixidade do narrador, suas condições de saúde, condições emocionais, idade, situação institucional.

A vinculação dos depoimentos pode se dar pelo ato de recolher biografias ou relatos de caráter geral, vinculados a um projeto de pesquisa ou não, sendo identificadas as histórias de vida, de acordo com a biografia especializada, em três tipos diferentes: depoimento biográfico único, pesquisa biográfica múltipla, e pesquisa biográfica complementar. Essas histórias de vida atuam como “substrato de um tempo” na reconstrução de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes diferentes.

As entrevistas temáticas referem-se a processos específicos ou a experiências testemunhados pelos indivíduos entrevistados que fornecem elementos ou informações sobre temas específicos, ou ainda podem servir como ilustração ou desdobramentos dos depoimentos das histórias de vida.

Quanto à trajetória de vida, é feita através de depoimentos mais sucintos e pontuais, sem muitos detalhamentos. Costuma ocorrer quando o pesquisador considera importante recolher depoimentos sobre a trajetória de vida dos entrevistados que não têm muito tempo para dar entrevistas; embora também possa ocorrer o inverso, quando o pesquisador, pela distância do pesquisado ou indisponibilidade de tempo para recolher depoimento dos entrevistados, necessita ser breve em sua atuação.

O fator predominante nas mudanças da memória demonstram nesse trabalho a ênfase dada às trajetórias de vida e às entrevistas temáticas, na certeza de que a memória não é um mecanismo de gravação, mas de seleção, que constantemente sofre alterações.

A abordagem dessas histórias foi resgatada, tendo como contraponto a forma como os sujeitos lembrantes as rememoram. Pelos relatos gravados, buscamos reconstruir as identidades que esses homens e mulheres têm, em uma

relação direta de suas memórias com as alterações face às novas vivências. Após a transcrição/transcrição das lembranças coletadas, temos o estabelecimento de campos narrativos que possibilitam estudar de forma mais detalhada as diferenças presentes no mundo da memória e suas identidades construídas através destes.

CAPÍTULO II

LEMBRANÇAS DE VELHOS

2.1 Reflexões sobre a velhice

2.1.1 A Velhice e o Corpo

Os seres humanos, sempre ávidos por alcançar longevidade, ainda não descobriram o “elixir da vida eterna”. E no que concerne às formas de elaborações apresentadas até a atualidade, isso está longe de ocorrer. É natural os seres vivos multicelulares passarem por três etapas interdependentes: o desenvolvimento, a reprodução e o envelhecimento. Mesmo não havendo uma separação rígida entre as três fases, elas ocorrem em uma seqüência em que a senescência depende da fase reprodutiva, que depende do desenvolvimento. Explicando as bases biológicas do envelhecimento Maria Edwirges Hoffmann afirma que:

Todo organismo multi-celular possui um tempo limitado de vida e sofre mudanças fisiológicas com o passar do tempo. A vida de um organismo multi-celular costuma ser dividida em três fases: a fase de crescimento e desenvolvimento, a fase reprodutiva e a senescência, ou envelhecimento. Durante a primeira fase, ocorre o desenvolvimento e crescimento dos órgãos especializados, o organismo cresce e adquire habilidades funcionais que o tornam apto a se reproduzir. A fase seguinte é caracterizada pela capacidade de reprodução do indivíduo, que garante a sobrevivência, perpetuação e evolução da própria espécie. A terceira fase, a senescência, é caracterizada pelo declínio da capacidade funcional do organismo.

O envelhecimento é causado por alterações moleculares e celulares, que resultam em perdas funcionais progressivas dos órgãos e do organismo como um todo. Esse declínio se torna perceptível ao final da fase reprodutiva, muito embora as perdas funcionais do organismo comecem a ocorrer muito antes. O sistema respiratório e o tecido muscular, por exemplo, começam a decair funcionalmente já a partir dos 30 anos (2007, p.1).

Percebemos que há um efeito cumulativo de alterações funcionais no qual os organismos vão se desequilibrando por causa da degeneração progressiva dos mecanismos que regulam as respostas das células e dos organismos frente às

agressões externas sofridas. De acordo com HOFFMANN (2007), quanto mais se envelhece, mais chances a pessoa tem de não sobreviver. Não são apenas as demências, o estresse, as vivências cotidianas; o próprio processo de envelhecimento, uma tendência normal dos organismos fisiológicos e metabólicos, é comprometedor para todos os indivíduos, pois a ocorrência de perdas funcionais é acelerada com o aumento da idade. Quanto mais velho se fica, maior será a progressão do declínio das funções fisiológicas.

Dentre essas perdas de funções, neste momento destacamos as da memória, principalmente da chamada memória recente. Com o avanço da idade e a adaptação do cérebro à nova condição de vida iniciada na velhice, as células que são responsáveis pelas atividades menos utilizadas vão sendo desativadas para concentrar esforços nas áreas mais utilizadas pelos indivíduos, nesse novo estilo de vida.

Hoffmann afirma que nascemos com aproximadamente 12 bilhões de neurônios e todos os dias perdemos 50 a 100 mil neurônios. Percebemos então que o processo de envelhecimento chega bem antes da chamada “velhice” ele começa ao nascer. Para a autora, não apenas a influência da parte física pode abalar a memória, mas também a psicológica:

E não só a parte física pode abalar a memória. Para manter a qualidade de vida, qualquer pessoa, e não só idosos, conta também com mecanismos psicológicos de esquecimento. É o caso de exilados que esquecem a língua materna como forma de evitar recordações que provocam saudades. "É comum idosos que são maltratados ou abandonados pela família não reconhecerem mais os parentes", diz a psicóloga clínica Maria Regina Canhos Vicentin, que há 12 anos atende pessoas de todas as idades. "É mais fácil ele apagar a pessoa da memória do que conviver com o incômodo da dor", ressalta.

Entretanto, a memória do idoso não é útil somente para ele. Sua capacidade de lembrar o passado em detalhes faz com que os velhos cumpram um importante papel social. "Na maioria das comunidades humanas, e até entre chimpanzés, os idosos são reverenciados como fonte de conhecimento e sabedoria", esclarece o neurologista Benito Damasceno. Como nenhum outro indivíduo - criança, jovem ou adulto - o idoso é o depositário da experiência humana. Os mais velhos são os arquivos vivos da história e suas lembranças do passado costumam ser mais precisas do que as de adultos que tenham vivenciado os mesmos episódios (Hoffmann, 2007 d).

O esquecimento é normal em qualquer idade, e conforme as sinapses vão se rompendo ou sendo desativadas por batidas, lesões, doenças ou desuso, outras

conexões vão se estabelecendo. Benito Damasceno *apud* Hoffmann (2007c) afirma que essas ocorrências são necessárias para que não haja interferência das condições velhas com as novas e possamos realizar tarefas adequadamente com agilidade e precisão.

É uma questão de sobrevivência do próprio organismo, privilegiando as áreas que são mais estimuladas na situação em que se encontra.

É fato que todos nós caminhamos para a velhice. O corpo vai sofrer modificações, bem como o psicológico e o próprio local onde se vive. Ser velho não é pertencer a uma classe ou a um grupo, é ser humano na plenitude de sua maturidade.

A velhice não é não poder mais fazer alguma coisa, por causa dos limites impostos pelo corpo e pela sociedade, antes é a possibilidade real de uma reorganização das relações afetivas, vida familiar, novos espaços de convívio e novas rotinas. Surgindo a disponibilidade para atividades como *hobbies*, experiências em artes e ofícios autônomos sem necessidade de cumprir jornada fixa e densa de trabalho.

Não é uma questão de que esses sujeitos ao chegarem na velhice deixaram de ser colaboradores da sociedade formal. Muitos deles ainda afirmam ter algo, alguma profissão, outros preferem falar de suas vivências de trabalhos realizados utilizando o prefixo “ex”. Eles continuam colaborando a sua maneira, e do seu jeito continuam a interagir com o meio sociabilizante.

Os homens e mulheres que se fazem velhos têm direito a usufruir uma vida cotidiana em todos os seus espaços e possibilidades. Os velhos têm direito a seu espaço cultural, não a partir dos demais espaços, mas intrínseco, fluido e dinâmico na correlação dos sonhos, desejos e sensações de pertencimento, na agregação de valores sócio-político-culturais. Seu corpo não é uma desculpa para não participar de vivências, antes é nele que se estabelecem as mesmas, seja no recôndito de seus lares ou na interlocução com a comunidade.

Esses velhos são pessoas reais, com histórias pessoais e sociais. As lembranças por eles evocadas tornam fluidas as relações deles com a sociedade, a ponto de, em seus relatos orais, não se saber onde se inicia e encerra sua história de vida e onde se inicia e encerra a história da sociedade em que vivem.

2.1.2 A velhice e o direito de sonhar

O fenômeno da velhice não é apenas um fator físico, mas também cultural. A ideologia que estereotipa a velhice no Ocidente em muito a tem desvalorizado e feito com que pareça pejorativa ou negativa. O desprestígio com que a velhice é tratada está explícito em muitos dos vieses da sociedade ocidental. Esse desprestígio não se demonstra pelo excesso de postulações, mas exatamente pelo seu contrário. A falta de terminologias, de literaturas e estudos sobre a velhice não apenas dificultam os estudos, mas demonstram a falta de interesse e a ênfase com que é tratada.

Não levamos em consideração apenas um ou outro fator específico da velhice. O fisiologismo, a cultura, a sociedade, as interações entre os sujeitos de nosso estudo estarão sempre presentes: os seres auto-intitulados “velhos”. Eles afirmam que são “idos em dias”, idosos de fato, entretanto a maioria não aceita dizer que pertence à “terceira idade”, já que, para eles, não existe primeira, nem segunda idade. Nas palavras de um dos entrevistados: ““terceira idade”, eu não sou isso, eu tô é velho... “terceira idade”... daqui a pouco vão tá chamando a gente de arroz de terceira”. Nas palavras desse senhor, o termo “terceira idade” soa pejorativo.

Em seus estudos sobre a relação da velhice com o mundo, Simone de Beauvoir (1970, p. 19) escreveu que a velhice é como “um fenômeno biológico com fenômenos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada”.

Ecléa Bosi, ao se referir sobre a velhice na sociedade capitalista, afirma que ser velho “é sobreviver” (1994, p. 23). A velhice não tem uma data marco inicial, não há como demarcá-la. Ela varia de pessoa para pessoa. É certo que nela há a diminuição das forças e das aptidões, carências psicológicas e fisiológicas. Há os que consideram o início do envelhecimento logo após o nascimento e outros adotam o marco da senectude por volta dos 65 anos. Hipócrates acreditava que a velhice se iniciava após os 56 anos, assemelhando-se ao inverno no ciclo das estações da vida humana. Para Aristóteles, a velhice ocorre a partir dos 50 anos.

Na Nigéria, uma mulher se torna velha ao ser avó; na Índia, isso ocorre quando o filho se casa, e em outras culturas, quando atinge a menopausa. De

acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), uma pessoa é considerada idosa, nos países em desenvolvimento, a partir dos 60 anos de idade (ONU, 1984).

A expectativa de vida aumentou nos últimos dois milênios. Os romanos tinham sua expectativa de vida por volta de uns 18 anos de idade; no século XVII, pouco mais de dez por cento da população vivia além dos 45 anos, a expectativa de vida era de uns 25 anos; no século XVIII, vivia-se em média até os 30 anos; No início do século XX, a expectativa de vida girava em torno dos 49 anos, e, no decorrer do século, a expectativa de vida aumentou consideravelmente.

Para Altair Loureiro, há uma série de proposições a se considerar na idéias de velhice. Para ela:

A falta de nitidez na constatação dos limites dos ciclos da vida, mais precisamente na identificação e na demarcação de suas fases, faz com que não se possa considerar a exata idade cronológica expressa em quantidade de anos de vida, de tempo vivido pela pessoa. Mas, para alguns estudiosos, a faixa etária por volta dos sessenta anos de vida pode ser considerada como a possível faixa de ingresso do homem na velhice. Há um “sentido outro”, que não meramente cronológico, para a demarcação do início do fenômeno. A tendência do isolamento e a ruptura com os padrões de vida anteriores, bem como os cabelos brancos, a pele flácida, a diminuição da agilidade e a fraqueza (metáfora para designar a perda do vigor sexual) são sintomas a considerar como evidências do processo de envelhecimento que se inicia. Convém, no entanto, lembrar que a velhice não é apenas uma categoria de idade cronológica, nem de degenerescência física e mental: é um período de vida, visto por alguns, como derradeiro; há quem acredite na vida após a morte (...) é a penas uma fase diferente da vida, quem sabe a última, mas ainda vida. (1989, p. 21).

Esse estágio da vida que chamamos velhice não é aceito de bom grado, como algo natural ou espontâneo pelos próprios velhos. A velhice não é algo perceptível ao ser humano quando de sua instalação. Ela é percebida quando do convívio com o outro, com quem se relaciona há muito e nele(a) se nota as marcas e expressões da velhice. Ela só é vista após longo tempo. Ninguém acorda pensando “hoje eu estou velho, passaram-se os ímpetus varonis”. Pelo contrário, mesmo diante do espelho, é mais fácil imaginar que ele está errado e desacreditá-lo. Às vezes, a velhice não é perceptível aos olhos, porque estes, cansados pelo tempo, já não vêem tão claramente como antes, ou pelo costume com o próprio visual. Tem que haver distanciamento para perceber as mudanças.

A expectativa de vida aumentou consideravelmente durante o último século. Está havendo o envelhecimento gradativo da população. França e Suécia tiveram o número dos seus octogenários dobrado se comparado o início do século XX com seu final. Nos países “emergentes”, o número de velhos é cada vez maior. Como esses países ainda não tinham e muitos ainda não têm políticas públicas voltadas para os velhos, eles acabam por ter problemas nas áreas de educação, transporte, saúde e seguridade.

Na atual conjuntura sócio-política ocidental, na qual o homem e sua força de trabalho são tidos como mercadoria, o ato de envelhecer é tido sócio-culturalmente como desvalorativo aos que passam do vigor juvenil. Para Ecléa Bosi, nessa sociedade, é “comum o voltar às costas, do jovem que aprendeu, ao velho que ensinou, pois a fonte doadora esgotou seus benefícios. (...) É a lei da superação da geração mais velha pela mais jovem” (1994, p. 13).

Os homens e mulheres mais velhos têm sido relegados a desempenhar papéis subalternos na sociedade em que vivemos. A desconsideração é estereotipada pela visão de preponderante necessidade de produção econômica e todo o que não se encontra apto para tal é tido como refugio.

Para o Estado brasileiro, a velhice é um segmento populacional, uma faixa etária. Para Loureiro, os velhos no Brasil são tratados com desrespeito e falta de ética:

É indecente o tratamento formalizado, dispensado ao idoso brasileiro. O trabalhador, que velho se aposenta, vive a tragédia das privações mais elementares, após ter percorrido com o vigor e a força da mocidade, o caminho do trabalho, do construir coletivo, que nada ou quase nada se devolve oficialmente. Mas é possível que o idoso ainda agradeça a migalha que lhe conferem, sem entender, com a clareza necessária, o aviltamento que sofre. É a nódoa que se imprimiu nele, pela convenção social, fazendo seus estragos, turvando, com esmerada habilidade, a capacidade de discernir, de entender a profundidade das ações e das coisas (1998, p. 31).

Vale ressaltar que os velhos não são problema para as sociedades ocidentais. Rita Oliveira (1999), afirma que esses velhos foram constituídos problemas, uma vez que sua capacidade produtiva, o lucro que cada um propiciou enquanto “trabalhador ativo”, as rendas, os fundos de garantia e seguridade nos quais passaram a vida depositando seus impostos e investimentos, foram mal

administrados pelos governantes. Muitos desses proventos e dividendos superavitários foram tomados como empréstimo e os governantes se “esqueceram” de devolver os bens aos seus reais donos. Por isso, a velhice se constituiu problema para muitas nações.

Seria ingenuidade creditar ao aumento do número de velhos as disfunções econômicas nacionais, ao mesmo tempo que em casos isolados como França, Suécia, Alemanha, percebe-se o baixo fluxo de natalidade e o aumento da expectativa de vida. Tal fato, a médio e longo prazo, pode acarretar um colapso econômico e financeiro. Todavia esse não é ainda o caso do Brasil.

No Brasil, obras como a Perimetral Norte, Transamazônica, Ponte Rio - Niterói, Usina de Furnas, Usina de Itaipu, a própria Capital Federal – Brasília – foram construídas com recursos federais retirados dos fundos públicos e esses recursos nunca foram devolvidos. Esse é um dos fortes motivos para a crise previdenciária existente no Brasil atual e as constantes proposições do governo federal em sanar o déficit previdenciário, justamente atribuindo aos velhos parte da culpa pelos problemas previdenciários existentes no país.

Não somente no Estado se vê o despreço aos velhos, continua Oliveira (1999), os próprios trabalhos universitários, os estudos sobre sociedade e família – nos quais os velhos sempre estiveram presentes – tendem a falar sobre diversos e variados temas, omitindo quase sempre a velhice. Os velhos são capazes de executar muitos trabalhos e tarefas, o que existe de fato é a falta de oportunidade e ausência de paciência por parte dos mais jovens, que em sua ânsia por agilidade e vigor físico, relegam ao ocaso as experiências e as técnicas dos velhos.

Para Oliveira, é necessário tratar o idoso como ser humano. Eles não são mais jovens, porém ainda não estão mortos. Lembram, com ternas saudades, os anos da juventude que se distancia. Mesmo com dificuldades físicas, os desejos, sonhos e vontades ainda permanecem. Eles ainda almejam viver bem, serem tratados com respeito, consideração e apreço.

Uma possível resposta para a desconsideração pelo homem velho talvez seja a ilusão do homem moderno que procura esquecer o fato do envelhecimento de todos, inclusive o seu. O homem está envolto em ideologias e estereótipos de que o sofrimento da velhice que ele vê ocorrer no presente, não se aplicará a ele, no

futuro. Ele será a exceção. Isso só acontece com os outros. O homem com esse tipo de pensamento engana a si mesmo e se aliena quanto ao possível futuro.

A sociedade atual é cheia de engrenagens, a ilusão em relação ao problema da velhice está presente no cotidiano dos homens que agem como se não fossem envelhecer, partindo do núcleo da cultura em que vivem, por vezes conscientes, por vezes não.

Engrenagens que fazem do velho um robô, um boneco, um dependente, negando-lhe o diálogo, induzindo-o a comportamentos estranhos, sem atrativos, cadenciados pela repetição. Tolera-se o velho com visível má-fé. O velho é banido dos assuntos sérios, é discriminado. A degenerescência física natural gradativamente o faz carente, carência que se faz presente no uso de óculos, e próteses dispendiosas e difíceis de conseguir, oprimido na sociedade capitalista, pela “precariedade existencial”, aqueles (muitos) que não as podem adquirir (Loureiro, 1998, p. 41).

Com base nesse contexto, podemos comentar a relação do velho com o mundo ao seu redor, nas palavras de Ecléa Bosi:

O velho continua sendo um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. No plano físico, material, o coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, mais íngremes, as distâncias mais longas de percorrer, as ruas mais largas e perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar... O mundo fica eiriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas (Bosi, 1994, p. 37).

A sociedade narcisista contemporânea não reconhece nada que não é espelho das fases da vida humana, assim como a infância, a juventude, a vitalidade. A diferença entre as demais fases da vida e a velhice é que esta se encontra fisicamente desgastada, embora com o espírito vívido e dinâmico.

As práticas das lembranças dos velhos têm importância não somente na construção da cultura da sociedade e do vínculo passado-presente-futuro. O ato de lembrar é um exercício de auto-conhecimento e, de acordo com Souza (1999, p. 19 e 21), pode ser utilizado com fins terapêuticos para “resolver dilemas dolorosos da vida dos idosos”, uma vez que “para as pessoas idosas, a prática de lembrar pode contribuir para fortalecer ou restituir o senso de identidade e auto-estima”. Esse é um dos mecanismos que as pessoas idosas utilizam para manter sua integridade

psicológica. A atitude agradável de lembrar para um ouvinte solidário faz com que esses sujeitos narradores sintam prazer no rememorar e tenham um aumento na auto-estima por saber que existe alguém disposto não apenas a ouvir, mas a ouvir se importando com o que está sendo dito.

2.1.3 Presentificando o passado ou velhos em perfil

As entrevistas feitas com os homens e mulheres que já estão na chamada “terceira idade”, ou como os entrevistados preferem nominar, estão velhos, mostram uma vida de adversidades e anseios. Adversidades por causa das muitas dificuldades passadas nesses anos de vida, e anseios, porque buscam coisas melhores, ainda querem conquistar alguns de seus sonhos.

Seguimos o mesmo roteiro de entrevista para todos eles. Contudo, as respostas e as ênfases foram as mais diversas. Cada um segundo sua característica que o torna peculiar e que o atrela ao conjunto dos sujeitos narradores que contribuíram com seus relatos para a formação do *corpus* deste trabalho.

O roteiro semi-aberto⁸ com características semi-estruturadas⁹ contém seis temáticas pontuais. Com a primeira temática, iniciamos o ciclo de entrevistas procurando conhecer de forma geral as vivências de nossos entrevistados; através da segunda, buscamos que os entrevistados discorram sobre os espaço vivido, o lugar cultural e as territorialidades que fazem parte de seu cotidiano na atualidade; na terceira, buscamos a percepção, a representação e a visão que eles têm sobre sua experiência com a localidade em que vivem, enfatizando as significações e as re-significações desses espaços para eles; na quarta temática, explicitamos a idéia de cada um sobre o significado de morar no local tanto na atualidade quanto antes; pela quinta temática, temos uma relação direta da tradição com os novos costumes;

⁸ Roteiro semi-aberto é aquele em que se anseia respostas para algumas temáticas pontuais sem, contudo, delimitar os assuntos em suas especificações detalhistas.

⁹ As características semi-estruturadas se referem a tópicos que se completam para construção do objeto, sendo que estas apontam possibilidades de encaminhamentos para a fluidez das entrevistas e não cerceiam seu ritmo.

e, na sexta temática, os entrevistados falam de suas trajetórias ambientadas no bairro e as implicações decorrentes.

As entrevistas dão conta não apenas de trajetórias de vida e territorialidades, mas enfoca principalmente a relação estabelecida entre a linguagem dos sujeitos lembrantes e a geração desses sujeitos. É certo que para esses sujeitos as relações de linguagem e geração não ficam tão latentes, mas ao analisar suas vivências, expressadas pelas lembranças, temos acesso a uma necessidade muito forte de ser ouvidos, e mais que isso, de demonstrar que eles também tiveram vivências valorosas e que merecem ser registradas. Raimundo Martins, um dos entrevistados, representa bem o perfil dos velhos que ouvimos quando da coleta do *corpus* do trabalho:

Eu fui lá pra fazer... pagar o IPTU e tava no nome de outro... Foi... Eu vou contar... Mas filma aí, tá bem.... O meu IPTU veio um IPTU muito caro, aí eu fui lá na Prefeitura, (...)

(...) Eu trabalhei muito com ele... eu era diarista... Na vida da gente acontece tanta coisa, rapaz... Vou falar uma coisa pra você... Tá filmando?... (...)(Raimundo Martins, 2006).

Raimundo Martins não é o único a querer atenção. As linguagens expressas pelo falar e pelo ouvir tornaram-se cada vez mais constantes no decorrer das entrevistas. Os dados gerais por eles apresentados mais parecem um prelúdio a uma longa história que necessita de uma identificação futura, para garantir quem, de fato, é a pessoa que vivenciou aquela história.

Histórias como a de Seu Francisco e dona Nena, que fizeram questão de se identificar, citando, inclusive, seu local de nascimento e como encontra-lo. É como se houvesse a necessidade de um vínculo para dizer que se está em um lugar, mas o pertencimento de nascer se deu em outra localidade:

Meu nome é Francisco Monteiro... Tenho 62 anos... Eu nasci no laco, no seringal por nome Porongaba, a colocação chamava-se Pedrinha. Justamente essa Transacreana, passa mesmo lá, onde eu nasci, Porongaba, no laco... Onde ela passa pra beira do laco, dá 1 hora, a Transacreana passa justamente... é onde eu nasci.

(...)

Meu nome é Maria Lemos Costa, tenho 82 anos. Eu moro aqui no Palheiral há 38 anos... eu sou de Sena Madureira, nasci lá em cima no Rio

laco, 10 dias de viagem, subindo de rio acima. Nasci num lugar chamado Jaguari, lá era donde morava mamãe e meu pai, né? Aí eu nasci lá, nasceu eu e outra... Minha mãe separou do meu pai... E meu pai, a outra, ele quis pra ele... e levou... só deixou eu... Aí eu nasci em 25, em 1925, isso aí eu não perco... 25... 9 de outubro de 1925.

Essas vivências não se deram apenas em uma localidade, mas havia diferenciação até mesmo entre irmãos que parecem ter seguido o rumo oposto do que o entrevistado gostaria que tivesse ocorrido. Dona Nena, ao falar de sua irmã, em momento algum cita seu nome, apenas a trata como “a outra”. Sua fala parece estar eivada de lembranças que não refletem um relacionamento íntimo com a irmã, talvez por sua irmã ter morrido precocemente.

Aí quando eu nasci, um ano e pouco nasceu a outra, a outra tava com três mês de nascida, o meu pai morreu. (...)

(...) Lá, a outra, minha irmã, morreu à míngua (Nena).

Dona Nena não teve a chance de conviver com a irmã. Passou por muitas dificuldades e em seu discurso, ela se apegou à possibilidade de ter um futuro melhor em uma outra vida. Sua fala está repleta de citações de práticas religiosas e movimentos sociais em busca de melhorias para a comunidade. Ela demonstra ser uma mulher muito ligada à religiosidade professada – embora, por seu estado avançado de demência, já não tenha a chance de congregar.

Assim como Dona Nena, todos os outros entrevistados disseram ter religião, ser praticantes, crer em Deus, mas fica a idéia da confusão ocorrida entre eles quando se fala das diversas religiões existentes. Todos são católicos de nascimento, embora passassem meses sem ir à igreja e, atualmente, passem anos sem ir a um terço, novena, missa, ou correlatos. Fica evidente que esses homens e mulheres que assumidamente muito ajudaram a Igreja Católica no tempo das Comunidades Eclesiais de Base, atualmente estão afastados dos trabalhos religiosos.

É comum ver na casa de quase todos os entrevistados dezenas de imagens de santos e passagens com textos bíblicos relacionados à paz, segurança, estabilidade no lar, como o Salmo 23 – onde há a fala explícita do salmista em que Deus é o seu provedor que dele cuida, para que não falte nada – e o Salmo 91 – que explicita que mesmo em meio às adversidades, com lutas, batalhas, a pessoa

não será abalada. É como se houvesse um pedido de proteção e socorro a alguém que eles se acostumaram a chamar de Deus.

Esporadicamente aparecem em seus relatos a relação de Deus como um pai cuidadoso. Ele sempre aparece como alguém forte, que cuida, que pode se falar com ele, ainda que seja por intermédio da Virgem Maria, que fala com Jesus, que transmite a mensagem a Ele.

Um discurso muito atual presente nas teologias da prosperidade, e que não se percebe nas vozes dos entrevistados, é o fato de se pedir e até determinar prosperidade a Deus. Eles não exigem que Deus lhes faça prosperar ou que lhes dê tudo que querem, antes, buscam agradar a Deus e, como em uma troca, receber a graça almejada.

E sou católica, mas hoje não posso ir mais pra igreja. Sou católica a vida toda, desde que eu nasci, eu me batizei. Hoje eu não posso ir pra igreja, mas quando eu morava em Tarauacá eu ia... Eu não saio de casa. Não. Eu saio de casa só pra ir ao médico.

Tenho saudades do dia da procissão de São Francisco. Lá em Tarauacá a procissão era muito boa, muito animada. E é preciso que eu diga que não era pra essa menina não ser crente [a única filha evangélica]. A filha que falou contigo... porque ela nasceu no dia de São Francisco... Quando eu ia ganhar ela, o pessoal ia passando pra procissão de São Francisco... quando eu ganhei ela... E ela tem o nome de Francisca das Chagas... Aí eu tenho devoção em São Francisco. Aí, quando foi depois, eu saí... eu coloquei o nome de Francisca Ramona... Eu coloquei o nome de Francisco... Tudo são Francisco... Eu queria colocar o nome da minha filha de Francisca também, não coloquei porque já é tudo Francisca. Não, mas eu quero colocar o nome de Francisca em todos as outras... Eu fiz promessa a São Francisco das Chagas. Coloquei o nome de São Francisco em todos os meus filhos, só não em um que eu desobedei a minha devoção... aí ele morreu... (Antônia).

Minha religião é católica, nunca mudei... desde Ceará, tem meu registro, meu pai, minha família é tudo da Igreja Católica, não tem nenhum crente. Crente é modo de falar, né?... Mas é difícil eu ir pra igreja. Pra rezar, eu rezo daqui mesmo, de noite... (Raul).

Eu não me aborreço com nada, vou em frente... Graça a Deus, sou uma pessoa crente no Senhor Jesus... Estou com uns trinta anos, mais ou menos, que pedi arrependimento e sou feliz no senhor Jesus... Eu falo do santo evangelho pra toda criatura e me sinto tão feliz... Não sou muito sadia... Também, depois da minha idade... Tenho problema de coluna e problema de coração, mas, graças a Deus, isso aí não me faz ficar com medo... Medo de morrer, de adoecer... É assim são as coisas (Aldira).

Além dessa relação direta de aceitação de uma ou outra religião, também existem os que, como dona Raimunda, permanecem indecisos sobre o que fazer, e que caminho seguir no que concerne à sua religiosidade.

Sabe que eu nem sei qual é a minha religião que eu tenho. Eu nem ando na Igreja Católica, vou as vez na Igreja Evangélica, mas também não sou evangélica... não sou católica nem evangélica... mas, eu vou mais na igreja evangélica... Eu sempre vou, em qualquer uma que me der vontade de ir. Eu já passei dois ano na Casa da Bênção, passei três na Universal, passei dez na Batista, passei um ano na Quadrangular, mas eu não sou crente, não. Eu não estou preparada pra receber um batismo não... pra mim ser crente é acreditar em Deus, e isso acho que eu sou... Eu só vou ser crente de verdade no dia que Deus me libertar do cigarro, aí eu vou me batizar, que eu vou estar preparada... porque não adianta andar fumando escondido na minha casa... Eu posso até esconder dos irmãos, do pastor, mas eu não estou fumando escondida dAquele lá de cima... (Raimunda, 54 anos).

A idéia de precisar fazer algo para merecer a atenção divina está presente no discurso de quase todos os entrevistados. Eles acreditam que alcançarão a graça e a bênção divina se tiverem uma atitude que possa ser de troca da obediência pelo carisma divino. Mesmo os que assumiram diante da família a mudança de religião, em certos momentos das entrevistas deixam transparecer uma religiosidade embasada no cristianismo professado pelos praticantes da Igreja Católica: apenas dona Nenê foge a essa regra, talvez pelo fato de já ser crente há mais de 30 anos.

Quase todos os entrevistados participaram dos movimentos sociais nos bairros em que vivem, auxiliando diretamente na atuação da Igreja Católica na comunidade. Alguns deles, como dona Nena e dona Nenê, até incentivavam seus filhos a fazer parte de forma mais atuante. Dona Nena relata a atuação de seu filho na Comunidade Eclesial de Base do Palheiral:

O meu filho Adolfo trabalhou como monitor de jovens vários anos e em 1978 ficou sendo o coordenador da comunidade. Era ele quem programava as reuniões e fazia as celebrações, só não fazia a parte da comunhão. Mas uma parte daquele jornalzinho [Nós Irmãos] ele lia com o pessoal, fazia encontro do evangelho, colocava o pessoal em uma roda e fazia a leitura do evangelho do dia, começava a discussão e aí cada um falava o que entendeu.

Pra ser monitor precisava ter treinamento. Nesse tempo quem dava o curso de treinamento era o Ailton Rocha com o Nilson Mourão. Eles passava e entrava na sexta-feira de tarde lá na sala paroquial da Imaculada Conceição. E ficava a noite, passava o sábado e o domingo e saía de tarde, estudando o evangelho mesmo, não é? Depois fazia curso de liderança.

O monitor era como se fosse um juiz pra fazer as paz, cuidar das famílias, das crianças, tudo, tudo era ele... era como se fosse um delegado nesse tempo. Tinha que arrumar o casamento de fulano que tinha brigado com o marido, que tinha batido na mulher, e tinha que ir fazer as pazes. Tudo eles fazia... buscava melhorias pra rua, pro bairro, esses negócios tudo.

Assim como Adolfo, Ester, filha de dona Nenê, também atuou nas CEBs. Sua mãe conta como foi a experiência da filha em fins da década de 1970 e início da década de 1980:

Minha filha, a Ester, quando chegou de Tarauacá, veio mais ou menos evangélica, né? A gente teve na igreja, lá. Visitava a Igreja Batista, mas não assumia nada, não. Depois, ela ficou na Igreja Batista um tempo e saiu quando eu fui freqüentar a Comunidade de Base. Isso eu acho que era em ... 82... não, 78. Quando ela começou, já tinha essa igreja aí [do Palheiral]. Era de madeira, de tábua.

Aqui tinha o padre João Carlos, depois, veio o padre Máximo, e, depois, o Asfuri. Aí, depois, foi indo, foi aumentando... Nós se reunia no Centro Comunitário, fazia reunião aí, pra um Centro da Diocese.

Minha filha teve uma época que pegou até esgotamento físico... Passou muito tempo doente. Aí, eu... ficou nessa situação lá no... Tinha um grupo evangélico [CEB] lá no João Eduardo, na casa da Laura. Era um grupo de evangelização. Dia de sábado, nós ia pra lá e já tinha convidado o pessoal... Reunia aquele povo... No João Eduardo tinha muita gente pobrezinha... e nós aprendemos a se envolver com as pessoas, e ter amor pra lutar.

Esse João Eduardo que falam aí era um homem dessa mesma luta dela. João Eduardo era um homem que aí morreu, mataram ali, e colocaram esse nome véio no bairro. Era um homem que trabalhava mais ela.

Olha, era assim: o padre passava uma semana... eles pegavam... era tipo reunião... tinha pra ler... eles passavam o que tinham que fazer. Aí ela ia toda semana.

Pois sim, meu irmão... Aí, dali, foi quando ela saiu da Igreja Católica. Passou não sei quantos meses no hospital, tomando soro. Ainda ficou três dias no Distrital, dali foi começando a deixar tudo pra trás.

Teve até uma briga por terra mais ali... pra demarcar... Quando, na invasão, teve aquele cara que vai lá, cortando, dividindo os terrenos, pra não haver aquele tumulto, pra organizar... Ele era organizado... Como ele era do movimento popular, quis esse movimento popular, né?! A Igreja Católica tinha a orla política e o movimento de ajudar as pessoas. Porque tem pessoa que é parada, não sabe pra onde vai, não decide pra onde ir. Então, ele ajunta assim, reúne um povo pra ir... Aí o João Eduardo, ele era desse tempo de gente que era mais esclarecido do que os outros... Foi isso que aconteceu.

Minha filha chegou até a diretora. Essa aí, a mais velha, do rebanho. É pau pra toda obra, qualquer serviço, lutava. Isso aqui não, mas pra qualquer serviço braçal, é igual a um homem. A coitadinha já está derrubada, né, doente, cheia de problema.

No relato de dona Nenê é possível identificar a trajetória de luta de sua filha, Ester, juntamente com a luta do líder comunitário João Eduardo. Perpassando o recorte do discurso, de uma ponta a outra, vemos o sofrimento das pessoas, as lutas enfrentadas. Quando dona Nenê cita que havia um grupo de evangelização no Palheiral, esse era o mesmo grupo em que Adolfo, filho de dona Nena, atuava. Quando ela cita o grupo de Evangelização na casa de dona Laura, esse é o mesmo

grupo de nossa entrevistada, dona Laura. O grupo de evangelização da Igreja Católica na casa de dona Laura é proveniente das lutas e evangelizações do grupo do Bahia, o mesmo citado por seu Raul Isaías e por dona Raimunda. Dona Ivete congregava no grupo de evangelização do João Eduardo II, também fruto do grupo do Bahia, trabalhou com João Eduardo e ainda na atualidade tem relações de vizinhança com seu Martins.

A distância entre suas moradias os separou, mas as atividades religiosas os uniu como podemos verificar em seus relatos. A religiosidade está presente em todos eles. Seja em seu Francisco, dona Laura e dona Nena, que têm seus relatos cheios de paralelos bíblicos e versículos citados de cor; seja nas mais de 30 imagens de santo na casa de dona Nena, ou nas mais de 60 imagens na casa de dona Antônia.

Pessoas que moram distantes da casa uns dos outros agem e interagem em benefício da comunidade. Muitos deles não se conheciam e ainda não se conhecem de nome. Mas em seus relatos, uma vez ou outra os seus caminhos se cruzaram. Mesmo sem saber quem eram os outros sujeitos entrevistados da pesquisa. De certo, nem mesmo o pesquisador tinha noção de que as trajetórias de vida se cruzariam tão entrelaçadamente. Esse entrelaçar deu-se principalmente nas relações como líderes de associações de moradores e líderes de grupos de evangelização da Igreja Católica.

2.2 A constituição social da memória

2.2.1 A memória, a identidade e o tempo

As identidades individuais e coletivas têm forte suporte na memória, uma vez que a memória é uma construção presentificada do passado, sendo ela renovada no tempo e nas representações de seu processar nos diversos ritmos, individualidades e coletividades.

Uma vez que esses processos não se dão fora do tempo ou do espaço, as representações sobre o tempo se referenciam na materialidade real, que se relacionam com os momentos e movimentos históricos, tanto quanto com a interpretação desses momentos.

É certo que existem várias conjunturas da história; a real construção dos fatos e acontecimentos envolvidos são imutáveis, contudo a interpretação que envolve esses processos específicos são naturalmente influenciadas pelo tempo no qual as testemunhas e os sujeitos envolvidos estão inseridos. Não é uma questão de relativizações, mas de compreensão das manifestações cognitivas de cada ser envolvido que tem seu viver pontuado no tempo e no espaço.

São múltiplos os movimentos da história, muitas vezes, contraditórios entre si; são simultâneos e se integram a uma mesma dinâmica histórica; são faces diferentes do mesmo dado, conflituosas, contraditórias com fissuras e diferenças, mas que se integram e interagem em um mesmo “corpo histórico”. Seguindo a mesma perspectiva em questão, Delgado (2006) afirma que:

Os movimentos da história são múltiplos e se traduzem por mudanças lentas ou abruptas, por conservação de ordens sociais, políticas e econômicas e também por reações às transformações. Na maior parte das vezes, esses processos, contraditórios entre si, acontecem simultaneamente e se integram a uma mesma dinâmica histórica.

O trabalho com a oralidade está no campo interdisciplinar, utiliza literatura, iconografias, escritos, música, lembranças, dentre outros, em um diálogo interativo com a psicologia, psicanálise, literatura, antropologia, historiografia e tantas outras área das ciências humanas e sociais.

O procedimento metodológico da pesquisa com base na oralidade para a produção de conhecimento, recorre à memória como principal fonte de subsídio e alimento das narrativas que constituíram o documento final, que produzirá a fonte histórica. Esse processo premeditado envolve o entrevistador, o entrevistado, e a aparelhagem de gravação, estimulando a “construção” e interpretação histórica nas dimensões de tempo, consenso, conflito, espaço, fatos, lugares, fronteiras, fissuras, intermitências, deslinearidades, dentre outros. Porque com esse procedimento não

se almeja a compartimentação da história vivida, mas o registro de depoimentos sobre essa história vivida.

O tempo da memória e o tempo histórico estão diretamente interligados pela experiência ou pelo experienciado. As conexões que reconstituem essa dinâmica e reproduzem, de forma refletida, o passado no presente, atuam através da dinâmica da vida pessoal ligada aos processos coletivos, que põem-se, interpõem-se, sobrepõem-se, intrapõem-se, expõem-se, dispõem-se e também se impõem nas vivências narradas e/ou esquecidas pelo entrevistado.

É válido ressaltar que o tempo da memória vai além do tempo de vida do indivíduo, já que é nutrida pelas interações e inter-relações registradas na *psiqué*, transmitindo as experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. Por isso, dizemos que os tempos são múltiplos e essa multiplicidade não apenas aparecerá, mas interferirá nos documentos produzidos.

O tempo do passado pesquisado entra em choque, contraposição e novo posicionamento quando percorre a trajetória de vida do entrevistado, também o tempo presente que estimula o roteiro e as perguntas do entrevistador interfere na história de vida e/ou história vivida, já que a memória é um leque de infinitas possibilidades dialógicas, reveladoras de lembranças, principalmente -, mas que também velam e ocultam atos, atitudes e acontecimentos que os seres humanos criam inconscientemente para se proteger de traumas, dores e emoções que marcaram sua vida.

O tempo individual, muitas vezes, confunde-se com o tempo coletivo na memória. Os substratos do ato de recordar estão diretamente ligados aos estímulos para o afloramento de lembranças e sinais exteriores ao sujeito lembrante, em uma “flutuação da memória”, a qual surge sem aparente causa ou “ativação da memória”, a partir de incentivos e estímulos no decorrer do processo de exposição da memória.

“As imagens” muitas vezes são disseminadas pela memória coletiva como uma rememoração de um tempo passado que foi bom ou apazível; contudo, muitas dessas memórias não foram “vivenciadas” pelos sujeitos relembrentes, antes são registros legados de uma geração à outra, em uma representação disseminada pelo

senso comum, por familiares e amigos, ou ainda, em muitas vezes, essas memórias foram institucionalizadas e refletem na fala do sujeito relembrente.

Dessa forma, o “passado não vivido” se integra a cada pessoa que se identifica com épocas, situações, em uma inserção na memória coletiva.

Portanto, o procedimento da coleta de relatos orais está integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos. Objetivando a construção de fontes ou documentos que subsidiem o registro de lembranças e esquecimentos da memória sobre um outro tempo, a partir de narrativas entrecortados por emoções do passado, ressignificadas pelas emoções presentificadas.

Não existe neutralidade em qualquer forma de se abordar o passado, não somos teóricos flutuantes ensejando a verdade pura, abstraída de juízos de valor. É preciso interagir em uma correlação de convergências e divergências reconhecendo o dinamismo do passado, construindo o conhecimento que atua no tempo presente e resguardá-lo como “matéria-prima” para o futuro, uma vez que a história e a memória são articuladas pelas relações temporais “fecundas e necessárias para a afirmação da condição humana. Os homens são agentes da história e sujeitos da memória, do esquecimento e do saber” (DELGADO, 2006, p. 57).

Na dinâmica da temporalidade, a multiplicidade está inclusive no que é específico, e por sua vez é plural, pelos entrecruzares das experiências vividas que não se isolam ou dissociam da totalidade das interações humanas. Uma pessoa pode até escolher se isolar em um lugar, por muitos dias seguidos, mas não pode isolar o fato de sua ausência ser sentida, ou seus atos costumeiros não mais estarem por ele sendo praticados, ou ainda, sua voz ausente ser presenciada e notada.

As temporalidades têm suas próprias conjunturas e somente mergulhando nelas o pesquisador logrará êxito na atuação inicial de buscar conhecer o passado. Na turbidez da memória, a amplitude heterogênea do passado é vislumbrada com o interesse do tempo presente. Entretanto, as constantes mutações e movimentos tornam mais complexo o passado que de amplo e diversificado torna-se inexpurgável em todas as suas dimensões. Por isso, a necessidade de construção e representações e ressignificações sobre o passado percebido pela memória.

Os conceitos que marcam a espacialidade do tempo e a temporalidade do espaço estão diretamente ligados aos valores e imaginários que as ações humanas lhes conferem. Ao tentar identificar, analisar e interpretar as ações humanas, suas trajetórias e temáticas, devemos levar em consideração não somente a simultaneidade social mas também quatro elementos que caminham juntos: o tempo, a memória, o lugar e a história em suas pluralidades conjunturais, para a construção, ainda que de forma fragmentada e tensa, das identidades desses homens e mulheres sujeitos lembrantes. Delgado (2006) conceitua tempo explicando suas relatividades e projeções:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, característica e ritmos, que inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2006, p. 33).

Para Delgado, as análises do passado sempre são influenciadas pela marca da temporalidade. Há sempre as demandas do tempo em que se vive e as representações desse tempo. Esse tempo influencia diretamente a forma como os olhos vêem o que foi vivido e a reinterpreta, sem modificá-la.

As vozes da memória constroem a dimensão de tecido social e das identidades coletivas através de diferentes linguagens. A inter-relação de temporalidades deve ser buscada como forma de captar o passado que se constitui como espaço vivificador entre relações históricas, as memórias e as identidades, na certeza de que estas são melhor reconhecidas e analisadas a partir dos processos cognitivos incorporados à trajetória de vida dos entrevistados.

São muitas as variáveis das identidades, e estas estão em permanente construção. Na integração da tessitura constitutiva das trajetórias, percebemos as identidades como simbologias, valores, crenças, hábitos, experiências e tantos outros atributos culturais.

As identidades dos sujeitos lembrantes de Rio Branco são atravessadas por outras identidades, com orientações políticas, sociais, sexuais, de gênero, dentre outras. Elas se mostram na vida cotidiana, na complexidade de muitas frentes e em todos os níveis da cultura. Não há uma identidade única desses sujeitos lembrantes.

Antes a constelação de idéias expostas demonstra as tensões existentes, os conflitos e as similitudes.

As identidades estão intimamente relacionadas com o significado das experiências das pessoas. É um processo em construção de significados que têm como base a cultura e as ações de sociabilidade. Existem identidades múltiplas, como afirmou Hall (2004). Identidades e papéis sociais não devem ser confundidos, estes estão envoltos e normas e estruturas de organização das sociedades, enquanto aquelas são fontes de significado para os próprios atores e são construídas pelos indivíduos nos processos por eles vivenciados.

O processo identitário é produzido quando da autoconstrução internalizada pelos atores que atribuem a esse processo um significado. Contudo, em nossa sociedade patriarcal há a confusão entre o papel dos homens e das mulheres – que estão ligados a funções executadas socialmente nessas sociedades – e suas identidades construídas.

O que se observa como padrão é que a identidade tradicional outorgada em sociedades patriarcais produz um sentimento de baixa auto-estima nas mulheres. Este é o ponto central. No processo de desconstrução da identidade, o quantum de auto-estima se altera, na identidade reconstruída aprendem a gostar-se e respeitar-se mais, ter autoconfiança, justamente por ter sido capaz de romper com o modelo dominante (GARCIA, 2004, p. 9 e 10).

A relação entre homens e mulheres interfere diretamente na identidade forjada sócio-culturalmente. Muitas das tensões estabelecidas estão centradas não somente nas atividades religiosas, de raça ou de viés político-ideológico – elas também estão presentes nas relações de gênero estabelecidas no seio da sociedade.

A partir das tensões não resolvidas, que em muito influem nas conjunturas históricas, pessoais e estruturais, percebemos que o fluir do lembrar, esquecer, interagir, internalizar, presentificar, enfim, o rememorar em suas múltiplas faces estão envolvidos com/pelo ato migratório executado, redimensionado e ressignificado pela energia criativa existente no sujeito da memória.

A idéia de identidade constituída nesse contexto vai além de um pretense nomadismo ou uma transitoriedade, em que o querer não fixar raízes é explícito no sujeito da memória. Na implicitude do fluir as memórias, as identidades vão se

formando, ou mostrando suas formas, no expressar da cultura desses seres humanos ao discorrer suas trajetórias de vida. Quando a essas identidades culturais, Hall escreveu:

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de história e repertórios culturais de enunciações muito específicos, que ela pode constituir um “posicionamento”, ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de identidade com todas as suas especificidades (HALL, 2006, p.408).

Dialogando com Stuart Hall, sentimos a necessidade de formular posicionamentos sobre a cultura popular uma vez que em nosso trabalho temos utilizado a relação da memória a partir dos relatos de homens e mulheres do povo, ou seja, ele está embasado na memória construída em meio a cultura popular. Por esse diálogo, nos vêm duas questões: O que seria essa cultura popular? Como ela se apresenta nas relações sociais vivenciadas?

O termo cultura popular é utilizado desde o século XVI, pós Reforma Protestante, passou por diversas implicações e reformulações nos séculos seguintes, em especial no XVIII, quando revirou a “sociedade refinada” com seus estudos das tradições populares dos trabalhadores pobres. No século XIX, com a “distinção cultural”, moral e econômica, providenciada pelas reformas legislativas e regulamentares, a cultura popular foi apropriada pelas lideranças político-institucionais que estabeleciam “a lei e a ordem”, distinguindo o popular do refinado. O século XX também teve o seu momento ideologizador, a partir do “imperialismo popular”, com a reorganização geral da base de capital e da indústria cultural, fazem arremedos de representações populares na tríade. Ver os movimento populares, aprimorar-se deles e ressignificá-los, para então, levar novamente ao povo essa “cultura popular” que as classes mais abastadas consideram concebíveis ao modo de vida da população.

Muitas são as teorias de cultura popular e não é nosso foco trazê-las todas à tona. Tampouco asseverar cronologias ou veracidade a qualquer delas. Contudo, há a necessidade de expor o que é popular em nossa concepção, então iremos

contrapor duas terminologias mais utilizadas na atualidade para podermos explicitar a compreensão de popular aplicada neste trabalho.

Há uma variedade de significado do termo popular. Diz-se que algo é popular porque grande número de pessoas o compram, lêem, escutam e apreciam muito. Isto é uma definição mercadológica de popular que está diretamente associada a manipulação do povo e de sua cultura. Uma cultura comercialmente fornecida que levam a um estado de “falsa consciência”. Por isso, alguns poderiam pensar que esses são uns “tolos culturais” por se deixarem envolver, sem terem adquirido a consciência de que estão sendo alimentados com o ópio do povo. E nos satisfaz o fato de podermos denunciar as indústrias culturais capitalistas como agentes de manipulação e decepção dos que por elas são influenciados.

Por outro lado, a tentativa de contrapor a essa cultura uma cultura “alternativa”, que seja íntegra e expresse a autêntica “cultura popular” das classes trabalhadoras não é melhor que a primeira. Porque esta não considera as relações de dominação e subordinação do poder cultural. Não apenas pelo fato de as relações de autonomia, coações, rupturas e resistências serem no tempo e no espaço, dentro do social ou no entorno deste pelas periferias das situações congêneres. Em segundo plano, o poder da inserção social está intimamente ligado às materializações de atos e pensamentos atuantes nas formulações interativas desses sujeitos. O produzir da dimensão de autonomia é aplicável e sustentável no mundo das idéias, sendo sua aplicação na concretude real uma projeção turva e obscura do conceito inicial.

Essas pessoas não são tolas culturais, elas são capazes de reconhecer como as realidades de suas classes são reorganizadas, vêm a forma como são constantemente remodeladas, reconstruídas e reorganizadas. É certo que as classes que concentram o poder cultural acabam por dominar ou ter a preferência. As formas impostas influenciam diretamente o agir, porque nenhum grupo social é isolado em si, por si e para si. As relações de poder cultural, ainda que irregulares e desiguais, demonstram que a cultura dominante tenta constantemente desorganizar e reorganizar a cultura popular, mas também pontos de resistências e momentos de suspensão.

No permanente campo de batalha da dialética cultural, não se obtêm vitórias definitivas, o que se têm são posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2003).

Quanto à cultura popular, Stuart Hall (2003, p. 243) afirma que “A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a luta dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a alma do consentimento e da resistência”.

Ainda tendo por vista o enfoque da cultura popular no viés das identidades, como práticas de resistências, Sayonara Amaral, a tradutora de Stuart Hall para o Brasil, afirma que a cultura popular para Hall:

É constituída por tradições e práticas culturais populares e pela forma como estas se processam em tensão permanente com a cultura hegemônica. Nesse sentido, ela não se resume à tradição e ao folclore, nem ao que mais se consome ou que se vende; não se define por seu conteúdo, nem por qualquer espécie de “programa político popular” preexistente. Sua importância reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistência populares, abarcando, assim elementos, da cultura de massa, da cultura tradicional e das práticas contemporâneas de produções e consumo culturais (HALL, 2003. p. 330).

A memória expressa não apenas as identidades, mas também as multiplicidades de línguas, racismo, particularismos, etnicidades, xenofobias, xenofílias, sexismo dentre outros processos culturais. Nesse sentido de expressões múltiplas, Antônio Montenegro faz uma distinção entre o campo da Memória e o da História, afirmando que:

O campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história. Mas, enquanto a memória resgata as relações do que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador. Os diversos órgãos formadores de opinião – rádio, televisão, jornais, revistas ou instituições como o Estado, a igreja, os sindicatos – caracterizam-se como produtores de todo um conjunto de explicações / representações acerca da realidade (2003, p. 20).

As identidades estão sempre em curso, é na relação tempo/espço que se tensiona a memória que almeja conhecer as referências fundamentais do passado.

As lembranças são sempre tencionadas no tripé memória/tempo/espço, é pelo entrelaçar dessas que aquela resgata de forma presentificada o passado vivido, ainda que vivido como substrato parcialmente construído das identidades.

Paul Thompson (1992) disse que "A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo". Isso fica muito claro na fala de vários entrevistados, quando expressam como era a vida décadas atrás. Há um ar de veracidade mesclada com sonhos, sonhos que podem ser reais ou imaginários, mas que de fato ocorreram, ainda que na memória deles.

A prática cotidiana retratada pela memória dificilmente está ligada à consciência dos fatos e sua vinculação com o imaginário do passado que transcenda "o mundo das experiências imediatas e das explicações do senso comum" (MONTENEGRO, 2003, p. 23).

Esses elementos expressos na narrativa quase nunca levam em consideração as implicações político-econômico-sociais dos atos vivenciados pelos sujeitos lembrantes, na própria relação vivida. Assim, fica evidente que para muitos entrevistados a vida se resume às suas próprias histórias de vida e trabalho. Os entrevistados narram os acontecimentos que perpassam de forma transcendente aquilo que se apresenta de forma mais imediata em suas vidas, ora por aspectos comuns, ora por experiências do cotidiano.

2.2.2 Memória autobiográfica e trajetórias de vida

A memória autobiográfica é um construto que se refere à habilidade de recordar conscientemente de experiências individuais vividas no passado. Esses episódios experienciados pessoalmente ocasionam registros duradouros na memória de longo prazo a ponto de mesmo vários anos após o ocorrido, a recordação desses eventos pessoais se fazer presente.

Essas memórias pessoalmente importantes e duradouras são revividas como eventos marcantes, memórias definidoras, episódios nucleares, enfim eventos marcantes que a partir das funções psicológicas dos indivíduos são expressas e relacionais no contexto social. Seu Francisco relata dois episódios de sua vida que parecem ser fatos isolados e distintos ao mesmo tempo que se estabelecem como um construto, uma forma única de ser pelo narrar. O primeiro relato é sobre sua infância e o segundo sobre sua adolescência:

Minha mãe teve vinte e dois filhos, mas só que viveu mesmo, só tinha doze, os outros tinham morrido... Aí, agora, um tempo desse pra cá, morreu um bocado... agora, nós estamos em seis filhos. Naquele tempo, a mulher tinha filho, aí, à vontade... Naquele tempo que eu fui criado, não tinha esse negócio de leite em pó, isso e aquilo... O leite, fazia ele fraquinho, ainda colocava açúcar dentro... A massa era a macaxeira, espremia em um pano, colocava pra secar no sol, aí a gente comia. De primeiro, era criado tudo assim... A minha mãe é uma mulher que teve esses vinte e dois filhos. Ela nunca ocupou a bater, não. Minha mãe era filha de índio.

(...)

Alguns homens que moravam nos seringais... eles atacavam nesse tempo... atacavam os índios pra tomar os seringais... Atacavam os índios, matavam pra ficar com o lugar... Eles atacaram uma maloca de índio, aí, matava os índios... Aí, o meu avô disse que era bem novim... um indiozinho bem novinho... Aí, ele teve pena de matar, pegou e levou pra criar. Aí criou ele. Aí, depois que ele ficou grande... Aí, diz que quando ele cresceu, o tino dele era na mata... Só que, quando deu fé, ele chegou com o outro caboco... O velho falava as línguas dos cabocos, aí conversou tudinho... Aí o velho vai, e pega a cachaça, dá pro outro caboco. O caboco levou pra maloca. Aí, quando deu fé, os cabocos chegavam tudo com aqueles caldo pra trocar por bebida. Aí foi quando o velho domou eles. E eles, trabalhando com o velho, de graça (Francisco).

A construção produzida pelo sujeito lembrante traz a percepção da construção de vivências como se elas fossem lineares, sem fissuras, em uma seqüência. Fato que não ocorre nos relacionamentos humanos, haja vistas os homens se relacionarem mutuamente, construindo várias possibilidades de sociabilizações ao mesmo tempo em que se percebem enquanto sujeitos da ação que pela memória se fazem representar.

Se por um lado lembrar de eventos altamente emocionais, sejam eles positivos ou negativos, pode ajudar a prevenir situações ruins e tomar a direção do sucesso; por outro lado, não dispor de todos os eventos irrelevantes do cotidiano é útil ao funcionamento cognitivo normal, o que propicia um comportamento adequado ao ambiente (GAUER; GOMES, 2007). Estudos mostram que muitas das habilidades

de promover lembranças específicas são cerceadas na memória por transtornos específicos, demências, depressões e outras doenças.

Mas nem só de Alzheimer, demências e apatias são formulados os esquecimentos que interferem diretamente na memória. As memórias de eventos marcantes ajudam no crescimento dos seres humanos, desde a tenra infância até a velhice, especialmente quando essas memórias são compartilhadas socialmente. Contudo é comum que a memória nos preguie peças, seja por um branco na hora da prova, por não lembrar o nome de um conhecido ou porque tivemos um *déja-vu*¹⁰.

Assim como temos a capacidade de guardar informações voluntariamente em nossa memória – ainda que influenciadas por fatores ambientais e emocionais, atenção prestada, relevância dada ao evento e lembranças – também podemos esquecer voluntariamente ao evitar, pensar e não lembrar voluntariamente – o que vai fazer com que o cérebro ao formar um “arquivo”, cheio de caminhos produzidos por associações de acesso a informações, tenha sempre em prontidão o que é mais acessado e em menor quantidade a memória armazenada que não se tem o acesso a ela.

Meus pais trabalhavam na agricultura, plantando feijão, milho, algodão. A vida lá era mais ou menos, né?! Quando era inverno, não era muito boa não, na seca era uma tristeza... Três anos de seca, né?! Sofria... A seca no Rio Grande do Norte, no Ceará, Nordeste todo, sabe, não chove, seco mesmo de passar três anos sem chover... aí era pecado mesmo. (...)

E a vida era pesada. A vida é assim mesmo, a vida toda foi batalhada mesmo, muito batalhada.

Lá nós comia caça do mato... que matava... veado, embiara; embiara que a gente chama é galinha, jacu, animal de pena; e mercadoria que era do barracão. A gente pedia pirarucu, era o que vinha, jabá, tabaco... era o que vinha do barracão (...) A vida era daquele jeito. Pode perguntar a todo seringueiro que trabalhou com seringa que ele vai dizer. A vida de qualquer caba que trabalhou com seringa é a mesma essa história (Zacarias).

Seu Zacarias pontua duas fazes de sua vida: sua infância ligada ao trabalho duro no sertão e sua juventude nos seringais da Amazônia e o trabalho duro na floresta. Em ambos os casos o fato de o árduo trabalho estar presente em no discurso de seu Zacarias demonstra a importância que este dá ao mesmo. A importância de lembranças como as do seu Zacarias se apresenta no campo da

¹⁰ Aquilo que dá a impressão de já ter sido visto. Sensação de já haver estado em determinado lugar ou certa situação quando isto, na realidade, não aconteceu (Dicionário Aurélio, 2000).

memória autobiográfica quando o sujeito lembrante se demonstra capaz de experienciar conscientemente uma representação mental de algo específico, real ou imaginado. GAVER (2007), afirma que a memória autobiográfica lida tanto com informações de natureza episódica e proposicional, quanto semântica e procedural. Para o autor o sujeito relembrente pode efetuar uma série de julgamentos, mais ou menos reflexivos, sobre propriedades dos eventos e das memórias; assim os eventos lembrados de forma mais vivida e que despertam mais emoções, são avaliados como os eventos mais importantes.

Nesse ponto percebemos os velhos habitantes do Terceiro Eixo fazendo parte do sistema reflexivo que atrela a emoção, a memória e o significado pessoal atribuído. A começar das festas nas colocações em que viviam, perpassando pelos encontros nos bairros em que vivem.

Lá no seringal Bom Destino tinha festa no centro... tinha aquele pessoal que fazia festa, brincava, bebia cachaça e era aquele rolo, mais tinha aquele divertimento, não é? Agora eu vou explicar uma coisa pra você também, lá brocava o roçado de adjunto, mandava pro outro, fazer a festa, dá de comer àquele pessoal... O pessoal trabalhava, bater terçado o dia todo só pra essa festa, aquela rapaziada, tinha cara... tinha homem lá que era boa pessoa, carregava até de 60 homens, brocava o roçado, derrubava todinho, o roçado era grande... Aí, de noite, tava aquela festa, né? Aí, tinha festejo de dia de ano, tinha festejo de tudo, todos os anos tinham, né? Agora só tinha naquela época, gostava de matar os outros, nera? Naquele tempo era o revolve do lado, nera? Faca do outro lado, era o ideal deles, lá eu tinha até medo daquilo, cada qual tinha uns 38 do lado, facona. Aí tomava cachaça, deu muita briga por lá também. Foi o tempo que eu cheguei lá, me assombrei, iche! Aí, lá, eles não tiravam a mão da cintura, não. Mas, eles faziam festa e festa boa, tinha festa de São João, de São Pedro e Santo Antônio, aí era festejo, iche, tocado de Porto Acre, Venceslau, vinha tocar naquelas festas tudo... Tudo era festa, naquele centro, agora só dava mais era homem, mulher era pouca que naquele tempo quase não tinha... E pra dançar era só... dançava só, nera? Não vi dançar homem com homem, não... mas dizem que dançava, antigamente (Raul Isaías).

De primeiro eu ia trabalhar e minha família ficava sozinha, só a mulher e os meninos. Os meninos brincavam aí até meia noite, da Bahia até a beira do rio. Quando alagava ficava a praia, na lua, ia virar cangapé nessa areia, tomava banho no rio de madrugada, ninguém via um homem, ninguém tinha medo de nada (Zacarias).

Assim como os lembrantes não interpõem em suas falas as agruras cotidianas, antes, relatam a parte boa de voltar para casa e vivenciar momentos ternos com a família, de mesma forma vários outros sujeitos lembrantes põem em seus discursos os substratos de memórias que estão acessados como de vivências episódicas.

Quando eu nasci, lá no Acural, tudo era muito alegre, lá... muito alegre mesmo. Era festinha na beira do rio, faziam aquelas festa... Eu ia nas canoas, passava a noite dançando. Eu já era casada e eu ia mais o meu marido. Aí nós dançávamos a noite toda. Lá não tinha problema de querer roubar a mulher dos outros. Nós tudo era amigo, as casadas dançavam com os maridos dela, e as solteiras dançavam com os maridos das outras, mas não tinha negócio de ciúme (Antônia).

Fizeram uma igreja pequena, e já desse lado de cá foi feita uma latada pra todos os sábados e todos os domingo... a gente tinha venda ali, uma venda pra aumentar o tamanho da igreja. A gente tinha aquela venda... eu era dona da macaxeira, do nescau e do café, os outros tomavam conta do resto (...).Aí tinha os grupos das mães, o grupo dos pais e o grupo dos jovens. As mães se reuniam dia de sábado, das duas horas até às cinco. Era dois... era dois... Aí os pais entrava até oito da noite. Aí os domingos era dos jovens. A gente ainda juntamos setenta e... sessenta e três mãe e os jovens ainda juntava quase oitenta (Nena).

Essas e outras memórias de velhos parecem ser mediadas, em grande medida, pelas emoções e pelos processos hormonais e neurais, numa consolidação das memórias duradouras que para eles fazem parte de processos significativos.

Gaver e Gomes (2007) citando Conway (1996), afirma que há três níveis hierárquicos de memórias auto biográficas: os eventos específicos, as memórias gerais e os períodos de vida. Clarificando os contextos dos eventos do nível mais baixo (eventos específicos) até o mais alto (período de vida).

A memória autobiográfica é um processo de interação entre a memória episódica (eventos pessoais) e a memória semântica (significado pessoal dado aos eventos), entre cognição e emoção.

A memória como qualquer outra parte do corpo necessita de exercícios e ambientes que favoreçam conforto e situações nas quais se possa exercer atividades que levem ao processamento das informações. Por isso, é necessário manter-se mentalmente ativo, reservando um período de tempo contínuo para aprender, bem como boas condições de trabalho em ambiente que favoreça visão, audição, locomoção e outros detalhes práticos, ao lidar com a memória. É preciso evitar tensões e manter contato social. O ato de fazer novos amigos e comentar as vivências traz à tona as lembranças há muito guardadas na memória, além de possibilitar nossas perspectivas ao fluir da memória na aplicabilidade prática do cotidiano.

Eu entrei na Universidade pra trabalhar em 80, 25 de fevereiro de 80. Trabalhei até... 2004. Ainda hoje quando eu chego na Universidade, os professor diz: “ Rapaz, volta pra marcenaria que tu tá fazendo falta”. E eu digo: “Volto nada, que eu já aposentei.” Mas, graças a Deus, trabalhei muito bom, muitos amigos, muita gente que eu tenho muita consideração. Todos os professores da Universidade que eu conheço são legal comigo. Os funcionários daquelas repartições tudinho. Eu nunca mais trabalhei não. Depois de aposentar eu fiquei só andando praqui praulá (...). Eu vou pro centro da cidade, fico lá até 11 horas, aí venho pro almoço. Faço algumas besteirinha em casa (Zacarias).

É muito provável que o estilo de vida de seu Zacarias tenha contribuído diretamente para que sua memória do tempo passado distante e do passado próximo seja tão rica em detalhes e expressões.

É certo que quando se é idoso, velho ou da “terceira idade”, como se prefira chamar, as lembranças já não fluem com a mesma intensidade e rapidez com que costumavam fluir na juventude. Por isso, há a necessidade de conhecer novos ambientes, aprender coisas novas, perguntar sobre coisas que não entendeu, comer adequadamente e exercitar-se, sempre com o objetivo de uma vida mais saudável e a possibilidade de uma velhice mais relacional.

2.2.3 Demências e apatia influenciando a memória e o esquecimento

A maioria das pessoas sofre, em algum grau, com o ato de esquecer, o que costumeiramente chamamos de “branco”. É comum não lembrarmos de algumas coisas que temos para fazer ou onde pusemos determinados objetos. Aliás, nunca se cobrou tanto da memória quanto nessa “sociedade da informação”. Há tantas coisas a lembrar: nomes, lugares, situações que o cérebro não comporta tantas informações a serem disponibilizadas em qualquer momento. Entretanto, naturalmente, a perda de memória é, muitas vezes, mais séria do que isso.

O cérebro, como o restante de nosso organismo, passa por modificações com o envelhecimento, o que faz com que, em muitos casos, a perda de memória seja normal. O psiquiatra Samuel Gershon afirmou que

perdermos cabelo, ficamos grisalho, nossa pele perde elasticidade, não conseguimos manter a velocidade na corrida, nossos olhos não vêem com a mesma nitidez. Tudo isso faz parte do processo normal de envelhecimento. No sistema nervoso central, ocorrem também, mudanças características. Células nervosas morrem. Estabelece-se menor número de conexões. Reduz-se o peso do cérebro, em consequência da perda de certos tipos de célula nervosas. Tudo isso faz parte do envelhecimento normal. (Gershon *Apud* Defelice, 1989, p.12).

Existem lapsos normais de memória e a perda anormal de memória, como no caso da doença de Alzheimer. Quase tudo em nossa vida envolve um tipo de memória, mesmo o que chamamos de bom-senso. Nosso intento não é tipificar ou qualificar a memória, isso os neurologistas, gerontologistas, psiquiatras, sócio-etnólogos dentre outros pesquisadores, já fizeram muito bem. A memória aqui retratada compreende o armazenamento e vitalização prática em diversas situações do que foi armazenado, enfocando a capacidade intelectual disposta pelo cérebro para lembrar, contextualizar, recriar e recontextualizar, conscientemente ou não, as informações associadas às vivências cotidianas, ainda que empíricas, dos sujeitos lembrantes.

De acordo com Sonia Brucki (2007), as demências ligadas à memória acontecem se ocorrerem várias pequenos derrames ou um derrame grande em uma área importante do cérebro ou um traumatismo craniano. Contudo, a demência mais freqüente que atinge as pessoas na velhice é a doença de Alzheimer, onde as informações novas não são aprendidas, e com a progressão da doença, o paciente vai perdendo a memória recente, até o esquecimento das habilidades cotidianas, sociais e motoras.

Por ser uma doença degenerativa cerebral progressiva, o Alzheimer incide diretamente na perda de habilidades como pensar, memorizar, raciocinar. Essa perda de habilidades se dá pela formação de feixes de uma proteína chamada betaamilóide nos neurônios, diminuição da estrutura interna dos neurônios, diminuição do neurotransmissor chamado acetilcolina no cérebro e aumento da concentração de alumínio no cérebro (SONIA BRUCKI, 2007).

As várias experiências com a memória cristalizam os conhecimentos e os tornam fluídos. À capacidade de utilizar o conhecimento acumulado chamamos de “*inteligência cristalizada*”, enquanto à capacidade de lidar com a informação ou utiliza-la de forma diferente da utilização antiga, comumente agindo em elaboração

de juízos e resolução de problemas, chamamos de “*inteligência fluida*”. Ambas são necessárias em um ou outro momento da vida e às vezes, em ambos como por exemplo, ao tentar entender uma notícia de jornal (Defelice, 1989).

Às vezes nos sentimos traídos pela memória, por lapsos comuns que na quase totalidade, não deveriam nos preocupar. É comum esquecer o nome das pessoas que foram recentemente apresentadas, ou acordar, pela manhã, e não lembrar do sonho que tivemos, ou, ainda, planejar uma palestra e esquecer de citar pontos que consideramos argumentos fortes.

Para Defelice (1989), nossa percepção sofre com as deficiências ocasionadas pela distração durante o momento de apreensão da informação, como também pelo estresse ocasionado pela preocupação com a possível perda de memória. Com isso, a falta de interesse pelas situações nos rodeiam, com o álcool que inibe temporariamente o cérebro, o nervosismo ocasionado pela ansiedade que mina toda a mente, a desorganização, o medo da senilidade, a repreensão a algo que se quer esquecer, excesso de televisão e até uma vida de desafios. Defelice afirma que:

A perda grave de memória (ou o que chamamos comumente de “senilidade”) não é necessariamente uma decorrência irreversível da idade (...). As pessoas mais velhas têm pelo menos a mesma ou talvez mais memória total ou informação do que os jovens, mas lembram-se de coisas diferentes. De modo geral, cada um recupera melhor a informação que é importante para a sua própria vida. Como a vida muda na velhice, assim mudam também as categorias de informação que os idosos se lembram. E a “sabedoria” – uma espécie de memória que não tem medida em escalas psicológicas – aumenta com o passar dos anos.

É perigosa a crença de que a idade torna inevitável o declínio mental. Inúmeras pessoas inteligentes permitem que sua mente se reduza àquilo que não passa de falta de vontade de viver. (1989, p. 55 e 57).

Marion Perlmutter (1989) afirmou que o cérebro começa a envelhecer no início da idade adulta, embora as pessoas só percebam essa perda bem mais tarde. O fato de associar a velhice com a perda de memória, em muitos dos casos, é exagerada, porque é cercada de muito medo. Muitas pessoas não levam em consideração o fato de a forma de processamento da informação estar intimamente ligada com a fixação da memória ou a falta dela quando do armazenamento das informações.

Além da perda de memória considerada comum ou reversível, existem as perdas irreversíveis de memória que são ocasionadas por distúrbios, demências ou doenças que ocasionam perda ou bloqueio permanente de capacidades mentais. Embora não tenhamos acesso aos exames mentais, a família de dona Nena constantemente afirma que ela está doente ou demente. E isso fica claro no final do período de entrevistas executadas com ela.

Passamos quatro anos acompanhando o estado de dona Nena. Sua memória, sua saúde, seu desejo de viver foram gradativamente sendo tomados pelas demências e doenças que ela sofre. Abaixo, colocaremos alguns trechos de entrevistas, alguns produzidos em 2003, dois períodos em 2004 (quando do agravamento da demência) e outros em 2007 para compararmos as dificuldades pelas quais ela passa.

Dona Nena falou de suas lembranças em 2003:

(...) Quando minha irmã morreu eu tinha quatro anos e ela [irmã] tinha três, mas **ainda hoje eu me lembro** da minha irmã como se fosse hoje (...)

(...) Meu padrasto não me dava uma caixa de fósforo, um palito... Aí ela [mãe] foi comprar, um metro e não sei quanto de uma fazenda. **Eu ainda me lembro** o nome dessa fazenda... fazenda ainda vermelha, com umas pintinha branca... (...)

(...) [Durante o inverno] A gente andava pelo meio do campo pra não ficar atolado. Quando eu cheguei aqui, em 70 ... em 71... alagou, que a água veio até aí a escola. **Eu me lembro que** meu menino que tava ontem aqui, ele tinha uma canoa.

Quando conhecemos dona Nena, ainda era uma senhora lúcida. Tinha orgulho de “arrumar a própria casa sem precisar de empregada”. Cultivava dezenas de plantas em seu “quintal”. Uma senhora doente e solitária que ainda andava, trabalhava e se orgulhava de ter sua casa limpa e pronta a receber visitas.

O tempo passou e, em fins de 2004, as dezenas de caixas de remédios pareciam não ajudá-la como antes. A casa já não era tão arrumada. Algumas plantas morreram, o “quintal” já não estava tão limpo. Não tinha forças para encher uma garrafa de água. A demência já parecia estar influenciando mais incisivamente em seu corpo e sua memória.

(...) A reunião aqui da comunidade era na igreja mesmo. **Aí, eu não sei mais...** (...)

(...) Quando eu cheguei aqui não tinha Igreja, o pessoal se reunia pra ir pro bairro da... aquele bairro que vai pro rumo da culá... **Eu sou tão esquecida...** (...)

A família se aproximou mais dela, mas as doenças também. No início de 2007, quando do fim da coleta e transcrição do *corpus* das entrevistas, pudemos perceber frases inteiras como as que se seguem:

(...) Eu nasci em... **Não me lembro** o nome da colocação, sei que nasci em Tabatinga, no Seringal Novo Tabatinga, que eu nasci... (...)

(...) **Eu não me lembro mais...** Olha, depois que passou pela minha cabeça, aí pronto... (...)

(...) **Eu não sei mais em que ano nós começamos... Eu não me lembro mais que ano eu cheguei aqui... Eu não me lembro mais de nada, meu filho. Eu fiquei assim tão esquecida...** (Nena, grifo nosso em todas as falas).

Como dona Nena, outros entrevistados sofrem de perda de memória irreversível, muitos delas acompanhadas de depressão.

Algumas demências são afetadas e agravadas pelo excesso de remédios. Dona Nena afirma que o médico já trocou sua medicação várias vezes porque ela passava mal ao ingerir determinados medicamentos. E quando ela ia para o hospital, consultar um médico “que estivesse de plantão”, ele passava mais remédios, nem perguntava o que ela estava tomando “só passava mais remédio”. O que alguns médicos que atenderam dona Nena e outros sujeitos lembrantes parecem não saber ou não atentar é o que Gershon chama de primeiro erro clínico. Ele afirma que:

O primeiro erro clínico consiste em não verificar quais as drogas que o paciente idoso está tomando. Alguns pacientes tomam de dez a vinte remédios diferentes. É de fato possível que a medicação esteja causando desequilíbrio cognitivo significativo (SAMUEL GERSHON *apud* DEFELICE, 1989).

Perda de memória e depressão acompanham muitos dos velhos. Eles geralmente apresentam esses sintomas após se aposentarem. Por ficar somente em casa, pouco saírem, quase não reencontrarem os amigos, passam dias

“remoendo” as agruras do passado. Ao ficarem ociosos, sem ter com que ocupar a mente, muitos ficam entristecidos. Queixam-se de problemas físicos que estão, em grande parte, relacionados à depressão.

Os sintomas de apatia, desconfiança e desilusão em muitos casos são disfarçados como demências, não conseguindo as pessoas deprimidas responder a perguntas feitas pelo pesquisador. Várias vezes ficam em silêncio; outras, choram; às vezes, compulsivamente. E essas ações são vistas como respostas, embora não verbais, são respostas ininteligíveis, respostas que, muitas vezes, não podem ser traduzidas em palavras. Assim, eles agem lenta e reservadamente.

Uma das entrevistadas aparenta ter esse perfil de apatia, embora somente um cientista da saúde ou da neuropsiquiatria possa diagnosticar sua real condição. Contudo, em algumas entrevistas dona Laura já não lembra tão bem coisas que para ela são importantes e trazem felicidade:

Daí eu me casei com, viche nem me lembro mais a idade, tenho nem idéia. Passei trinta anos casada, meu marido morreu em [mil novecentos e] noventa e quatro, deixa eu ver... me ajuda... [treze anos, mais ou menos]. É acho que foi isso, por aí assim (Laura – colchetes são intervenções do pesquisador).

A maior parte das lembranças de dona Laura são tristes. Ao analisar suas falas, percebemos os momentos felizes sendo postos à tona com menor intensidade que os tristes. À frente, teremos um contraponto de lembranças felizes e tristes em uma mesma fala. Nela percebemos a ênfase dada às tristezas:

Daí nós tivemos seis filhos, mas criou-se só dois, aí um mataram, né? Tiraram a vida do meu filho, ficou só um que é o pai do Dario. Só criou-se dois, nascia e morria, né? Aí criou-se dois, que era o Jorge, que mataram, e ficou o Ribamar, que é o pai dessa galera. Hoje só tenho um filho.

Suas tristezas não são apenas pela família, mas pelo próprio lar em que queria transformar sua humilde casa.

Minha casinha era coberta de palha, fechada de palha, não tinha piso, era só o chão mesmo. Só cabia a cama, um fogãozinho, era bem pequenininha. Era uns três por cinco, acho.

Os velhos entrevistados passaram por várias adversidades. Alguns têm na lembrança, ainda vivas, as marcas do chamado “Esquadrão da morte” – grupo de extermínio formado por policiais corruptos. E isso para eles parece ser insuperável. Dona Laura passou períodos de fome, de doença, depressão, falta de moradia, enchentes, mas sua maior tristeza parece ter sido o assassinato de seu filho.

Aqui, eu tô em paz, né? Não tô pagando aluguel. Apesar de tudo, eu tô na minha casinha e não tem perseguição de nada. Graças a Deus, nunca aconteceu nada, só a morte do meu menino, né? Que a juventude se mistura demais, né? Então, ele... aconteceu isso... Eu ainda não sei por que e nem me interessa mais, porque meu menino não vai voltar mais, né? Então eu não quero saber mais de nada. Ele tinha dezesseis anos na época. Mataram ele em 1984 (Laura, entrevista no início de 2005).

(...) Mas pensando um pouco na vida... Eu acho que eu sou um pouco feliz, mas a única coisa que não me deixou muito feliz foi a morte do meu menino... Aí não me deixou feliz... Mas, pelo meu marido, eu não me preocupo, porque ele morreu com Cristo, graças a Deus. Morreu em casa, na cama dele. Agora, meu menino... Não sou feliz pela morte dele, não. Não me sai do pensamento... O meu menino... bateram muito nele... Ouvi dizer que ele tava praticamente morto quando colocaram ele em um carro e levaram ele para o Pronto Socorro. E no Pronto Socorro ele morreu. Um policial bateu nele. E esse policial... com o meu menino... já são nove mortes que ele faz de menores. Esse policial dirigia uma casa de polícia, né? Mas, lá só tinha pessoas drogadas, eu acho. Tinha um fulano de tal, chamado Zé, que já morreu, não foi ninguém que matou, não, ele morreu mesmo de morte natural; e o Pequeno, que eu não sei o nome dele, parecia que ele saiu de dentro do carro e só tinha esses dois mesmo.

No fundo, eu não vivo feliz... Agora ele lá deve viver em paz, tá vivo ganhando dinheiro, alegre, sorrindo. Deve viver em paz... Agora, eu também não quero que ninguém toque nele, porque o desejo do meu marido é... que Deus o tenha no céu, na presença de Deus, com suas mãos limpas, e graças a Deus. Deus foi indo, tirou dos pensamentos dele... O meu menino, às vezes eu penso... ele, com uma paciência, beijando a mão de Deus, que Deus é o juiz. Eu não tenho notícia desse moço nem nada, que Deus faça sua justiça (Laura, entrevista em fins de 2006).

Os sonhos se misturam com os pesares e a depressão parece envolver os sujeitos lembrantes. As demências que parecem não ter atingido a memória, atingem o corpo e influenciam diretamente o modo de pensar e as relações que se têm com as pessoas próximas. É como se um pedido de socorro emanasse de seus corpos cansados. Buscam insistentemente melhorias que, em muitos dos casos, não vêm. Então, eles choram suas lágrimas vertidas, por seus sonhos não realizados e

pela possibilidade de melhoria se tornar cada vez mais distante. Ao ver seu filho e seus netos passarem por dificuldades, dona Laura bem representa os outros sujeitos lembrantes que tentam melhorar a vida de seus familiares. Entretanto, em seu caso específico, ela só consegue prover o básico e, às vezes, nem isso:

Eu queria ter aprendido a fazer alguma coisa assim bordar, costurar isso eu não aprendi. Também, não tive a oportunidade... Agora, também, não adianta mais esperar. Não tenho o que esperar mais. Não tem melhora não. O pouco que eu gasto é só pra ajudar meus netinhos aí, pra não ver eles passar muito apuro. Sei que não dá pra muita coisa, aí eu dou uma ajuda. Meus netos passam necessidade porque eu ganho pouco, aí não dá pra manter o suficiente... Tem vez que eu vejo algum chorando com fome aqui, dou roupas, porque minha nora, ela não tem emprego, meu filho trabalha assim... serviço hoje, amanhã, às vezes... recebe... às vezes, não recebe... Aí aperta...

Eu sou uma mulher que sente mais tristeza que alegria. A gente não consegue o que quer. Eu não tenho muita felicidade para contar não, você acha que eu tenho? Tenho não. Menino, eu saí da casa dos meus pais, não tinha nada na vida... fui viver com meu esposo... Nós, também, não conseguimos quase nada... Até hoje, o que eu queria que o meu filho conseguisse era um curso, suficiente... Mas, ele não conseguiu... O outro, que era um filho muito estimado, alegre, tiraram a vida dele. E o meu salário não dá pra sustentar o suficiente... Aí, tu acha que eu vou viver alegre? Não dá pra viver...

(...) Viver é bom, sofrer não é bom, não (...)

(...) Eu tô viva, porque Deus que multiplica, porque eu mesma não posso fazer nada pra viver. Eu tenho um Deus, que pela misericórdia d'Ele, Ele me faz viva, conserva as minhas crianças com saúde, meu filho com saúde, minha nora... É ele quem cuida de nós (Laura).

A esperança de dona Laura está em Deus. Ele é seu socorro presente, embora em sua fala fique demonstrado que esse socorro nem sempre é como ela gostaria que fosse. Contudo, fica-nos a impressão de que a esperança em Deus é uma unanimidade entre os entrevistados. Eles crêem que podem melhorar suas vivências a partir de suas atuações e com a permissão de Deus. Muitos deles têm sofrido demências, depressões e apatias. Muitas de suas doenças são consideradas incuráveis pela medicina moderna, mas eles permanecem com sua fé em Deus como alicerce a partir do qual estabelecem a busca para uma vida melhor.

2.3 O Velho, a Vida e o Mundo

2.3.1 Ficção e deslocamento

Falamos muito da questão territorial, e junto vem a territorialidade, outras perspectivas dos vários saberes ligados ao sujeito, sua terra, sua especialidade, sua identidade. Há uma certa vinculação entre a perda da especialidade do território e a perda ou mudança de certas práticas culturais, certas identidades. Percebemos, nesse contexto, a luta pela retomada da terra e, ao mesmo tempo, uma retomada de algumas das tradições.

Há uma relação direta entre tradição e tradução. As letra “i” e “u” diferenciam as duas palavras que são provenientes da mesma raiz: Tradição, tradução e traição.

A tradição não se perde no passado, assim como a memória, ela não é estática. Ambas são móveis. A tradição não é algo instalado no passado imóvel. Ela se recria, transcriba, restitui e transforma, é por isso que ela se mantém.

Quando falamos de tradução lembramos que a performance oral não pode ser traduzida em sua totalidade, ao mesmo tempo pode ser repetida, pois é passível de reprodução. Sendo reiterada, transmissível, transportada. É a transcrição dos atos e traduções que fazem a tradição permanecer.

Leda Martins (2006) afirma que a tradução dos discursos orais são constituídos de dupla e simultânea performance e contínua transfiguração. Segundo Martins, existem dois momentos em que a tradução se tornou traição e esses dois estão ligados aos “descobridores”. Nos escritos de Cristóvão Colombo e Pero Vaz de Caminha às suas respectivas coroas, vêem-se dois exemplos clássicos de tradução como traição, onde eles não entendem nada do que os povos nativos falam, mas traduzem suas falas afirmando que eles disseram algo e escrevem esse algo. Ou seja, há a superposição da voz do “descobridor” em relação à dos nativos, e mais, o discurso produzido que enseja um diálogo é tão somente a voz do “descobridor” e a aferição ao outro de um discurso que não é verdadeiro, mas é tornado como tal, de forma oficializada.

A tradução dos relatos orais, em muitos dos casos, não pode ser “fielmente” executada, não apenas pelas nuances da linguagem oral, mas pela

imprecisão da escrita em demonstrar tonalidades, tempos da fala e significações dos olhares durante o discurso proferido. Por isso, neste momento em que nos propomos a trabalhar com ficção e deslocamento, gostaríamos de pensar a transcrição da tradição como uma forma de tradução. A tradição em todo e qualquer suporte que se instale é sempre dinâmica, não é imóvel. É como um pergaminho que desenrola o passado e o instala para nós nas várias temporalidades do presente em que nós habitamos. A tradução, por sua vez, desenrola o pergaminho, no mesmo duplo vetor, tanto do presente aos pretéritos, quanto da postulação de si mesma como presente e como futuro.

Alguns dos sujeitos lembrantes traduzem bem o que se fez tradição nas florestas da Amazônia acreana. Eles são capazes de identificar nomes bonitos dos seringais, nos quais moravam os seringalistas ou os seus gerentes, e os nomes nem tão bonitos das colocações, em que viviam os seringueiros.

Olhe, eu conheci muito seringal... tinha um monte, tudo com nome bonito... era Novo Brasil, Bom Destino, Nova vista, Catatiá, Bom Jesus, Liberdade, Santa Cândida, Igualdade, Cachoeira, Independência, Mauritânia, Lusitânia, Realeza, Boa União, Bela Rosa, São Luiz do Mamuriá, Esperança, Quaquetá, Floresta, Panorama, Glória, viche... um monte de seringal... (Raimundo Martins).

Não foi apenas seu Martins que traduziu esses nomes pomposos em suas falas, outros velhos também o fizeram e contribuíram para aumentar a lista dos nomes dos seringais. Eles citaram vários nomes, dentre os quais, podemos destacar alguns como: Seringal Novo Tabatinga (Nena), Seringal Rio Novo (Zacarias), Seringal Braça, Seringal Novo Catete, Seringal Filipinas (Ivete), Seringal Porongaba, Seringal do Sacado (Francisco), Seringal Fica Bem (Raúl), Seringal Triunfo (Raimunda).

Atentando para o relato dos velhos, percebemos que o nome dos seringais normalmente traduziam expectativas de boa querência e de coisas agradáveis aos patrões. Alguns dos nomes que aparecem nos relatos são nomes de embarcações de grande porte que navegavam pelos rios da Amazônia no início do século XX, como o Lusitânia, Mauritânia, Realeza. Outros, expunham ares de grandeza como Triunfo, Novo Catete, Glória, Novo Brasil, Independência e, ainda havia os seringais que receberam seus nomes em homenagem a algum santo ou a alguma situação de destaque na floresta.

É como se as sedes dos seringais precisassem ostentar a grandeza imponente a um local distante das cidades, mas que precisava se mostrar valoroso e de grandiloquência em detrimento das condições de vivências nele estabelecidas. Assim, forjava-se já no nome do local onde se morava, os pontos que anunciavam, denunciavam, traduziam e traíam os ambientes em que se vivia. Patrões e empregados estavam separados não apenas pelo jeito de viver, não tão somente pelas relações estabelecidas de mando e obediência. Essa situação de separação e imponência de um em relação a subserviência do outro é possível de ser avistada mesmo nos nomes dos locais onde eram estabelecidas as moradias.

Os nomes das colocações, nas falas de seu Martins, “tinha um montão de colocações”, dá a entender que dentro das posses de alguém maior, ou alguém em situação mais privilegiada, existiam as colocações menores e menos privilegiadas, que faziam parte de um algo maior. Até no nome essas colocações eram menos favorecidas. Ao continuar seu relato sobre os lugares que conheceu, seu Martins, em uma seqüência que para ele pareceu lógica, primeiramente, nominou os mais importantes: os seringais; em seguida, nominou “um monte de colocações”:

e tinha um monte de colocações em cada um deles... era Telheiro, Refugio, Café, Limoeiro, Rabo da besta, Bufador, Feijão Duro, Arraial, Bambu, Difícil, Gavião, Laranjeira, Limão, Ponta da Terra, Maloca, Samaúma, Alegria, Centrinho e Quatipuru... e muitas outras... era lá que nas colocações que os seringueiros morava e o dono do seringal, ou então, o gerente, morava na Sede do Seringal...

Seguindo linha de pensamento próxima a de seu Martins, os velhos citaram vários nomes de colocações que conheceram ou nas quais viveram por algum tempo. Colocação Praculá, Colocação Jaguari (Nena), Colocação Baixa Verde (Ivete), Colocação Pedrinha (Francisco).

Os nomes das colocações eram muito variados e normalmente apresentavam nomes relacionados a frutas e fruteiras como: Café, Limoeiro, Laranjeira, Limão. Algumas colocações tinham nomes de árvores nativas ou de situações geográficas que as distinguissem das demais, como Samaúma, Baixa Verde, Pedrinha, Ponta de Terra.

Essas vivências dos moradores das colônias amazônicas também se constituíram quando da vinda para a cidade de Rio Branco, onde estabeleceram moradia e começaram a nominar e a nomear os bairros onde vivem atualmente. É

certo, entretanto, que nenhum deles foi oficializado pela Prefeitura. Em seus relatos estão contidos nomes como Palheiral, dado a uma área de terra que antes de ser ocupada era cheia de palheiras; Pista, por causa da pista de pouso do antigo aeroporto Santos Dumont; Aeroporto Velho, por ter se constituído na área do antigo aeroporto Santos Dumont. Esses e outros relatos traduzem a exposição do pensamento desses sujeitos lembrantes, pensamentos esses que estão abarrotados das tradições que esses sujeitos têm como suas, ainda que inconscientemente. E isso os faz trair a si mesmos pela proposição de suas falas refletir quase que incisivamente seu pensamento. Como o que ocorreu em relação ao nome da localidade chamada João Eduardo, que deveria ser chamada de Nova Bahia; e depois, mudou de nome para Boa União; e, para agradar os políticos, teve o nome de um senador provisoriamente posto na localidade; mas, dias depois, o nome do senador foi refutado e bairro voltou a se chamar João Eduardo (Lima, 2007).

Nessas interações do velho com o novo, do passado com o presente percebemos a tentativa quase desesperada de identificar o local para onde se vive com o local de onde chegou é uma constante nos discursos proferidos pelos sujeitos lembrantes. Eles estão ávidos por um passado cristalizado na memória, que em lapsos de tempo, parecem ainda permanecer igual como era no momento da saída. Quando começam a relatar, é como se viajassem rumo ao que era, como era, não presentificando o passado mas preterizando o presente de forma a parecer que lá tudo era bom, era legal, valia à pena, era melhor que o estar presente. Contudo, nas fissuras da memória, aparecem interlocuções de que aquilo que foi vivido, narrado como se estivesse sendo novamente vivenciado, está no passado, nessas linhas díspares da memória, novamente eles se “afundam nos relatos” e continuam a jornada do “bom e do belo”. Como relata Ivete:

Sabe o que me lembro? Quando eu vim pra cá o mato cor verde, sabe? Eu me lembro de quando eu morava no mato, lá no seringal, né? Porque aqui só tinha mato, mesmo... era só o matagal mesmo... era tudo verde... campo verde, assim... Sei lá... Aí eu me lembrei quando eu vim pra cá, o matagal doido, né, no campo todo... Me lembrei quando eu morava lá, porque a gente respirava aquele ar puro, de fora da cidade... daquela poeira de cinza, fumaça de carro, desse tipo de coisa... Então, é muito bom... Quando a gente chegou aqui, que era um lugar novo, era bem fresco, bem à vontade, sabe? Campo verde, mato, sabe?

Relatos como o de Ivete não são raros. Raros, porém, são os momentos que tiramos para ouvi-los, sonhar junto, imaginar o que está sendo verbalizado.

Desta feita, há uma pergunta que está presente quase sempre nos questionamentos sobre as relações propostas na memória com o cotidiano: por que não se contam mais histórias? Talvez não sejam as histórias que estejam em declínio, mas a troca de experiências.

As vivências e convivências da atualidade estão cada vez mais reguladas pelo tempo cronológico que atropela a tudo e a todos. Nesse mundo, onde somos bombardeados por diversas informações, e maior ainda o número de coisas a fazer, em períodos de tempo cada vez mais restritos, acabamos por deixar de lado a troca de experiências. E por não rememorarmos várias situações, essas ficam “cristalizadas” e “adormecidas” na memória.

As histórias são contadas em menor quantidade que em tempos passados, ou pelo menos, em menor riqueza de detalhes e reconstruções a partir da lembrança, porque é cada vez menor o número dos que se interessam por elas.

Existem dois tipos de narradores: os que vêm de fora e narram suas viagens e os que ficaram e conhecem seus conterrâneos, suas terras, e as relações pretéritas que se estabeleceram durante as vivências (Bosi, 1994, p. 84). Em ambos os casos, é necessário vencer as distâncias. As aventuras vividas podem estar envoltas no distanciamento espacial ou no distanciamento temporal. De ambas se tira significação das relações sócio-culturais produzidas. Porque “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (Bosi, 1994, p. 85). A fala do seu Martins está eivada dessas experiências:

Olhe, eu vou lhe dizer como foi que eu conheci a Mundica [esposa], mas nem as minhas filhas perguntaram isso [nesse momento as filhas param o que estavam fazendo para ouvir o pai]... ela não era bonita não, mas eu gostava dela, né? Aí eu vi ela umas duas vezes... então, eu fui trabalhar na casa do pai dela, seu Zé Bonifácio... Eu trabalhei muito com ele... eu era diarista... Na vida da gente acontece tanta coisa, rapaz... Vou falar uma coisa pra você... Tá filmando?... É... a primeira vez que a gente vê a pessoa fica sem graça... se agente tiver a sorte de casar com aquela pessoa, casa, se não tiver, aí que tá o problema. Sabe porque que eu vou te dizer? Sabe, a minha primeira mulher, ela era pequena, uma mocinha, né? E eu me engracei nela... passei 10 anos pra ver ela... no dia que eu vi ela nós se gostemos... Eu tava de viagem, aí eu vi ela de passagem... Ela, mocinha, bem miudinha, menina bonita essa... mas, acabou, né? Nós precisamos sair de lá... Mas, dez anos depois, tocou de sorte a minha mãe vir morar no mesmo seringal dela, pertinho dela, vice como é a história? Aí eu vi... Aí, um dia, eu fui na casa da minha mãe visitar ela... nunca deixei de tá perto da minha mãe, sempre tava do lado dela. Aí, fui lá... quando eu chego lá, dô de cara com a menina, ó? [é a primeira vez que todos da casa param tudo só para ouvir]... Aí, eu digo... aí eu olhei prali... Aquela menina, quando ela me viu, se engraçou-se pra mim, também. Ali, disse, dona

Sebastiana: “Esse aqui é o filho da senhora? Então-se a senhora é minha sogra”. Pensei que tinha sido uma brincadeira., né? Mas, deu certo... Começou. Aí, assim é que se deu da primeira vez que eu vi ela. E a Mundica, nós se gostamos assim eu comecei a vê ela.... Mas aí, ela morreu... morreu junto com meus filhos... aí eu fui embora... vim pro Acre... Aí eu conheci a Mundica, minha segunda esposa... aí eu fui vendo ela lá no Bom Destino, começamos a conversa e tal. Tocou a sorte de trabalhar com o Zé Bonifácio, mas, repara, aí deu certo, né? É assim desse jeito, olha menino... quando a gente começa a gostar, a gente gosta tanto, que a gente gosta até o fim da vida, né? É uma coisa muito difícil, muito complicada. Eu disse isso pra minha filha, pra qualquer uma pessoa, né? Porque eu tenho experiência, né? Se aí não é experiência que ninguém me deu, eu que tenho. Uma pessoa quando casa, não tem experiência... vai saber como é a vida de casado depois de cinco, dez anos... Tudo é muito novo, né? Agora que tão ajitando as coisas.

Por exemplo... Aí é que você vai entender isso que eu vou falar pra você... você casa com a dona... passa um ano, dois, três, quatro... é a mesma coisa de você tá criando um menino... começa a criar pequenininho e vai crescendo, vai crescendo quando você vê começa a dar trabalho, né?[risos]... É a mesma coisa. Então o casamento é assim desse jeito, você casa com a mulher, você não vai casar com homem, né? Vai casar com a mulher, aí você quer tá bem, com aquela criatura, trata bem dela – não estou dizendo que é com a sua mulher, mas, muita é assim. Aí, você dá o pé, ela quer a mão... aí, depois, o bicho começa a pegar, meu irmão... é verdade, tô lhe dizendo. Então-se, a gente, pra viver com a mulher... mas, pra viver com uma família, é preciso ter muito cuidado, pra não fazer besteira... Eu vou lhe contar uma... lá no Amazonas, essa primeira mulher que eu tinha, morava assim, embaixo, aí um dia eu vinha do roçado, lá... chegando, comecei a conversar com a menina, lá.... Era longe lá de casa... Quando eu cheguei, a mulher já sabia, né?... Ela não me batia porque eu não achava graça pra ela, porque ela era uma paraibana, com os braços dessa grossura, macetona, uns 70 quilos. Se ela me pegasse, botava debaixo dos braços dela, me acertava de chinela. Então, eu respeitava ela. Eu não dava muita trela pra ela, não. Quando eu cheguei, ela: Ei, Martins, tu num...” – porque foi assim, ela me pediu milho do roçado... Quando eu cheguei, eu dei o milho pra ela... Quando eu cheguei, ela disse: “Ei, Martins, tu trouxe o milho pra gente comer canjica?” Eu digo: “Eu não, você não falou nada”. “E como que tu trouxe pra Raimunda?” Já sabia, né?... Já teve quem contasse, né? Antes de eu chegar, ela já sabia... Então, aí é, cuide, tá no gancho... Aí, o cara pensa que tá escondendo, mas, tá nada. Um macaco escondido com um rabo de fora. “Risos”. Então – se é esse o motivo de muita gente se casar e não dar certo, né? (Martins).

Assim como seu Martins conseguiu chamar a atenção de todos que estavam na casa com sua fala, envolvendo filhos, visitantes e o próprio entrevistador em um enredo que ora parecia narrativa, ora a reconstrução momentânea de uma hipotética situação, muitos outros entrevistados fizeram essa relação do que vivenciaram com o “aprendizado” para o tempo presente.

Atualmente, somos bombardeados com tantas informações que não temos tempo para “mastigá-las” e “digeri-las”. A comunicação de massa nos torna desmemoriados, são tantas coisas ocorrendo ao mesmo tempo, em um ritmo tão acelerado que acabamos por perder ou pelo menos diminuir “drasticamente” a faculdade de escutar.

A narração exemplar foi substituída pela informação de imprensa, que não é pesada e medida pelo bom senso do leitor. Assim, a união de uma cantora com um esportista ocupa mais espaço que uma revolução. A narração pretende ser diferente das narrações dos antigos: atribui-se foros de verdade quando é tão inverificável quanto a lenda. Ela não toca no maravilhoso, se quer é plausível. A arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação. Ingurgitada de explicações, não permite que o leitor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que as narrativas omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que falta à informação (Bosi, 1994, p. 85 e 86).

Como escrito por Ecléa Bosi, corroboramos com a afirmativa de que a narrativa é uma forma de comunicação que se apresenta de forma artesanal. Ela não intenta transmitir a forma “em si” do acontecido, mas o vai tecendo até atingir uma forma que considere boa. Cada narrador superpõe de forma transparente uma nova camada de memória traçada pela lembrança. A turbidez de situações de esquecimentos e rupturas também deixam suas marcas nos afluentes evocados para sustentar a narrativa.

Segundo Bosi (1994), na atualidade, não se costuma cultivar o que pode ser abreviado e simplificado. A própria história de curta duração também foi impressa e abreviada, não permitindo que se conte e reconte para a autora.

Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da *sua história*, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com o selo do perdurável. As histórias dos lábios que já não podem recontá-las tornam-se exemplares. E, como reza de fábula, se não estão ainda mortos, é porque vivem ainda hoje (Bosi, 1994, p. 84).

Por essa velocidade tão grande com que as coisas atualmente nos são apresentadas, não costumamos ouvir muito as pessoas, tampouco valorizá-las em seus relatos. Ouvir alguém velho é dar-lhe a oportunidade de receber atenção, através da possibilidade de vivências que partem da memória, tornamo-los pessoas que renovam em seus corações o ritmo de viver.

2.3.2 Saudades, sonhos e solidão

Muitas pessoas têm-se acostumado a pensar que todas as coisas devem acontecer de forma rápida e altissonante. Colocam sua felicidade em coisas que são

de difícil acesso, distante de sua realidade. Todas essas situações de notoriedade em grandes conquistas se apresentam na perspectiva como algo que não se assemelha ao lugar em que se está. É um projetar para além das potencialidades de cada um. É preciso descobrir as potencialidades a partir do lugar onde se vive e da maneira como se vive.

Essa busca de felicidade aparece nos relatos dos entrevistados como “rastros” de suas trajetórias de vida. Atos de coragem, receios, gratidão e temperança parecem medir os acontecimentos vividos não com medidas de tempo, mas como a medida de vida (GOUVÊA, 1999). Uma de nossas entrevistadas fala sobre sonhos e felicidade:

Eu não tenho mais sonho, eu penso, mas eu sei que melhor pra mim é não existir mais... Se eu fosse boa ainda, eu estaria na minha casa, cuidando da minha casa, do meu quintal, cuidando das minhas plantas e hoje nada eu faço, os filhos é que agora é quem cuidam de mim.

Eu não sei se eu sou mais feliz não. Porque eu vivo todo tempo dependendo das pessoas, de tudo... aí pronto... Se não dependesse mais dos outros eu era muito feliz, olha... Eu era feliz antes de ter essa doença. Eu tenho tanta saudade que eu trabalhava tanto e hoje vivo parada. Às vezes, pra me levantar daqui, é preciso o pessoal me segurar, me levantar (Nena).

Mas nem todas as memórias de felicidade se dão em meio a reminiscências, várias delas parecem interagir presentificando o passado:

Sou muito feliz, porque eu tenho Deus na minha vida. Se eu penso em fazer alguma coisa, por acaso... me dirige, me ajude eu fazer aquilo... Se for, Ele mesmo que mande... Você sente aquele esforço pra fazer... sua mente... seu coração... Não sei... Como ficar batendo naquela tecla, a gente vive... Mas, Deus que nos dirige... É bom demais... Eu sou crente há trinta anos... mais de trinta anos... E sou feliz até hoje. Toda vida o meu sexto é de alegria...

Estou feliz, não tenho tristeza comigo e nem perturbação...” Minha filha, tudo ela se perturba. Crente não se perturba com nada, entrega tudo nas mãos de Deus: o nosso alvo, os nossos problemas, que ele está aí pra resolver todos eles (Nenê).

Percebemos nestes trechos que se repetem – com palavras e situações diferentes – nas vozes dos outros entrevistados. A relação direta de perdas consideradas significativas, sejam elas de saúde, de parentes ou de perspectivas de vida tornam os velhos mais tristes, e eles próprios dizem que não são felizes. O que

percebemos é que em quase todos esses casos não houve um aprendizado com a situação ou uma interpretação homilética para ser aplicada ao cotidiano do presente preterizado; é como se eles ainda “remoessem” as suas inquietações sem saber o que fazer com elas. No momento em que elas estão adormecidas na memória, existem as vivências cotidianas e relacionamentos normais a qualquer ser humano, mas ao lembrar, esses são tomados de profunda tristeza – alguns de mágoa – e não conseguem transpor as barreiras por essas mágoas estabelecidas: entristecem-se e deprimem-se – involuntariamente.

Por outro lado, percebemos que os sujeitos mais alegres, mais “extrovertidos” também passaram por perdas, contudo essas parecem ter-lhes proporcionado menos danos que aos outros. Que dizer de tudo isso? Uma possível explicação pode ser o ato de essas pessoas assumirem a perda, ainda que com tristeza, mas buscarem “tirar uma lição” com o ocorrido. Eles afirmam não poder mudar o passado, mas podem agir buscando compensar essa perda com o prosseguir da vida. Para eles, ainda que inconscientemente, a perda foi real, mas há a necessidade de continuar vivendo. E eles vivem.

Após as lutas e conquistas adquiridas por esses sujeitos, sejam elas sociais, materiais ou sentimentais, eles demonstram um certo cansaço ao chegar na velhice. Nas entrevistas, ficam claras as marcas produzidas e adquiridas durante a vida e, no relembrar essas marcas, eles buscam a imagem acústica de seu próprio “eu”, já produzido, estereotipado, construído e reconstruído nas fissuras da memória.

Essas marcas são como rastros na trajetória de vida de cada um. É como se a fluidez do tempo os fizesse transitar na memória como em uma escada que leva cada vez mais para o alto. Essa caminhada é ação ousada e motivada a desvendar o mistério interior onde existem muitos ganhos e coisas boas vividas, mas também existem perdas a serem encaradas como problemas insolúveis ou como instrumento de crescimento em busca da felicidade.

Eu realizei muitos sonhos, mas o mais importante sonho que eu tinha, ser funcionário [público] (Zacarias).

Os sonhos que eu não realizei são muitos, pelo menos até agora eu tenho o sonho de fazer a minha casa e não consegui ainda (Laura).

... eu tenho vários sonhos que já foram realizados... Por exemplo, já minha filha, que eu tinha a maior vontade de um filho conseguir... outro, era de ser enfermeira, também consegui... Outro, foi conseguir a minha casa, que eu vivia de aluguel aqui aculá (Ivete).

Eu realizei todos os meus sonhos... por exemplo, eu quero fazer uma casa, tô com dois anos construindo. Aqui, nós começamos, mas a casinha ainda não está terminada, ainda falta. É um sonho. Mas, vou realizar, gradear, olha... (Raúl Isaias).

Eu não sei falar de sonho, não. Eu não sei nem explicar. O sonho que eu tinha de ser sadio, mas dou graças a Deus... Eu queria ficar bom da hanseníase, e no dia que a doutora me deu alta do tratamento, eu dei tanto agradecimento à doutora que ela chorou. Mas, eu ainda sonho, sonho em realizar a construção de uma área aqui na frente da minha casa... esse é um sonho que eu ainda não realizei (Raimundo Martins).

Olha, hoje eu sonhei com uma pessoa que eu nunca tinha visto. Sonhei que ela vinha hoje. E era você [o pesquisador]. Eu sonho muito. Eu tenho é sempre... (Antônia).

Grande parte dos sonhos dessas pessoas estão diretamente ligados a situações vividas – ainda que na *psiqué* delas – e a realizações almejadas. Outros estão envoltos em sensações inexprimíveis como o de Dona Antônia que sempre sabe quando o pesquisador vai em sua casa e avisa a toda a família que ele vai chegar, mesmo que ele não tenha marcado hora, nem tenha avisado de sua pretensa visita. Sonhos não precisam de explicação. Muitos deles são incompreensíveis. Mas todos são reais, ainda que na ficção.

Tantas vezes os sonhos se confundem com a saudade. Mesmo acordados, ou no pensar noturno entre o deitar e os momentos em que o sonho não vem. As lembranças e o pensamento voam longe. Não para o desconhecido. Mas para o conhecido. Ainda que esse conhecimento seja de um lugar que já não é como o sonhado. De uma situação que já não pode se repetir pela debilitação do corpo físico. De um tempo que embora seja fluido, cronologicamente está distanciado do atual, por mais de meio século. Assim, esses velhos se põem a dormir e muitos deles sonham tal qual o seu Raul:

A saudade é grande... quando eu vou dormir, eu penso em tanta coisa... começo a pensar coisas boas, e durmo... só isso... Me lembro do Ceará, no tempo que o meu pai era fazendeiro... boi... aqueles campos... Tudo aquilo já morreu, mas, pra mim, ainda me vejo montado num cavalo... Eu sonho correndo tudo isso, na beira do mar... tomando banho... até já subindo em coqueiro... eu

já sonhei subindo pra derrubar côco... Nós tínhamos sitio... mas, agora não temos mais... Tudo eu sonho... Eu penso em um dia voltar pra lá... tem que me enterrar lá, junto com meu pessoal, com minha família, com meus avós, bisavós, tataravós... Todos estão enterrados lá... meus irmãos estão enterrados lá... (Raul Isaias).

Saudades e sonhos permeiam as memórias que teimam em se fazer presentes nos discursos desses sujeitos lembrantes. A gratidão demonstrada por eles em uma conversa amigável de interesse mútuo, parece levá-los a viver novamente os momentos que marcaram sua alma.

Ao ouvi-los, percebemos que os velhos não são necessariamente sábios, mas muitas vezes, seres solitários. Ao ouvi-los, damos-lhes a chance de se descobrirem ou se redescobrirem; ouvindo momentos de sabedoria, piadas, casos, histórias de sua vida passada que se apresentam presentificadas na lembrança.

Muitos desses velhos se sentem sós, não por almejar fazer da vida uma excelente companheira, que faça estar em harmonia com o universo, mas amargurados pelo vazio enrugante e cheio de barreiras criadas – algumas dessas barreiras foram criadas pelas pessoas a quem esses velhos querem bem.

Não quero sair daqui. Quando eu saí da Cadeia Velha, eu disse pro Adolfo: “Meu filho, eu vou pra lá, mas, de lá, só pro São João Batista”. Eu gosto, já me acostumei, fiquei viúva, meus filhos já casaram tudo... e eu fui ficando... fui ficando... Aí eu nunca quis sair daqui.

Aí morreu a Ivoneide, o Antônio, o meu marido. Pois era... Eu sei que aí foi... foi... foi... morreu um outro filho meu, o José... parece que com vinte e seis anos... Ele se formou no colégio tinha um ano, quando se formou já tava exercendo a profissão... quando morreu. Daí, eu fui ficando só... fui ficando só... e foi indo... e foi indo... E depois que ele faleceu, aí eu criava um neto, quando ele faleceu, foi preciso eu entregar esse neto pra mãe dele, porque ele já tava com outro primo praticando coisa ruim. Aí eu disse: “Quero que leve, eu não tenho mais força...” Aí ela levou... e eu fiquei... aí, eu parti pra ficar sozinha mesmo... Aí o Raimundo disse: “Mãe, vamos vender essa casa?” “Não é porque o meu filho faleceu, que eu vou vender essa casa. Eu fico”. Depois, lá morreu a outra filha... A outra que morava lá no bairro João Eduardo. Ela morreu, eu não sei de que ela morreu... Tá com cinco anos. Aí eu disse pro Raimundo: Não, eu não vou sair. Eu fico aqui”. Aí eu fiquei aqui.

...Até que eu fiquei aqui e os filhos foram saindo... e eu fui ficando... e fiquei sozinha... só com Deus (Nena).

Nena tem a companhia de alguns dos poucos filhos que ainda vivem, mas já não os reconhece. Sofre de Alzheimer. Antes sofria de tristeza. Uma mulher feliz, de bem com a vida, que trabalhou alegremente durante anos, não suportou o peso

de ter que enterrar o marido, vários filhos, e ainda tem que conviver com a depressão, as inúmeras doenças e a demência que a deixou paralisada na cama. O peso foi grande demais para ela.

Outros velhos, no entanto, demonstram ter a solidão como companheira em momentos de harmonia e reflexão interior, é como se desejassem estar só com suas conquistas, emoções, com as belezas acompanhantes de um passado que ensinou a crescer e a enveredar pelas marcas vivas dos rastros na estrada percorrida.

O que eu me orgulho de ter feito é ter conseguido criar meus filhos sozinha... meu ex-marido saiu de casa faz dezesseis anos... aliás se eu pudesse voltar atrás, nunca tinha me casado... Eu não me arrependo dos meus filhos, mas me arrependo do casamento que tive... casei com a pessoa errada... e não penso em me casar nunca mais... porque Deus me deu um esposo, um casamento, mas como ele viu que tudo o que eu passava, eu não merecia e tirou porque que ele me libertou do sofrimento. Por que eu vou voltar pra procurar a mesma coisa?... Meu casamento durou 32 anos, mas não foi feliz... não tinha respeito... não tinha fidelidade... como é que tem um casamento feliz?... O casamento acabou porque não deu mais, hoje nós somos bons amigos, ele entra aqui, ele sai, a gente conversa, não passa de um amigo e tem muita mágoa. Eu não perdôo ele nunca... um dia ele chegou em casa e me disse pra não tocar nele porque ele tinha nojo de mim (choro)... ele sentia nojo... ele saía com as putas por aí, e eu não dizia nada (pranto)... ele saía com os amigos, arranjavam mulher, e eu sempre perdoei... mas, ele disse que tinha nojo de mim... e isso eu não consigo perdoar (interrupção da entrevista por pranto de pesar profundo)... Ele vem aqui... vê os filhos dele, mas não toca em mim... eu não deixo... e eu não toco nele, se ele tem nojo, eu nunca mais deixei ele tocar em mim... e nós nos separamos... foi o fim.

A única coisa de bom que ele me deixou foram meus três filhos... eu sinto orgulho de meus filhos... orgulho de mais uma etapa na vida vencida, acabou minha responsabilidade na vida com eles, já estão todos encaminhados na vida e o que não quiser fazer nada, aquilo que Deus determinou que colocou na minha mão, aquela responsabilidade, aquele compromisso, eu lutei muito... Lutar é caminhar na vida... eu fiz meu papel... agora cabe a eles escolher seguir o bem ou o mal... Agora qualquer um escolhe o que quiser porque eu não posso mais determinar se vai pra lá ou vai pra li, ou vai pra direita ou vai pra esquerda, vai pro lado ruim se quiser... Porque eu orientei bem, criei, fiz tudo pra eles estudarem, terem um bom emprego, terem uma profissão... meu filho mais velho é policial militar, é casado pela terceira vez, mas agora casou no papel... minha filha tem dois filhos, mas ainda não casou... meu filho mais novo casou outro dia, ele engravidou uma menina, aí o pai dela chamou ele lá pra conversar, quando ele voltou já tava de aliança no dedo e data do casamento marcada... (Raimunda)

Tantas vezes esses homens e mulheres choram ao recordar do medo, da dor, da incerteza, da insegurança, da lágrima vertida. Alguns deles se afastam do mundo, com a desculpa de estarem contemplando algo, ficam horas desenvolvendo diálogos e relações sociabilizantes que só ocorrem dentro de sua mente.

Às vezes, quando fico sozinha lá na minha cama, eu penso assim [nos meus netos]... porque eles vão dormir e as crianças, eles não se embrulham... Menino não se embrulha. Aquele maiorzinho, amarelinho, que tá pra aula, dorme comigo. Aí eu, de vez em quando, embrulho ele... ajeito... e os outros... Eu fico pensando: “Será que eles estão embrulhado ou estão descoberto? Que ali, se a gente não embrulhar, eles ficam gelado mas não se embrulham... Se mexe muito, né? Aí eu fico pensando em cada um, mas eu não posso fazer nada... A porta lá fica trancada e tudo no frio só cuido do que tiver comigo.

Eu durmo pouco, muito pouco... Eu penso em mim, penso na minha família... Eu penso na irmã aqui, também em Acrelândia... Ela é mais velha do que eu, vive sozinha e Deus... Eu tenho medo de acontecer alguma coisa com ela, porque o mundo tá cheio de gente maldoso, né? Mas, eu entrego ela todo dia na mão de Deus, pra Deus cuidar dela... Até agora, graças a Deus, ela vai bem (Laura).

A maioria desses velhos já não tem mais quem os ouça. Muitos deles são rememoradores tristes. O número de memórias tristes expostos através da verbalização das lembranças é muito maior que o das memórias felizes. A diluição em palavras de momentos que para os familiares ou pessoas que já conhecem as histórias contadas parecem enfadonhos, ressoa como realizações, dissolve dores, traz alegrias e divertimentos, até revive amores nos velhos que têm um interlocutor interessado em suas histórias.

Vale à pena ouvi-los e experienciar suas vivências, ainda que no campo dos sonhos acordados. Muitas são as reminiscências, tantas outras as recordações autobiográficas, as aspirações de feitos e quase feitos que emergem do turbilhão de memórias que se apresentam e representam querendo sair para serem vistas, ouvidas, choradas ou simplesmente vividas.

Pudemos constatar em alguns lares os velhos sendo vistos como caducos, “lelés”, “atoas”, alguém que “sempre conta a mesma história”. Por isso, muitos resolveram se calar, e pouco falam. Falam apenas o que consideram essencial no começo, quase monossilábicos. No entanto, a partir do terceiro encontro com o pesquisador, quando eles percebiam que havia alguém disposto a ouvir e, mais que isso, a interagir, proporcionaram informações muitas, somente possíveis de reproduzir em forma de *corpus* pela transcrição das entrevistas gravadas.

Todos esses velhos pediram discricção sobre um ou outro assunto. Por isso, esses “segredos” não se encontram no *corpus* de análise. Mas não podemos passar a frente em nossa análise sem expressar a existência deles. A observância

não está em trair ao que foi pedido sigilo. Mas em traduzir ao que foi pedido sigilo. Pequenos erros cometidos, pecados cotidianos que tiram o sossego de alguns deles: seduições, lascívia, injúrias, bebedeiras, chocarrices e amores proibidos. Coisas do cotidiano, que foram informadas ao pesquisador em confiança.

Se estamos falando de saudades, sonhos e solidão, podemos acrescentar mais um “s”: segredo. Segredos que morrerão com esses velhos ou com as pessoas em quem confiaram. Não é possível a tradução de suas falas, seus olhares, suas apreensões, seus temores, suas decepções por não terem sido mais corajosos. A própria tradução seria uma traição a esses que ousaram romper com a tradição. Nas conversas de despedida, nas intercessões de falas, nas ausências de familiares, nas lágrimas de confiança. Eles punham para fora as lembranças que tanto eram sufocadas pela memória. Lembranças que eles próprios não aceitam como suas; como valorosas, no sentido de valor e valer.

Sonhos, saudades, solidão e segredos vêm ao seu encontro como um monólogo que um dos sujeitos lembrantes permitiu ser citado embora escolhemos voluntariamente não identificá-lo. Aqui vamos expor algo que não consta no *corpus*, mas que foi dito, e, meses depois, foi permitido de seu conteúdo ser analisado. Um dos sujeitos lembrantes, pessoa pacata, recatada, não dada a falar palavrão, proferiu a seguinte sentença com um namorado de uma filha que queria levar a garota para passear:

Olha rapaz, o que você tá querendo com minha filha? Você tá pensando o quê? Eu quero deixar bem claro que priquito custa caro... É isso mesmo... hoje em dia o cara tem que ter com que sustentar um priquito... quem não tem como sustentar, bate punheta... Se for pra ficar comendo por aí, pra comer priquito custa muito caro... então, não adianta só você sair com minha filha e ficar comendo ela, você tem como sustentar ela?... Porque você quer só comer!!!... Não, porque por aí o pessoal só quer dar... agente cria uma filha... cuida dela... aí, ela cresce... aí, todo mundo quer comer o priquito dela, mas ninguém quer cuidar dela... minha filha já se juntou e separou quatro vezes... Vocês só quer comer ela... tem que sustentar também... oras.

Relatos como o acima reproduzido demonstram que os amores e os temores estão envoltos na memória. Amores e temores estes, que em muitos casos permaneceram guardados na memória durante algumas décadas. Estes relembram algumas situações vividas e outras nunca vivenciadas. Anelos de possibilidades que ora se envolveram em sobriedades, ora se fizeram intemperança. Mas que valeram

à pena. Mesmo que por um único encontro ao pé da mangueira com aquele rapaz dos olhos azuis que por semanas fustigava a jovem casada. Ou pela fuga com aquela moça bonita com quem o pai não queria deixar casar. Tradução, tradição, traição. A mesma raiz para palavras distintas em sua essência, mas próximas em seus fazeres cotidianos. A linguagem e a identidade não permeiam apenas os corpos, mas as interjeições e proposições dos sonhos, das saudades, das solidões e dos segredos.

As saudades dos tempos ternos trouxeram à tona segredos que poderiam ter morrido com eles e que não o fizeram porque apareceu alguém disposto a ouvir. Para alguns deles, é como se a vida continuasse apenas nas conversas de fim de tarde, ou no cuidar de suas plantinhas. A solidão parece tomar forma mais intensa quando o sol fica a pino e quando as luzes das casas se apagam, o silêncio parece causar pensamentos e devaneios muitos em seus corações.

Alguns desses velhos diuturnamente ficam reclusos em seus lares. Solitários, introspectivos, sem falar muito, porém com muito a dizer: apenas necessitando de alguém disposto a ouvir. Outros deles preferem não se entregar às tristezas e aos pesares, preferem passear como seu Francisco, seu Raul e seu Zacarias, que quase todos os dias saem para ficar conversando com os vizinhos de mesma faixa etária, ou de manhã cedo ou de tarde próximo ao pôr do sol.

2.3.3 De donas de casa a chefes de família

Neste momento, propomo-nos a estudar de forma mais específica as relações de gênero, partido do foco principal ensejado pelas mulheres lembrantes. O intento que se faz presente é a análise das conjunturas que levam homens e mulheres a questões que vão além dos aspectos físicos e biológicos, de macho e fêmea. O conceito de gênero aqui apresentado foi proposto por Gouveia e Camurça (2000, p. 12) onde afirmam que “o conceito de gênero se refere apenas às pessoas e às relações entre os seres humanos”.

Na identificação das relações entre homens e mulheres, a preponderância para tomada de decisões ou atribuições sócio-culturais não deve estar formulada

apenas no corpo, mas no todo que rege o ser – identidades, desenvolvimentos psicológicos, comportamentos, conjunturas de atividades.

As relações de gênero vão muito além do corpo físico e da sociedade, elas estão presentes em vários lugares de sociabilização, inclusive na linguagem utilizada. Linguagem essa que presenciamos nos discursos dos sujeitos lembrantes. Paul Thompson (2002), criticando a imposição das situações de masculinidade e feminilidade impostas à *psikê* das crianças, desde a mais tenra idade e o simbolismo cultural inconsciente do gênero que é embutido na linguagem, afirma que:

Imediatamente a partir desses momentos iniciais do desenvolvimento da consciência social, a menina pequena aprende que é uma fêmea que ingressa numa cultura que privilegia a masculinidade e, por isso, privilegia os homens, exatamente como na linguagem a forma masculina tem sempre prioridade como regra, e a forma feminina só entra como exceção. Para assumir um lugar positivo no mundo da cultura, ela tem que lutar desde o início; mas é uma luta desigual (Paul Thompson, 2002, p. 203).

Gouveia e Camurça (2000) explicitam as relações de gênero como componentes da constituição das identidades, afirmando ser na subjetividade de cada ser humano que se constroem as similaridades e diferenças. Em uma interação dos homens e mulheres com a sociedade é que se constroem, mentem ou modificam as relações de gênero, os símbolos, a maneira de falar e a subjetividade de cada um. Para Gouveia e Camurça:

Um dos elementos fundamentais que nos traz o conceito de gênero é a idéia de que, transformar o modo como há muito tempo se vem organizando as relações entre homens e mulheres nas sociedades não é simplesmente trocar os lugares de quem domina e de quem é dominado, nem é achar que se vai acabar com mulheres e homens e ficar tudo uma coisa só.

Na verdade, o que precisamos acabar, totalmente, é a idéia de que diferenças nos corpos – sejam elas sexuais, raciais ou de idade – justifiquem desigualdades, opressão, discriminação e injustiça.

Podemos ser bem diferentes, e na verdade somos, não há no mundo duas pessoas eu sejam idênticas, mas o que somos e o que fazemos tem, e deve ter sempre, o mesmo valor” (2000, p. 34).

As autoras atuam enfocando as idéias de gênero a partir dos estudos culturais, enfocando histórias de vida. É perceptível o fato de alguns estudiosos não aceitarem o estudo de trajetórias de vida como sendo válido para os estudos culturais. Talvez essa falta de aceitação seja dada pelo comportamento irrestritivo de

alguns aventureiros que, ao se passarem por pesquisadores, utilizaram de forma tolhedora e cerceante os estudos das trajetórias de vida, relegando-as a uma ortodoxia de “história vista por baixo”. Não ensejamos aqui desacreditar a historiografia francesa do último quartel do século XX, mas asseverar a má utilização dos conceitos e métodos da *historiografia nova* por pessoas que sem compreender os ideais de *Les Annales*, muito influenciaram para o descrédito dos estudos das histórias e trajetórias de vida que têm suas bases muito além da Sorbone ou de sua Escola de Altos Estudos, suas bases vão de Frankfurt a Cambridge, de Praga a Yale, e, destas para o mundo.

Dentro dos estudos culturais, neste momento, pretendemos focar o fator Gênero que se mostra altamente enquadrado a essa finalidade. Especificamente trataremos do gênero feminino, por perceber as nuances comportamentais e os preconceitos com que as mulheres entrevistadas se manifestaram, principalmente por elas serem fragilizadas e menos valorosas na visão dos sujeitos que as fragilizam e se consideram de maior valor.

O estudo da história de mulheres é uma ruptura crítica com uma História que perpetrou o silêncio em torno das histórias pessoais. O silêncio criado quando os que são objeto da pesquisa têm pouco ou nenhum poder na construção do conhecimento (...) os sem-voz foram silenciados sem consentimento. São pessoas não escutadas porque seus pontos de vista são tidos como não importantes. Calados devido a um estigma social ou *status* inferior: pobres, mulheres, crianças, deficientes, homossexuais, minorias étnicas, religiosos e um eterno etc (GARCIA, 2004, p. 5).

Nos discursos produzidos pelas mulheres lembrantes, percebemos que, no início de suas vidas conjugais, quase todas elas cuidavam da administração da casa, enquanto o sustento do lar era proporcionado pelo marido.

Mulheres e homens tinham papéis diferentes. Os homens exerciam o papel de mantenedores e provedores do lar perante a sociedade em que conviviam, administrando as “negociações” com o patrão, comprando comida, vendendo borracha e outros e fazendo as viagens necessárias.

Para vilas e cidades, com o intuito de resolver algum tipo de necessidade que se apresentasse, a mulher, cabia cuidar da casa, dos filhos, da educação¹¹,

¹¹ Educação no sentido de comportamento social e ensino das tarefas executadas pelos homens. Também, as poucas mulheres que sabiam ler se incumbiam de ensinar o “ABC” para os filhos.

administrar as coisas existentes em casa, além de pescar, coletar, fazer atividades que proporcionassem alguma renda para a família¹².

Ao estudar questões de gênero Carla Queirós comenta como eram as relações que envolviam as atividades femininas dentro e fora de casa. Ela escreve sobre o auto-alentejo, mas sua descrição cabe muito bem às relações produzidas nos seringais acreanos em décadas passadas, conforme as lembranças descritas pelas mulheres do terceiro eixo em Rio Branco.

A diferenciação sexual era visível desde logo na formação familiar, isto é, os homens eram responsáveis pelo sustento da casa e as mulheres pela sua administração. A mulher desempenhava um papel ambíguo nesta sociedade tradicional, na medida em que manifestava total subserviência ao marido perante a sociedade exterior, mas assumia o controle e autoridade no seu reduto familiar. Com o casamento adquiria um estatuto proeminente, totalmente oposto aquele que lhe era conferido enquanto solteira na casa de seus pais. Uma vez casada, a mulher tornava-se totalmente responsável pela administração do lar, que no desempenho das lides domésticas, na criação dos filhos, na resolução, nas questões inerentes ao governo da casa, mas também, na contribuição para o orçamento familiar dado que executava periodicamente algumas atividades agrícolas de onde auferia alguns rendimentos complementares à economia familiar (QUEIRÓS, 2004, p. 2).

Mesmo “inferiorizadas” pelos homens, essas mulheres faziam seus momentos de resistência e aproveitavam as situações advindas para se rebelar contra as situações a que eram constrangidas pelos homens.

Com sete anos eu comecei a cortar sete seringueira, parece mentira, eu fazia tudo... Carregava água numa latinha assim... numa vertente longe. Aí eu pegava, corria... corria... aí corria... aí cortava essas sete seringueira na mata. A tigela era umas latas. Aí na mata... era só dentro da mata... Aí, no meio do verão, eu enchi uma lata desse tamanho com leite. Aí eu enchi, mamãe não sabia que eu cortava, e nem sabia dessa lata de leite que eu tava enchendo. Aí quando eu enchi, porque ela botava era eu pra varrer debaixo da casa... Aí quando eu enchi, o bolão com um pau enfiado assim. Aquilo eu fiz pra brincar mais o outro. Aí botei lá de novo, a lata com outro pau... Aí ela viu eu com aquilo. “Pra que isso aí, Nena?! “Mamãe, isso aqui eu é pra eu brincar mais o Raimundo”. “Me dê isso, Nena!” “Não, mamãe. Não fique, não, me dê...” Aí quando meu padrasto chegava, deixava o leite lá. Ia ficando lá no defumador pra aquecer o leite, acender a fornalha, aí ela ia roubando o leite, passando naquilo e botando lá outros do defumador. Foi indo... foi indo... Com

¹² Muitas mulheres faziam o próprio fogão de barro, plantavam melancia e grãos, mandioca, criavam galináceos, costuravam as roupas dos da família e até coletavam látex para aumentar a produção do marido. Poucas eram as mulheres que tinham sua própria conta no barracão. Em alguns casos de doença do marido por longo tempo, a mulher passava anos cortando seringa, mas a conta, o saldo, as vendas, o arrendamento continuava em nome do marido, mesmo que ele não produzisse nenhuma cuia de látex naquele ano.

um pouco, ela tava com um bichona assim... E eu cortando, e enchendo a outra. “Cadê, Nena?!” “Tô não.” “Não?!” Aí ela foi e vendeu. Meu padrasto não me dava uma caixa de fósforo, um palito... Aí ela foi comprar, um metro e não sei quanto de uma fazenda. Eu ainda me lembro o nome dessa fazenda... fazenda ainda vermelha, com umas pintinha branca. Deu pra fazer uma calça pra mim e um vestido. Daí foi, e no final do ano, eu aparecia com a outra. Aí ela disse: “Me dê!” E tornou a fazer do mesmo jeito, ela vendeu, aí me comprou a minha sandália (Nena).

Histórias como essa relatam a necessidade de adaptação a novas realidades, as experiências demonstram o ajustamento necessário, ainda que sofrido, à nova cultura. Uma mulher nova, viúva, com duas filhas pequenas, não podia deixá-las em casa para ir cortar seringa. Na época em que a mãe de Nena viveu, era comum o fato de as mulheres não saírem de casa sem o marido, a menos que ele estivesse doente ou desse ordem para tal. Ainda assim, percebendo a iniciativa da filha mais velha, a mãe de Nena pega o pau com o “bolão” de látex e começa a pegar do leite do novo marido para concluir a pela de borracha iniciada pela filha. Em um tempo em que os donos dos seringais raramente permitiam às mulheres assumirem o comando e o corte de seringa em uma colocação, uma mulher não cortou, mas preparou a pela para a filha.

Nena cortou seringa até ficar adulta. Quando criança, ela cortava seringa e o crédito ia para o pai. Depois de adulta, ela continuou cortando seringa, mesmo quando o marido não podia mais ir fazer a coleta, ainda assim, o crédito era para o marido. Os processos de construção e desconstrução das identidades em um ciclo de aculturação, revelam mudanças que confrontadas demonstram um papel feminino, em um contexto de socialização diverso.

A história delas demonstra um papel de construção identitária, principalmente no que tange aos papéis sexuais.

Eu aqui já tive momentos difíceis... porque quando me casei, meu marido era desempregado e eu trabalhava, mas tinha que ajudar a minha mãe que ela tinha 07 filhos e ajudar o meu pai pagar aluguel, e ainda arrumar dinheiro pra comprar comida... dar dinheiro pra minha mãe que não tinha emprego. Aí, passei dificuldade, mas superei tudo... já faltou comida pra mim... não tinha comida pra comer, não tinha dinheiro pra comprar, não tinha comércio aqui... Aí, agente ia passando como podia... às vezes, a vizinha me dava carne pra comer... e a gente ia vivendo... Quando eu tinha uma coisa, ela não tinha, aí eu dava pra ela. Aí ela me dava aquilo que eu não tinha... eu dava feijão e arroz pra ela, e ela me dava a carne... quando eu tinha açúcar, aí ela não tinha pó de café, aí a gente ia passando... E meu filho mais velho, quando nasceu, era muito doente... a gente levava ele nos médicos a qualquer hora da

noite, atravessava a rua com água na cintura na época da alagação, ali na ladeira do Bola Preta, pra pegar um carro lá em cima... as vezes acordava duas horas da madrugada pra ir pro hospital, ligava a lanterna e ia pra lá... só voltava seis horas da manhã... e assim a gente vivia... (Raimunda).

Ser mulher e chefe de família implica reaprender a viver. A vida já não é como elas cresceram ouvindo que seria: o marido, a esposa, os filhos. Às vezes ser mulher era aprender a negociar de igual pra igual, aprender novos valores e comportamentos, sentir e agir como mantenedora, provedora e cuidadora do lar.

Aí comecei a trabalhar aqui e praulá... Parei de estudar, fiquei mesmo só trabalhando... Aí, trabalhei aqui de doméstica e lavando roupa pra fora... lavadeira... Aí, trabalhei... Depois, uma amiga minha arrumou pra mim estagiar no Hospital de Base... depois eu saí. (...).

... a gente chegou aqui... era só eu e ela... quando ele veio pra cá... a outra menina, que morava comigo, e ficou mais meu irmão... aí, veio pra cá, só eu e ela [filha]... Ela tinha um ano... aí veio... só nós duas, pra cá... Daqui, levava ela pro trabalho... Do trabalho, levava ela nas costa, né? Então, não tinha medo de nada... Depois que desmanchei a casa, lá, e fiz a outra pra aumentar, pra cá, cobri só o assoalho e cobertura sem parede nenhuma, né? Só eu e ela... Era bom, sim, eu sinto falta disso, sabe? Daquela tranqüilidade que a gente morava... Eu dormia de porta aberta, janela aberta... Quando eu me lembro, quando eu dormia só, eu mais essa criança... a gente... só nós duas... e a casa toda aberta... Tinha vez que o meu irmão vinha de noite... Meu pai morreu lá em Xapuri... fui pra Xapuri... Quando a gente soube da notícia, ele tinha morrido... Meu irmão veio me avisar, chegou aqui, só eu e ela... Eu tinha chegado do trabalho, né? Tinha dado janta pra ela... Aí eu tava sentada na cama, fumando, porque nesse tempo eu ainda fumava... fumava feito uma caipora... nem vela eu acendia, porque nesse tempo não tinha luz, não tinha nada... aí, a gente usava vela... Aí, quando eu chegava, acendia pra fazer o mingau dela, esquentava uma comida pra mim, e tal, né? Jantava, aí, apagava a vela... Aí, ficava só com a claridade da lua... Era tão bonito, aquilo... e eu ficava olhando, em cima da cama, e a casarona aberta... e eu olhando lá pro tempo... pras outras construções, assim, sabe? ...pras casa... pra mata... ...Quando eu cheguei aqui, que era só o matagal, não tinha luz, não tinha rua, não tinha água, não tinha nada... Hoje em dia, é uma cidade...

A reconstrução do passado na memória produz uma lembrança de bonanças e bem-estar. A sensação de estar em um local que se pode chamar de seu faz com que os problemas sejam minorados ou deixados adormecidos na memória em detrimento de situações de felicidade e de prazer. Várias das lembranças narradas sobre as relações sociais estabelecidas na localidade são felizes. Poucas são as tensões explícitas e as lembranças tristes proferidas voluntariamente pelos lembrantes. No decorrer nas práticas estabelecidas, de acordo com os relatos, é possível perceber os momentos de sofrimento, mas os

proferidos voluntariamente de forma direta são poucos. Talvez porque em uma relação direta entre a necessidade de sair de onde estavam para vir para o local em que ainda residem, tenha pesado mais o fato da necessidade da saída de um local em que se viveu por décadas, que a dificuldade do recomeço em um local em que se possa viver, dessa vez como dono do mesmo.

A vida nas colônias não era fácil. As vivências identitárias por muitas vezes gerou crises entre homens e mulheres. E quando estas necessitavam tomar a frente de um trabalho, da casa, da situação de controle de algo, havia uma fronteira a ser transpassada: a do ser fêmea a ser “masculinizada” pelo contexto de interação social que impactava suas vidas. Ser mulher as fez buscar lugares onde fossem mais aceitas, onde fossem mais valorizadas como na espiritualidade. Por isso, muitas delas ao chegar em Rio Branco, envolveram-se com comunidades eclesiais de base e com as associações de moradores que eram lideradas por integrantes da igreja católica. Poucas delas assumiram a liderança direta dos movimentos das CEBs, mesmo as que tinham encontros de evangelização em suas residências. Mas sempre estavam presentes e atuantes, algumas até ensinaram seus filhos e esses tomaram gosto pelo movimento a ponto de se tornarem líderes dos mesmos nas comunidades.

Após o falecimento do marido, nenhuma delas quis se casar novamente e as que se separam, desiludiram-se de forma tal com os homens, que não mais quiseram casar ou mesmo namorar. Elas afirmam que seus maridos as fizeram sofrer muito, e agora que tiveram a chance de “estar só”, não querem mais “ficar presa”. Esse comportamento, segundo elas, é visto com ar de inferioridade por outras mulheres casadas que as têm como suspeitas uma vez que por não ter marido, poderiam se agraciar com o marido da vizinha. Mas elas têm consciência do que passaram. E isso as fez refletir sobre as vantagens e desvantagens de um novo relacionamento.

Meu casamento foi feliz até uns dois anos, o resto não. Tinha muita briga, ele ficava com raiva, eu morava na casa da minha mãe, eu e ele. Ele foi pra casa do pai dele. Ele ficava muito bravo.

Eu tava assando a carne, não tinha brasa. “Tu, também, não procurou lenha e nem nada pra pôr aqui no fogo.” Aí ele veio dizer que eu não assava logo a carne, que ia esfregar a carne na minha cara. Ele não me bateu porque a mãe não deixou.

E pronto, aí me casei com ele, morei trinta anos com ele. Já depois... já tinha essas menina, aí espatifamos tudo, ele veio me bater... Aí eu deixei ele... (Antônia).

As histórias de vida dessas mulheres entrevistadas é cheia de rupturas, descontinuidades e recomeços, como de qualquer outro ser humano. Entretanto, pelo discurso delas, percebemos que na cultura brasileira as mulheres não são ensinadas a exigir seus direitos, a lutar e a se defender. Elas aprenderam isso na prática, após muitos embates que elas mesmas não gostariam de ter travado. No entanto, a sociedade brasileira é sexista, homofóbica, classista, racista e androcêntrica (GARCIA, 2004).

A vida da mulher é referida a outros, prisioneira do seu gênero, sempre vivendo sob ameaça de degradação, trivialização e descrença por ser mulher. Na história de vida das mulheres encontramos momentos de descoberta que colocam em xeque a identidade atribuída, produzem uma nova consciência sobre si mesma, assumem um novo papel, propicia o nascimento da solidariedade entre as mulheres. As histórias de vida revelam como mudaram seus sentimentos, chegando a termos com aspectos da própria personalidade, adquiriram consciência da própria opressão como membro de um grupo sem poder, e como quebram este esquema. (...) A instituição patriarcal permeia a organização interina da sociedade, a política e a cultura. Relações pessoais e personalidade estão marcadas pela dominação e violência originadas na cultura e nas instituições patriarcais. A fêmea natural e biológica é transformada em mulher subordinada. O sexo está para a natureza assim como o gênero está para a cultura, elaborado humanamente com significado atribuído arbitrariamente (GARCIA, 2004, p. 6 e 9).

Nos seringais amazônicos, algumas mulheres casavam porque gostavam dos rapazes. Chegavam até a fugir com eles para constituir família, quando o pai da moça não permitia o casamento. Todavia essa não foi a realidade da maioria de nossas entrevistadas. As vivências de Nena evidenciam como eram os relacionamentos em muitos dos casos.

Aí casei perto dos 19 anos, só me casei porque eu não tinha pai, mas não que eu quisesse me casar. Eu não gostava do noivo, nem nada, aí me casei. Aí eu disse pra minha mãe: "Mamãe, agora o meu sofrimento vai dobrar". Ela disse: "Vai não". "Porque aí eu vou ter filho, vou ficar amarrada dentro de casa, porque eu... se eu só, sozinha, eu ando pra todo o canto... E, casada, pior..." Foi dito e feito. Me casei, e todo ano era um filho, tive doze filhos e três aborto, que saiu lá pelo seringal (Nena).

A falta de alternativas para obter sustento e garantir a sobrevivência diária fez com que muitas mulheres se entregassem aos homens, mesmo sem

gostar deles. O que nos chama a atenção é que com Nena se repetiu uma história parecida com a de sua mãe.

Aí meu pai morreu e minha mãe foi sofrer com nós duas, porque por lá não tinha nada... O pessoal lá em cima era pobre... Aí minha mãe foi vendendo as coisas... A última coisa que minha mãe vendeu do meu pai foi um rifle e uma caixa de bala. Dizia ela que vendeu pra poder dá comida pra nós. Aí ela ficou na casa da minha avó. Era três viúva, minha bisavó, minha avó e a mamãe. Aí foi indo... foi indo... quando acabou-se tudo. Aí a mamãe disse: “Agora, sim, o que é que eu vou dar pra essas filhas comer?!” Aí minha mãe foi e disse: “Se aparecesse um negro...” – ela queria”. De repente, apareceu um negro lá. Ela quis. Quis e foi sofrer. Foi sofrer ela e eu... Aí ela casou-se, fomos embora pro centro. Lá, a outra minha irmã, morreu à míngua... Mas, ele era muito ruim pra mamãe e muito ruim pra mim... Ele batia na mamãe, ele me açoitava (Nena).

As mulheres foram tratadas com desrespeito, desprezo e até com inferioridade por homens que se achavam no direito de agir como bem entendessem, e suas mulheres tinham que obedecer, até mesmo satisfazendo as vontades sexuais do marido, em prejuízo próprio. Recém-operada, Nena foi estuprada pelo marido e teve seu estado de saúde agravado.

Aí eu tava me tratando e o médico disse: “A senhora vai precisar ir pra outro canto”. Aí me jogou pra cá, pra outro hospital que tinha praulá. Aí cheguei lá, eu saía bem cedinho pra chegar lá . Nove horas, cheguei lá. O médico olhou: “Não é caso daqui, você vai pra Santa Casa”. Olha, aí doutor não passou remédio pra mim não. Aí, nesse tempo, Maria Raimunda já tinha vindo pra cá. Aí vai ser operada aí marcou lá o dia tudo, né? E eu fui... Era o doutor... nós dois... doutor bem novinho, não tinha um sinal de barba. Tava ele e outro lá da Santa Casa. Quando eu cheguei lá, tava os dois. Eu disse: “Vocês vão me matar?” “Não, senhora. Ninguém vai matar, não”. “Vocês não têm nem sinal ou barba, rapaz!” Toda a vida eu fui assim... Aí, vamos para a sala de cirurgia...Eu nunca tive medo de operação... aí, fui operada.

Mal cheguei e o marido me procurou... Aí lá se vem ele, aí me arrebentou toda, eu pegava a casa alta aqui, eu pego ele, descer ele pra lá pro fundo do quintal, atar a rede dele lá nas mangueira. **Eu sofri... sofri... até quando ele morreu. Aí ele morreu...** morreu na Santa Casa. Com seis meses ele morreu. Aí eu fique mais os meninos. **Deus me perdoe, mas aí eu melhorei minha vida. Aí deixei de sofrer. Melhorei minha vida** (Nena).

As mulheres trabalhavam para obter o sustento da família. Muitas delas trabalhavam sozinhas, sem a ajuda masculina e conseguiram criar os filhos.

Porque, meu amigo, é difícil, hoje em dia. De primeiro, nós cortávamos seringa. Está aí o meu retrato... Olha a gente defumando o leite... Já, depois, colocava o leite pra apodrecer, colocava veneno... Essa, eu não conto nada, não. Agora, de cortar seringa... pra quem corta seringa... trazer o

leite pra bacia, pra defumar na fumaceira, como é que chama? Eu fiz muito e achava era bom.

Cortei seringa no tempo em que nós morávamos lá naquela colocação lá. Sempre estava cortando, não vou dizer que eu tomei a frente para cortar parede e estrada. Mas, cortou eu mais esse meu menino que passou aqui agora. Era eu mais o menino lá de casa... Vinha com quatorze lata, com dez... de leite. E eu chegava com quinze. Olha, a borracha bem grandona... A vida da gente era essa... A gente se acostuma com o trabalho... A gente caçava pra trazer comida pra casa, plantava pé de milho... (Aldira, 86 anos).

Os relacionamentos fluíam com essas mulheres como fluem com quaisquer outras. Elas também desejavam e eram desejadas. Produziam-se todas para ir às festas e tocar nos rapazes que por alguns instantes as tocariam, colocariam as mãos em suas cinturas e dançariam com elas “uma parte”. Os sonhos juvenis se encontram presentes nos namoros escondidos, nos encontros atrás das árvores sem que os pais soubessem, no galanteio com outros homens – inclusive casados – e na tentativa de fuga para uma nova vida, ao lado de sua paixão:

Pra roubar é assim: o nego vai de noite, e combina com ela, ela vai lá pra um certo ponto e tal. E aí, pronto. Vai, pega ela, deixa na casa de um conhecido. Quando eles querem, aí marcam com o camarada, aí quando ele vem aí faz o casamento (Antônia).

Eu conheci minha mulher assim, porque eu vim pra cá, aí quando eu cheguei lá em Bela Vista, aí ela morava encostado de mim. Aí começamos a conversa, aí chegamos a namorar, aí se casamos. Casamos mesmo, o pai dela deixou, porque se não deixasse eu roubava mesmo (risos). Já tava tudo combinado, se ele não desse, ela fugia (risos). Rapaz, lá quase todo casamento é assim, rouba a mulher e depois faz a desobriga (Zacarias).

Eu namorei com um rapaz que ele me chamou pra fugir... E eu arrumei minha bagagem... Mas, não tive coragem de fugir com ele, porque meu pai era “couro grosso”, não alisava filho, não. Deixei tudo de mão... mas, não joguei minha roupinha pela janela, não... faltou coragem (Aldira).

Os relatos de dona Antônia e dona Aldira são ratificados pelo de seu Zacarias. Se o casal quisesse ficar junto e os pais não deixassem, eles marcavam a fuga. Mas nem todos tinham coragem de fugir. Dona Aldira foi uma dessas mulheres que amaram intensamente. Algumas delas foram mais felizes, outras foram menos, mas tiveram seus momentos de sonho e alegria. Algumas delas tiveram vários relacionamentos chegando a noivar várias vezes:

Eu vim noiva com outro rapaz, aí o quê que deu? Fui conhecer e tudo... Aí, quando foi num dia, lá tinha um rapaz por nome Raimundo. Aí, eu conversando, o rapaz que era meu noivo foi-se embora pro Acural, trabalhar, não sabe?! Foi arrumar o dinheiro pra nós se casar. Foi, e nada... Custou a aparecer. Quando ele apareceu passava no outro caminho por aculá. Não ia lá em casa, ia por lá. Quando meus irmão ia pra rua, via ele lá na rua, aí dizia: “Mana, tu viu o primo?!” Era primo nesse tempo. Eu digo: “Não!”. “Ele não passou por aqui”. Eu vi ele na rua”. “Viu?” “Vi”. Mas foi um castigo... Quando foi um dia, apareceu um homem que era do Acural, chegou mesmo assim na porta, deu boa tarde. Eu digo: “Suba.” Ele disse: “Não, senhora. Quero subir não”. “Me dê um pouco de água”. “O senhor veio de longe?” Ele disse: “Vim, sim, senhora. Vim do Acural”. “O senhor tá com fome?” “Quero, não, senhora”. Ele disse assim: “A senhora não tem notícia de um cara que foi pro Acural, não? O nome dele é Chico Pereira, ele trabalha lá junto com nós. “Ih, é?!” “Ele agora tá até namorando lá com uma moça. Toda noite, ele vai lá pra casa dessa moça. Vai tocar”. Tocava muito bem, violão. Eu digo: “É mesmo?!” “É”. Aí a mãe saiu lá pra cozinha, me perguntou direito, não diga nada não. Aí a mãe perguntou: “E ele tá noivo?” “Eu acho que tá, parece que vão se casar também”. “Foi bom saber notícia dele, que ele é nosso conhecido lá do Envira. Noivei com ele ainda lá, no Envira e tudo...” Não tava noiva com ele ainda não... “Nós conhecemos ele lá do Envira”. “Então, tchau”. “Tchau”. “Eu lá vou mais esperar...” Aí fui com outro, era bonito, baixinho, e tal... A irmã dele gostava de mim, aí pronto... Aí, quando foi um dia que eu fui pra novena, me encontrei com ele... com esse que tava no Acural, que era meu namorado, que eu tava noiva. Me deu boa noite, eu não dei mais boa noite, não. Acabou casamento. Pronto. Não fiquei mais com amizade com ele e nem nada, acabou... Aí me casei com o irmão da minha amiga (Antônia).

Essas mulheres também flertavam, amavam e eram amadas.

Fui pra beira do rio, tinha outro lá, bonitinho... que é alvim... O nome dele era Manoel Simão. Aí nos ia pra lá chamar ele pra ir tocar em festa lá em casa. Ele era bonitinho... Depois ele casou-se com outra... eu já tinha me casado... Ele trabalhava no Fórum, mas eu namorei pouco tempo... Mas, eu dizia: “Manoel, tu tão bonito, foi se casar com aquela moça tão feia!” “Tu não quis casar comigo”. Eu era feia também, mas todo mundo dizia: “É preta, mas, é zelosa”. Já tinha ela... Ela tinha um ano a outra tinha sete e a caçula tinha cinco (Antônia).

Dona Antônia teve coragem para flertar, mas não se sentiu à vontade para deixar o marido e ficar com o outro. Ela não traiu o marido, afinal, adultérios, casos e separações, embora praticados nos seringais, não eram bem vistos, principalmente se praticados por mulheres. Entretanto, algumas quebraram as regras e se encontravam nas matas para “conversar” com seus amantes. Algumas dessas mulheres citaram situações várias de fazer amor, citando nomes dos amantes e locais dos encontros, mas que foram contados em confiança, portanto não foram gravados, nem incluídos nos relatos para não causar constrangimento às famílias.

Alguns dos flertes recebidos e também praticados por essas mulheres se transformaram em relacionamentos.

Eu saí grávida, mas não casei com o pai da menina... não casei com ele... Ele era casado com outra mulher [risos]. Era casado, pai de cinco filhos com a outra esposa lá... Foi só um caso que a gente teve. Eu sabia que ele era casado e eu fiquei com ele porque eu quis. E eu nem cobrei pensão dele. Durante o tempo que ele passou aqui, porque quando ele foi embora daqui... ela tinha seis meses de nascida. Durante o tempo que ele passou aqui, ele nunca deixou faltar nada pra ela, não... Mas, aí, foi o jeito de ele viajar, ir embora, porque não tinha trabalho pra ele aqui... Ele não era daqui, aí ele foi embora pra terra dele, que era Manaus. Ele foi embora com a família dele, mas ele disse pra mim: "Ivete, eu vou embora, porque não vai adiantar eu ficar contigo. Porque eu vou precisar trabalhar pra sustentar a minha família e sustentar você... E assim, eu tando aqui, eu não tenho trabalho... Vou deixar passar fome a minha família e você... E, aí, eu vou embora... Deixo você livre, pra você arrumar outra pessoa, que lhe ajude... E, eu, tando aqui, você não vai arrumar..." Eu não ia arrumar mesmo, não né? Mas, mesmo assim, eu fiquei só... Aí, eu não quis mais ninguém... Eu estou com vinte e dois anos sozinha, só eu e ela (Ivete, 60 anos).

As vivências sociais também se dão no ambiente íntimo das relações extraconjugais. O relato produzido por Ivete, à primeira vista, parece promíscuo para quem "taxativamente" pode acusá-la de tentar destruir uma família. As ideologias contidas no discurso (Foucault, 1996) nos fazem pensar em até que ponto vale à pena uma relação que à primeira vista parece fadada ao fracasso. A ideologia de Ivete parece bem simples, mas nesse recorte de relato específico, propositadamente, o deixamos implícito.

É muito comum nas vivências estabelecidas o fato de ao perceber a linguagem do Outro, na grande maioria das vezes, tentamos interpretar o Outro por nossa própria linguagem. Não se trata de poder ou não, de ser certo ou errado, mas de existirem diversas possibilidades de diálogos entre os discursos estabelecidos. Como das diversas vivências proferidas pelas entrevistadas, Ivete assumiu seu querer, demonstrou almejar uma filha e não se arrependeu das vivências estabelecidas. O que para muitos poderia ser visto e rotulado como promiscuidade, pode no próximo recorte de texto ser repensado.

Eu engravidei nove vezes, e só tive ela... Todos morreram... O último que eu tive, eu fiz cesário, porque o médico disse: "Dona Ivete, a senhora tem que ligar suas trompa, porque a senhora já perdeu... já teve vários abortos... E a senhora fica fraca, vai findar morrendo..." Então disse: "Nós vamos ligar. Tá legal!" Aí ele ligou... aí menina morreu... aí ficou só com ela. Ela foi a sétima... E nasceu de sete meses... E pra segurar dentro, foi uma luta,

porque era no remédio, na injeção direto... assim, pra segurar... Quando eu vejo mães, que tomam remédios, que dói, que joga no lixo, que joga dentro da água, não é? Meu Deus, enquanto eu lutava, maluca pra ter um filho... segurar assim... sabe? Ela nasceu... foi uma alegria doida... Eu chorava feito uma coisa doida, de alegria.

Se pararmos um pouco para pensar, podemos até tentar entender o que Ivete queria. Ela queria um filho. Teve a chance de se relacionar com um “homem macho” que já havia tido cinco filhos saudáveis. Era a chance de ela tentar novamente, pela sétima vez. E foi exatamente nessa vez que ela conseguiu. Todos os outros oito filhos morreram.

Essas e outras vivências das mulheres riobranquenses se confundem com as vivências das mulheres de modo geral. Elas precisam lutar duplamente: lutam a luta cotidiana por melhores condições de vida, em que todos lutam independente de classe, cor, religião, ideologia ou gênero; e lutam contra o preconceito, para serem respeitadas como seres humanos, independentemente de sua sexualidade.

As falas dos sujeitos lembrantes estão cheias de características que exprimem suas crenças, seus valores, seus ideais, suas relações familiares e até suas identidades, ainda que cada uma dessas características expresse apenas substratos das relações estabelecidas por esses sujeitos.

No decorrer das análises das entrevistas, pudemos estabelecer uma tabela que identifica de forma mais sistemática as relações entre homens e mulheres. Não se trata da dicotomização do discurso, mas das falas expressarem os pensamentos e, com eles, as relações de vivências estabelecidas.

Comparativo entre os discursos proferidos por homens e mulheres:

Palavras utilizadas	Homens	Mulheres
Eu	1.096	2.387
Mim	42	60
Fiquei	25	33*
Trabalhei	31	25
Fizemos/trouxemos	29	81
Eu e [alguém]	10	31
A gente	3	6

Comigo	9	18
Minha mulher/esposa	7	---
Meu Marido	---	30
Meu pai/minha mãe	35	87
Meu filho/minha filha	12	93
Nós	93	180

* Se desconsiderarmos as muitas repetições de dona Nena esse número cai para 12.

Os relatos têm duração total de 152 páginas transcritas e transformadas em *corpus*. Destas, pouco menos de 50 correspondem aos 04 sujeitos lembrantes de sexo masculino, enquanto mais 100 páginas correspondem a 06 sujeitos lembrantes do sexo feminino. Percebemos que mesmo proporcionalmente as mulheres detalharam mais suas vivências que os homens, haja vista estes terem sido mais “diretos”.

As falas das mulheres são mais marcadas pela tentativa de afirmar seu “Eu”, seu valor enquanto parte de um todo maior. Os homens, sempre que utilizavam o pronome “Eu”, o faziam como prelúdio a um verbo, não tão marcante como nas vozes femininas. Talvez a quantidade dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo em primeira pessoa do singular tenham se dado em número maior de vezes entre as mulheres por suas falas serem em quantidade maior que as dos homens – duas vezes maior, em média.

Os homens fizeram mais uso dos verbos no imperativo e dos pronomes na primeira pessoa que as mulheres. É possível traçar um paralelo que demonstra as mulheres serem mais ligadas às relações familiares citando pais, filhos, e cônjuge que os homens quando responderam as mesmas questões.

As mulheres quase sempre que se referiam a verbos de ação, no âmbito familiar tinham suas falas precedidas pelos pronomes que indicavam o plural como “nós” e “a gente”, enquanto os homens quase sempre usaram o pronome pessoal como “eu” e “mim”.

Três dos quatro entrevistados ainda são casados e um é viúvo, contudo, pouco exprimiram em relação a suas famílias e cônjuges se comparado ao número de situações produzidas pelas mulheres. Dentre essas, três são viúvas, duas

separadas e uma solteira. Elas têm suas falas marcadas pelos relacionamentos familiares, pelo amor aos seus filhos e pela expectativa de dias melhores para todos as pessoas com quem mantêm laços de afeto e amizade.

3.3.4 Terras e Gentes: revisitando o passado

A mobilidade está presente nas lembranças dos entrevistados, mas os objetos que os rodeiam permanecem imóveis para os sujeitos lembrantes. Falar de tempos passados, de conquistas e de aspirações é como o fluir de possibilidades, contudo, a quietude é amada por eles mais que um sentimento estético ou de utilidade, proporcionam a sensação do lugar em que se está inserido no mundo, das projeções em que estão situadas as identidades. Ecléa Bosi, afirma que

A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra. Quanto mais voltados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos. Os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam (1994, p. 441).

As preciosidades das coisas, dos lugares das vivências se tornam presentes na memória quando remodelam as lembranças, presentificando o passado que, pelo contexto em que estão inseridos, ora se enraízam, ora desenraizam. Os deslocamentos espaciais constantes fazem-lhes, muitas vezes, rememorar e querer voltar, ainda que temporalmente, a algo que já não existe mais, desagregando, pouco a pouco, as lembranças referentes àquelas vivências do contexto ativo da memória.

As trajetórias e migrações desses sujeitos lembrantes constituem-se em marcos na vida dos indivíduos, à medida que estabelecem mudanças que provocam rupturas e conflitos, ao mesmo tempo que apontam para a perspectiva de novos horizontes. É preciso estar atento para o fato de que a mudança espacial implica outras mudanças na vida das gentes tornadas migrantes, sejam homens ou mulheres, brancos ou negros, nordestinos ou nativos do Acre, relacionadas às novas dinâmicas sociais, diferenças culturais e alteração de hábitos no cotidiano,

mudanças que também ocorrem na esfera das relações interpessoais, além dos rompimentos, distanciamentos e traumas decorrentes de situações desse tipo.

Ao ter em comum situações de mudanças em suas trajetórias de vida, esses sujeitos passam por rupturas, adaptações e resistência aos novos espaços e culturas, modificando no próprio processo de mudança espacial, cheio de rompimentos, a reconstrução de sua identidade individual e coletiva, formando-se gradativamente “uma memória social”. Todo este processo envolve laços afetivos, alegrias, tristezas, conquistas, perdas e, sobretudo, vivências, não mais da mesma forma que antes, mas em um outro espaço, em um outro tempo, em uma outra perspectiva, circunstanciados no desenvolver de afinidades e divergências do que se faz no constituir do local.

A localidade em que vivem está contida em um lugar maior que é um setor geo-político-social mais abrangente, e esse passa por proposições políticas, econômicas, interesses mercantis e projeções de afinidades com fins, ora especulativos, ora cognitivos, mudando conforme os grupos que estão no controle. Devemos ressaltar que qualquer atividade conflituosa ou ainda, que conduza a um êxodo, impelindo a uma migração, afeta não apenas o local de saída, através de um esvaziamento da terra e das relações sociais nela produzidas, mas também, o curso, o motivo, as circunstâncias e o local de chegada.

A ocupação do espaço enquanto território local é resultante da disseminação da propriedade privada da terra. Contudo, do mesmo modo, esse movimento gera privação dos direitos costumeiros daqueles que imaginavam tê-los. O processo de expansão se revela problemático e violento, uma vez que a imigração não apenas destinava-se a povoar a terra, mas também expulsava os pioneiros. Toda essa violência pela qual passaram os trabalhadores rurais fez com que se deslocassem das terras ocupadas, em troca de uma pequenina indenização, migrando para a área de fronteira na Bolívia ou “inchando” os centros urbanos, principalmente Rio Branco, onde “estendem” a fronteira da “periferia”, formando uma paisagem de miséria e ambiência urbano-rural.

Existem duas coisas que precisam ficar claras aos que se propõem a estudar pessoas vivas em um local em construção. Existem pessoas que tentam estudar somente o território, e outras que tentam estudar unicamente os habitantes de um lugar. Quanto a isso, é certo dizer que ao esvaziar o território de seus

habitantes, também o esvazia dos significantes. Logo ele é (ou se torna) espaço meramente físico – quando muito cartográfico, como rabiscos em uma estrutura. Também, quando se esvazia os homens de seu território cria-se um vácuo, não um vazio, mas uma “falta que não pode ser preenchida”, porque, ao se tirar o fator tempo-espaço de uma situação, ela não se sustenta em si mesma, pode-se mais facilmente cair no viés do simplismo, o que retira a concretude e lucidez dos fatores envolvidos, tornando a pesquisa um estudo vulgar (THOMPSON, 1992).

Além disso, muitas pessoas se questionam até que ponto o lugar é territorializante ou desenraizante. Não vamos tentar definir nada aqui, no sentido de enunciar atributos específicos demarcativos e sentenciantes. O que desejamos é conceituar, buscando representar os objetos pensados e os sujeitos pensantes por meio de suas características gerais, globalizando-os em seu território, sem generalizá-los. Antes de conceituar ou fazer conjecturas, vale ressaltar o que Stuart Hall escreveu:

Como em outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo (2003, p.36).

Em princípio, podemos afirmar que o lugar é territorializante quando deixa de ser espaço ermo ou fronteiroço para ser território local, onde se estabelecem as fronteiras analógicas e dialógicas – no sentido baktiniano – do convívio social. Desenraizante quando faz com aquilo que a pessoa sabe e tem conhecimento pareça banal, não utilizável na forma intelectual, moral ou valorativo do migrante “em trânsito”, que necessita, em grande medida, se separar das coisas com as quais ele convive e conhece, para se deparar com a nova realidade, em um constante embate entre o tempo da ação e o tempo da memória (BOSI, 1987).

A maioria das gentes que teve suas terras expropriadas precisou aprender a viver em terrenos com pouco mais de duzentos metros quadrados, trabalhar para adquirir dinheiro e comprar comida, uma vez que já não se podia plantar e colher produtos para a subsistência nessa pequena área.

Assim como o homem modifica o ambiente, este também o modifica na interação mútua. Porque o homem precisa de um lugar para se relacionar com o ambiente e com seu próximo, sendo que ambos se modificam nessa interação, e o lugar se modifica a partir da influência mútua do homem com o outro homem e com o ambiente em que vive. Por isso, nessa mudança de ambiente do que antes era “rural” com porções de terras outrora medidas em alqueires e hectares, agora percebemos que são medidos em pouco mais de duzentos metros quadrados os lotes onde ficam os “pequenos quintais”. Assim, não são vistas grandes plantações nos lotes do Terceiro Eixo, mas são comuns plantas, flores, árvores frutíferas e canteiros de hortaliças e leguminosas. Ao passo em que o “ambiente rural” é “urbanizado” pelos reassentados, o mesmo ambiente agora “urbano” – se é que podemos chamar assim – é “ruralizado” pelas práticas, inserções e modificações tipicamente dos ambientes rurais de onde os migrantes são provenientes.

Ao viver nessas localidades e tentar fazê-las o mais semelhante possível com seu lar anterior, percebemos que esses migrantes reassentados têm em sua memória o desejo de retornar ao local de onde vieram. Mas isso não é viável, ao menos não como eles gostariam. Porque a falta de possibilidade de retorno não se dá apenas pelo viés sócio-econômico. Se assim o fosse, bastaria economizar parte de seus proventos, administrar gastos e embarcar de volta à terra de onde vieram. Não é possível retornar, porque o tempo passou, a vida passou, o espaço mudou, eles mudaram. Gostariam de voltar ao que era antes, às casinhas do passado, às festas, amigos, paqueras e passeios, mas já não há possibilidade porque a volatilidade do tempo não se dá enquanto matéria corpórea de interposição espacial.

Ao retornar ao local de origem, o local não seria o mesmo, os amigos, a relações, os sonhos, eles próprios não seriam os mesmos.

O passado – que muitas vezes está associado, em parte, a dificuldades, limitações, escassez e estagnação, considerando o quadro cristalizado em seus locais de origem – também representa aspectos positivos, envolvendo laços familiares, hábitos e práticas do cotidiano, tradições e manifestações populares, a vida comunitária, o lazer e a diversão, a riqueza da cultura local.

Como podemos perceber, à luz da experiência dos entrevistados, as questões relacionadas à sensação de pertencimento desses narradores, já que suas identidades culturais têm em si traços de unidade essencial, indivisibilidade,

unicidade primordial e mesmice? Devemos abandonar a idéia de perceber a sensação de pertencimento inscrita nas relações de poder e estudar as identidades isoladas – se é que se consegue tal proeza? Ou ainda perceber as disjunções e as diferenças impressas nas identidades culturais dos migrantes que embora “obrigados” a tal, têm em si a promessa do retorno redentor?

Alguns desses homens e mulheres amam o local em que vivem, contudo a maioria se acostumou com o local. Estão lá com suas redes de sociabilizações, contudo têm em suas falas traços de agonia, nostalgia e até letargia diante da possibilidade imaginária de não voltar ao seu local de permanência anterior. Isso se torna claro ao aferir na circunstância de vida atual um saudosismo bondoso da “qualidade de vida” anteriormente vivenciada. No sentido contrário, nessa estrada de mão dupla que é a memória, gostariam de voltar ao local de vivência anterior, com os amigos de antes, as relações de antes, o amadurecimento das sensibilidades de hoje e a estabilidade econômica atual. No entanto, isso apenas é possível nas construções cognitivas e nos sonhos varonis.

A codificação dos significados pelos sujeitos lembrantes não é livre em si, mas ancora a decodificação ao conveniente, e o próprio pesquisador envolvido na turbidez do que está posto, por mais que se esforce, em sua imperfeição, apenas sintetiza o que já está colocado, analisando, conceituando, definindo, explicando, explicitando, enfim, sem querer, congelando. A necessidade de em muitos dos casos deixar que o sujeito lembrante fale por si mesmo, vem porque mesmo uma fala retirada do seu habitat, quando contextualizada, expressa, ainda que parcialmente, o seu intento. Como pudemos constatar na pesquisa predecessora desta, esses entrevistados têm muitas coisas em comum, dentre elas podemos destacar que:

Em todos esses idosos percebemos o desejo de aprender coisas novas e o anseio por ensinar outras que já aprenderam. Suas identidades estão vinculadas não apenas à memória cultural, mas ao território local em que vivem e convivem. A esperança enraizou grande parte deles, que relembram as festas comunitárias e o trabalho laborioso que executavam com braços que antigamente eram fortes e pernas já não tão firmes. A voz cansada pelo tempo ainda faz surgir nos olhos as lágrimas companheiras das lembranças de tempos nem sempre ternos ou calmos, mas vividos com intensidade. Da plataforma de suas cadeiras de balanço ou da sobriedade de seus bancos “rústicos” de madeira de construção, muitos sonham com um mundo onde não precisem ser substituídos, mas possam interagir com o que é “novo e belo”. Nas fotos amareladas pelo tempo, vêem-se corpos reais, vivos, talvez nem tão vivos como agora, mas que despertam saudades; saudades de poderem ir à igreja sem precisar “implorar” por companhia, de ter forças para encher uma

garrafa d'água. Saudades de serem respeitados como seres humanos (Lima, 2006, p. 150).

Para os sujeitos lembrantes, a relação entre o passado e o presente remete a ganhos e perdas em suas trajetórias de vida. São as vivências, as práticas cotidianas, as relações e interações entre esses homens e mulheres, não mais migrantes, mas ligados ao local, concebido, constituído, construído e reconstruído, que permeiam as relações estabelecidas de amor e desamor, querer e renegar, estar e sair, inerentes aos seres humanos. Nesse caso, as andanças populacionais diminuíram consideravelmente para dar lugar a um “fixar raízes” e viver num espaço que se fez lugar, transformando-se o transformador humano e a própria ambiência no que se pode chamar de “melhores condições de vida”, “sonho de ter um lugar propriamente seu” ou simplesmente “casa”.

Os vários velhos reassentados modificaram o espaço político-geográfico ao expandir a fronteira limítrofe urbana, do mesmo modo que procuraram naquele local interagir com seus conhecidos, com as pessoas a seu redor e com o território, havendo ou não grau de parentesco. Portanto, modificaram também as relações no espaço social, o que diretamente refletiu na constituição de aspirações e mecanismos que expressassem um conjunto de atividades sociais na cidade, ou seja, a apropriação do espaço terrestre se processou como transformação do espaço-lugar e dos próprios indivíduos, em uma interação contínua e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de rememorar é inerente aos seres humanos e saudável, porque parte de um processo universal para a reavaliação dos conflitos pelos quais o lembrante passou, para restabelecer a identidade de si mesmo. Serve também como uma forma de ajudar as pessoas idosas a auxiliarem a si mesmas, seja em um processo de interação coletiva, de discussão em grupo ou no diálogo (que mais parece monólogo) entre o sujeito lembrante e o sujeito entrevistador ou ouvinte.

Assim como os jovens, os velhos têm necessidades de exprimir seus sentimentos, de conversar sobre seus problemas, de elaborar suas tristezas, preocupações, apreensões, medo, insegurança, desgosto, culpa, derrotas, vitórias, temores, satisfações e aspirações.

A rememoração é um processo de recuperação que não é restaurador no sentido *stricto*, mas enseja ser uma revisão focal de vivências conjunturais envoltas na temporabilidade da memória. As vivências e o trabalho estão inúmeras vezes destacadas nas lembranças dos velhos. Esses homens e mulheres tantas vezes tolhidos como não mais úteis foram e ainda são trabalhadores, no passado trabalharam mais de forma “braçal”, atualmente trabalham principalmente com as recordações, porque recordar não se restringe a rever ou reviver algo, mas explicitamente é um “re-fazer”. Lembrar é quando se reflete no tempo presente a compreensão do que se fez outrora.

Não apenas as lembranças (representadas pelas palavras), mas os silenciamentos, rupturas e os esquecimentos (representados pelas inúmeras reticências) tornam-se coadjuvantes entre tantas outras figurações implementadas nos discursos dos velhos que fizeram atores principais deste trabalho de elaboração.

De igual forma, o dissertar não se faz presente apenas no trabalho de verificações, mas também no texto que compõe o *corpus*, nas vozes dos que falaram, choraram, sorriram e lembraram, e no interagir através da leitura do mesmo.

Escolhemos apresentar as memórias como nos foram relatadas, na seqüência da fala, retirando apenas a fala do entrevistador. O interessante nessas relações estabelecidas é que os papéis vez por outra se invertiam com os

entrevistados fazendo muitas perguntas – a maioria delas retóricas – e que o pesquisador interferiu nas falas uma vez que todo e qualquer estímulo à memória é uma interferência. Mas, ficaram as falas dos “sujeitos da pesquisa” como se apresentaram e foram transcritas o mais próximo possível a apresentação inicial, embora seja obvio que a letra não traduz a sensibilidade, embora a interprete – e foi isso que buscamos fazer.

As memórias que os velhos têm sobre si, sobre os outros e sobre o lugar onde vivem nos são importantes mais pelo que proporcionaram como lembranças, que pelas possíveis e justificáveis omissões. Registramos fragmentos do que compõe a imensa vastidão da memória e temos uma única certeza: as análises aqui produzidas são apenas fragmentos de um trabalho de possibilidades que envolvem as letras, as falas, os mundos de cada ser humano estudado.

Esses homens e mulheres que não aceitam o conceito que se tenta aplicar a cada um deles como “3ª idade” ou “melhor idade”, por dezenas de vezes se auto intitularam como velhos, ora negativa, ora positivamente. Eles se vêem e se percebem como idosos (idos em muitos dias) e velhos, por isso reiteradas vezes utilizamos essas duas expressões.

Pelo trabalho com a oralidade percebemos a valorização do observador, quando ao descrever a história de vida, pondera sobre as causas e os efeitos do momento em que a história foi contada. É o diálogo entre o observador e o sujeito efetivada na entrevista (“entre-vistas” ou “olho no olho”) de modo a ampliar o discurso em vários significados. Assim, a autoria das histórias é fruto da integração entre o discurso, os fatos e a capacidade interpretativa do pesquisador em recontar a história, desvendadas segundo suas entrelinhas.

Compreendemos que a memória não é algo do passado. Ela é o passado representado no tempo contínuo da lembrança; e só é possível se lembrar no presente, portanto a memória e a lembrança presente da representação do que se supõe, ou pressupõe passado, mas que na verdade não findou porque é atualizado. E é exatamente na atualização dos relatos que trabalha o pesquisador. Nesse local, é que reside o labirinto das possibilidades: algumas dando em “clareiras”, outras em cerceamentos e poucas em “saídas”, que em grande medida são momentâneas e só são saídas dependendo de quem olha ou de onde se olha. Porque lembrar é viver e vivemos cotidianamente, só que de formas diferentes. Vive-se um dia anterior de

multiformas, por multivontades, a partir de multidirecionamentos, e por múltiplos impulsos dentro de fissuras de tempo que são dinâmicas e representativas.

Na relação inter-pessoal, bem como, nas interações de indivíduos entre si, percebemos a consciência como uma construção social, em um viés de dupla troca, na qual a vida determina a consciência e a consciência determina a vida.

Cavalcanti (2001) afirma que “somos personagens de um drama coletivo, onde o papel de cada autor/ator determina e condiciona o papel do outro”. Assim sendo, o desenvolver das identidades humanas se dá pela mediação de indivíduos uns com os outros e pela construção das funções psicológicas humanas.

O ser humano não é meramente um produto do meio, também não é um ser pensante de natureza não influenciável pelas construções culturais a seu redor. Antes, defendemos a posição que no ambiente de interação sócio-cultural o homem constrói sua própria história e a história da sociedade, concomitantemente ao ato de ser construído pela sua própria história e pela história da sociedade.

As visões que aqui apresentamos são partes constituintes das relações estabelecidas, mesmo sabendo que ocorrem imprevistos quando se vai analisar as relações sociais, porque essas têm múltiplas dimensões ao se mostrar relacionadas às fronteiras do lugar. O sentido do corpo da memória que surge se constrói através da cultura, apresenta-se de forma fragmentada nas diversas composições da idéia que se têm do espaço, do indivíduo e da própria cultura. Cultura esta que se estabelece em meio a pressões e coações.

Desta forma, ao apreciar a formação das identidades na memória cultural das gentes do Terceiro Eixo, percebemos que elas estão ligadas à questão local/espacial, sujeito/identidade, território/fronteira. Assim, um inexiste sem o outro, e sua completude apenas se dá nas diferenças e mediações inseparáveis aos processos estabelecidos.

As imagens e vivências, que parecem turvas pelo tempo, calcificadas pela lembrança, às vezes, emergem dos “entulhos” da memória como um resgate do que eles viveram ou pensam que viveram, ou foi vivido, mas não exatamente daquela forma que explicitam. Embora essa forma explicitada, no momento em que é apresentada na memória, pareça mais prazerosa do que realmente é, e, por isso, quererem tanto ficar com ela.

Em grande medida, eles lembram da recordação construída com um sabor adocicado, mais agradável que a vivência que tiveram. Muitas vezes, eles têm noção do “real” e assumem, veementemente, que a lembrança prazerosa “do mesmo fato” melhor satisfaz os anseios. Quanto a isso, Paul Thompson (1992) escreveu: “aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido - sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo -, pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu”.

Esses velhos que outrora fizeram parte das populações andantes, ao chegar à localidade, precisavam recomeçar, fazer derrubadas, cuidar da área, construir o “tapiri¹³”, trabalhar para alimentar a família dentre tantos outros afazeres. Contudo, não eram homens e mulheres jovens, não em sua maioria. Esses sujeitos, grande parte deles acompanhados por seus cônjuges, tinham os filhos ainda pequenos, sendo que os filhos mais velhos os “ajudavam na lida”. O “dono da casa”, muitas vezes, vivia acompanhado por seus pais ou sogros, pela esposa, por quatro filhos em média e, às vezes, por noras e netos. A maior parte dos entrevistados disse trazer consigo seus parentes, ou eles vieram logo depois. Normalmente, ficavam sabendo do local para morar através de um conhecido, ou em segundo plano, de um parente e, mesmo sem saber de quem eram as terras, iam se instalando no local. A necessidade de ter onde morar e abrigar a família era maior que o sentimento de posse do que é alheio ou ética de estar adentrando um lugar que não lhes pertencia.

A identidade desses sujeitos lembrantes que precisaram se mudar e estão em um outro lugar que não é o seu lugar de nascimento/crescimento é vista aqui na concepção simbólica dos sentidos envoltos em uma materialidade concreta, mas um tanto quanto turva de ser explicitada pelo pesquisador que não a vivenciou. O imaginário está no plano da consciência e embasa a reprodução da vida na perspectiva do lugar pela tríade sujeito-identidade-lugar (NEVES, 2000). Em tudo isso, percebemos que a memória desses sujeitos simples da “periferia” está cheia de lembranças, vários deles venceram o desenraizamento e prosseguiram a vida.

Percebemos também que outros estão nos “entre-lugares” (Silviano Santiago), nas fronteiras, nas fissuras da sociedade, ora ensejando o local de onde

¹³ Residência feita de paxiúba e coberta de palhas muito comum em meio às populações pobres que habitam os seringais amazônicos.

vieram, ora permanecendo onde estão. Esses sujeitos constituídos de vontades, desejos e identificações por diversas vezes enfatizam em suas identidades compósitas o “elo umbilical” que os liga ao “local de origem”. Em seus discursos a idéia perpassante é a de que a segunda e a terceira geração já se identificam com o local, mas eles ainda não se identificaram, não totalmente, talvez nunca o façam. Porque em suas múltiplas identidades demonstram a origem específica da qual se orgulham, como se houvesse uma força centrípeta da qualidade de ser daquele local que os faça querer estar aqui sem desprender de lá.

É certo que alguns já cortaram esse elo e não está em questão se isso é bom ou ruim. O propósito não é taxar qualificando ou desqualificando atuações rememoradas ou falta delas com o novo lugar. Há a falta do que se foi, e muitos rememoram saudosamente o lugar de onde vieram, gostariam de voltar, mas não é possível.

As identidades são construídas não em um ou em outro lugar, elas perpassam pelas fronteiras, independem da oposição rígida do “isso” ou “aquilo”, não estão fundamentadas sobre a concepção binária de diferenças em que a fronteira de exclusão interage com um “Outro” e reflete a construção desse “Outro”. Para Hall, essas identidades culturais são híbridas e se diferenciam umas das outras. O autor comenta o conceito de diferença relacionando-a a identidades culturais:

A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. Mas, num movimento profundamente contra-intuitivo, a lingüística moderna pós-saussuriana insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente. Sempre há o “deslize” inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado. A fantasia de um significado final continua assombrada pela “falta” ou “excesso”, mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesma (HALL, 2003, p.33).

Podemos concluir que ao mesmo tempo em que eles cresceram em um lugar e interagiram com os espaços em volta, precisaram migrar para um outro lugar que não era seu, aliás, para muitos ainda não é. Se, por um lado, as vivências passadas dão conta da multiplicidade dos espaços, das relações produzidas, das projeções constituintes da identidades de um outro lugar em um outro tempo; por

outro lado, as novas experiências pró-migração recheadas de vivências exalam a constituição de um lugar em construção.

Mesmo após décadas de distanciamento do lugar onde viveram, antes de mudar para o bairro em que atualmente vivem, ainda sentem saudades de um tempo que mais parece congelado. Entretanto, pela presentificação da memória, torna-se plausível as ânsias temporãs de retorno a algo que de certo já não é o que foi, nem representa o que projetou.

A sensação de conhecimento obtuso dos lugares exala a experiência da idéia de não pertencimento. É como se eles conhecessem intimamente um lugar e depois, da mesma forma, vissem intimamente o outro lugar, mas tivessem sensação de não pertencer completamente a nenhum dos dois. O enigma de uma “chegada” sempre adiada é a sensação de trânsito que perpassa os corações e mentes desses moradores (Lima, 2006).

As vivências diferentes e o próprio nascimento da consciência de não pertencimento dão conta de uma lacuna que não pode ser preenchida. Porque se estão no local onde hoje habitam, nele formaram vínculos, criaram filhos, projetaram sonhos, constituíram padrões ético/estético/morais para “aquele mundo em que vivem”. As raízes começam a se aprofundar, porém, como em solo árido de benesses, cultivam os troncos e galhos de árvores genealógicas sem as profundezas necessárias das raízes que não conseguem vencer o ideário de um mundo que era deles e lhes foi tomado. Ou em lugar indeterminado na relação tempo/espço projetada pela memória que lhe tolhe as possibilidades de um fixar-se no presente e no local em que vivem, porque eles mitificam as lembranças afetuosas, fazem com que elas pareçam intocáveis pelo tempo e pelo espaço, como se estivessem congeladas. As memórias reconstruídas parecem mais prazerosas de se lembrar, pela vontade de reviver momentos que pretensamente já aconteceram, sobretudo porque que muitos deles são frutos de ternas lembranças.

REFERÊNCIAS

ASSMAR, Olinda Batista *et al.* *As dobras da memória de Xapuri*. Rio de Janeiro: Papel e Virtual, 2002.

BARTHES, Roland. In _____. Do ato da Fala ao Ato da Escrita. *Revista Tempo Brasileiro*. 41 – O Texto, a Leitura. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975 (abril-junho).

BASÍLIO, Sandra Teresa Cadiolli. *A Luta pela Terra e a Igreja Católica no Vale do Acre e Purus (1970-1980)*. Recife: UFPE, 2001. Tese de Doutorado em História do Brasil – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: as relações com o mundo*. Trad. Heloísa de Lima Santos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávilla. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONIFÁCIO, Maria Iracilda G. C.. *Ideologia e Poder: uma análise do discurso dos jornais “O Rio Branco” e “Varadouro” durante a Ditadura Militar (1977 – 1981)*. Rio Branco: Cida, 2007.

BOSI, E. *Memória e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CAVALCANTI, Edlamar L. S; FRANCO, Simone T. T. C. S. Identidade: uma construção psicosocial. In _____. FAGUNDES, T. C. P. C; et al (orgs). *Ensaio sobre gênero e educação*. Salvador: UFBA – Pró-reitoria de Extensão, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

DEFELICE, Stephen L. *Perda de Memória*. Trad. Maria Pia Brito de Macedo. São Paulo: Nobel, 1989.

ESTEVES, Florentina. *Enredos da memória*. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2002.

- FANTINI, Marli. *Águas Turvas, Identidades Quebradas*. In _____. *Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Bom tempo, 2004.
- FENELON, Déa Ribeiro. *Revista: Projeto História n. 10* – Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC: São Paulo-dez./93 – Cap.I, p. 77.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória Social: Novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In _____. MOTA, Manoel de Barros (Org.). *Michel Foucault – estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Barbosa. Rio de Janeiro: Gorense Universitária, 2001.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Tradição oral e memória indígena: a canoa do tempo*. Rio de Janeiro: mimeo, 1992.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Rio de Janeiro: editora 34, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GOLVEIA, Taciana; CAMURÇA, Sílvia. *O que é gênero*. 3 ed. Recife: SOS Corpo, 2000.
- GOUVÊA, Maria A. C. de. *Vivendo as perdas sem danos – caminhos para uma terceira idade feliz*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP7A, 2004.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaide La Guardiã Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOBSBAWN, E. J. A outra história – algumas reflexões. In _____. KRANTZ, Frederick (org.). *A outra história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- KATO, M.A.. *O Mundo da Escrita*. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. Para qué nos sirven los extranjeros? In____. *Educación e Sociedade*: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES). N. 79 – 2002.

LIMA, Reginâmio B. *Sobre Terras e Gentes: O terceiro eixo ocupacional de Rio Branco*. João Pessoa: Idéia, 2007.

LIMA, Reginâmio B; BONIFÁCIO, Maria Iracilda G. C (orgs.). *Habitantes e Habitat*. 2 ed. Rio Branco: Boni, 2007.

LIMA, Reginâmio B; BONIFÁCIO, Maria Iracilda G. C.; ALMEIDA, Lelcia M. M. (Orgs). *Habitantes e Habitat: a expansão da fronteira*. Rio Branco: Boni, 2007.

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza. *Motivos de mulher na Amazônia: produção de escritoras acreanas no século XX*. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica – uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik; MARCIONILO, Marcos. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MIRANDA, Wander Melo de. *Imagens de memória, imagens de nação*. Belo Horizonte: Scripta, UFMG, v.1, n.2, 1º sem. 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral: caminhos e descaminhos*. Revista memória, história e historiografia. v. 13, n. 25/26. SP: Editora Marco Zero, 1992.

MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

NEVES, Lucília A. Memória e História: substratos de identidade. *História Oral*. (4) São Paulo: ABHO, 2001.

NEVES, Lucília A. Memória, História e Sujeito: Substratos da identidade. In____. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 3, jun. 2000. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de. *O Sertanejo, o Brabo e o Posseiro: A periferia de Rio Branco e os cem anos de andança da população acreana*. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

POLLACK, M.. "Memória e identidade social". In _____. *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro. Zahar, 2003.

RODRIGUES, Antônio Edmilson M. et al. *Tempos Modernos. Ensaio de História Cultural*. Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro. *Seringueiros: memória, história e identidade*. Rio Branco: EDUFAC, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNITED NATIONS ORGANIZATION – Department of International Economic and Social Affairs (UNO, DIESA). *Periodical on Ageing*. New York. 1984, Vol. 1, n. 1, 61p.

Sites

BUCKI, Sonia. *Alzheimer e outras Demências*. Disponível em: <www.mentalhelp.com/alzheimer.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2007a.

BUCKI, Sonia. *As doenças da memória*. Disponível em: <www.mentalhelp.com/alzheimer.htm>. Acesso em 25: de agosto de 2007b.

Dicionário de lingüística. Disponível em: <http://cade.search.yahoo.com/search?p=o+que+%C3%A9+ci%C3%A4ncia%3F&prssweb=Buscar&ei=UTF8&x=wrt&meta=vl%3Dlang_pt>. Acesso: em 25 set. 2006.

Dicionário de Mitologia Grega. Memória e Minemosyne. Disponível em: <<http://dicionario-de-mitologia-grega-e-mana.portalmidis.com.br/m/mnemosine.htm>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2007.

ENNE, Ana Lúcia Silva. *Memória e identidade social.* Disponível em: <www.castelobranco.br/pesquisa/vol1/?link=memoria2.php&tipo=revista>. Acesso em: 12 de janeiro de 2007.

GARCIA, Loreley. *Era uma vez... o uso da história oral nos estudos de gênero.* ____ In: Mneme – Revista virtual de Humanidades. n 11. v. 5. julh/set 2004. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 20 de novembro de 2004.

GAUER, G.; GOMES, W.B. *A experiência de recordar em estudos da memória autobiográfica : aspectos fenomenais e cognitivos.* Memorandum, (2006). Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/gauergomes01.htm>. Acesso em: 15 de junho de 2007.

HOFFMANN, Maria Edwirges. *Bases Biológicas do Envelhecimento.* Disponível em: <www.mentalhelp.com/alzheimer.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2007a.

HOFFMANN, Maria Edwirges. *Entre a memória e uma vaga lembrança.* Disponível em: <www.mentalhelp.com/alzheimer.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2007b.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. *Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea.* Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 25 de agosto de 2007.

PARENTE, Maria Alice M. P.; TAUSSIK, Irene. *Neuropsicologia, distúrbios de memória e esquecimentos benignos.* Disponível em: <www.mentalhelp.com/alzheimer.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2007.

REBORATTI, Carlos E.. *A question of scale: society, environment, time and territory.* *Sociologias.*, Porto Alegre, n. 5, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de março de 2007.

GLOSSÁRIO

Colocações: Nome dado as várias localidades em que os seringais eram subdivididos, que serviam para habitação dos seringueiros. Nelas estavam contidas a residência do seringueiro e as estradas de seringa que necessitavam cortar para adquirir o látex a ser transformado em péla de borracha.

Literatura oral: É por o processo de restituição mais ou menos difícil, mais ou menos fiel ao modelo de referencia preexistente, a partir do qual é preciso reproduzir, mas também produzir. Cada versão é ao mesmo tempo, reprodução e criação.

Primeiro Eixo: Localidade que compõe a primeira fase de expansão da Cidade de Rio Branco, é o que atualmente se chama de Centro da cidade, que anteriormente se chamava Penápolis.

Segundo Eixo: Localidade que compõe a segunda fase de expansão da Cidade de Rio Branco, incluindo os bairros Floresta, Estação Experimental, Cerâmica, Aviário, Bosque, Conjunto Bela Vista, Conjunto Castelo Branco, Cohab do Bosque, dentre outros.

Seringal: Designação das matas de seringueiras. Propriedade onde se explora a seringueira e que se encontra mais comumente à margem dos rios.

Seringalistas: Proprietários dos seringais que se dedicam a exploração dos mesmos.

Seringueiros: Pessoas que extraem o látex da seringueira e com ele fazem a borracha.

Sujeito entrevistador: Pesquisador responsável pelo trabalho de entrevistas, textualização, transcrição, transcrição e análise.

Sujeitos lembrantes: Homens e mulheres que rememoraram suas vivências e concederam as entrevistas que compõem o *corpus* deste trabalho.

Sujeitos narradores: Homens e mulheres que tiveram seus discursos transcritos juntamente com os discursos de suas famílias anexados a este.

Terceiro Eixo: Localidade que compõe a terceira fase de expansão da cidade de Rio Branco, atualmente chamada de Baixada do Sobral ou Baixada do Sol.

Textualização da fala: Escritação da fala em forma de texto, buscando ser o mais fiel possível aos relatos colhidos.

Trajetórias: As vivências pontuais descritas pelas pessoas com fins a demonstrar situações que consideram mais importantes serem destacadas em suas histórias de vida.

Transcrição: *Transcrição* é um neologismo cunhado por Haroldo de Campos para nomear um tipo de tradução que ultrapassa os limites do significado e se propõe à fazer funcionar o próprio *processo de significação* original numa outra língua.

Sujeitos lembrantes:					
Pseudônimo	Idade	Relação com o local	Lembranças	Destaques	
Nena	82	Ajudou a construir a igreja E movimentos sociais	Muito tristes	Sufrimento e Dor	
Zacarias	73	Trabalhou na Santa Clara	Felizes	Trabalho	
Laura	72	Participou dos movimentos de "ocupação" do bairro	Tristes	Assassinato do filho	
Aldira	86	Evangélica há 40 anos Participou das CEBs	Felizes	Esperança de dias melhores	
Ivete	60	Movimentos sociais e Antigo Comerciante (falido)	Felizes	Luta para criar a filha	
Francisco	62	Participou dos movimentos de "ocupação" do bairro	Felizes	Luta para criar os filhos	
Raúl Isaias	83	Soldado da Borracha Participou das CEBs	Felizes	Esperança de dias melhores	
Raimunda	54	Participou das CEBs e moviementos sociais	Muito tristes	Luta para criar os filhos	
Martins	70	Antigo Comerciante (falido)	Tristes	Sufrimento	
Antônia	92	Doente há 04 décadas	Muito tristes	Sufrimento	

NENA

Meu nome é Maria Lemos Costa, tenho 82 anos. Eu moro aqui no Palheiro há 38 anos... eu sou de Sena Madureira, nasci lá em cima no Rio Iaco, 10 dia e dias de viagem, subindo de rio acima. Nasci num lugar chamado Jaguari, lá era donde morava mamãe e meu pai, né? Aí eu nasci lá, nasceu eu e outra... Minha mãe separou do meu pai... E meu pai, a outra, ele quis pra ele... e levou... só deixou eu... Aí eu nasci em 25, em 1925, isso aí eu não perco... 25... 9 de outubro de 1925.

Aí quando eu nasci, um ano e pouco nasceu a outra, a outra tava com três mês de nascida, o meu pai morreu. Aí meu pai morreu e minha mãe foi sofrer com nós duas, porque por lá não tinha nada... O pessoal lá em cima era pobre... Aí minha mãe foi vendendo as coisas... A última coisa que minha mãe vendeu do meu pai foi um rifle e uma caixa de bala. Dizia ela que vendeu pra poder dá comida pra nós. Aí ela ficou na casa da minha avó. Era três viúva, minha bisavó, minha avó e a mamãe. Aí foi indo... foi indo... quando acabou-se tudo. Aí a mamãe disse: “Agora, sim, o que é que eu vou dar pra essas filhas comer?!” Aí minha mãe foi e disse: “Se aparecesse um negro...” – ela queria”. De repente, apareceu um negro lá. Ela quis. Quis e foi sofrer. Foi sofrer ela e eu... Aí ela casou-se, fomos embora pro centro. Lá, a outra minha irmã, morreu à míngua. Lá, as pessoas não sabia o que era doença. Aí pegou uma gripe... que gripe foi essa que ela morreu?! Só pode ter sido de pneumonia. Aí morreu... Fiquei eu pra sofrer na mão desse padrasto.

Vai querer saber da minha vida, né?! Foi pra sofrer desse padrasto. Quando minha irmã morreu eu tinha quatro anos e ela tinha três, mas ainda hoje eu me lembro da minha irmã como se fosse hoje. Aí eu fiquei... e fiquei... Aí, mamãe foi dando filho desse outro. Desse outro, mamãe teve seis filhos. Mas, ele era muito ruim pra mamãe e muito ruim pra mim... Ele batia na mamãe, ele me açoitava.

Com sete anos eu comecei a cortar sete seringueira, parece mentira, eu fazia tudo... Carregava água numa latinha assim... numa vertente longe. Aí eu pegava, corria... corria... aí corria... aí cortava essas sete seringueira na mata. A tigela era umas latas. Aí na mata... era só dentro da mata... Aí, no meio do verão, eu enchi uma lata desse tamanho com leite. Aí eu enchi, mamãe não sabia que eu cortava, e

nem sabia dessa lata de leite que eu tava enchendo. Aí quando eu enchi, porque ela botava era eu pra varrer debaixo da casa... Aí quando eu enchi, o bolão com um pau enfiado assim. Aquilo eu fiz pra brincar mais o outro. Aí botei lá de novo, a lata com outro pau... Aí ela viu eu com aquilo. “Pra que isso aí, Nena?! “Mamãe, isso aqui eu é pra eu brincar mais o Raimundo”. “Me dê isso, Nena!” “Não, mamãe. Não fique, não, me dê...” Aí quando meu padrasto chegava, deixava o leite lá. Ia ficando lá no defumador pra aquecer o leite, acender a fornalha, aí ela ia roubando o leite, passando naquilo e botando lá outros do defumador. Foi indo... foi indo... Com um pouco, ela tava com um bichona assim... E eu cortando, e enchendo a outra. “Cadê, Nena?!” “Tô não.” “Não?!” Aí ela foi e vendeu. Meu padrasto não me dava uma caixa de fósforo, um palito... Aí ela foi comprar, um metro e não sei quanto de uma fazenda. Eu ainda me lembro o nome dessa fazenda... fazenda ainda vermelha, com umas pintinha branca. Deu pra fazer uma calça pra mim e um vestido. Daí foi, e no final do ano, eu aparecia com a outra. Aí ela disse: “Me dê!” E tornou a fazer do mesmo jeito, ela vendeu, aí me comprou a minha sandália.

Aí eu vinha embora. Você pensa que eu comia? Era difícil... A semana que comia duas três vez, se eu ia comer... Ela alegava a comida que eu comia. Aí eu deixava lá, e ia-me embora. O que eu comia... eu chupava uma cana na mata, eu pegava uma fruta, pegava outra... E a minha vida era essa. Com treze anos eu comecei a ir pras festas. Aí quando ia, quando eu chegava minha mãe tinha apanhado. Eu dizia: “Mamãe, eu vou acabar com esse moleque sem-vergonha! Eu vou matar ele, nem que seja com pedaço de pau”. Aí eu fiquei... Mamãe não me contava nada quando ele batia, ela sabia que eu ia e matava, né?!

Aí casei perto dos 19 anos, só me casei porque eu não tinha pai, mas não que eu quisesse me casar. Eu não gostava do noivo, nem nada, aí me casei. Aí eu disse pra minha mãe: “Mamãe, agora o meu sofrimento vai dobrar”. Ela disse: “Vai não”. “Porque aí eu vou ter filho, vou ficar amarrada dentro de casa, porque eu... se eu só, sozinha, eu ando pra todo o canto... E, casada, pior...” Foi dito e feito. Me casei, e todo ano era um filho, tive doze filhos e três aborto, que saiu lá pelo seringal. Aí ele era como bem-te-vi, dias aqui, dois anos acolá, ó meu Deus. Eu disse: “Um dia eu saio disso”. Foi indo... Aí eu vi... eu fui tomar o fogo desse cara, tomei o fogo dele. Também você deixa de ser como bem-te-vi, aí passava três anos num canto, corria pro outro, correndo o laco quase todo. Aí fomo pro centro de Santa Alegria... Lá, passamos quatro ano, eu vendo um instante deixar um filho enterrado

lá com tanta malária. E saímos de lá... Aí eu disse: “Graças a Deus” – ele veio aqui pra Rio Branco. Botou um roçado nessa colônia que nós vivemos, aí foi buscar nós e o Adolfo. E ia me virando com meeira, e eu me virando fazendo farinha pra dar comida pra melhorar, ralando no ralo... Aí ele chegou lá dizendo: “Vamos morrer de fome em Rio Branco”. Eu falei: “Nós não vamos morrer de fome, porque Deus é grande”. Aí foi quando nós passamos aqui pra Rio Branco, pras colônia. Na colônia, dobrou o serviço, porque aí eu cuidava de roçado, eu chegava tomava banho. Aí vamos cuidar de tabaco, vamos cuidar de debulhar feijão, até às onze horas da noite. Me levantava duas horas da madrugada. Olha, o fogo tava queimando as minhas palheiras... eu metia dos pés e ia apagar. Não era mais pra mim tá viva hoje.

Aí quando morreu um filho meu, meu caçula... E com sete anos, dentro os oito, aí eu fiquei lá, jogada... Com quatro dia, o Adolfo foi lá e eu tava dentro de uma rede com a mesma roupa. Sem comer. O Adolfo: “Papai, eu vou levar mamãe pra rua”. “Pode levar.”. “Mamãe, vamos se arrumar”. Aí, me levou lá pro açude que tinha assim... “Mamãe, toma banho”. Aí tomei banho, me troquei. Aí arrumei uma roupinha e viemos embora. Saí bem devagarzinho, até chegar na rodagem pra pegar um carro, aí vim embora.

Passei três anos sem dar notícia se era dia ou se era noite. Aí, com três nos eu melhorei. Nas mãos dos médicos... primeiro eu fui pra mãe do Mosarino, do Mosarino eu passei pro... “Eu vou ver se eu dou jeito na tua mãe”. Aí sofri... e sofri... Aí nunca mais eu voltei pra colônia, ia só a passeio. Aí fiquemos... Adolfo tinha um quartinho alugado, e lá com uma tia, Adolfo ele deu um quartinho pra nós morar. Aí vimos pra essa casa, travessa Rio Branco, lá nós passemos quatro anos. O Adolfo lutou pra comprar essa casa da Grazielle filha da Filó, ela não vendeu. Aí o Adolfo veio e comprou essa daqui. Aí viemos pra essa daqui, viemos chegamos meia-noite. Eu disse: “Não sei aonde nós vamos”. Aí ficamos, aqui as casinhas de palha, praqui e praculá... A velha Nenê não morava aqui ainda, morava a Guilhermina ali. Aí ficamos, aí foi levantada a igreja... Aí foi indo... foi indo... Aí fiquemos aqui. Aqui a casa era bem pequenininha, os pequenos chamavam era de batelão porque quando chovia ficava tudo alagado debaixo de casa. E a casa era dessa largura aqui, não dava pra atar uma rede.

Antes de vir pra cá, ante de eu vir pra cá, eu tava na Cadeia Velha, eu morava na colônia. Da colônia, eu adoeci. Aí esse filho trouxe eu pra rua... Aí eu morava na Cadeia Velha, na travessa Rio Branco. Aí, de lá, eles pelejaram, até que compraram

esse canto aqui. Ele... uma travessinha pequena, aí eles venderam o cavalo, venderam um garrote, aí compraram isso aqui, né?! Aí eu vim morar aqui.

Aqui... viche... era uma coisa horrível... Era umas casinhas que tinha praulá... Tinha umas quatro casinha praulá, os tocos de tiarana... Aí eram uns toquinhos assim... Aí botava umas palhinhas, fazia as paredes, era de papelão ...e assim era... Eu, Deus me perdoe, mas eu não podia nem colocar a cabeça na janela que tinha, com tanta briga... Era briga, era o pessoal com uns terçados, com pau... Viche... Aí eu tinha duas meninas, uma de criação e outra minha. Quando eu cheguei aqui, logo o pai dela, foi atrás de um trabalho pra ela lá no centro. Aí arrumou pra Maria Raimunda, que é filha mais velha, lá no salão da [dona...] Aí arrumou pra outra... Minha casa, que era pra empregada doméstica. Aí ela saiu bem cedinho, já levava material de aula tudo, aí trabalhava por lá. Aí, de meio dia pra tarde, ia estudar, quando dava seis horas, elas chegavam aqui. E a vida cansada era essa. Aí saía, era uma lama... uma lama... uma lama... Cada um buraco de lama horrível... Eu cansei de ir mais a Marina, era oito mulher, nós saia dali, aquela igreja, até aculá, o centro social, desfilando, pedindo ajuda o pessoal pra virem ajeitar essa rua. Aí a Marina comprou não sei quantas peças de pano, nós fomos pintar lá em cima, ela marcava e nós pintava, aí lá, nós vimos botando as faixas, até ali no fim, né?! Quando deu a boca da noite, não tinha mais nenhuma, o pessoal tinha tirado tudinho aí eu sei que a Marina batalhou mais nós... batalhou mais nós... Até que foi indo... foi indo...

Era tudo enlameado, tudo cheio de lama, tinha pouca gente. As casas, eram tudo com esteios de grama, fechada com palha, era assim... Pra trazer as coisas tinha um caminho bem estreitinho. Estava fazendo verão, aí a gente passou por cima de raiz, pau velho e o caminhão chegou até aqui. A casa era bem pequenininha, feita de madeira, bem apertadinha. Nas rua já tinha os postes de energia, mas só tinha luz aqui e ali na frente, não tinha mais em lugar nenhum. Quando nós chegamos aqui com pouco tempo chegou o inverno, nós viemos pra cá no final do verão.

Veio a melhorar, sabe quando? Quando entrou o Flaviano como prefeito, aí nos fomos em cima dele: "Olha nós, queremos uma rua ali". E pra mim ir pra igreja, eu ia bem pela beirinha, e quando eu chegava aculá, eu escorregava num poço de lama. Eu voltava, dava duas três viajens pra poder chegar lá. Aí o Flaviano disse:

“Tá bom, eu vou fazer”. E foi a primeira rua que fez foi essa daqui, que ele fez... Que coisa boa, né?

Quando eu cheguei aqui, as casinhas eram feitas e palhas, com palhas, com papelão, as paredes, era assim... Aí, depois, foram fazendo as casa... A nossa era de madeira, portinha, a nossa, e outra, passando essa, na outra. Aqui era do Raimundo... Televisão, não existia, tinha a nossa que nós já trouxemos de lá... Quando dava uma hora dessa, de tardezinha, tava pra derrubar minha casa... Era gente... era gente... Nem eu assistia televisão. Aí eu disse: “Adolfo, eu não agüento, tira a televisão aí de fora, que vão derrubar essa casa”. Aí o Adolfo tirou a televisão. O Adolfo comprou a televisão porque quando o Batista chegava da aula, corria pra casa do vizinho pra assistir televisão.

Daí, a casa era só uma salinha... Isso aqui, e isso aqui... Aí o quarto era só, o quarto lá fora, era outra salinha, né? E a cozinha... uma cozinha pequenininha que eles fizeram... Era dormir tudo apertadinho. Aí foi indo... foi indo... A gente que tem os filho... aí os filhos vão, né? Era Adolfo, era José, era Raimundo, a Maria Raimunda, Maria Auxiliadora, e João Batista e eu. Isso aqui foi invasão, então quando nós compramos isso aqui, foi tão caro... Aqui foi tão caro... Ora, tinha era mais ou menos até aqui, né, aqui na frente tinha casa. Mas, aqui pra trás só era mato, tudo só era mato. Esse João Eduardo, esse meio de mundo, tudo era mato. Nossa casinha era de cinco por quatro.

Quando eu cheguei já tinha luz. O Adolfo puxou um rabicho não sei de onde. Nesse tempo todo mundo puxava rabicho de fio de arame, era fio de todo canto.

Não quero sair daqui. Quando eu saí da Cadeia Velha, eu disse pro Adolfo: “Meu filho, eu vou pra lá, mas, de lá, só pro São João Batista”. Eu gosto, já me acostumei, fiquei viúva, meus filhos já casaram tudo... e eu fui ficando... fui ficando... Aí eu nunca quis sair daqui. Quando o pai dos meus filhos faleceu, eu ainda tinha José.

Aí morreu a Ivoneide, o Antônio, o meu marido. Pois era... Eu sei que aí foi... foi... foi... morreu um outro filho meu, o José... parece que com vinte e seis anos... Ele se formou no colégio tinha um ano, quando se formou já tava exercendo a profissão... quando morreu. Daí, eu fui ficando só... fui ficando só... e foi indo... e foi indo... E depois que ele faleceu, aí eu criava um neto, quando ele faleceu, foi preciso eu entregar esse neto pra mãe dele, porque ele já tava com outro primo praticando coisa ruim. Aí eu disse: “Quero que leve, eu não tenho mais força...” Aí ela levou... e

eu fiquei... aí, eu parti pra ficar sozinha mesmo... Aí o Raimundo disse: “Mãe, vamos vender essa casa?” “Não é porque o meu filho faleceu, que eu vou vender essa casa. Eu fico”. Depois, lá morreu a outra filha... A outra que morava lá no bairro João Eduardo. Ela morreu, eu não sei de que ela morreu... Tá com cinco anos. Aí eu disse pro Raimundo: Não, eu não vou sair. Eu fico aqui”. Aí eu fiquei aqui.

Antes de vir para cá eu morava em casa alugada, lá na Cadeia Velha, e lá os meninos vieram e compraram essa casinha. Era uma casinha de nada... Era umas 12 pessoas... Já de noite a gente atava as redes uma por cima das outras... Eu sempre, toda vida, tive a minha cama. Toda vez quando me levantava tinha dois comigo, era os dois meninos pequenos... eu brigava, colocava eles pra rede deles, não é? Aí, daqui, os menino: “Mamãe, vamos fazer uma casa maior pra mamãe, essa casa não dá”. Aí o Batista... seu Batista e o Raimundo foram formar essa casa e a Igreja... Quando eu cheguei aqui não tinha Igreja, o pessoal se reunia pra ir pro bairro da... aquele bairro que vai pro rumo dacadá... Eu sou tão esquecida.

Antes nós se reunia lá na Comunidade São Peregrino, não era?! Aí de lá passou pra cá: “Vamos se reunir aqui”. Aí formaram quatro esteira, cobriram com as folhinha que tinha, fizeram quatro banco. Era ali que nós se reunia. Daí ela disse: “Agora, a gente vai fazer uma igreja”. Aí fomos trabalhar. Fizeram uma igreja pequena, e já desse lado de cá foi feita uma latada pra todos os sábados e todos os domingo... a gente tinha venda ali, uma venda pra aumentar o tamanho da igreja. A gente tinha aquela venda... eu era dona da macaxeira, do nescau e do café, os outros tomavam conta do resto. Nós juntava aquele pouco dinheiro das vendas, quando terminava tudo, eu revirava meus bolsos: “Tá aí, eu não tenho nada. O que eu tenho tá aí nessa sacola”. A Rosa ia e depositava no banco, aí já tinha um bocado. Aí a Rosa dizia: “Vamos começar a igreja” – mas nunca a gente deixava de ir trabalhar de sábado pra domingo e de domingo pra segunda, né? Aí foi indo, aí até que fizemos uma igreja. Não dava pra nada, era só aumentando... ficava gente fora, gente em pé... Muita gente dizia: “Vamos aumentar a igreja!” Aí aumentamos, mas o Zé... tu conhece o Zé? O Zé foi o feitor dessa igreja.

Aí a Rosa: “Vou chamar o Zé... Vamos embora, Zé, você é o feitor dessa igreja”. Ele só trabalhava sábado e domingo na igreja, depois da semana ele ia trabalhar pra ele. E ele, aqui, aculá, dava uma ajuda também... Aí formou-se a igreja maior, mas não dava pra nada também. A Rosa disse: “Nós vamos aumentar essa igreja”. Zé: “Como você queira, aí aumentou... a igreja ficou grande... Aí... “maior do

que isso não pode ser”. Ficou gente do lado de fora, ficou gente em pé, aí... “Eu aumento a igreja”. Daí nos ficamos na igreja, mas todos os sábados a gente tinha aquele café, né? Aquele café que era pra colocar o dinheiro no banco pra quando precisasse, né?

Aí tinha os grupos das mães, o grupo dos pais e o grupo dos jovens. As mães se reuniam dia de sábado, das duas horas até às cinco. Era dois... era dois... Aí os pais entrava até oito da noite. Aí os domingos era dos jovens. A gente ainda juntamos setenta e... sessenta e três mãe e os jovens ainda juntava quase oitenta. Aí os pais era tudo fraquinho... Aí o Zé, olha também a gente reuniu os grupo de pai com os grupos de mãe... “Não, Zé... não... Vocês ficam com os grupos de vocês, deixa o nosso”. Ficamos, aí já tinha não sei quanto no banco e o Zé quase não dava... Aí, por lá, o Zé... tudo... Até que consegui dobrar a Dora. A Dora que era a mulher dele. Tu conhece a Dora, não conhece? Ela mora bem ali. Aí ele disse: “Dora, vê se tu dobra essas mulher, Dora!” Até que a Dôra dobrou, né? Eu nunca me convenci... Eu digo: “Olha, o Zé quer dar um golpe em nós”. “Não, Nena, não diga isso! O Zé, ele não é capaz disso!” “Eu vou concordar com vocês porque todo mundo concorda, menos eu, e uma andorinha só não faz verão”. Aí misturou o dinheiro deles do banco com o nosso, quando contou não tinha mais nem um centavo. “Eu não te disse, Dora?” “Mas, Raimundo, o que, que tu fizeste?” “Eu fiz isso, isso e isso na igreja. Não dava pra isso tudo, agora pronto...” Mas eu lutei naquela igreja, até quando foi parado tudo, aí quando foi parado, tudo pronto... ficou só o grupo de jovens e os grupo de pais com as mães. Era pouco, que eu ia pro grupo. “Mas, Nena, tu falta”. A Dôra: “É porque eu estou ocupada”. Não me lembro mais porque eu não queria ir.

Eu não sei mais em que ano nós começamos... Eu não me lembro mais que ano eu cheguei aqui... Eu não me lembro mais de nada, meu filho. Eu fiquei assim tão esquecida...

João Carlos foi o primeiro padre daqui. Aí ele era solteiro. Aí ele era bonito. Aí as menina começaram e começaram... O Dom Moacir disse: “Vamos tirar ele, vamos colocar outro”. Dom Moacir foi e tirou ele mandando pra fora... pra longe... Aí ele ficou por lá. Aí veio o Asfuri. O Asfuri era solteiro também, mas era... como ele era bonito... mas não dava confiança. Aí o Asfuri foi praquela igreja lá da Floresta, lá da... como é o nome? São Peregrino. Passou pra lá, e aqui ficou pros padres vim só dia de missa, de quinze em quinze dias.

Aqui tinha Comunidade [Eclesial de Base]. A reunião aqui da comunidade era na igreja mesmo. Aí, eu não sei mais... Se reunia só pra conversar, pra rezar e leitura da Bíblia também. Aí, tinha sexta-feira... tinha o grupo dos pais... sábado, o grupo das mães... domingo, o grupo dos jovens. E era assim...

Eu nasci em... Não me lembro o nome da colocação, sei que nasci em Tabatinga, no Seringal Novo Tabatinga, que eu nasci... Eu não me lembro mais... Olha, depois que passou pela minha cabeça, aí pronto... Aí em Tabatinga eu me criei, me casei, construí família, tudo em Tabatinga, na colocação Praculá... Aí quando eu vim de Tabatinga, aí nós viemos aqui para o Acre, né? Passamos vinte e dois dias viajando em um batelão grande e uma canoa. Vinte dois dias, nós passamos... Aí chegamos aqui, aí nós viemos pra cá. Meu marido já trabalhava aqui, já tinha passado um ano aqui. Não, nós estamos é no Acre, né?! Foi em Tabatinga... nós passamos muito tempo em Tabatinga... Lá eu tive meu último filho, praqui praculá... Aí viemos pro Acre, aí se tacamos de lá pra cá.

Quando nós chegamos aqui tinha umas casinhas de madeira, feito quatro portinhas assim aí coberta. Colocava umas folhas em cima e aí as mulheres iam carregado papelão e fazendo as paredes de papelão. E desse tempo tem a mãe da Graciane... Deixa eu ver quem é que tem mais... Tem a Guilhermina... Tem uma porção de gente ainda aí. Os outros foram tudo embora, aí foram chegando outras pessoas. Essa rua daqui, pra sair ali no Bola Preta, era tanto do buraco e lama que fazia horror. Os moradores resolveram tapar os buracos colocando barro e tijolo.

Antes, quando eu ia daqui para a igreja, eu dava três ou quatro viagens... que eu ia várias vezes e quando chegava bem pertinho caía dentro da água. Isso era de noite... Eu voltava, vinha me lavar, mudar de roupa. Mas era um sacrifício... Até que a juntamos quatro mulheres, a Francisca da bueira, Ametista... Como era o nome da outra, meu Deus? Eu... Era quatro mulheres. Aí nós colocávamos faixas por aqui. Faixa aí por todo canto... Colocávamos faixa e deixávamos o pessoal olhando, se não o pessoal ia e tirava. Quando chegava a noite, nós tirávamos tudo. Ainda roubaram foi muita faixa... O pessoal vieram e colocaram só pedra... Foi o tempo que... como é que era o nome do homem, lá, meu Deus? Foi o primeiro prefeito daqui. Foi o Flaviano... “Vamos fazer nossa rua. Nós só vota quando fizer nossa rua”. Ele falou: “Vamos atijolar”. “Não, tijolo não...” Aí fizeram tudo de tijolo praculá, tudo atijolado. Sério, foi assim que foi feito, mas nós sofremos.

Essas faixas tinham escrito que o Prefeito não queria nada e nós... e nós não íamos votar nele. A gente ia votar para Governador. O pessoal daqui, ninguém queria votar. Aí ele viu que só com o pessoal de fora ele não ganhava as eleições, aí ele mandou atijolar. Aí ele ganhou.

Aqui era só a buraqueira, reformavam e colocaram essa coisa que se coloca em rua. Aí quando foi passar pra Governo ninguém vota nele, ninguém... Quem é que vai votar nele?... Aí ele viu que ia perder, aí mandou atijolar tudo. Foram muitas rua atijoladas. Nesse tempo era boa, nós formava de dez mulheres e ia bater na Prefeitura, aonde ele está. Quando chegava lá, ele estava. “Vamos vê”. “Ou você ajeita aquela rua ou então nós não vamos votar em você”. Ele disse: “Vou ajeitar, vou ajeitar tudinho”.

Eu tive doze filhos de tempo e três sem ser de tempo... Tive quinze... Aí foi morrendo, morrendo... Tem Adolfo, Pedro, Messias, Raimundo, Batista, Maria Raimunda. Seis filhos com a menina... morreram duas já depois de casadas, aí ficou só uma. Só Maria Raimunda, essa mora dentro da água, comprou um barco e foi pra Porto Velho. Comprou um barco e mora dentro do barco. Ela é muito alegre, Maria Raimunda... Só eu, depois que fiquei desse jeito... e pronto eu enxergo pouco e ouço pouco... e pronto.

Eu vim morar em uma casinha pequena. Quando dava a noite, armava uma rede por cima da minha cama, por todo canto, por cima das outras. Aí eu morei até o meio do ano. No meio do ano, o Batista entrou de férias, aí eu vim pra cá. “Fizemos uma casa pra mamãe, uma casa em cima da minha”. Um dia o meu fogão estava aqui, outro dia o meu fogão estava aculá. Foi indo... até que derrubaram o canto da minha cama, eu disse vocês tem que derrubar mesmo, pode derrubar, aí ficamos dentro do vão. Só fizeram apregar as paredes assim, não tinham essas paredes não... não tinha divisão, não tinha nada... Ali ficava duas tábua quase soltas, aí entrou dois sem-vergonha, eu já estava tão pernoitada que eu dormi. O José viu, mas estava com medo e nem se mexeu. O Zeca também viu e disse: “Pelo amor de Deus, aqui tem um homem”. Aí ele pulou e se escondeu detrás de um monte de madeira que tinha por aqui. Foi uma coisa medonha, ele tinha tirado um monte de roupa deles de dentro da gaveta. Ele sabia que o Messias tinha recebido e ele andava atrás da bolsa, o Zé e o Batista cada qual pegou um pedaço de pau, um pedaço de tabua grande e foram atrás do ladrão. O ladrão disse: “Pelo amor de Deus, não me mate não”. O ladrão pensava que eles tinham pulado por ali, mas

seguraram ele. “O que, que tu roubou, caba sem-vergonha?” “Uma trouxa de roupa”. “Vá já buscar”. Aí ele foi buscar a trouxa de roupa e deixou aqui. “Você agora vá embora”. E saíram batendo nele, aí essa... Dava quase um metro aqui em baixo pra rua. Aí, rebolaram ele lá no meio da rua e ele foi-se embora.

Apesar de tudo, eu não penso em sair, não. Os meninos tem pelejado. “Mãe, vamos vender essa casa. Nós podemos fazer uma casa em qualquer canto do nosso quintal. Vamos fazer uma casa pra senhora”. E eu digo que não quero, daqui só pro São João Batista, quando eu morrer. Façam o que vocês quiserem, mas eu não quero. Pra que, né? É porque aqui tem muito ladrão. Aqui, o Raimundo comprou uma máquina de chiringar para matar formiga e outras coisas. E comprou outra, e sentou ali... Até que alguém roubou daqui... Ele, em vez de ter colocado em cima de casa, não... Colocou lá em cima das coisas dele. Ele andou... e procurou... Tinha sido o filho da dona Guilhermina, o Neto. “Ô caba sem-vergonha, eu quero minha máquina, vamos ver aí”. O Raimundo disse: “Olha, eu não vou fazer nada contigo. Eu vou até a delegacia, vou mandar te dar três pisa, com três pisa, tu não me entregar minha máquina, então, eu te entrego de corpo e alma pra eles”. Eu não sabia que ele tinha mandado dar três pisa nele, de cinco em cinco dia dava uma. Um dia eu disse: “Raimundo, o menino veio deixar tua máquina”. O Raimundo disse: “Deixa esse filho de uma égua, mãe”. Aí, até que ele sumiu... foi embora, se escondeu não sei por onde. Ainda hoje o Raimundo tá pra comprar outra máquina.

Depois ele sentou uma bomba ali, bem sentado. Os cachorros faziam uma zoadinha a noite todinha. Ele foi e disse: “Olha, eu vou arrancar essa bomba, mamãe”. “Meu filho, e quando a gente quiser água?” “Eu sento ela de novo, puxo ela e tiro”. Aí ele tirou daqui de dentro de casa. As meninas hoje não tem água pra... vão aqui pegar água, mas aqui dentro do quintal mesmo... Era trazendo água de lá de dentro da caixa. A água é limpinha também, ele tirou pra cá, deixou direitinho como que a bomba tivesse... Quando foi à noite, foi um siribolo. Eu estava doente, não podia me levantar. Ela foi quem abriu a janela dali do quarto e lá está o homem, me amostra a senhora. “Vai e sai por ali”. Ele foi-se, aí ele já tinha se remexido e não tinha achado nada... Os cachorros latindo... Ficava dois sem-vergonha aqui nesse portão, colocando comidinha pros cachorro, brigando com os cachorros e ele ia pra lá. E o Raimundo foi e tirou a bomba, tirou deixou aqui do mesmo jeito. É um caso sério...

As planta do quintal foi eu que plantei, agora é os outros que tomam de conta. Porque eu não posso ir aguar mais, meu filho... Eu não poso... eu ando bem

devagarzinho. E aí pra fora eu não ando. Eu tinha planta e não era brincadeira, mas aí foi se acabando... pra cá tudo era planta. Tem muita planta, tem de tudo aqui, graviola, cupuaçu, bastante cebola, mangueira, coité, goiabeira. Era eu que cuidava... também tinha muitas flores...

Meu marido trabalhava na colônia, aqui quando ele adoeceu veio pra cá aí era daqui pro hospital do hospital pra cá aí ele morreu. Aí, eu não quis mais casar. Não tive vontade, né? As mulheres diziam, eu não te aconselhei pra você arrumar um homem pra cuidar de você, que cuidando de mim que nada, me deixa, e assim eu fiquei.

Meu filho mora aqui atrás, na outra rua. Todo dia, bem cedo, ele vem deixar um café aqui pra mim. Às vezes ainda vem de tarde e às vezes não vem mais. Ele trabalhava no aeroporto, às vezes ele saía de manhã e só chegava de madrugada. Ele ia pro aeroporto e buscava gente, deixava gente e esperava gente. Era o tempo todo. Agora tem o Raimundo, esse ele mora aqui também. Mora lá pra Floresta, não sei pra onde. Todo dia ele vem aqui. O Pedro, eu estou com uma semana que espero ele vir de Boca do Acre, e nada... Aí tinha um carro empancado dele. O Adolfo já tirou, está lá no quintal dele... e o Pedro, nada... Ele tá trabalhando, ele é do Daime. Ele faz esse negócio de Daime pra vender e tem que apurar doze mil reais, que é pra pagar o negócio do carro. Eu sei que tem o Messias pra colônia, faz muito tempo que ele não pisa aqui. Tá com mais de mês que ele não vem aqui.

Nós tivemos dificuldade de comida, de tanta coisa... Eu tinha tantos filhos pra estudar... Mas, graças a Deus, os que quiseram estudar, estudaram. O Adolfo, pelo menos, batalhou... batalhou... Até que fez o segundo grau. O Batista foi um dos que mais batalhou. Ele terminou os estudos dele, quando foi com um ano e pouco, Deus levou.

Eu nunca estudei, porque eu morava no seringal. Eu cortava seringa. Eu cortei seringa muitos anos. Comecei a cortar seringa com sete anos de idade, aí fui cortando até quando não agüentei mais... Aí vim me embora pra cá, aí eu parei... Lá tinha festa de Santo Antônio, São João, de São Pedro... E tinha aniversário... Tinha as pessoas que aniversariava, aí era uma festa... Aí todo mundo dançava e tinha muita comida... Eu ajudava a preparar... era carne, era peixe, tinha de tudo... Comiam a noite todinha, dançavam a noite toda.

O meu filho Adolfo trabalhou como monitor de jovens vários anos e em 1978 ficou sendo o coordenador da comunidade. Era ele quem programava as reuniões e

fazia as celebrações, só não fazia a parte da comunhão. Mas uma parte daquele jornalzinho [Nós Irmãos] ele lia com o pessoal, fazia encontro do evangelho, colocava o pessoal em uma roda e fazia a leitura do evangelho do dia, começava a discussão e aí cada um falava o que entendeu.

Pra ser monitor precisava ter treinamento. Nesse tempo quem dava o curso de treinamento era o Airton Rocha com o Nilson Mourão. Eles passava e entrava na sexta-feira de tarde lá na sala paroquial da Imaculada Conceição. E ficava a noite, passava o sábado e o domingo e saía de tarde, estudando o evangelho mesmo, não é? Depois fazia curso de liderança.

O monitor era como se fosse um juiz pra fazer as paz, cuidar das famílias, das crianças, tudo, tudo era ele... era como se fosse um delegado nesse tempo. Tinha que arrumar o casamento de fulano que tinha brigado com o marido, que tinha batido na mulher, e tinha que ir fazer as pazes. Tudo eles fazia... buscava melhorias pra rua, pro bairro, esses negócios tudo.

Eu visitava o bairro todo, se tinha uma pessoa doente, a Rosa daí da igreja mandava me chamar fosse a hora que fosse, eu ia bater lá. E eu me mandava, ia visitar e perguntava pra pessoa: “Estão precisando de alguma coisa?” “Estamos precisando de tudo”. Eu voltava pra trás. “Rosa, eles tão precisando de tudo, vamos dar um sacolão”. Nós começávamos a pedir, pedia a um e a outro, em um instante arrumava pra ir deixar lá.

Eu saía muito, hoje eu não saio mais, pra mim andar daqui pra li é bem devagarzinho arrastando os pés. Quando eu saía, eu ia pra todo canto, todo canto eu andava. Era aqui nessa igreja, onde mas eu andava era na igreja.

Eu não tenho mais sonho, eu penso, mas eu sei que melhor pra mim é não existir mais. Queria ficar boa, cuidar da minha casa, o que eu fiz de bom, foi além de criar os meus filhos, que isso é maravilhoso. Trabalhei muito e aí eu não sei mais. Se eu fosse boa ainda, eu estaria na minha casa, cuidando da minha casa, do meu quintal, cuidando das minhas plantas e hoje nada eu faço, os filhos é que agora é quem cuidam de mim.

Eu não sei se eu sou mais feliz não. Porque eu vivo todo tempo dependendo das pessoas, de tudo... aí pronto... Se não dependesse mais dos outros eu era muito feliz, olha... Eu era feliz antes de ter essa doença. Eu tenho tanta saudade que eu trabalhava tanto e hoje vivo parada. Às vezes, pra me levantar daqui, é preciso o pessoal me segurar, me levantar.

Eu faço de tudo pra mim não pensar na vida. Quando eu vou pra minha cama eu vou pesada de sono... Eu me deito... e fico deitada até me agarrar no sono, pra eu não pensar... porque se eu pensar, nessa noite eu não durmo... e passo a noite sem dormir, bolando em cima da cama... Eu penso na minha vida, eu penso na vida dos meus irmãos, como se acabou a minha mãe... e vou pensando nas coisas...

Já passei muita dificuldade... A minha casa pegou fogo com tudo dentro. E eu fiquei sem nada. Deixa eu ver onde é que era essa casa... Era em uma colônia. Aí, de lá, ficamos até levantar toda a casa. Aí eu fiquei... Aí, de lá nos viemos pra rua. O Adolfo e o José vieram primeiro pra rua, aí me trouxeram. Trocaram a colônia por outra e foi com o tempo chegamos aqui. Até que eu fiquei aqui e os filhos foram saindo... e eu fui ficando... e fiquei sozinha... só com Deus. Eu agora não durmo mais, só acho ruim porque agora eu estou doente. Mas, quando eu estava com saúde eu não saía por aí devagar... eu ia pro açougue... Depois, eu não podia mais ir, porque eu fiquei doente. Eu esperava uma pessoa pra ir comprar uma carne pra mim, pra comprar seja o que for... mas essa pessoa dizia assim: que ia, mas só ia chegar de noite. Então, eu tinha problema. Depois que o Raimundo chegou aqui em Rio Branco, ele veio pra voltar, mas ele disse: "Mamãe, eu não vou mais voltar. A senhora está do jeito que tá, eu não vou mais voltar. Eu vou ficar por aqui mesmo Aí o Raimundo ficou por aqui trabalhando... trabalhando aqui e por aculá... E toda de manhã e toda tarde o Raimundo estava aqui... toda de manhã e toda tarde... Hoje ainda continua, hoje foi praculá.

Minha vista está curta, eu pedindo a Deus que alguém fosse me levar no oculista pra eu ser consultada, mas só tem o Adolfo que tem carro, mas é pior de que o correio, hoje ele já tem cinco viagem no hospital e está pra lá de novo.

Tenho orgulho porque eu lutei tanto pra conseguir fazer essa igreja, e pedindo a Deus e Nossa Senhora que me desse coragem pra mim só adoecer quando terminasse a igreja. E foi feito comigo. Era... eu já era doente, mas eu andava pra todo canto. Está com bem dois anos que eu não saio de casa. Eu andei saindo e quando foi pra receber, eu ia só até o carro... O Adolfo me deixava no carro e ia lá, e vinham alguns homens onde eu estava, aí eu escrevia meu nome e eu vinha embora. Eu ainda quero ficar boa, pra mim andar mais, pra mim fazer meus serviços. É só o que eu penso, e com fé em Deus eu ainda vou ficar boa.

Eu não conheci meu pai, só minha mãe e padrasto. Meu pai quando morreu eu tava com quase dois anos. A minha mãe cortava seringa, minha mãe fazia tudo,

trabalhava no roçado. No seringal é puxado, se eu tivesse no seringal talvez já tivesse morrido.

Os jovens estão começando a vida agora, mas quando chegar na minha idade eu não sei.. Eu estou cansada de dizer pros meus netos: “Meninos, vocês tomem cuidado, meus filhos. Vocês pensam na vida de vocês”. Eles ficam é achando graça. “Vocês pensam que eu não já fui nova como vocês? Já fui nova e hoje estou nessas condições”. E ficam achando graça... Ainda hoje andou um aqui e eu aconselhei ele. E ele saiu achando graça. Eu queria que eles pensassem na vida deles e dissesse: “Olhe, o que a minha vó está dizendo é verdade”. É preciso que nós pensemos na nossa vida, porque essa vida não é boa, é ruim. Mas eles nem se lembram disso, né? Pra eles, tudo é uma coisa só. Olha, aqui nessa frente, esses dias eu faltava ficar doida. Fechava a porta, os cachorros corria, um pra cá... E esse pessoal aí: “pei, pei, pei”. Aí eu falei: “Minha gente, vocês pensam que não vão ficar velho também? Vocês vão ficar velho, por isso, não façam isso não”. É do mesmo jeito, tanto faz eu pedir como não pedir.

Pra mim nunca teve nada de bom. Nada... A não ser essa igreja... Essa igreja, quando eu cheguei aqui, não tinha. Aí tinha a Rosa, uma que morava na Estação, que ela vinha fazer reunião na rua “A”. Aí, de lá, ela resolveu vir pra cá. Aí ela foi, o dono deu esse terreno... E, aí, ela foi e construiu, era quatro toco e os banquinhos assim... Parecia, banco de casinha de menino, cobertinha de alumínio. E aí, depois, trabalhar pra construir essa igreja... Aí nós fomos trabalhar pra construir a igreja e fazer arraial o mês todinho... Todo mundo trabalhava, era churrasco, era café, era nescau, era macacheira, esses quatro era meu, era assim...

Aí eu tava me tratando e o médico disse: “A senhora vai precisar ir pra outro canto”. Aí me jogou pra cá, pra outro hospital que tinha praulá. Aí cheguei lá, eu saía bem cedinho pra chegar lá . Nove horas, cheguei lá. O médico olhou: “Não é causo daqui, você vai pra Santa Casa”. Olha, aí doutor não passou remédio pra mim não. Aí, nesse tempo, Maria Raimunda já tinha vindo pra cá. Aí vai ser operada aí marcou lá o dia tudo, né? E eu fui... Era o doutor... nós dois... doutor bem novinho, não tinha um sinal de barba. Tava ele e outro lá da Santa Casa. Quando eu cheguei lá, tava os dois. Eu disse: “Vocês vão me matar?” “Não, senhora. Ninguém vai matar, não”. “Vocês não têm nem sinal ou barba, rapaz!” Toda a vida eu fui assim... Aí, vamos para a sala de cirurgia...Eu nunca tive medo de operação... aí, fui operada. O Adolfo pagou uma parte e o meu marido dava a outra parte, aí lá eu fui

operada, fiquei boa. Esse meu filho com raiva disse que ia embora pra Porto Velho. Eu disse pra ele: “Vá”. E ele foi. Com dois mês começou a telefonar pra vir embora. E Maria telefonava, todo mundo telefonava. O Adolfo mandava passagem dele, naquele tempo o Adolfo trabalhava na...

Mal cheguei e o marido me procurou... Aí lá se vem ele, aí me arreventou toda, eu pegava a casa alta aqui, eu pego ele, descer ele pra lá pro fundo do quintal, atar a rede dele lá nas mangueira. Eu sofri... sofri... até quando ele morreu. Aí ele morreu... morreu na Santa Casa. Com seis meses ele morreu. Aí eu fique mais os meninos. Deus me perdoe, mas aí eu melhorei minha vida. Aí deixei de sofrer. Melhorei minha vida. Eu ia pra passeio com as mulheres. Os meninos iam pra todo canto. Eu ia pro grupo de jovens a passeio. Era eu e a Chica da Bueira. Aí nós ia fazer o papel de mãe do grupo de jovens, nessa rodagem por aculá. Aí fomos... e até hoje, eu fiquei só.

Eu achei melhor ficar só. O meu filho, o Adolfo dizia bem que senhora, bem que devia ter arrumado um homem, eu digo Adolfo arrumar eu arrumei muito, mas eu não quis. Eu escapei de um e não quero outro. Aí fiquei, fiquei.

Eu dizia pra meu filho que eu tinha 15 anos quando um homem viu minha mão e contou a minha vida toda: “No final da sua vida você vai ficar sozinha e Deus”. E eu dizia pra minha mamãe. “Eu não vou te deixar só”. Aí foi indo... passei todos esses anos. Eu não estou só. Mas aí, eu fui ficando... fui ficando... e fui ficando só... fiquei só. E hoje eu vivo só.

Hoje a pessoa que eu vi aqui, foi você, agora. Vou lhe dizer uma coisa... Eu tenho uma vasilha aqui, botei em cima da mesa às dez horas, pra tirar água do vaso e encher a vasilha pra botar dentro da geladeira. Ainda ta lá. Quando eu lhe vi eu pensei: “Só ele vai tirar dali”. O Raimundo passa aqui bem cedo e ele diz: “Se eu morrer primeiro que a Senhora, o que será da senhora?” E eu digo: “Morre não. Deus me livre. Deus vai lhe dar muitos anos de vida”. Porque ninguém faz o que ele faz aqui. Ele chega bem cedinho, ele luta aqui, até às oito horas e vai embora. Aí só cinco e meia pra seis horas é que ele chega de novo. Meu filho, eu passei cinco dias bebendo água da Sanacre... Eu, com dois vasilhame... Que bom que você veio...

[Atualmente dona Nena mora em sua cama. Já não anda pelo quintal arborizado, pouco a pouco vê as forças se indo. Quase não ouve. Sofre de demências. Já não reconhece a própria família. As dores e doenças fazem-na pedir a morte. Chora e lamenta a sensação de solidão. Parece ter perdido a alegria de viver. Dói o peito vê-la naquele estado.].

ZACARIAS

Meu nome é Zacarias Pereira da Silva, tenho 73 anos completos. Nasci na zona rural do município de Apudi, Rio Grande do Norte. Saí de lá com 21 anos. Tem 52 anos. Nós era quatro irmão, mas morreu um, agora só tem três. Tem eu aqui e tem dois no Rio Grande do Norte, um casal lá.

Naquele tempo ninguém brincava não (risos). Pra se divertir, às vezes, era jogo de bola, correr, era só isso, não é como hoje, hoje é muito diferente de lá.

Meus pais trabalhavam na agricultura, plantando feijão, milho, algodão. A vida lá era mais ou menos, né?! Quando era inverno, não era muito boa não, na seca era uma tristeza... Três anos de seca, né?! Sofria... A seca no Rio Grande do Norte, no Ceará, Nordeste todo, sabe, não chove, seco mesmo de passar três anos sem chover... aí era pecado mesmo. É... mas, Graças a Deus, viemos pro Amazonas. Tinha tempo bom, inverno... Eu vim pro Amazonas, fui cortar seringa, né?! Eu morava no Rio Novo, cidade do Amazonas.

Eu vim pro Amazonas... Tem o rapaz que veio pro Amazonas... aí ele cortou seringa, marchou pro Nordeste, chegou lá, contou... disse que aqui era bom. Nós juntamos uns conhecidos e viemos. Mas, mas eu vim por minha conta, não vim por conta de ninguém... Até Manaus... De Manaus pro seringal. Aí eu vim com a conta do patrão. Zé Pereira Sobrinho, trabalhar no Rio Novo em 53, aí eu trabalhei 53, 54, 55, e 56... Em Janeiro de 57, aí eu vim embora aqui pro Acre... Do Amazonas vim pro Acre. Eu cheguei aqui em Rio Branco. Aí fui pra colônia Bela Vista... Aí resolvi cortar seringa de novo. Aí fui pra Nova Empresa, foram... no seringal, né?! Mas lá eu trabalhei só 2 meses... Era vender leite... Eu disse: "Rapaz, se é pra eu tá aqui dentro dessa mata tirando pouco leite, eu vou pra colônia do meu patrão que é melhor do que aqui. Aí vim pra Bela Vista de novo... Aí fui fiquei trabalhando com o patrão Chico Bezerra, que trabalhava com muita agricultura... trabalhava com muita gente... Aí fiquei lá, trabalhando com ele. Aí foi o tempo que eu comecei a namorar com essa minha esposa. Aí me casei... aí fui morar na colônia do meu sogro. Fiz uma casinha lá e fiquei na lavoura. Casei em 59, fiquei até... 70, dia 24 de dezembro, de 70 eu morei lá. Aí vim pra cá pra rua. Aí, o pessoal sempre me dava conselho pra mim vir pra rua. "Eu não vou porque eu não tenho profissão de nada.

Minha vida toda foi trabalhar em agricultura, não tenho profissão. Não sou pedreiro, nem carpinteiro, não sou nada”. O velho morreu, venderam a colônia, aí eu vim aqui pra cá, aí fiquei aqui aí fui trabalhar na Santa Clara.

Lá era bom de leite. A vida era só cortar seringa mesmo... Tinha que sair de madrugada pra cortar estrada, vinha barraco, comia alguma coisa, pegava o balde e o saco de pôr leite, e ia colher. Chegava cinco e meia, seis horas, ia defumar, fazer as pélas de borracha. Aí acabava de defumar, aí tomava banho, aí jantava, aí dormia... No outro dia, de novo... Era a semana todinha... Descanso, só no domingo. Lá não tinha calendário, mas a gente se baseava pelos dias que a gente tirava que saía pro Barracão, pra ir pra colônia, pra colocação, aí já se baseavam. Tinha o noteiro, tinha a nota pra pegar mercadoria. Aí já sabia, todo 25 do mês, ele ia tirar a nota... era no dia, por exemplo, dia 30. No dia primeiro, o comboio ia pegar borracha na colônia e levava a mercadoria, era isso... E a vida era pesada. A vida é assim mesmo, a vida toda foi batalhada mesmo, muito batalhada.

Lá nós comia caça do mato... que matava... veado, embiara; embiara que a gente chama é galinha, jacu, animal de pena; e mercadoria que era do barracão. A gente pedia pirarucu, era o que vinha, jabá, tabaco... era o que vinha do barracão, também quem morava só que nem eu, não tinha família, era as coisas mais fácil de fazer. Porque não é brincadeira você chegar meio dia no barraco e preparar a comida pra comer, acabar de noite e ainda procurar comida pra comer. A vida era daquele jeito. Pode perguntar a todo seringueiro que trabalhou com seringa que ele vai dizer. A vida de qualquer caba que trabalhou com seringa é a mesma essa história.

Minha casa era um barraco feito de paxiúba, palha de paxiúba, fechado de paxiúba, coberto de palha. Era do tamanho, assim de 6 por 8 [metros], naquele tempo que eu morava, eu comprei a colocação de um cara que tinha família, por isso que era grande, né? Dentro de casa tinha só os prato e panela, era os móveis que tinha. Eu dormia na rede. Meu fogão era feito de barro, fazia um assoalho, aí pegava aqueles barro fazia aquelas parede assim... Aí botava as panela véia em cima. Pra comer, comia o que tivesse... quando tinha carne, comia carne. Era difícil fazer arroz, às vezes, era só farinha. Tinha muito arroz... acabou-se a agricultura, pilava arroz dia de domingo, farinha vinha do barracão, tudo que vinha era do barracão... milho, café... Lá podia plantar, mas não tinha como, não tinha tempo.

Pra caçar eu usava a espingarda. Todo seringueiro tinha que ter uma espingarda. Era assim, você fazia a nota, o pedido de espingarda, munição, tudo aí. Você fazia borracha, ia pro barracão, aí ia pagar, quando terminava de pagar ficava no saldo. Eu cheguei a tirar saldo, graças a Deus, cheguei. Quando eu vim aqui pro Acre, naquele tempo era tempo de mil reis, tava com 18 mil reis do patrão. Rapaz, esse saldo eu vim pra cá e gastei feito... naquele tempo, eu não tinha nada mesmo...

Tinha muito seringueiro que enganava o patrão. Eles faziam assim: o patrão colocava ele na colocação, né?! Não fazia borracha pra se manter, aí o patrão cortava a nota dele. Aí apertava ali. Aí ele fugia dali pra outro seringal, entendeu?! Daquele, ele fugia pra outro seringal. Aí, por lá, enganava e ia pra outro canto de novo. Era errado o que eles fazia. Às vezes, o camarada tá num canto, aí aquele patrão tem a confiança em você, né?! Aí, você dá catrepe e engana. Tinha muitos deles que colocavam leite velho coalhado, cernambi, até barro tinha caba que colocava. E o patrão nem desconfiava.

Um dia, teve uma vez que o patrão desconfiou de uma borracha minha. É!!! Do barracão da onde ele tava, eu até acompanhei lá quando ele foi pesar, aí, a borracha bateu meia fofa, aí ele chamou o empregado dele, aí disse: corta essa borracha. Aí eu disse: tá desconfiado da minha borracha?" Porque ele tava meio desconfiado. Mas pode cortar. E ele: você quer que corte mesmo? E eu: Pode cortar. Ele cortou. Aí eu não tinha lavado a borracha e taquei o leite em cima, defumou, mas ela não grudou no outro, não sabe?! Aí ele cortou. Foi só isso. Pediu mil desculpa porque não tinha cernambi.

Ele fez só 1 corte, partiu assim, no meio dela. Se tivesse cernambi ou então barro, tinha desconto, não era o preço que ele pagava sem ter nada. Por que é assim, se não tiver nada é borracha fina. Se tiver, aí o patrão desconta o que tiver que tire a pureza da borracha. Assim, se perdesse a confiança, o seringueiro que põe porqueira, pode não botar mais nunca, mas toda a borracha que mandava o patrão ia e mandava cortar, porque se não tivesse nada era borracha fina, porque a borracha fina é a que não tem nada. Aí, se tivesse, toda borracha que eu mandar seria descontada entendeu?! Até eu ouvi falar, o pessoal conta que antigamente era punido, né?! A punição deles era assim: ficava desconfiando, ficava um homem sem fé, porque se enganasse em alguma coisa você não tinha mais confiança em mim, não é?!

Mas, também tinha caso de patrão que enganava seringueiro. Ouvi falar, mas eu mesmo ter conhecimento, ter visto, a conhecer, não. Rapaz, as pessoas contam a história de que tinha patrão que não pagava.

Essa é minha terceira casa aqui no bairro. Aqui tem o barulho do ônibus, essa linha de ônibus existe faz muito tempo. Aqui é a parada final, mas antes o ônibus parava no INPA, perto do aeroporto mesmo. A parada veio pra cá, acho que em 1976, quando os Lameiras tomaram, conta... não, acho que foi em 1971, quando vinha os ônibus dos Brilhante... mas, já tá com muito tempo, já. Quando eu cheguei aqui o aeroporto já tava lá do outro lado, só tinha a pista aqui.

Meu estudo é pouco, até a 3ª série, pra quarta eu não passei... aí, fiquei. Eu estudei depois de chegar aqui, quando vim pra Rio Branco era analfabeto mesmo. Eu comecei a estudar lá na Bela Vista, na casa do camarada que mandava lá. A luz era lamparina, era de noite porque de dia ninguém podia estudar que a gente trabalhava, né?! Aí pra cá tinha bem uns 10 alunos, pra aprender a assinar o nome. Aí depois eu estudei lá na Universidade mesmo, porque disseram que quem era analfabeto tinha que estudar. Aí, depois eu estudei lá na Berta Vieira, aí todo mundo que era analfabeto tinha que estudar. Aí que foi aí depois vim aí pro Colégio de Aplicação. Estudei 3 anos, foi, aí, estudei lá, aí vim pro Colégio São José, aí no derradeiro ano, eu fiz a prova. A professora perdeu minha prova, aí disse que foi fazer a revisão, eu fiz aí perdeu de novo, aí não entendi foi nada. Eu estudei pouquinho.

Eu morava com meu sogro na colônia Bela vista. Nós trabalhava na agricultura plantando milho, arroz, feijão, mandioca, meu trabalho era esse direto. Quando meu sogro vendeu a casa lá no Bela Vista, aí nós viemos pra cidade. Em cheguei aqui dia 24 de dezembro de 70. Eu fiz uma casinha bem aqui, e assim foi que comecei.

Eu conheci minha mulher assim, porque eu vim pra cá, aí quando eu cheguei lá em Bela Vista, aí ela morava encostado de mim. Aí começamos a conversa, aí chegamos a namorar, aí se casamos. Casamos mesmo, o pai dela deixou, porque se não deixasse eu roubava mesmo (risos). Já tava tudo combinado, se ele não desse, ela fugia (risos). Rapaz, lá quase todo casamento é assim, rouba a mulher e depois faz a desobriga. Pra roubar é assim: o nego vai de noite, e combina com ela, ela vai lá pra um certo ponto e tal. E aí, pronto. Vai, pega ela, deixa na casa de um conhecido. Quando eles querem, aí marcam com o camarada, aí quando ele vem aí

faz o casamento. Mas tem sogro que não perdoa nunca, tem deles que é nojento, do tempo do carrancismo, sabe?! Aí, resolvi morar aqui na rua, foi no tempo que não tinha profissão de nada, aí fui continuando... Aí fui trabalhar na Santa Clara, aqui nesse projeto Rondon. Aí fiquei trabalhando... aí, aí trabalhei... pra onde é que eu fui... o mestre mandou eu fazer uma porta aí eu fiz. Terminei, aí ele mandou carregar madeira que os caba tava pegando, fazendo tesoura pra cobrir. Aí no outro dia já não mandou mais fazer esse serviço. Mandou eu e outro, aí nós fomos lá fazer esse serviço. Aí, tinha um camarada lá, nem era meu conhecido. Acredita que foi meu professor no trabalho de carpinteiro? Ele disse: “Tu tem serrote em casa? Eu disse: “Tem...”. “Tu tem martelo?” Eu disse que sim. Aí eu fui aprendendo... Eu comecei a trabalhar em fevereiro, em maio, nós terminamos a construção. Aí o mestre já me botou como auxiliar de carpinteiro... Eu ganhava [sete cruzeiros]... Aí terminamos, fumo pro Palácio de Cultura, que naquele tempo tinha o Palácio da Cultura. “Tu vai pra lá, que lá tem que construir umas coisas”. Aí fui pra lá, aí fui trabalhando com um, com outro... Já em janeiro do outro ano eu tava trabalhando na Cohab do Bosque. Aí ele disse: “Quando for amanhã, você vai lá pro Palácio da Cultura”. “Fazer o quê?” “Fazer uns andame, porque lá tem um bando de carpinteiro que não tem coragem de fazer, porque é muito alto”. Aí eu disse: “Mestre, o senhor tem um monte de carpinteiro antigo e eu, que não sou carpinteiro, o senhor manda fazer o serviço?” Aí ele me disse: “Me diz uma coisa, você não ganha como carpinteiro, não?” Eu disse: “Não senhor. Aí ele disse: “Pois você vai ganhar como carpinteiro”. Aí ele mandou assinar a carteira e já veio como carpinteiro mesmo. Aí, Graças a Deus, daí pra cá foi equilibrando tudo. Aí trabalhei na Santa Clara, da Santa Clara fui pra Radial, trabalhei de carpinteiro lá. Aí quando terminei o trabalho de carpinteiro não deixaram eu sair. Aí trabalhei na Usina, quando saí de lá já era operador de Usina de fazer asfalto, não sabe?! Aí, terminando o serviço lá, aí me deram as conta, paga tanto, mas com direito a hora extra, não, não vou não. Aí depois o pessoal que trabalhava na usina não deram conta, aí vieram atrás de mim, então eu botei o “pé na barriga”. Só vou por tanto, e se me pagarem hora extra também. Aí não quiseram, mas negociamos, vieram três vez pra mim voltar. Aí eu disse: “Vou não, de jeito nenhum”. Aí surgiu esse negócio de Universidade, que pegavam nome de gente pra trabalhar na Universidade. Mas, tinha que ter uma carta de recomendação dizendo que já trabalhou não sabe, rapaz você tem que ir lá pedir a carta de recomendação, aí a mulher era muito legal foi e disse pra mim: “Zacarias, eu vou dar

duas cartas de recomendação, uma de carpinteiro e outra de operador de usina, porque pode surgir uma boca e tu precisar. Aí tu já tá coberto”.

Eu entrei na Universidade pra trabalhar em 80, 25 de fevereiro de 80. Trabalhei até... 2004. Ainda hoje quando eu chego na Universidade, os professor diz: “ Rapaz, volta pra marcenaria que tu tá fazendo falta”. E eu digo: “Volto nada, que eu já aposentei.” Mas, graças a Deus, trabalhei muito bom, muitos amigos, muita gente que eu tenho muita consideração. Todos os professores da Universidade que eu conheço são legal comigo. Os funcionários daquelas repartição tudinho. Eu nunca mais trabalhei não. Depois de aposentar eu fiquei só andando praqui praulá (...). Eu vou pro centro da cidade, fico lá até 11 horas, aí venho pro almoço. Faço algumas besteirinha em casa.

Aqui o pessoal chama de Rua do Terminal, porque aqui toda vida teve o negocio do terminal. No tempo que era Território. E aqui, terminal mesmo, quando eu cheguei aqui, todo negócio de petróleo, tudo era aqui. Vinha embarcação, deixava tudo aí, lata tambor, tinha os tanques de diesel aí, tudo de petróleo que ia lá pra baixo. Tudo saía daqui, por isso, que é Rua do Terminal.

Quando eu cheguei aqui era uma fazenda, era uma vereda, era só o caminzinho. Ia da Rua Rio Grande do Sul, aí subia pra cá. Tirando eu aqui, tem os menino do seu Rocha que nasceu e se criaram tudo aqui... Tudo era só campo praulá, isso aqui era um campo de gado. Isso aqui tudo era campo de gado, só tinha uma cerca, a cerca do Manuel Rocha, que separava a propriedade dele da Acreana. Isso aqui quando eu cheguei aqui. Daqui até o INPA praulá tinha vala que dava aqui no joelho, vinha aqueles caminhãozinho de tanque de óleo pra cá, quando amanhecia tava atolado adornado. Tinha que virar ele e puxar pra poder sair. A gente andava pelo meio do campo pra não ficar atolado. Quando eu cheguei aqui, em 70 ... em 71... alagou, que a água veio até aí a escola. Eu me lembro que meu menino que tava ontem aqui, ele tinha uma canoa. Ele é quem levava e trazia os funcionários de lá pra cá, era isso... Essa rua aqui no fim da gestão do Governo Joaquim Macedo... Joaquim Macedo foi quem colocou asfalto nessa rua, primeiro asfalto que foi feito nessa rua aqui, lembra do Governador Joaquim Macedo? Lembra, não né? Foi 81... foi no final do regime Militar, Joaquim Macedo, e depois, o Governo foi do Nabor Júnior.

O bairro mudou muito... mais de cem por cento, porque não tinha morador aqui, contava os morador que tinha aqui. Isso aqui tudo era campo, aí pra li, tinha

aquela que era a pista do avião, tu acredita que era tanto lixo aqui que pra comer aqui era só mosca. Ali naquela Rua do Incra que saía dali, eles jogavam lixo também na entrada daquela rua ali. Pra comer tinha que usar mosqueteiro. O melhor que fizeram foi no Governo do Geraldo Mesquita. Ele loteou essa pista pro pessoal fazer casa. Quando nós chegamos aqui não tinha água, nem luz.

Essa rua foi feita no governo do ... primeiro foi o Cerqueira, depois o Kalume, aí veio o Dantinha, é ... foi no governo do Dantinha. Eu conhecia pouca coisa pra cá, eu não conhecia quase nada, não andava pra cá. Eu vinha era comprar lata, saía da colônia para comprar lata no terminal. Vim no aeroporto pegar uns tambores e depois vim aqui deixar umas madeira pra construir a casa. Eu não tinha conhecimento aqui não.

Aí eu vim de canoa, tava lá na casa do meu cunhado, e vim por água. Aí trouxemos tudo, desembarcamos no barranco e tiramos tudo.

Minha primeira casa aqui era pequenininha, era 4 por 6 metros, feita de madeira, tábuas que a gente trouxe lá da colônia, e coberta de cavaco. Com esta que eu moro já são três casas só nesse terrenozinho. O barranco era mais igual, aí foi cavando, e fizeram essa bueira aí. Aí tá cavando. O barranco tá levando tudo. Quando cheguei aqui senti muita diferença porque tinha pouca gente, mas trabalhava e a minha vida aqui trabalhando era. Eu saía de noite, chegava de noite, só tava em casa mesmo sábado de duas horas em diante, sábado e domingo. Segunda feira, já ia... Cinco hora já me mandava, chegava dez e meia, onze horas da noite... era o horário que eu chegava em casa. Eu ia de pé pra trabalhar. Você conhece a Habitasa? Eu ia trabalhava lá, aí trabalhava até dez horas da noite. Ia de lá até dez horas da noite, eu vinha de pés, só eu e Deus... Não tinha nenhum parceiro que morasse pra cá.

Hoje tem muito marginal. Eu não saio mais à noite. Se fosse hoje que eu chegasse aqui com os meus filhos pequeno ia passar fome, eu não trabalhava não, não tinha condições de vir de pé de jeito nenhum, de noite eu não saio daqui de casa. A viagem que eu faço é ir ali de noite, ir vir, mas eu não saio daqui pra andar de noite por aí. Vou de jeito nenhum, não tenho coragem não. De vez em quando fazem assalto com o pessoal por aí, de noite aí, atacando, tomando dinheiro, tomando tudo.

Graças a Deus que melhorou pra mim. Porque na colônia era bom, mas aqui tá melhor. Graças a Deus melhorou pra mim né?! Porque naquele tempo eu sei, se

tivesse na colônia eu não tinha a minha aposentadoria né?! Eu nunca pensei na minha vida ser funcionário federal. Graças a Deus, hoje tô comendo e bebendo do meu trabalho, da minha aposentadoria. E se eu ainda tivesse na colônia eu não podia tá aposentado, mas do funrural, não é isso? Mas, de bom que aconteceu, foi só isso mesmo. Foi criar meus filhos, graças a Deus também, sem eles ter perdido a moral deles para a bandidagem. Cada qual deles trabalha, já estudaram, todos quatro. Isso foi muito bom pra mim, tudo de bom pra mim foi isso.

Rapaz, eu vou dizer uma coisa pra você: às vez o cara diz que vende a casa? Digo: “Vendo”. Mas, eu não tenho simpatia de morar em outro lugar de jeito nenhum. Nós pagamos um terreno lá aonde mora essa menina, minha filha, na estrada do Amapá. Ela disse: “Pai, eu vou tirar um terreno pra mim e pro senhor”. Eu digo: “Tira, eu não vou morar lá de jeito nenhum”. Aí meu filho arranjou uma mulher e disse: “Pai, posso fazer uma casa lá no seu terreno?” “Pode fazer”. Aí o pessoal diz: “Rapaz, você ainda tá naquele mesmo canto?” Digo: “Tô. “O senhor não que sair de lá, não?” “Pra que, rapaz, não nunca gostei de tá me mudando”. Pra mim eu acho muito legal morar aqui, eu gosto daqui e não pretendo sair. E outra, eu não tenho vontade de sair, porque minha filha mora ali. Eu tenho medo de deixar ela só, aí. Moram os dois aqui, eu não quero sair de perto dos meus filhos de jeito nenhum. Ela morava pra lá pra Rio Grande do Sul, fez questão de morar aqui perto de nós, né? Aí o marido deixou ela, agora ela vive só com os filhos. E a menina dela, doente, né? Eu não tenho coragem de sair e deixar eles, mas não tenho mesmo.

Às vezes o pessoal diz que aqui tem muito marginal, mas qual o lugar que não tem?! Eu gosto daqui. Não pretendo sair, só pro cemitério (risos).

O pessoal que morava aqui quando eu cheguei foi tudo embora ou já morreu. Só tinha um pessoal que morava aqui, mas já se foram. Aqui tem muitos conhecidos, mas do pessoal, só tem a família do Manuel Rocha, só eles, só esses mesmo. O resto já foi embora. Aqui tem muito conhecido, mas é de muito depois que nós chegamos aqui. Agora quando nós chegamos aqui, não... Quando nós chegamos aqui, essa casa aqui era o Luiz Matias, que morava desse lado aí, tinha a Dona Dorinha aí, que morava ali na frente... só... é a Nazaré. Aí o Luiz, depois a família da dona Antônia. Mais ninguém.

Quando a gente tá assim num lugar que perguntam: “Onde tu mora, fulano?” Aí quando a gente vai dizer aonde mora, falam assim: “No Aeroporto Velho?! Viche, logo praulá, cheio de marginal?!” Mas, meu Deus do céu, em todo canto tem, né?!

Dizem assim, que eu moro no barranco do rio (risos). Graças a Deus, por isso, né?! Eu não tenho paixão de sair daqui. Daqui eu só saio morto. Eu acho que a viagem que tem que fazer quando sair daqui é pra Cruz Milagrosa, na estrada do Colégio Agrícola. Lá tem uma colônia e um cemitério com esse nome. Meu pai foi enterrado lá, a minha mãe, meu irmão, tem muita gente por lá. No ano passado eu fui lá mandei fazer o túmulo, tá tudo feitinho: duas gavetas. Prontinho lá, só esperando eu e minha mulher.

Eu sou um homem feliz porque tenho a família, 4 filhos, 10 netos, 4 bisnetos, tenho meu emprego, minha aposentadoria. Sou feliz porque moro aqui. Tenho minha esposa, porque tem 46 anos que nós casamos e nunca se separamos.

Quando eu cheguei aqui o primeiro serviço que foi feito aqui foi uma casinha. Cobrimos com cavaco. Aí eles disse... meu cunhado: “Agora, Zacarias, vem, toma conta”. Aí eu peguei, ajuntei as tábuas... era tudo madeira bruta. Aí fui ajeitando, ajeitando tudinho... Fechei tudinho. Aí, quando eu fechei os três lados aqui, lá pra trás tava aberto. Aí eu já mudei pra dentro... no tempo que não tinha marginal, né? Podia dormir tudo aí aberto, não tinha problema de coisa nenhuma. Aí agora vou atrás de serviço. Aí... não tem aquela firma de Porto Velho, que fica lá na secretaria, não sabe? Por lá eu disse: “Rapaz, quero trabalhar”. Trabalhei uma semana, aí o cara foi e me chamou: “Rapaz, vai trabalhar na Santa Clara, lá tem muito serviço”. “Não, mas já tá terminando o prédio, lá no escritório”. Aí eu cheguei pra ele... “Amanhã, tu vem trabalhar”. Trabalhei três anos.

A minha velha limpava essa praia aí, plantava batata, macaxeira, tinha uma hortazinha. Aí, depois que foi evoluindo o pessoal... que foi chegando mais gente... aí não adianta mais plantar, porque carregavam... o pessoal carregavam.

Graças a Deus não passamos por necessidade de fome. A gente não tivemos muitos problemas, não, graças a Deus. Só nós três que chegamos aqui, o menino teve sarampo... todos os quatro com sarampo. Mas, daí pra cá, graças a Deus, tem dado pra viver mais ou menos.

A minha maior vitória pra mim, foi eu ter conseguido meu emprego na Universidade. Com saúde, trabalhei muito. Graças a Deus, eu estou aposentado com meu pessoal tudo em paz, minha mulher meus filhos todos criaram as suas vidas, trabalhando. Porque só tem um que não é funcionário do Governo, que é o que trabalha na Roda Viva. Porque na época que eu trabalhei na Universidade, eu consegui emprego pra eles lá. Ele trabalhou um ano e pouco, mas ele tomava

cachaça, aí estragou tudo... e hoje tá... Nesse dia eu não tava trabalhando, aí ele tinha bebido de sexta pra sábado. Aí, de manhazinha, eu chamei ele: “Tu não vai trabalhar, não? Ele disse: “Eu vou”. Ele trabalhava até na biblioteca nesse tempo. Aí ele foi, chegou... daí não foi assinar o ponto. Foi trabalhar. Aí o cara que pegava o ponto era chato pra porra. Disse que o ponto dele tava cortado porque ele tinha chegado e não tinha assinado o ponto. Aí ele chegou cedo, tudo... “Não, mas eu vou cortar o ponto dele”. Aí pegou e cortou, aí ele tava meio bebo da cachaça, aí queria o aviso. Aí ele disse: “Eu vou dar o aviso só segunda, quando o seu pai tiver aqui. Aí não bateram o ponto dele. Aí, quando eu cheguei, eu fiz uma coisa contra minha vontade. Aí eu disse: “Pois é...” Aí ele deu porque ele insistiu muito. “Não, eu não tiro sua razão, não. É porque o senhor que sabe, o senhor toda vida se deu comigo. Ele fez isso. Se o senhor não fizesse isso ia ficar desmoralizado: Ah! Porque o filho do Zacarias fez isso...” E ele não deu as conta, não é?! Pois é...

Eu tô com uns problema de saúde, não sabe?! Meio mole mesmo, mas, graças a Deus tá passando tudo. Às vezes, eu sinto assim um palpito do coração, pressão, mas eu tomei os remédios que eu tomava, sabe? Tava com bem uns quatro dias que eu não tomava remédio direito. Tomava e parava. Aí parece que senti falta, porque é pra tomar todo dia. Mas, eu vou fazer um teste, né?! Aí eu tomei hoje. Eu tenho uns probleminhas no coração. Fiz aquelas coisas que fazem na veia, não sabe?! Olha aqui o tanto de remédio que eu tomo por dia? Cinco remédio por dia. Aí tem um aí que é caro que só, não sei o que... esse daqui... Deixa eu te mostrar, essa caixa aqui custa 88 reais. Esse aqui você urina que é uma coisa horrível, rapaz. Minha filha, quando foi lá, ela disse: “Pai tem que tomar quatro horas. Aí seis horas fomos pro aeroporto. Rapaz, saímos lá do hotel Rio Branco, cheguei lá no aeroporto lá me aperreando, no sanitário lá. Rapaz, todo tempo eu no sanitário, que não era brincadeira.

Sinto saudade do meu pessoal, do meu irmão, que fui lá em 2001. Nunca mais fui, aí é uma dificuldade, né? Aí, quando eu faço ligação, tá por lá, é uma dificuldade pra chamar, rapaz. Aí nem atende direito. O lugar de onde sinto saudade é do lugar da terra onde eu nasci e me criei, né?! Às vezes lembro do passado vim de lá, mas minha vida mesmo... posso dizer que a minha vida tá toda aqui no Acre. Cheguei sai em 53 de lá, estamos em 2006 já né?! Passei três anos no Amazonas, aí vim pra cá. Cheguei aqui no Acre em 57.

Eu realizei muitos sonhos, mas o mais importante sonho que eu tinha, ser funcionário. Mas, eu achava que nunca ia chegar nessa posição, porque eu não tinha saber. Meu saber é muito pouco, nunca aprendi. Aí achava que nunca eu ia ser empregado, não tem futuro, né? Aí consegui esse emprego na Universidade. Aí, o sonho da minha vida foi ser esse funcionário federal. Até hoje vivo aposentado, tenho meu dinheirinho.

Mas, nem todos os meus sonhos se realizaram. A coisa que eu queria ter feito e não fiz era ter dinheiro pra fazer outras coisas, né?! Ganhar dinheiro pra realizar o futuro bom pra deixar pros meus filhos, né? A gente sempre pensa nisso, né? Mas é isso mesmo? A gente tem o que Deus quer, né?

Eu sei pouca coisa da Ditadura Militar. Essa de 64. Foi 20 anos... Rapaz, era naquele tempo... foi no tempo do Jânio Quadros, que era Presidente. Aí obrigaram ele renunciar também, aí a presidência ficou pros militares. Aqui no Acre tinha sido eleito o José Augusto a Governador, foi o primeiro Governador como Estadual... Passou a Estado mesmo... José Augusto, né? Aí foi obrigado ele renunciar também, quem assumiu foi aquele... o Cerqueira, do militar do 4.º BIS. Aí tirou o resto... aí ficou... Aí quando ele saiu... naquele tempo era cinco anos, né? No Governo... Ele saiu, aí entrou o Kalume, o Governador. Tirou o mandato dele, aí entrou o Wanderley Dantas, tirou o mandato dele... do Wanderlei... Veio o Mesquita... o Geraldo Mesquita. Do Mesquita, o Joaquim Macedo. Esse que foi atropelado agora, que tava no hospital... Não me lembro do Presidente da República, mas sobre a isso... O regime militar tinha... o trabalho da Universidade que eu entrei em 80, o tempo melhor que nos passamos foi no regime militar, porque o regime militar naquele tempo tinha aumentado o salário mínimo... aumentou em maio... A gente pegava o salário da gente, aí a gente tinha aumento, aumento duas vez por ano, aumentava em março e setembro, por ano. Mas, era muito bom, rapaz, regime militar... não tenho o que dizer não.

O pessoal conta muito... teve muita gente que sofreu né? Regime militar, os que não renunciou, fugiu, foi preso... Aí esse Henrique Cardoso, foi um que foi pego no exterior, aquele outro, o Lula, o Zé Dirceu foi outro, tem muitos deles. Eu lembro que você não podia comentar nada, você não podia dizer: "Fulano é... Fulano Governador não presta". Não podia dizer nada, era tudo calado porque se dissesse qualquer coisinha e a justiça tivesse conhecimento, você ia preso. Aqui foi... aqui em

Rio Branco, teve vários que foi caçado o mandato deles. O filho do José de Castro, foi caçado o Deputado de Sena Madureira.

Pra nós aqui teve dois, o Mesquita que quando ele entrou como Governador aqui naquela Rua do INPA... aquela rua ali era um lixeiro só, quem morava por aqui era uma praga de mosca mais doida do mundo... Aí o Mesquita pegou, tirou o lixeiro daí e construiu uma casa pro pessoal ali, aquela casa... E o Joaquim Macedo foi que construiu esse asfalto dessa rua aqui da Rio Grande do Sul até aqui, pra cá tudo foi ele.

Eu moro na Rua do Terminal. Colocaram esse nome na rua porque... acho que por causa do terminal que tinha aí... Um posto de gasolina... Aí, quando ocuparam essa rua, ficou o nome de Terminal. Quando eu cheguei aqui só tinha umas 18 casas na Rua do Terminal, e na Rio Grande do Sul aqui.

Aqui era uma vida tranqüila... calma... Aqui você podia anoitecer, dormir com as portas abertas que ninguém mexia em nada. O negócio da violência veio surgir de 70 pra cá... em 78... Eu acho que a violência aumentou porque a população foi aumentando, aí surgiu a droga, esse direitos humanos... Não podia trabalhar, entendeu? Quem tem criação ou prestar e quem não tem já vai seguindo pelo lado errado. Eu sinto saudade da tranqüilidade. Hoje tem muita bagunça, muita bebedeira, você tem que fechar tudo ainda de dia. Aqui já carregaram botijão, já carregaram o som do carro do meu filho... a semana passada, levaram uma cadeira.

De primeiro eu ia trabalhar e minha família ficava sozinha, só a mulher e os meninos. Os meninos brincavam aí até meia noite, da Bahia até a beira do rio. Quando alagava ficava a praia, na lua, ia virar cangapé nessa areia, tomava banho no rio de madrugada, ninguém via um homem, ninguém tinha medo de nada.

Quando eu trabalhava na Santa Clara, a gente trabalhava até dez horas da noite pra fazer hora extra. Eu trabalhava até dez horas pra fazer hora da noite e daqui só tinha eu. Dez horas da noite eu saía de lá e vinha ali pela Rua Rio Grande do Sul, que a rua era só aquela mesma. Eu vinha até aqui e não via um rato. Hoje, se fosse na época de hoje... meus filhos, se fossem pequenos, iam ter que passar fome, porque eu não ia ter coragem de trabalhar até dez horas da noite, entendeu?

Nós não mudamos de bairro porque a gente se acostumou aqui. Nunca tive vontade de sair daqui.

[Quase todos os dias seu Zacarias sai para passear, mas sempre volta para o almoço. Dona Guilhermina, sua esposa, o aguarda na certeza de que virá para almoçar. Eles demonstram ser um casal feliz. Sorriso no rosto, ambos têm a marca de cansaço no corpo e de esperança nos olhos. No fim da tarde, seu Zacarias se reúne com os amigos para “jogar conversa fora”].

LAURA

Meu nome é Laura Barbosa de Souza, tenho 71 anos, nasci na Vila de Porto Acre. Nasci na cidade mesmo. Meus pais nasceram em Fortaleza e vieram pra cá. Sabe como é que é, né? O povo de Ceará desejava conhecer o Acre, né? Meu pai veio pra cortar seringa, né? E a minha mãe veio com os pais dela. Ela veio pequenina ainda, tinha seis anos de idade e aqui mesmo ela ficou e aqui mesmo ela morreu.

Meu pai, primeiramente ele cortou seringa, aí depois ele decidiu sair do seringal e veio morar na colônia para trabalhar como agricultor, né? E como agricultor ele ficou até morrer.

Eu morei em Porto Acre até os quinze anos de idade. Lá eu estudei até a segunda série. Depois nunca mais estudei. A vida lá era boa, assim tranqüila... Só não tinha professor, né? Porque os professores que iam pra lá eram de quarta série, não sabiam de quase nada, né? E em 51 viemos se embora pra cá e eu não estudei mais.

Depois que saímos de Porto Acre eu fui morar na colônia Calafate onde eu fiquei até uns 18 anos, aí eu saí e fui trabalhar de doméstica nas casas de família. Eu morava com meus pais, aí eu saí pra trabalhar pra ajudar meus pais, né, que

meu pai já estava velho e, eu, às vezes precisava de uma roupa, alguma coisa, um calçado... Meu pai não precisava me dar, né? Eu vim morar nas casas de família, trabalhando de doméstica. Aí, depois de alguns anos, apareceu um rapaz. A gente casou, vivemos aí trinta anos junto, aí depois ele faleceu.

Daí eu me casei com, viche nem me lembro mais a idade, tenho nem idéia. Passei trinta anos casada, meu marido morreu em [mil novecentos e] noventa e quatro, deixa eu ver... me ajuda... [vinte e nove anos, mais ou menos]. É acho que foi isso, por aí assim.

Eu conheci ele assim... Eu saí com a minha cunhada, né, que a gente morava vizinha. Ela era casada com meu irmão. Moravam perto da casa do meu pai eu saí com ela. Ela vinha da casa do pai dela, que o pai dela morava no Bosque. Aí chegamos, lá ele estava sentado em uma mesa conversando, né, com os conhecidos dele. E ele olhou bastante pra mim, né? Daí por diante começou alguma coisa, né? Enfim, deu em casamento.

Daí nós fomos morar alugado na Estação. Depois, nós saímos da Estação e fomos pra Fazenda Palmares, nós fomos fazer derribada na Fazenda Palmares. Eu fui com ele. Aí viemos de Palmares, ele comprou uma casinha. Aí fomos morar nessa casinha no Quinarí. No Quinarí, passamos três anos... moramos bastante no Quinari. Aí, do Quinari, ele vendeu a casa e viemos morar na Cidade Nova. Da Cidade Nova, ele vendeu a casa e viemos pra cá.

Nós saímos do Quinari porque a casinha era pequena e não tinha terreno, né? Por causa que o terreno era só do tamanho da casa mesmo. Aí ele vendeu a casa e comprou na Cidade nova, na beira do Rio, né? Ainda passamos duas alagações, né, na beira do rio. E ele foi e vendeu a casa porque foi ruim, né, ficamos no alagado. Aí viemos pra cá, ficamos aqui no quarto da dona Quia, uns três meses, tá entendendo? Foi quando ele fez a nossa casinha aqui, cobriu de palha, fechou de palha, sem piso, só o chão mesmo... Aí ficamos um bom tempo até ele fazer um cantinho aqui pra gente.

Quando alagava a água ficava de baixo da casa, que a casa era bem alta, já fizeram já prevenindo né, a casa era alta já ficava de baixo da casa, semanas. Eu tinha medo, mas fazer o que? Não tinha pra onde ir né, até que ele vendeu a casa.

Porto Acre era uma vilazinha muito pequena. A gente não morava bem no centro... Meu pai não morava bem no centro da cidade, morava assim, na periferia, um pouquinho arredado. E de lá nós viemos embora pra cá... em 51 nós viemos

embora. Lá tinha um barracão que era do patrão de lá, né? O barracão que era do Antônio Rosa, os moradores iam pouco, é um comerciantezinho que se chamava Antônio do alho, tinha pouca coisa, que se tinha lá.

A gente só vivia em casa mesmo, ninguém brincava, não. Naquele tempo criança não brincava, não, nem sabia brincar. Eu brincava assim: fazia uma casinha de palha, ficava ali com as bonequinhas de pano, que não existia aquelas bonequinhas bonitinhas, né? Tinha bonequinha de pano, ficava ali fazia de conta que era de casinha. Isso... é... brincava sozinha, as minhas irmãs não gostavam de brincar, e quando eu terminava de brincar ia carregar água na cabeça. Aquelas latas na cabeça... enchia o tambor, de duas latas a gente carregava.

Eu tenho cinco irmãos, dois irmãos homens e três mulheres, uma faleceu, né? Agora só tenho duas, nos somos três, três irmãs, dois irmãos homens.

Quando nós viemos para cá, meu pai continuou na colônia trabalhando. Lá onde a gente morava era uma colônia. Aí nós viemos para a Cidade Nova. Eu só ficava em casa e meu marido vendia pão... vendia pão nas costas. Daí nós tivemos seis filhos, mas criou-se só dois, aí um mataram, né? Tiraram a vida do meu filho, ficou só um que é o pai do Dario. Só criou-se dois, nascia e morria, né? Aí criou-se dois, que era o Jorge, que mataram, e ficou o Ribamar, que é o pai dessa galera. Hoje só tenho um filho.

Na Cidade Nova a gente pra lavar roupa tinha que ir pra beira do rio, era mal acomodado, não prestava não. Então, graças a Deus que viemos pra cá. Aqui, ele fez um poço que era bem ali na beira da rua, né? Aqui não tinha rua, né, era só mato... Aí depois passaram cortando as ruas... então, essa rua passou mesmo em cima da nossa casa. Aí tivemos que aterrar o poço e sair da casinha e desmanchar a casinha. Eu morrei justamente naquela casa ali, que era de madeira, que era do José Pereira... Aí, depois, compramos a casa do outro lado aí... depois que viemos pra cá.

Minha casinha era coberta de palha, fechada de palha, não tinha piso era só o chão mesmo. Só cabia a cama, um fogãozinho, era bem pequenininha. Era uns três por cinco, acho.

Um amigo do meu marido indicou esse lugar pra morar. A gente tava numa casa na Cidade Nova, estávamos morando de aluguel, né, e enquanto a gente tava alugado o cara vendeu a casa. Ficamos praticamente na rua, né? Aí ele disse: "E agora, como é que eu vou fazer?" Disse: "Não sei". Aí um amigo dele disse: "Sandro,

vamos lá pro lado do Palheiral que tã explorando um terreno lá, tã invadindo umas terras lá. Vamos lá!” E ele disse: “Vamos!”. Chegou aqui, ele disse: “Esse terreno aí tava só brocado”. A gente não sabia de que era o dono, né? Eu passei a limpar o terreno. Limpei... Limpei... Quando tava todo limpo, tirado os toco, aí chegou o dono e disse: “Esse terreno é da minha esposa, foi ela quem limpou...” E tal e tal... E o Souza falou: “Ah, meu Deus, e agora?” E esse aqui não tinha ninguém, ainda tava na mata, aí o doutor Arquilau, sempre ele andava por aqui, né? O Souza falou pra ele: “Doutor, é o seguinte: a minha esposa limpou aquele terreno, mas, aí chegou o dono. Eu já tinha brocado e a minha esposa terminou de limpar e agora eu não sei...” Ele disse: “Não... fica com aquele ali”. Tava na mata. Aí o Souza limpou esse daqui e fez a casinha... e estou aqui há anos. Eu vim pra cá porque a gente tinha que procurar um canto pra morar, né? Não tinha onde morar, aí viemos pra cá e, graças a Deus, deu tudo certo. Antes de vir pra cá, não sabia nada daqui, só sabia que estavam invadindo.

Pra vir pra cá no início ele [marido] tinha um amigo ali no Palheiral, que é o seu João, esposo da dona Quia. E ele encontrou com o senhor João, que ele vinha vindo pra limpar o terreno, e disse: “Rapaz, ô João, eu tô na mão! Eu tô sem casa”. Aí o seu João disse: “Não se aperreie, não, pode vir que eu vou arrumar um quarto pra você”. E arranhou um quarto pra gente, aí ficamos aculá nesse quarto até ele fazer a nossa casa de palha. Sabe, fez a casinha... depois, a gente veio, fez com uma madeira... A escola era feita de madeira, né, aí eles deram esse brasilite, deram uma parte dessa madeira e ele fez uma casinha. Depois... depois, ele foi comprando madeira e foi... foi... Meu marido levantava cedinho, muito cedo, aí ia embora, só chegava de noite. Ele ia de pé trabalhar de carpinteiro, quando faltava trabalho ele ia vender frutas nas costas.

Pra lavar roupa, lavava no balde, na bacia. Tirava água desse igarapé aí, não tem quem diga, pessoal dizia: “Olha, era água de esgoto!” Daí a gente não acreditava, a água era limpinha, né? E lavava roupa aí no garapé, graças a Deus ninguém adoeceu.

Quando nós chegamos aqui era no escuro, e aí o Bezerrinha andou por lá com o pessoal... Lá conseguiram uma rede de luz, até que a gente, em reunião com o meu marido, o Bezerra, o Miranda e o Granjeiro, esse pessoal todo... até que mandaram colocar luz aqui.

Aconteceu porque o presidente mesmo da associação era o João Eduardo. Aí tinha um homem que não queria deixar medir o terreno e se alguém entrasse para medir o terreno ele mataria. O João Eduardo disse: “Ele não vai matar ninguém, não. É muita besteira” E tal. E assim foram, né? Para medir o terreno e realmente ele matou o João Eduardo. E aí chocou todo mundo aqui no bairro, foi triste demais, foi uma coisa horrível... Me parece que foi um tiro, o tiro pegou no João Eduardo e aí ele morreu. Mas aí a Associação continuou, o Granjeiro, o Miranda, o meu esposo, continuaram medindo as terras, entregando pro pessoal. A gente ia com aquela... Como é que era isso? Trena, né? Medindo os terrenos, né? Era dez por vinte e cinco pra cada morador.

Quando mataram João Eduardo, o meu marido estava trabalhando aqui na nossa casa. E o meu menino, esse que tiraram a vida dele, era garotinho pequeno... estava andando pela rua, não sei com quem mais. E quando ele ouviu aquele tiro e aquele barulho: “Mataram João Eduardo! Mataram João Eduardo!” Ele veio correndo e contou: “Pai, mataram seu João Eduardo”. O Souza foi pra lá e era verdade, mataram o João Eduardo. Bom, daí pra frente ele ficou com medo, mas sempre pedindo a Deus pra dá o livramento, né? E, graças a Deus, não aconteceu mais nada, não.

Essas terras aqui era de uma senhora por nome Amélia. Ela deixou medirem as terras porque o Nabor Júnior negociou com ela, né? Aí ela aceitou... Sabe, se alguém quisesse morar aqui... Eu indicaria esse bairro aqui para alguém que quisesse morar... Aqui, graças a Deus, é um bairro bom.

Eu me sinto bem aqui. Nós chegamos aqui, esse meu menino ele tinha dois aninhos. Hoje ele tem trinta e dois. Eu tô aqui desde setenta e seis.

Aqui no bairro eu sempre eu ando por todas as ruas. Se precisar, às vezes, a gente vai e visita, né, as pessoas, né, nas ruas. Aqui mudou muito. Quando eu cheguei aqui era só mata, era tanta mata, era tão deserto, que quando era seis horas, meu marido não tinha chegado em casa, né, eu me mandava lá pro Palheiral pra casa do Miranda. Ficava até oito horas da noite com meus meninos pequenos, ele tinha que passar pra eu vim com ele. Eu tinha medo porque mataram uma moça por nome Hosana, né, e eu tinha muito medo. Eu saí daqui com um menino no braço, puxando o outro e ia pra lá pro Miranda, voltava oito hora da noite. E aí depois foi chegando gente, foi chegando gente... aí foi chegando pessoas, graças a Deus foi bom.

Não tinha quase ninguém morando aqui quando cheguei. Era deserto, era só mata. O meu vizinho mais próximo morava atrás dessa casa aí [em frente]. Ele veio, limpou o terreno, fez uma casinha do jeito que eu te falei, né, que eu morei também uma casinha de madeira. Ficou por lá até que ele foi fazendo uma casinha, ficou tudo direitinho. Depois chegou uma prali, pro lado onde mora a Lozi. Era Maria das Dores e seu Francisco... e foi chegando... Aí veio outro e tirou aquela casa onde mora a Regina, comprou o terreno, limpou e fez uma casinha também, né? Aí veio o vizinho, tirou esse terreno aí, fez uma casinha também, ficou morando e, graças a Deus, hoje estamos bem assim.

Nesse lugar aqui, melhora não tem não, porque água... é difícil chegar água aqui pra gente, esgoto nas ruas não tem, a rua não presta, não tem asfalto, não tem nada. A gente vai andando prali, sai é do asfalto... é todo quebrado, a ponte que fizeram ficou uma porcaria, só que tá precisando de muita coisa.

Às vezes eu saio pra ir à igreja. Eu vou na "Deus é Amor". Eu tenho uns cinco anos que congrego na igreja Deus é Amor. Aqui no bairro só saio pra ir pra igreja mesmo. Antes, eu só ficava em casa mesmo e o que eu freqüentei mesmo foi a escola, porque depois de alguns anos que eu cheguei aqui, a Zilda pegou meu nome e levou pra Secretaria [de Estado de Educação] e até que enfim saiu uma área de trabalho pra mim. Aí, então, eu fiquei na escola... todo dia na escola... todo dia na escola. Eu trabalhava na limpeza, entrei na limpeza e saí na limpeza. Antes de trabalhar na escola eu ficava só em casa mesmo, não trabalhava em canto nenhum.

O tempo passou e aqui a gente veio morar em um lugar que não paga aluguel. Então, pra gente, achei melhor.

Aqui, eu tô em paz, né? Não tô pagando aluguel. Apesar de tudo, eu tô na minha casinha e não tem perseguição de nada. Graças a Deus, nunca aconteceu nada, só a morte do meu menino, né? Que a juventude se mistura demais, né? Então, ele... aconteceu isso... Eu ainda não sei por que e nem me interessa mais, porque meu menino não vai voltar mais, né? Então eu não quero saber mais de nada. Ele tinha dezesseis anos na época. Mataram ele em 1984.

Apesar de tudo a vinda pra cá foi boa... o meu velho... ele arrumou um carro nós colocamos os quase nada em cima, que nos não tínhamos quase nada mesmo... Bem pouquinha coisa... Aí viemos, paramos lá onde eu te falei, que é no seu Souza, né? Tinha arrumado um quarto pro meu marido até ele fazer a nossa casinha. O carro não entrava, então nós carregava as coisas tudo na cabeça.

Primeiro, porque quando chegamos aqui não tinha ninguém mesmo, né? A terra tava vazia, com poucos moradores. A gente ficava com medo... só eu e os meus nenéns... Depois que apareceu vizinhos, graças a Deus, parou o medo.

O pessoal que morava aqui perto já se foi. A Glória que morava ali, ela mudou-se foi para o Calafate. O Zé vendeu a casa, aí ficou que ele vendeu aqui pro Chico Tobias né, e assim por diante...

Mas pensando um pouco na vida... Eu acho que eu sou um pouco feliz, mas a única coisa que não me deixou muito feliz foi a morte do meu menino... Aí não me deixou feliz... Mas, pelo meu marido, eu não me preocupo, porque ele morreu com Cristo, graças a Deus. Morreu em casa, na cama dele. Agora, meu menino... Não sou feliz pela morte dele, não. Não me sai do pensamento... O meu menino... bateram muito nele... Ouvei dizer que ele tava praticamente morto quando colocaram ele em um carro e levaram ele para o Pronto Socorro. E no Pronto Socorro ele morreu. Um policial bateu nele. E esse policial... com o meu menino... já são nove mortes que ele faz de menores. Esse policial dirigia uma casa de polícia, né? Mas, lá só tinha pessoas drogadas, eu acho. Tinha um fulano de tal, chamado Zé, que já morreu, não foi ninguém que matou, não, ele morreu mesmo de morte natural; e o Pequeno, que eu não sei o nome dele, parecia que ele saiu de dentro do carro e só tinha esses dois mesmo.

No fundo, eu não vivo feliz... Agora ele lá deve viver em paz, tá vivo ganhando dinheiro, alegre, sorrindo. Deve viver em paz... Agora, eu também não quero que ninguém toque nele, porque o desejo do meu marido é... que Deus o tenha no céu, na presença de Deus, com suas mãos limpas, e graças a Deus. Deus foi indo, tirou dos pensamentos dele... O meu menino, às vezes eu penso... ele, com uma paciência, beijando a mão de Deus, que Deus é o juiz. Eu não tenho notícia desse moço nem nada, que Deus faça sua justiça.

O que me deixou feliz foi eu ter aceito Jesus, eu ter conseguido meu trabalho na escola, foi meu marido ter conseguido o trabalho dele na Funbesa, porque nós sofremos muito. Mas, graças a Deus, depois que nós chegamos pra cá, Deus nos abençoou. Deus me deu um emprego aqui na escola e trabalhamos. A gente juntávamos o nosso dinheirinho, fazia nossas comprinhas que antigamente até hoje o salário de um trabalhador ainda é pouco, né? A gente juntava o nosso dinheiro e comprava as nossas coisas.

As pessoas têm medo, tem muita gente que tem medo: “Deus que me livre de morar no João Eduardo! Deus me livre!”. Mas, eu, graças a Deus, não tenho medo, não. Eu conheço quase todo mundo, né? E o pessoal conhece a gente, né? Nunca aconteceu nada até agora, né, e nem vai acontecer no nome de Jesus.

Às vezes penso em mudar de bairro, às vezes não. Gostaria de um lugar bom assim, que tivesse água direto, que não faltasse água, que o meu menino conseguisse um emprego, que agora ele não tá trabalhando. Assim... ele é muito esforçado, mas, emprego, hoje em dia, tá muito difícil. Precisa passar em um concurso e eu não posso pagar um curso pra ele, porque sou eu quem ajudo a colocar o mantimento dentro de casa. Então, se eu for pagar um concurso, falta dinheiro. Eu, ajudando ele, já não tem o suficiente... imagine se eu parar, como é que fica? Aí eu não posso pagar um concurso para o meu filho, mas eu gostaria de pagar um concurso pro meu filho. Ele estudou até o segundo grau.

Se eu saísse daqui ia morar na Vila Acre, porque lá é um bairro bom. Mas, lá já mora o pai do policial que matou meu filho. E justamente ele também deu uma grande força pra essa história acontecer, porque no dia do acontecimento ele era delegado de plantão. Então... e o livro de ocorrência sumiu... Com certeza ele guardou bem guardado. O livro de ocorrência sumiu... Ele, como pai, com certeza deu grande cobertura. Então, ele mora lá na Vila Acre. Eu, lá, ainda gostaria de ir, mas, é bem arriscado eu ficar me encontrando com ele... Então eu fico aqui mesmo.

Só eu e meu filho trabalhamos aqui nessa casa. Ele é autônomo, né, faz pintura... Mas, ele não tem aquele emprego... assim... fixo. Assim, no dia que o pessoal chama, ele vai; no dia que não aparece, não tem o que fazer. Ele tem cinco filhos com ele, porque esse aí mora com a outra avó, a mãe da mãe dela. E com ele tem cinco filhos, tem a mulher, tem eu, tem ele. São oito pessoas.

E agora eu estou aposentada.

Quando eu casei vim morar na Cidade Nova, primeiro nós se juntamos né moramos junto sete anos depois de sete anos a gente casou. Fomos casar no Quinari... já tinha os dois meninos. Aí ele morreu e eu fiquei viúva. São doze anos, né? Sinto a falta dele... Tem o meu filho, ele é um homem já adulto, tem trinta e dois anos, mas é filho. Não é tão responsável como o chefe da casa.

A, minha primeira casa, é como eu já falei, foi... era ali no meio da rua, toda coberta de palha... fechadinha de palha, não tinha piso, era só o chão mesmo. Aí nós passamos uns seis meses naquela casa, depois passaram aí cortando as ruas

em lotes, né? Aí a gente teve que sair... Aí aquela casa ali era de madeira... Como essa aqui era de outro senhor que ele tinha que ir pra colônia, arrumou a casa pra gente... Passamos bem uns dois meses ali, aí a esposa dele veio pra colocar os meninos na escola, aí tivemos que sair... Fomos pra uma casa ali, atrás dessa daqui. Lá, nós passamos um bom tempo... Aí o dono também vendeu a casa. Aqui tava só coberta... essa parede aqui era só de palha, aquele lado também era de palha... Aqui era tudo no aberto... Tudo o que tínhamos aqui era um puxadinho de palha... Aí a gente... Nessa época ele tava trabalhando não sei pra onde, e eu ficava só, eu e os dois meninos pequenos. E o dono que comprou a casa vinha com os trabalhadores pra aumentar a casa... e eu tinha que fazer a comida pra eles todos. Eu digo: “Rapaz, isso não dá certo, não. Aí aqui era só as travessa assim, não tinha peça. Aí peguei minhas panelas, minhas mercadoria e vim embora pra cá, cheguei aqui fez um fogo de lenha, fiz a minha comida comi com meus meninos... E eu falei: “A partir de hoje eu não vou mais pra lá, eu vou dormir aqui”. Aí passei o pau carregando minhas coisa miúda que dava pra eu carregar... carreguei... Eu tinha muitas plantinhas... carreguei muitas plantinhas... Quando chegou na época, fui pra lá. Cheguei lá, não tinha ninguém, aí ele veio aqui, né? Chegou aqui, eu tava aqui... “Mas você tá aqui, nesse aberto de jeito. Não é aqui que é nosso”. Então: “Eu tô aqui e não vou mais pra lá, não. Vou ficar aqui que aqui que é nosso”. Aí ele se aborreceu com o dono da casa que era o irmão dele, né? Disse um monte de coisa, e disse algumas coisas com o rapaz que tinha comprado a casa. Sei que aqui eu fiquei e tinha esse pedacinho que tinha um assoalhozinho fechadinho de palha... E disse: “Pra cá ela vive, pra lá era de palha”. Aí ele trouxe a cama, ajeitamos os meninos e eu fiquei aqui até hoje... Foi o tempo que a escola era de madeira e foram derrubar para fazer a de alvenaria, aí deram umas madeira pra nós, deram uns brasilite. O Chico Muniz que tinha uma farmácia lá no centro também deu os brasilites, ficávamos de lá pra cá, eu também carreguei brasilite na cabeça, eu e meus meninos mais velhos, e assim conseguimos.

Eu gosto, gosto muito de planta... Só que agora o meu menino arrumou uns pintinhos que comem tudo... eu não estou podendo plantar, porque os pintos comem. Ele arrumou uma criação de pinto e os bichos come tudo. Antes dos pintos tinha muita plantinha. Hoje eu tenho açucena, tô com um pé de louro ali plantadinho, só peladinho que caíram as primeiras folhas toda, esse jasmim laranja, esse buquê de noiva e uns beijinho de moça ali naquele cantinho, só...

Antes tinha um pé de papoula muito bonito, bem pintado... Agora ultimamente eu tinha um pé de corama, tava bonito, criando flores também... Aí o menino cortou, cortou metade do meu pé de amora e assim por diante. Olha, no início, a gente tinha muita planta que dava fruta, a gente tinha caju, tinha abiu, tinha banana, banana comprida, banana baié, tinha muita... No tempo que tinha muita planta... fruta, né? A gente tinha uns patos... os patos comeram a raiz da banana e ela morreu toda. E o pé de abiu tava dando assim uma frutinha bem miudinha, eu fui e cortei... e as outras foram morrendo... Morreu o pé de laranja, morreu o pé de limão, o abiu eu cortei, o pé de acerola... tinha um pé de acerola doce e o outro azedo, a formiga matou e a doce o menino cortou, não tinha mais nada. Eu mesma cuido das plantas.

Quando eu cheguei aqui era católica. Algumas vezes participava das reuniões da igreja. E era difícil eu ir. Aí, depois, eu fui num aniversário ali em baixo perto da ponte... aí eu fui convidada pra aceitar Jesus, aí eu aceitei Jesus no ministério Deus é Amor. Eu fiquei... ainda hoje eu estou nessa batalha. Esse terreno aqui do lado de cá... e os presidente de bairro construíram uma casinha de palha, aí se reuniam naquela casinha de palha. Ali fazia as reuniões da comunidade. Aí ensinavam assim as crianças, pra melhor dizer, meus meninos, graças a Deus, tiraram em primeiro lugar, porque eu ensinava eles em casa, né? Aí eles, quando foram praticar, tiraram em primeiro lugar. As reuniões aconteciam dia de domingo à tarde, tinha a dona Rosa, tinha o Asfuri. Eles falavam sobre a vida de Jesus, sobre o tempo que Jesus andou na terra, muita coisa eles falavam, é só o que eu me lembro.

Aqui tinha associação de moradores, mas acabou tudo. Ainda hoje tem um presidente que diz que é presidente, mas ele não consegue nada, não resolve nada. Sei que o meu marido participou da associação junto com o João Eduardo e o Granjeiro. Aí depois mataram o João Eduardo, o Granjeiro continuou e entrou seu Antônio Alves, Miranda, tudo é gente. O melhor momento da associação foi quando eles conseguiram a luz, né, porque houve uma reunião com o Elias Mansour, sei que foi muitas reuniões até que conseguiram.

A luz veio assim pra umas ruas, principalmente pra essa daqui, que o Bezerrinha era da Associação, né? Também, ele mora aqui! Morava aqui, então, conseguiu logo pra cá. Aí, daqui, foram distribuindo... Aí, depois, a Eletroacre entrou e organizou tudo aqui.

Passamos por momentos difíceis. Primeiramente que eu não tinha emprego ainda, nem meu esposo né, ele trabalhava na diária né, praqui praulá. Teve uma

época que ele fez uma casa enorme, lá pra Cidade Nova, o cara não deu pra ele nem um centavo. Aí, depois, ele fez uma casa pra uma mulherzinha. Ele fez uma casa para um homem que trabalha no Deracre, ele também não queria pagar meu esposo, eu tive que ir a pé eu e meus meninos até lá o Deracre cobrar, né, porque a gente tava passando necessidade. Sim, porque desempregado... passei necessidade... Empregado mesmo passa necessidade, que a gente é empregado recebe uma vez por mês, recebe aquele mês vai paga o fornecedor, aí já fica sem dinheiro, a mercadoria acaba aí a gente fica, né?... Situação difícil... então, a gente vai levando devagar.

O meu marido ficou doente, os meninos era pequenos eu não tinha emprego... Então, ficamos esperando por ele mesmo, ficar bom pra trabalhar de novo. A minha maior vitória é que depois de algum tempo e sofrimento Deus me deu emprego pra mim e meu véi. Eu me empreguei primeiro, depois, ele. Deus deu emprego pra ele também e ficamos bem, graças a Deus. Depois, ele começou a ir para os alcoólicos anônimos e largou a bebida e morreu com Cristo né, graças a Deus.

Muita coisa me chamou a atenção, porque, antes, meu marido bebia, né? A gente passava uma vida assim, né, muito preocupante. Aí um amigo dele chamou ele pra visitar os alcoólicos anônimos, lá na Floresta. Então, ele começou, né? Se deu bem, parou de beber. Aí, depois, ele passou para a Assembléia de Deus e, graças a Deus, ele morreu com Cristo. E, também, eu tinha emprego, e, graças a Deus, ele me deu um emprego na escola, né? Trabalhei até me aposentarem, graças a Deus. Eu me dei bem, graças a Deus.

A gente, desempregado, sofre mais, né? Porque se você tem o seu emprego você confia que no fim do mês você vai receber, você vai no fornecedor pede uma mercadoria, ele confia, né, porque sabe que você vai pagar. Desempregado, como é que vai confiar? Eu compro aqui na Maria, no Avelino. Ele vende caldo, arroz, feijão, um monte de coisa, e aqui vende ovos, vende pão, vende calabresa, vende frango. Eu... essas coisas eu compro aqui, a gente vai levando... O menino, quando ele pega dinheiro, ele compra carne, compra verdura.

Sinto saudades do meu esposo. Na época de natal a gente lembra de toda família, a gente sabe que um dia a gente vai também, né?

Os sonhos que eu não realizei são muitos, pelo menos até agora eu tenho o sonho de fazer a minha casa e não consegui ainda. Existe um dinheiro que o

governo tá enrolando, rapaz, por muitos anos, né? Porque, veja bem, ele morreu em noventa e quatro, esse direito eu já tinha, né? E os governadores vão entrando, né? Entra governo e sai governo e ninguém paga essa importância que daria uma ajuda pra fazer minha casa. Nenhum quer pagar... E é assim mesmo...

Não penso em voltar para minha terra, porque tanto faz lá como aqui, eu nasci ali em Porto Acre. Aqui pra mim tá melhor, mais perto do centro da cidade... Quando eu quero resolver um negócio, fica mais perto. Porto Acre, pra cá é difícil, mais distante. Eu tenho... eu tenho meus primos lá, Maria do Carmo, é minha prima, ela mora lá, a Ester, também, é minha prima lá de Porto Acre, assim... Mas nem penso em passear lá...

Meu lugar é aqui. Porque na verdade eu nasci lá, mas encontrei mesmo a felicidade aqui. Casei, criei meus filhos. Só não fui feliz porque... por esse caso que aconteceu aí com meu filho. Só marcou demais... Depois, eu vivi, arrumei meu emprego, trabalhei, fui feliz.

O bom que eu fiz na minha vida foi aceitar Jesus, foi a melhor que eu fiz na minha vida até hoje, porque o que eu gostaria de ter dado para os meus meninos era um curso pra eles terem uma vida melhor, isso aí eu não consegui até hoje.

Eu queria ter aprendido a fazer alguma coisa assim bordar, costurar isso eu não aprendi. Também, não tive a oportunidade... Agora, também, não adianta mais esperar. Não tenho o que esperar mais. Não tem melhora não. O pouco que eu gasto é só pra ajudar meus netinhos aí, pra não ver eles passar muito apuro. Sei que não dá pra muita coisa, aí eu dou uma ajuda. Meus netos passam necessidade porque eu ganho pouco, aí não dá pra manter o suficiente... Tem vez que eu vejo algum chorando com fome aqui, dou roupas, porque minha nora, ela não tem emprego, meu filho trabalha assim... serviço hoje, amanhã, às vezes... recebe... às vezes, não recebe... Aí aperta...

Eu peço a Deus libertação pra minha família, né? “Deus, liberta meu filho do vício!” – que ele bebe também. “E, Deus, abençoa meus netos pra que não aconteça nada mal com eles. E, Deus, leve todos pro caminho do Senhor, pra morrer com o Senhor – que Deus dá a salvação pra todos nós... Porque, Deus me livre, eu tenho maior medo do fogo do inferno. A vida é difícil você não acha?”

Eu adoro a Deus porque, em primeiro lugar, Ele tá em tudo na nossa vida. Ele é o único que nos ajuda, que nos livra, que nos absorve, que nos dá tudo. Primeiramente, você olha, vê o céu muito bonito, uma terra vasta que você anda pra

onde você quer e tem onde pisar, as florestas, as flores, os pássaros, tudo foi Ele que deixou. Ele é um Deus infinito, um Deus grande, deixou o dia pra você trabalhar, ganhar seu pão de cada dia; deixou a noite pra você repousar; a Palavra, dEle pra gente aprender a seguir os caminhos dEle, tudo maravilha, né? Por isso, a gente tem que colocar Deus em primeiro lugar na nossa vida, aí, depois, os outros. Eu gostaria de ser obediente a Deus em tudo, mas eu me sinto ainda desobediente, porque pra gente obedecer a Deus tem que fazer um grande sacrifício... E a gente não consegue... Tu consegue? Difícil...

Quando eu me for, eu só peço pra Deus tomar conta, Deus tomar cada um pra Si, não abandonar nenhum... Mas, ninguém é de ninguém... É Deus que cuida de tudo, deixa na mão dEle... Às vezes, quando fico sozinha lá na minha cama, eu penso assim... Por exemplo, porque eles vão dormir e as crianças, eles não se embrulham... Menino não se embrulha. Aquele maiorzinho, amarelinho, que tá pra aula, dorme comigo. Aí eu, de vez em quando, embrulho ele... ajeito... e os outros... Eu fico pensando: "Será que eles estão embrulhado ou estão descoberto? Que ali, se a gente não embrulhar, eles ficam gelado mas não se embrulham... Se mexe muito, né? Aí eu fico pensando em cada um, mas eu não posso fazer nada... A porta lá fica trancada e tudo no frio só cuido do que tiver comigo.

Eu durmo pouco, muito pouco... Eu penso em mim, penso na minha família... Eu penso na irmã aqui, também em Acrelândia... Ela é mais velha do que eu, vive sozinha e Deus... Eu tenho medo de acontecer alguma coisa com ela, porque o mundo tá cheio de gente maldoso, né? Mas, eu entrego ela todo dia na mão de Deus, pra Deus cuidar dela... Até agora, graças a Deus, ela vai bem.

Aqui nem é baía [Bahia] nem é baixada... Aqui é um lugar maravilhoso... Tá bom, não alaga... Baixada é aquele que alaga, num é isso? Aqui não aqui não existe alagação, só quando chove muito que alaga o garapezinho. Mas, logo, também, a água desce, né? Eu acho um lugar muito bom. Se começarem a chamar de "Baixada" eu não poderia fazer nada, né, porque a gente não pode dominar ninguém, né? Ficaria por "Baixada", mas que eu não aceitaria... Da minha parte, dentro de mim, eu não iria aceitar "Baixada", porque baixada, de num é baixo? Baixada tem que ser um lugar baixo, num acha?

Eu tô viva, porque Deus que multiplica, porque eu mesma não posso fazer nada pra viver. Eu tenho um Deus, que pela misericórdia dEle, Ele me faz viva, conserva as minhas crianças com saúde, meu filho com saúde, minha nora... É ele

quem cuida de nós. Eu sou uma mulher que sente mais tristeza que alegria. A gente não consegue o que quer. Eu não tenho muita felicidade para contar não, você acha que eu tenho? Tenho não. Menino, eu saí da casa dos meus pais, não tinha nada na vida... fui viver com meu esposo... Nós, também, não conseguimos quase nada... Até hoje, o que eu queria que o meu filho conseguisse era um curso, suficiente... Mas, ele não conseguiu... O outro, que era um filho muito estimado, alegre, tiraram a vida dele. E o meu salário não dá pra sustentar o suficiente... Aí, tu acha que eu vou viver alegre? Não dá pra viver...

Viver é bom, sofrer não é bom, não. Saber que foi uma vida que foi Deus que deu. Ele deu com prazer... a gente tem que aproveitar esse tempo que a gente passa aqui, pisando nesse chão, buscando dia e noite, de madrugada, de manhã cedo... boto o joelho no chão, clamo, porque Ele é bom.

[Dona Laura ainda sustenta sozinha a casa. Seu filho e seus netos não conseguiram emprego e a luz de seus olhos parece ficar mais turva a cada dia. Sua fé e esperança parecem estar firmadas unicamente em Deus, como uma espécie de válvula de escape. Sem Deus, creio que ela já teria feito uma loucura. Sua vida é muito... muito dura.].

ALDIRA

Meu nome é Aldira Bezerra da Silva. Eu cheguei aqui, no Palheiral, em 1971. E, daqui, saímos para o São Francisco do Itacema, ainda com cegueira de cortar seringa, mas não presta, não. Passei três anos lá, depois nós viemos pra cá direto. Aqui... daqui eu não saí mais, pra caralho nenhum. Fiquei localizada aqui nesse local... Estou com mais de trinta anos aqui... e sempre vivendo... A tendência do pobre é trabalhar, e nessa luta cheguei aqui. O pessoal novo, a minha família, uns se empregou e outros quiseram... não sei o quê. E eu, como não tinha mais idade pra isso aí, fiquei lavando roupa pra fora... Lavei, doze anos... Quando não agüentei mais, a minha energia acabou-se... E eu me agüentei mesmo, graças a Deus... Estou resistindo aqui... Mas, graças a Deus, o que nós sustenta aqui na nossa idade... É, mais eu estou feliz... Não sou muito sadia, mas vou levando a vida... Eu falei a minha idade pro senhor? Já tenho 85 anos, vou fazer 86 agora em novembro... Mas, pela graça de Deus, eu estou feliz, criei minha família lutando... como pobre... Quando não era no seringal, era na seringa. E, depois, passei pra cá... O jeito foi lavar roupa. Ainda tem algumas por aqui, trabalhando. Essa daí... E, hoje, a vida da gente é assim...

Mudando de assunto um pouco... “respeito”. E, eu falei que, hoje em dia, ninguém tem mais respeito por ninguém... principalmente com as pessoas de idade... Que, hoje em dia, é uma qualidade de gente mais rebaixada, é a pessoa de idade. Eu digo logo assim, porque é mesmo. Tem muita gente que pensa que a pessoa de idade, ficou velho... e caiu. Não parece que compara com que morreu. Então, é assim mesmo, a vida da gente... A gente tem que enfrentar do jeito que ela é, não é não?

Eu não me aborreço com nada, vou em frente... Graça a Deus, sou uma pessoa crente no Senhor Jesus... Estou com uns trinta anos, mais ou menos, que pedi arrependimento e sou feliz no senhor Jesus... Eu falo do santo evangelho pra toda criatura e me sinto tão feliz... Não sou muito sadia... Também, depois da minha idade... Tenho problema de coluna e problema de coração, mas, graças a Deus, isso aí não me faz ficar com medo... Medo de morrer, de adoecer... É assim as coisas.

Mas, sabe... o respeito, hoje em dia, meu amigo, nem os filhos estão respeitando os pais... imagine os outros lá de fora... As pessoas de idade não têm mais domicílio, não. As crianças de hoje em dia estão tudo ao léu. Eu conheço até da minha família mesmo. A gente tem neto e fala com eles e eles ficam duvidando da gente.

Os meus bisnetos são... rapaz, sabe que eu não lembro quantos netos tenho... mas, os bisnetos, acho que... Porque eu contei uma vez, tinha vinte... Parece que tenho vinte e cinco... É... as mulheres, quando começam, não querem parar.

Às vezes as pessoas não valorizam a gente, principalmente os netos. Mas, eu gosto é de conversar... As pessoas me procuram por isso... Porque eu estou com algumas vezes que encontro alguém pra fazer isso aí comigo. Até nas escolas... Essa minha neta, aqui, essa moreninha, ela e a família dela moravam lá na Transacreana... O professor dela, um homem bem bacana... um dia, eu cheguei lá, na hora que os meninos saem tudo para brincar e mandaram me chamar na casa da minha filha... Eu fui pra falar da minha mocidade de criança, de jovem, depois de casada, mãe de filhos... Falei tudo, falei dos índios brabos... que eu já morei lá, falei de onça, falei de tudo... Os meninos gostaram tanto do meu papo com eles.

Mas eu falei tanta coisa que eu achei foi bom, porque as crianças vivem ali e não sabem de nada da mata, querem saber... Eu falei foi muito com aluno... Falei foi muito meu irmão. Eu acho é bom.

Quando nós casamos, eu mais o Zé, isso era lá em Tarauacá nas margens do rio... Os moradores, um aqui e outro aculá... O pai dele era um velho muito... não sei nem chamar... Era um carpinteiro de fama, ele construiu a família dele, lá... Esse aí gostava muito de andar mais o outro regatão, com a canoa carregada de mercadoria... E aí nós fomos lá e todo mundo era conhecido... Só que a gente não vai ficar, né, todo dia conhecido, não. “Boa tarde, passar bem”. Vai embora...

Aí têm esses negócio de fugir. Eu namorei com um rapaz que ele me chamou pra fugir... E eu arrumei minha bagagem... Mas, não tive coragem de fugir com ele, porque meu pai era “couro grosso”, não alisava filho, não. Deixei tudo de mão... mas, não joguei minha roupinha pela janela, não... faltou coragem. Eu fui a mais nova... eu, mais minha irmã mais velha... Esse namoro como é, hoje em dia, que faz é nojo... Lá o cara simpatizou-se com a moça e já se agüentava pro casamento, o véi lá não gostava de alisado.

Hoje em dia, e um agarrado, é um lambido... Eu tenho é raiva... Eu era tão chateada com a minha família... Eu não dei chance pra minhas filhas não ficarem a noite inteira agarrada no pé do muro... de jeito nenhum. Nós nunca deixamos, porque nós sempre queremos o melhor pros nossos filhos.

Eu já fui casada, mas hoje não sou mais. A gente é casado assim, é do padre que eu não sei como é religião. Mas, nós somos separado. Pra falar a verdade, é preciso, mas, ele vivia pra lá de aluguel... Não sei o que aconteceu, aí ele adoeceu e ficou pra morrer. Os filhos dele levaram ele para o hospital. Ele melhorou e veio pra cá, e tá aí... Ele disse que vai embora, não sei pra onde. A vida é essa mesmo, continua do mesmo jeito ainda.

Nós tivemos, entre tudo, oito filhos. Morreu três e tem cinco vivo, graça a Deus. Tem um em Brasília, morando pra lá. Mas, ainda foi criado daquele tempo em que se respeitavam papai e mamãe [risos]. A benção, meu irmão, ninguém fala mais. Aqui, os meus filhos ainda dizem. Eu criei e quero é vê eles não dizer... Tem um que é o mais velho dos homem, eu quero é ver ele chegar aqui, pra não chegar, em primeiro lugar, tomar a bença... E já está com cabelo grisalho... Mas, é assim mesmo, meu amigo, a vida é assim mesmo... Mas, apesar desse altos e baixos, a vida continua viva.

O meu marido nasceu em Tarauacá. É longe, meu amigo, é longe. Meu... os pais dele, ainda hoje, moram nas cabeceira... que eu não sei nem se o senhor tem uma idéia do que é cabeceira de um rio. É as águas assim... lá no finzinho, as águas, na cabeceira do Rio Tarauacá... Era doze dias da casa dos pais dele lá pra cabeceira... lá em Tarauacá... lá no finzinho...

Quando a gente era criança, nós brincávamos, nesse tempo, era de boneca. Naquele tempo que eu era menina, assim, brincava de boneca, colocava uma tabua e enchia de boneca... enchia de latinha de espoleta... Nesse tempo, tinha uma espoletinha pra colocar nas espingardas. Dizia que era as loças da minha boneca. Eu e as minhas sobrinhas brincavam de boneca... Hoje, não querem mais boneca.

Mas eu não estudei, não, meu amigo. Não tenho vergonha, não. É... a verdade tem que ser dita, não é? Até hoje, pra lá, não tem aula. Minha mãe teve dezessete filhos, a caçula sou eu... dos dezessete filhos... Mas, não aprendi, não, meu irmão... Aprendia a escrever o meu nome, do meu pai, do meu irmão mais velho, que estudava... Mas, graças a Deus, aprendi fazer meu nome. Nasci e me criei lá... Eu nasci em 17 de novembro de 1921, lá eu me criei, lá me casei. Quando

vim de lá, meus filhos já vieram de lá todos criados... Doidinha pra que tivesse estudo pra eles, porque eu não sabia de nada, mas tinha o dever de... Porque os meus irmãos eram todos mais velhos, todos eram inteligentes... os meus pais eram inteligentes...

Nós saímos de lá, viemos descendo o rio em direção a Tarauacá. Ficava assim, no meio mato... pra ganhar dinheiro, nesse trabalho de roçado, essas coisas... Mas, até que o alvo foi vir pra cá... Sempre, eu e meu filho mais novo do que esse daí, ele tinha também aquele pensamento de estudar. Graças a Deus, Deus tem sido tão bom pra nós, porque, o senhor acredita que se criaram todos dizendo: “Mãe, vamos embora daqui. Mamãe, eu tenho é vontade de estudar”. Deus é bom... Quando deu fé, nós saímos morrendo de felicidade e viemos embora. Nós não viemos pra Tarauacá, nós lutamos pra vir pra cá. Essa menina gorda, aí, ainda estudou lá em Tarauacá. Estudou um monte de mês, lá. Ele estudou lá, achou bom... Aí foi o tempo de virmos pra cá.

Lá na colônia nós trabalhava assim, em trabalho de roçado. Teve uma época lá, que a gente vivia da matança de caça, que tinha muita em Tarauacá. O tal soldado do Exército proibiu a caça, acabou com tudo... Os meus filhos foram tirar madeira pra poder vir pra Tarauacá vender. E esse meu filho, o caçula, adoeceu de uma febre sem cura. E lá, nos tentávamos fazer o menino ficar melhor de saúde. Até que, pela graça de Deus, viemos pra cá... Eu criei os meus filhos aqui, não tinha mais matança aqui naquela época, porque o pessoal faziam aquela tabulação nas matas. Quando a gente se reunia, todo mundo, por aqui, e ele danado pra cortar seringa... tudo aqui que não prestava... Mas, nós passamos três anos lá no São Francisco do Itacema, cortando seringa.

Porque, meu amigo, é difícil, hoje em dia. De primeiro, nós cortávamos seringa. Está aí o meu retrato... Olha a gente defumando o leite... Já, depois, colocava o leite pra apodrecer, colocava veneno... Essa, eu não conto nada, não. Agora, de cortar seringa... pra quem corta seringa... trazer o leite pra bacia, pra defumar na fumaceira, como é que chama? Eu fiz muito e achava era bom.

Cortei seringa no tempo em que nós morávamos lá naquela colocação lá. Sempre estava cortando, não vou dizer que eu tomei a frente para cortar parede e estrada. Mas, cortou eu mais esse meu menino que passou aqui agora. Era eu mais o menino lá de casa... Vinha com quatorze lata, com dez... de leite. E eu chegava com quinze. Olha, a borracha bem grandona... A vida da gente era essa... A gente

se acostuma com o trabalho... A gente caçava pra trazer comida pra casa, plantava pé de milho...

O dono do seringal deixava plantar. Nesse tempo, não tinha inquisição, não. Hoje em dia, ninguém não pode fazer nenhuma queimadinha no terreno, que estão fazendo zoada por causa da fumaça... Não tinha isso, não, naquele tempo... Hoje, o seringal desvalorizou e não deu mais em nada... O cernambi, que é a mesma seringa, desvalorizou e ficou tudo difícil... A idade também foi chegando e saímos de lá, do seringal. E acabou a seringa... Aqui tinha trabalho...

Lá tinha muito índio e, até hoje, ainda tem... E eram bravos... Eles viviam na mata, ele tinham os cupixal deles, lá. Às vezes, ao redor, tinha um pessoal, tinha uns bravo de gênio mau, que matavam até os bicho desse tamanho na mata... Mas, os cupixal deles, eram tudo fechadinho com um pouco de paxiúba ou madeira dura... com medo da bala... Mas, os brancos ficavam rodeando os caboclos... Amanhecia o dia, quando abria os olhos, os dedinhos começava... Mas, tinha gente perversa... Eu não via, não, mas, minha mãe que via as coisas lá, que já era adulta... Ela disse que tinha um homem lá, que jogava os caboquinhos pra cima e espetava no punhal... Ai, meu Deus do céu! Não gosto nem de lembrar disso... Chega me arrepio todinha... Malvadeza enorme, né? Pois, é... Tudo isso, a gente sabe que era verdade, porque não era só uma e nem duas pessoas que contavam, não... Mas, também, quando os caboclos iam... que ganhavam por dentro da mata, anos e anos... eles tomavam vingança. É, rapaz, a vida lá pra dentro da mata é ruim. Nós moramos em um tal de Humaitá. Era um lugar que tinha caboco bravo, mas a gente se criou e nascia acostumado com aquilo tudo.

Nós viemos pra cá, eu mais meus filhos, por vontade de estudar... Hoje, graças a Deus, já foram todos formados com o segundo grau. E tem a mãe dessa menina que, hoje em dia, é professora... Mas, já vieram tudo criado... A boa vontade de estudar arrastou a gente pra cá... Mas, eu achava bom, em Tarauacá.

Meu marido veio primeiro pra Tarauacá. Ele veio com esse meu caçula que eu estou falando... Ele tava pra morrer... Ele colocou o menino no hospital e foi trabalhar nessas desmatção, nessas derrubadas. E, se eu quisesse o menino vivo, se esforçasse.

Minha filha, a Ester, quando chegou de Tarauacá, veio mais ou menos evangélica, né? A gente teve na igreja, lá. Visitava a Igreja Batista, mas não assumia nada, não. Depois, ela ficou na Igreja Batista um tempo e saiu quando eu foi

freqüentar a Comunidade de Base. Isso eu acho que era em ... 82... não, 78. Quando ela começou, já tinha essa igrejinha aí [do Palheiral]. Era de madeira, de tábuas.

Aqui tinha o padre João Carlos, depois, veio o padre Máximo, e, depois, o Asfuri. Aí, depois, foi indo, foi aumentando... Nós se reunia no Centro Comunitário, fazia reunião aí, pra um Centro da Diocese.

Minha filha teve uma época que pegou até esgotamento físico... Passou muito tempo doente. Aí, eu... ficou nessa situação lá no... Tinha um grupo evangélico lá no João Eduardo, na casa da Laura. Era um grupo de evangelização. Dia de sábado, nós ia pra lá e já tinha convidado o pessoal... Reunia aquele povo... No João Eduardo tinha muita gente pobrezinha... e nós aprendemos a se envolver com as pessoas, e ter amor pra lutar.

Esse João Eduardo que falam aí era um homem dessa mesma luta dela. João Eduardo era um homem que aí morreu, mataram ali, e colocaram esse nome véio no bairro. Era um homem que trabalhava mais ela.

Olha, era assim: o padre passava uma semana... eles pegavam... era tipo reunião... tinha pra ler... eles passavam o que tinham que fazer. Aí ela ia toda semana.

Pois sim, meu irmão... Aí, dali, foi quando ela saiu da Igreja Católica. Passou não sei quantos meses no hospital, tomando soro. Ainda ficou três dias no Distrital, dali foi começando a deixar tudo pra trás.

Teve até uma briga por terra mais ali... pra demarcar... Quando, na invasão, teve aquele cara que vai lá, cortando, dividindo os terrenos, pra não haver aquele tumulto, pra organizar... Ele era organizado... Como ele era do movimento popular, quis esse movimento popular, né?! A Igreja Católica tinha a orla política e o movimento de ajudar as pessoas. Porque tem pessoa que é parada, não sabe pra onde vai, não decide pra onde ir. Então, ele ajunta assim, reúne um povo pra ir... Aí o João Eduardo, ele era desse tempo de gente que era mais esclarecido do que os outros... Foi isso que aconteceu.

Minha filha chegou até a diretora. Essa aí, a mais velha, do rebanho. É pau pra toda obra, qualquer serviço, lutava. Isso aqui não, mas pra qualquer serviço braçal, é igual a um homem. A coitadinha já está derrubada, né, doente, cheia de problema.

Minha filha se envolveu com política, foi trabalhar com aquele Governador, o Nabor Jr. Ajudou até a fundar um partido desses aí. O pessoal fala de Ditadura Militar, pra falar a verdade eu não acho diferença daquela época pra essa. E porque eu vejo falar na democracia, eu não acho democracia... Pelo menos... pelo menos... com os políticos... Eu acho que era até mais sincero do que hoje. Naquela época, o seu Nabor era Vereador, depois foi Deputado. Eu achava muita sinceridade na política, e hoje eu não acredito mais. Eu acho que na época da Ditadura Militar existia mais lei.

Não lembro de quase nada da época da Ditadura. Eu não. Nem me ligava. Ainda... e nem meu filho ainda não tava no quartel, que a agente chamava atenção, né, quando tinha alguém lá. Se não existia, a gente não prestava atenção. A gente prestava atenção era pro trabalho. Os jornais era mais difícil naquela época, quase não tinha televisão, nem celular, nem nada. Aí, o que eu acho dessa Ditadura, eu acho que era mais perversidade, não era, não?! Na minha opinião, eu acho tudo a mesma coisa. Eu tenho um filho ali que hoje é aposentado, mas foi trinta anos de quartel na Polícia Militar. Eu não sei se tinha tortura, mas hoje eu vejo coisa pior, não é de brincadeira é coisa séria... Presta atenção, aquele esquadrão da morte não foi pior do que a Ditadura Militar? As injustiças... E no dia que o Flaviano colocou a Polícia no povo... Tava tendo uma greve lá no Palácio... Aí foi peia, muita peia... Você acha que isso era democracia?!

Nós viemos pra cá foi em setenta e um, mesmo. Nós descemos lá do Humaitá, onde era o caboco brabo. Nós passamos uns três meses lá em Tarauacá, até ela estudou lá um pouco. O meu caçula que veio morar aqui, mas ele, pra morrer aqui, ele estava esgotado com uma febre que não tinha mais remédio. O José internou ele aqui e foi trabalhar nas desmatagens. Aí eu recebi a carta que, se eu quiser ver o menino vivo, eu desse o meu jeito... Até que esse meu filho, que saiu aí, cortava seringá. Aí, disse assim: "Mãe, vamos fazer um saco de farinha". Não precisava de dinheiro desde como eu tinha viajado, com hoje ele tinha viajado como ontem, com o menino aqui pra morrer pra vim pra cá cadê isso aqui "dinheiro".

Aí, lá tinha um rapaz que era quase nosso parente, e era cheio do trocado. Ele era barão lá em Tarauacá. Ele mandou nós duas vim no teco-teco... Da outra vez, veio a outra filha, que é a mãe dessa menina. Ela era bem novinha... Veio com um neto meu, que nos criemos... O menino veio pra morrer também, mas, graças a Deus, não morreu, não. E, de último, foi esse que saiu agora... com a família dele.

Ele já tinha mulher nesse tempo... uma mulher e duas filhas... E veio pra cá... e procuraram emprego... Mas, nesse tempo, não tinha negócio de curso, nem de segundo grau completo, nem não sei o quê... O meu trabalho era lavar roupa... por doze anos eu lavei roupa pra fora, ganhava o meu...

Quando nós chegamos em Rio Branco, fomos morar bem ali atrás na casa de uma colega nossa, que veio de lá de Tarauacá e foram morar lá em Plácido de Castro. Lá do seringal, ainda hoje tem um filho dele por lá... E pra trás tinha uma casinha de palha e deixou pros meus meninos cuidar da casinha e morar lá. Passamos cinco anos, foi o tempo que nós fizemos, aqui na frente, de madeira. Dizem que madeira não dura nada, mas durou trinta anos. Depois, fizemos essa com o que eu ganhei do soldado da borracha, que aumentou... e ainda deixei um pouquinho lá na poupança.

Eu trabalhei na seringa o tempo todinho que nós ficamos lá no seringal. Esse menino era bem novinho. Eu tinha era pena quando eu levava, ele ficava com as pernas parecia aqueles maçarico, na beira do rio, atrás de mim, fazendo aquela companhia... Melhorou muito... Tem gente que corta direitinho, que a madeira nunca falta leite... Eu sei, também, que tinha gente ali muito perverso... cortava pra estragar todo o leite. Se a gente for cortando com aquela calma, direitinho, tira leite durante anos e anos. A gente tratava bem das madeiras, cortando direitinho.

Quando nós chegamos aqui, as casas do bairro era tudo de palha de ouricuri, cercada de palha... aí a pessoa morava... Era tão bom, não tinha esse calorão de hoje. A minha primeira casa era coberta de palha e rodeada de tábuas. Essa daí era de tábuas, nós fechamos de tábuas... Esse meu filho vendeu o relógio que ele tinha e comprou lá aquela ... A bonal. Ele comprou madeira forte pra fazer as paredes e quando acabou aquela, eu fiz essa aqui... casa grande... Pra gente fazer uma casa de alvenaria, dividi a casa e ficou desse tamanho. Se o senhor vai fazer aquela porta ali, tem que comprar o parafuso, se vai fazer de madeira, tem um burquinho, bate lá de repente... Mas, essa daí tem que comprar, arrancar dinheiro pra comprar parafuso... É no dinheiro mesmo.

Mas aqui teve muita mudança, muito mais dizem que essa rua aqui era só o varadouro, e só lama, quando era no inverno. Essas coisas, a gente vai ficando velho e vai acabando as lembranças... O João Figueiredo, parece que era o que ia falar lá na Comunidade [Eclesial de Base??]. Nós fomos pra lá assistir, na mata mesmo. Pois, lá, tinha um moreninho tomando um negócio, lá. O cara falava: "Ele tá é

mentindo. Ele lá vai fazer nada que ele está dizendo, aí”. Tudo o que o governador falava, ele dizia assim: “Ele está mentindo, isso faz nada. Os pobres é que vão sofrer, novamente nas mãos...” Aí a Polícia chegou de lá do Governador e disse assim: “Você, cale-se, por que se não, você vai sair daqui, agorinha, preso. Me respeite, você sabe que ele é o nosso governador. Se é certo ou não o que ele está falando, você tem que ficar calado”. Num instante ele fechou a boca. Outra pessoa falou: “Era isso o que tu queria?”. Num instante aquietou-se. Eu acho é pouco. Mas era lama, meu amigo, e mato, só o varadouro daqui ali pra Bahia; o mato era assim de um lado e do outro.

Quando eu cheguei aqui você contava as casas. Mas, até que construíram muitas depois que eu cheguei... tá beleza.

Tinha umas casinha ali pra cima... na ladeira do Bola Preta... Tinha uma mulher que veio pra cá primeiro do que eu... que morava bem ali em cima. Diz ela, que um dia houve um queima, queima de polícia... que o pessoal lá de cima tudo correu. Essa mulher estava de resguardo e desceu as carreira aqui... Era tudo mata... O seu Nabor Júnior e o Geraldo mandaram derrubar a mata e gritou-se, e disse que era gente. A gente ainda não tinha chegado aqui... depois de um tempo foi que eu cheguei... Também, aqui tinha casa de tudo o que era jeito, assim... assim e assim... Mas, agora, tá um céu aberto, que parece uns doutor... É, meu amigo, os negócios de aculá pra cá mudaram muito... Tinha eu aqui, tinha outra mulher... eu acho que era chamada de Francisca do Carnaval... que chamavam de Carnaval... E ali, tinha um velhinho mais prali, que chamava seu Alicio, e salteando, as casas... e assim começaram...

Esse terreno que nós moramos, foi meu filho que ganhou de uma mulher, que ela tinha um marido... Diz que o marido saiu pra comprar açúcar pra fazer o mingau do bebezinho novo deles, quando veio chegar estava com um ano que tinha saído pra comprar o açúcar... E a mulher ficou judiada e não quis mais o marido... Ela estava doidinha pra ir pra colônia, mais a mãe dela, a dona... como é que é o nome dela? A dona... ou a Virgínia ou Guilhermina... O Dorivaldo tinha chegado, e ela perguntou: “Dorivaldo, eu estou vendendo. Eu vou embora, morar na colônia mais a minha mãe”. Até hoje, ela ainda mora na colônia. Meu filho foi e comprou o terreno, aí já estava quase tudo aberto... cada qual tinha um terreno coberto de palha, mas já estava tudo mais ou menos... Não era quando como eu cheguei que era só varadouro e mato.

De lá de Tarauacá, o rapaz que mandou nós pra cá, era cheio do trocado... O nome dele era Otacílio. Nós tínhamos apelidado ele de Joacindo. Ele era assim, mas nós éramos metido a barão... O pai dele foi meu cunhado, a primeira mulher que ele casou, era minha irmã... e tinha consideração... Quando a gente chegou lá, sem dinheiro, o menino... que ele viajou pra cá com o menino já doente... Outro dia, eu cheguei e fui trabalhar com a mulher e estudar, quando foi depois, o rapaz transportando mercadoria disse assim: “Nenê, o Zé Teixeira mandou lhe dizer que tu fosse nesse avião que eu trouxe pra carregar mercadoria”. Mas, rapaz, foi bem ligeirinho... De lá, nós fomos pro avião, que era de lá ainda hoje, morar... A coitada, que era dele, já faleceu... Mas, tem uma cunhada que é meia barona também... Eu fui direto pra casa dela. No outro dia, já procurei... Já fui pra casa de outro amigo que era de lá, que veio de lá pra cá... Mas, a coisa melhorou foi muito... Muita gente boa, que ajudam a gente.

Eu trabalhava de lavadeira de roupa. Meu lavador de roupa era ali. Meu filho fez uma mesinha ali... Tinha uma cerca de madeira e aí um rego bem no pé de cerca, pra água correr lá pra rua. O rego... que nesse tempo não tinha encanação... era na tora... Quando foi num dia, uma mulherzinha que gostava muito de mexer com a vida da gente, inventava conversa pra fazer fofoca. Quando foi um dia, meu filho foi pro quartel. Um dia ele foi chegando bem cedinho, passou... isso aqui estava bem limpinho, não tinha casa... A mulher daqui pegou esse pau ali e tava enfiando bem aqui no nosso quintal... Ele viu e, enjoado, disse assim: “Com ordem de que a senhora esta enfiando esse pau dentro do meu quintal? Eu não lhe dei essa ordem... Ah!” Mais não sei o quê... “Pode arrancar, porque se eu for arrancar, eu joga no mato”. A mulher foi embora. Você acredita que ela foi no quartel, contar mentira. Lá veio o rolo de novo... No outro dia, o meu filho foi pro quartel... O carro parou bem ali... E vinha ele, o sargento e o soldado: “Que a mulher disse que eu juntei o meu lixo e joguei dentro do dela. Eu limpei o meu quintal porque eu gosto de limpeza...” Lá vem ela, já tinha me falado o negócio... Eu disse: “Francisca, aonde?” Foi me mostrar. “Onde foi que eu joguei minha caixa de lixo do meu quintal no teu?” Meu filho já chegou no quartel dizendo essa notícia de mentira. “Não tem vergonha disso?” Aí eu disse logo um bocado de coisa: “Sargento, o senhor quer ver de perto? Que conhecer o negócio? Vamos comigo lá no acero do mato, lá nas bananeiras, pro senhor ver aonde eu despejo as caixas de lixo. Essa mulher veio dizendo: “Tu não tem vergonha de mentir, não, menina?” Ela ficou foi intrigada comigo.

Aqui nunca prestou de água... Cavando poço, a água não presta... Essa mulher dessa casa... na outra, lá... quando eu cheguei, ela tinha feito a casinha dela faz pouco tempo... e mandou fazer um poço... A água era mesmo que leite, quando a gente lava o pano sujo de leite..., Ela disse assim: “Dona Nenê, não presta nem pra lavar roupa, que a roupa fica dura”. E eu digo: “E agora, o que eu vou fazer?” Com uns poucos dias, vem a encanação... a luz... Esse meu filho, que saiu agora, juntou o cano daquele outro lado... Disse: “Mãe, eu vou ajudar pra quando mais breve colocar a nossa água aqui”. Ele pegou a enxada pra ir arrumando, colocando os canos... Colocou e organizou tudo... era água da Sanacre.

Pouco tempo depois que eu cheguei começaram a cuidar da água. Daí, vieram os pessoal cavando, encanando tudo... Meu Deus, os meninos trabalhavam muito... Foi o tempo do Flaviano, quando foi Prefeito. Tá aí esse tijolo, ainda é do tempo do Flaviano.

Eu estou aqui há tantos anos... Estou vivendo a minha vida aqui... Estou com mais de trinta, mesmo, pois sempre me dou bem aqui. Agora, só que eu não sei se eu estou pensando bem ou certo... só não estou pensando em vender isso aqui e ir-me embora, lá pra onde está meu filho... Mas, a vida aqui já presta... Aqui, tem muita gente malvada... O senhor acredita que uma vez a Polícia... porque essa menina foi cobrar uma conta que o cara devia... aí, ele disse que vinha colocar fogo na minha casa... Rapaz, eu fiquei muito chateada... Parece que a mulher telefonou pra Polícia, a COE... que mora bem aí em cima... veio aí. Eu digo a PM: “Esse cara, nós vivemos a nossa vida aqui, na nossa casa, dentro do nosso terreno. Eu não vivo aqui cuidando da vida do seu fulano. Eu vivo a minha vida na minha... dentro da minha casa, meu quintal. Esse cara disse pra minha filha que vai tocar fogo na minha casa. Se ele entrou aqui, mas ele não sai com os pés dele, lhe prometo... Isso porque é audácia... E eu não dou confiança aqui pra ninguém... Vivo a minha vida...” Aí, a COE mora bem aí em cima... Aí se aquietou, hoje em dia... Mas, eu tô levando...

A impressão que eu trazia está aí... Elas sabem, a lavagem de roupa, meu ganha pão, porque eu não tinha nada nesse tempo... Sabe, aí, eu disse: “Eu vou lavar roupa.” E fui lavar roupa... Pois, é... Iniciei mesmo... A Sanacre, cada... a água passava de quinze dias sem cair água, meu amigo... Sem água aqui... Ainda hoje tem chateação... Uma vez eu estava lá na casa dela e deu na televisão que ali, não sei pra onde, tava com oito dia que não caía água... Imagina uma coisa dessa... Pois, é... Lá... Aí eu paguei o cara pra fazer um poço... O cara cavou um poço, aí, do

lado de fora... Acabou-se a sede de água, eu arrumei um tanquinho... Tenho é pena quando o pessoal vai falar que a vida não está boa... Mas, não... toda vida tem isso...

As pessoas que moravam aqui no bairro quando eu cheguei, só moram alguns deles... Uns já morreram, outros se mudaram, foram embora, e saiu muita gente mesmo...

Você quer saber se eu sou feliz? Eu digo. Eu sou feliz, graças a Deus, a me olhar. O senhor acredita que me chamam pra me dar a palavra, quando eu estou lá na igreja? Colocam pra mim falar... Minha gente... Olha, uma das coisas que muita gente aborrece é a idade... E eu estou tão feliz, porque Deus tem me poupado esses anos todinhos... Eu sou bastante feliz...

A mocidade da gente é uma coisa pra gente alegre... A saúde, a pessoa novo, sadio, tem força... Até ontem, eu passei pelo homem ali... Ele disse assim: “Cadê o arrancador de pau que eu tinha?” Eu disse que gente novo arranca pela raiz. E aí eu vi um dia, ele ali, arrancando um pau pela raiz... Eu disse: “Eu procurei muito um homem desse jeito assim, pra mim casar... e não encontrei...” Eu, brincando com ele... Um dia... ele me viu, um dia desses, e ainda falou nisso... Mas, eu tinha esse ditado: “que a gente, quando é novo, arranca pau pela raiz”, porque tem muita força, tem muita saúde e faz tudo com aquele prazer, com aquela alegria... Nunca encontrei coisa pra mim fazer de mau vontade... de jeito nenhum. E a segunda... outra... vou acabar de reforçar: “quando a gente aceitar o senhor Jesus na vida da gente, a gente muda a vida pra outras coisas melhor”.

Na igreja católica uma vez a mulher me chamou... Eu fui lá, outra que estava com oitenta e sete anos... “Eu não vou falar nada, não, que eu não tenho nada pra falar”. Eu já estava com aquele negócio mexendo comigo... Aí eu me espantei, que era ela a segunda... era... Eu me levantei: “Dona Maria, a senhora não tem o que falar nada da sua vida, nem do seu tempo de criança, nem de juventude, nem de velhice, nem de nada?” Eu digo: “Ah! Dona Maria eu tenho é muito... Eu sou cheia...” Aí comecei... e falei... e falei... Lá na Igreja Católica... Era a reunião das mulheres, lá falei... Depois foi o homem ali da Sensur que queria roubar meu dinheiro; ele tinha me chamando pra mim entrevistar. Lá, também... E aí outra vez lá na escola da minha filha, lá na Transacreana... os meninos queria que eu falasse disso... daquilo... Mas, eu tenho é muita coisa pra falar... No tempo que agente morava lá no

seringal, que matava gato maracajá... matava era de cinco, seis, em um dia...tirava a pele pra vender, ganhava um dinheiro imenso.

Tinha dia que a gente matava de cinco pra tirar a pele pra vender. Mas dava dinheiro, meu amigo... Quando eu fui pegar o dinheiro da aposentadoria da borracha, passei lá... Comecei os papéis, aí vim pro Quinari... Do Quinari, vim aqui pro Rio Branco... Fui, então, dar uma palavra com o Juiz... com o delegado... Lá, quando eu estava fazendo o meu papel de Plácido de Castro... Mas, aí, eu menti... Eu minto, mas não nego que eu faço, não... O delegado disse assim: “Quantas qualidade de onça a senhora conhece?” Eu digo: “Três, delegado.” “A senhora conhece três qualidades? Não está mentindo, não?” “Estou, não, porque eu tenho pavor de mentira.” Eu fiquei dizendo assim: “Olha, eu conheço a vermelha, a pintada e a preta”. “Essa preta, eu não conheço, não”. Eu digo: “Você está trabalhando, mas, tem”. E aí o senhor perguntou quantas onças eu tinha matado. Eu nunca matei onça na minha vida, matei os gatinho preso no chiqueiro... Mas, disse que matei... só menti pra acabar de completar o assunto igual. Mas, matei bastante gatinho no chiqueiro, preso, dava com a espingarda na boquinha deles.

Eu gosto de plantas “risos”, eu gosto é de tudo, meu irmão... Quando era no seringal, era roçado de roça... e aí, pra enfeitar o terreno, as roseiras... Essa menina corta os galho eu nem gosto... Mas, tá aí... Quando dá um probleminha, lá vai eu pra casa da neta, pra casa da filha... E não paro dentro de casa.

Mas hoje eu não tenho mais planta, não. Vou lhe explicar isso: aqui tinha cana, tinha roça, banana, coqueiro, buriti, açai, graviola... tinha tudo aqui. Eu plantei, mas isso daí vai acabando, né? Vai cortar pra fazer... pra tirar a sombra... pra desmanchar o quintal... Eu tinha um pé de buriti aí, que até hoje eu me arrependo, porque eu cortei ele... Todo ano dava cinco, seis cachos, que eu queria ver o homem que forçado pra pegar... Eu vendia, faturava meu trocado... Meu filho veio com um homem pra fazer minha casa... puxou a casa pra ficar lá... ou era mais praulá... Foi preciso eu cortar o pé de buriti... Aí, acabei o pé de buriti... Acabou tudo... tinha tangerina, laranja, goiabeira... Tinha tudo, aqui dentro, que plantei tudinho...

No começo houve, porque não apareceu com mais vantagem... Eu fui atrás dos negócios de lavagem de roupa... Tinha esse meu filho que começou a estudar e o material era eu quem comprava... Nesse tempo, eu ganhava bem pouquinho... Depois que eu peguei mais uma lavagem... Mas, eu sei que era sete lavagens com a

minha... Tu acredita que quando o meu filho, que mais se afirmou no trabalho, foi aqui no correio, ele gostou tanto do correio que até hoje ainda está por lá? Está com vinte anos que ele trabalha lá... Aí, meu irmão, acabou-se... Como hoje... Chegava a tardezinha... Quando ele saía de madrugada pra ir trabalhar, ele ia debaixo do meu cortinado, me dava o dinheiro e ficava com um dinheirinho pra comprar os bombons... Ah! Mas, eu comprava de saco de arroz, de saco de feijão... Mas, a gente, tendo o dinheiro mais avantajado... olha, aí melhora mais... Fui criar galinha... criei galinha que foi uma beleza...

Eu cheguei a ter quarenta galinhas. Quarenta cabeça tinha... Eu acho que ela se lembra que um dia esse meu filho veio visitar nós aqui... passou a semana todinha lá, cuidando das galinhas. Aí, eu ia com ele pra lá, pra não gastar muito dinheiro de volta... que cabeça de galinha... Nós fomos de madrugada... A menina matou pra fazer o rango. Comemos galinha frita até chegar na casa dele. Dessa vez, nós custamos, porque fomos de ônibus. Tudo ocorreu bem, meu amigo, aonde existir aquele interesse, aquela vontade, a gente atura... Deus abençoa muito mais, porque tudo que a gente faz, é com aquele gosto de prazer... alegria de a gente ter as coisas. Eu que nasci e me criei, meus pais eram pobres... mas, era fartura pra dar e vender... pra quem queria, graças a Deus. Meu Deus, mas, a casa era cheia de homem... As mulheres, a maioria já tinha morrido... Só era eu e a minha mamãe de mulher... Tinha meu pai, tinha o meu irmão mais velho, tinha o outro irmão, o outro, e tinha o sobrinho... Rapaz, era sete pessoas entre tudo.

Esse terreno aqui foi aterrado. Isso aqui, no tempo que eu tinha a cozinha ali, o rapaz que morava prali colocou seis carrada de barro... caçambada... Já, depois, meu filho pagou mais duas pra cá pra frente. Não tem esse meu menino, que foi o derradeiro que saiu de casa: Falou: “Mãe, vamos vender isso, aqui, mamãe? Se eu vou pra aula, chego com a minha farda suja de lama. Se eu for trabalhar, é do mesmo jeito...” “Não, meu filho, vamos ter paciência, que vai acabar com isso, aí.” Graças a Deus, fui lavando a minha roupinha... Não era só isso, não... Era isso aqui tudo... era água o tempo todo, inverno ou verão.

Chamam isso aqui de Palheiral porque era muita palheira... Tinha tanta... Só aqui nesse quintal tinha três, ou era... pé de Ouricuri... palheiral, que nós achamos muita palheira... Ali pra trás é que tinha palheira, por isso, que pegou esse apelido. Mas, aí, o pessoal foi tirando o terreno... tirando... derrubando... Aqui, tinha três pé... Aí a gente foi limpando e colocando fogo.

A maior vitória dele... que eu tive... foi a mocidade que Deus deu... cheio de saúde... tem resistido até hoje, trabalhou até quando podia agüentar, nesse Brasil, nesse Acre... Essa outra coisa também que a gente deveria ser... como é que posso dizer? Por que o casal assim, quando construi família e deixa aquele horror de filho pra dar pro Brasil, isso aí a gente tinha que receber um monte de coisa, de recompensa... Porque conseguimos criar a família... Os que nasceram pra se criar, se criaram... E pra que vitória melhor do que essa? E ainda está vindo com toda velhice, não é? Pra mim, era a maior vitória.

A gente sente saudade, sabe de que, meu amigo? Apesar de que a gente sabe que quando a gente tem os filhos da gente... que só com o amor de Deus, que é melhor do que tudo na vida da gente... mas, nossos filhos a gente cria com tanto amor, com tanto sacrifício... Depois de casado... Com a minha filha é... mais nova do que essa gorda aí, faleceu depois de casado e deixou um garotinho pra mim criar... Todo dia que eu estou sozinha, aqui, eu vou lá aonde ela está sepultada, no seringal... Sinto tanta saudade dos meus filhos que faleceram... sinto saudade desse que está lá, ausente de mim... Está com uns vinte anos que ele saiu de casa... Diz ele que ia estudar pra medicina, o menino... Mas, nunca realizou os desejos dele... Ele esta pra lá... De três em três anos ele vem... Eu acho que ele imagina que eu estou chegando na idade da morte... Eu acho que todo mundo pensa isso... Eu acho que ele fica lá, tão longe de mim, sem a minha convivência... E todo mundo que se criaram, saíram de casa... e ficou a mãe daquela menina que está aqui. E ele e os outros saíram... Essa menina gorda mora de aluguel, e também tinha vontade de arranjar homem também, mas nunca deu certo... Sei que eu terminei ficando só... Eu e Deus aqui... Aí eu fiquei curtindo um bocado de ano sozinha... Só eu e Deus... Aí essa filha mais velha enjoou de pagar aluguel e veio pra dentro de casa... E até, hoje saudade dos meus filhos que faleceram... Mas, a vida é assim... foi feita pra isso... ter folho...

Eu já realizei tantos sonhos, mas tem um que eu não realizei. Essa viagem que eu quero morar mais o meu filho. Não é que eu queira pagar aluguel, porque nunca na minha vida eu paguei aluguel... Mas, eu vou... Ele disse que tem uma casa dele mesmo... mas, é, meu filho! Ele disse que a mulher dele lá vale ouro, mulher boa e legal. Mas, meu filho, é meu filho, né? E a mulher a gente fica assim, né? Mas, ela é legal comigo... Mas eu quero dizer pra ele... eu quero um quartinho, um lugarzinho pra mim morar pro outro lado... Eu não vou ficar, que eu queria levar a

mãe da menina... Ela lecionava na colônia... lá, tem colônia... Mas, aí, ele veio pra cá, pros filhos estudar... Aí, eu digo: "Eu vou levar ela. Ela está sem trabalho nenhum. Não sei como é que eu vou fazer. Deus sabe a minha direção... É Deus".

Eu não me sinto só. Me sinto arrodada dos meus filhos... primeiramente, de Deus... Sou muito feliz, porque eu tenho Deus na minha vida. Se eu penso em fazer alguma coisa, por acaso... me dirige, me ajude eu fazer aquilo... Se for, Ele mesmo que mande... Você sente aquele esforço pra fazer... sua mente... seu coração... Não sei... Como ficar batendo naquela tecla, a gente vive... Mas, Deus que nos dirige... É bom demais... Eu sou crente há trinta anos... mais de trinta anos... E sou feliz até hoje. Toda vida o meu sexto é de alegria... Não tem nada pra mim, de tristeza... Como eu digo, só foi a saída do menino de cinco dias... Eu fui ficar lá na casa de uma irmã, que ela ia viajar pra Belém, e não estava bem de saúde. Eu ficar na casa dela com os filhos dela. Eu passei vinte e cinco dias lá. Eu trabalhava, parecia que não era eu. Dormia, parecia que não me servia... Eu comia... a comida não me servia... Aquele pensamento é que tava me massacrando, sabe como é? Eu fazia tudo na casa dos menino... Aquele negócio que entrava dentro de mim, aquele mal-estar... Uma noite, eu apaguei a luz, que era bem assim... me sentei na cama, orei: "Tire, Senhor, meu Deus esse negócio de mim..." Me sentindo toda amarrotada, fraca... eu me sinto tipo uma capa que você está usando... E tirei aquele negócio... No outro dia, quando me levantei, enquanto os dois rapazes trabalhavam, eu fui pra cozinha, bem cedo. Ali, mas eu me senti muito feliz... Quando eu voltei, tudinho novamente... O rapaz me chamou de irmã Nenê. Aí, ele foi no banheiro, tomou banho, ajeitou-se lá... Eu já tinha feito o café da manhã, tava lá as xícaras tudo arrumadinha... esperando ele pra comprar o pão... Ele se ensibitando todo: "E aí, irmã Nenê? Como a senhora amanheceu o dia?" "Graças a Deus, meu irmão, hoje eu estou tão bem. Estou feliz, não tenho tristeza comigo e nem perturbação..." Minha filha, tudo ela se perturba. Crente não se perturba com nada, entrega tudo nas mãos de Deus: o nosso alvo, os nossos problemas, que ele está aí pra resolver todos eles. Mas, a menina, é assim... Esse bendito rapaz que, é o dono da canoa, que está na UTI... isso está perturbando a cabeça dela... Eu falo: "Menina, ora por ele. Entrega pra Deus e deixa lá que Deus está agindo nas nossas vidas. Nós somos criatura dEle, não vai desprezar ninguém". Aí na Bíblia tem um versículo, que hoje, aculé, conversei com uma mulherzinha que ela está também pegadona nesse versículo... que é Josué um e nove: "Não te mandei, ser forte e corajoso. Não temas e não se

espante, porque o senhor Jesus é contigo, onde quer que andares”. Imagine isso... que mexe com a gente... isso aí é comigo... Quando eu chego aqui, na minha igreja, vejo umas pessoas que faleceram. E a mulher: “Eu vou, mesmo”. Corajosas, faz como Josué, “não te mandei, ser forte e corajosa?”. “Pois, seja, minha irmãzinha... seja forte e corajosa, porque você não está só... Onde você estiver, papai do céu estará contigo... Ele é o nosso refúgio...” Lá nos livros dos Salmos, diz isso: “Eu sou seu refúgio”. E aí, a menina fica assim, renovada mesmo, porque sente quando a gente está com a Palavra, mesmo, mexe... Aí, vai melhorando a situação... Não é fácil, não, agüentar... perder gente da família, não é mesmo? Só Deus, mesmo, conforta.

Eu não penso na morte. A qualquer hora que ela chegar, eu estou pronta, com o senhor Jesus, graças a Deus. Agora, eu só peço uma coisa pro meu Senhor Jesus... Não sei se Eele vai me ouvir, porque eu me baseei na minha mãe, bichinha... Quando ela adoeceu, que foi falecer, estava com três anos de luta... inchada... e eu, nesse tempo, já era casada... tinha aquelas colocação pra lá... Ela tinha a casa dela, na beira do rio... Quando ela piorava, que não dava certo, mandava recado... deixava o que era de menino lá e vinha ficar fazendo as coisas pra ela. Um monte de dia lá... Até ela morrer... três anos... E eu: “Meu Deus, não deixa eu chegar lá, também não. Se eu sofro do coração, seja por aí...” Eu acho é bom essa morte assim, a coisa ruim é sofrer... A gente já sofre com a vida no dia-dia, mas Deus é quem sabe... A gente fala isso aqui... mas, pelo menos, seja o que Deus quiser... É a minha vontade... não é querendo dizer que a minha vontade, antes da vontade de Deus, não. Seja o que Ele quiser, mas, se Deus fizer isso aí, pra mim é uma benção mesmo... a gente morre, não dá trabalho pra ninguém, não sofre... Nem a pessoa sofre o problema e nem os familiares, que ali sofre as conseqüências... Mas, seja o que Deus quiser... Eu não tenho medo da morte, não. De maneira nenhuma... Aquela velhinha que está encostada de mim, na foto, passou uma semaninha... quando deu fé, a bichinha foi... conversando, mesmo... A bichinha era tão feliz... Também, a dona Margarida... Tem outro velho, ali, também... chamado Manoel Pereira... Teve uma morte tão bonita... Ele dizia, quando em vida: “Pastor Figueiredo, quando Deus me chamar, eu vou... vou explicar tudinho... Quando ele teve no velório... “Quero que cantem o hino tal, pra alegria dele, quero que leia a passagem do livro tal, o versículo tal...” – que era os versículos que ele gostava. E tudo isso nós fizemos lá, ele, no velório, no caixão... e a gente lendo,

cantando... Mas, é muito ruim a gente cantar chorando, não é bom, não. Eu já fiz isso duas vez, mas... não... A gente faz porque tem que fazer, né? A outra foi que eu chorei... cantando... e chorando... quando a mãe daquela neguinha que estava aí, hoje, foi picada de cobra... Estava morre e não morre... Nós cantando o hino que ela pedia pra gente cantar... Mas, é ruim cantar chorando... Não é bom, não.

Não penso em voltar pra Tarauacá. Nem a passeio... Tenho vontade de ir lá, não... Presta mais, não... Meu amigo, nasci e me criei lá... Mas, é tão difícil... Esse, meu filho, que era da PM, ele chegou... parece que anteontem, de lá... Estava fazendo... parecia que... campanha por lá... de Bujari... Chegou... parece que não presta mais, não, meu amigo! Tem muita dificuldade lá, e eu não tenho mais condições... Morar lá, pra quê? Como já agüentei tudo, os filhos já estão criados... cada qual tem suas responsabilidades... Não tenho mais condições de trabalhar, estou com uma doença horrível na coluna... o corpo fica todo doente.

O meu lugar é aqui. Só que, de um tempo pra cá, esses menino de beira de rua só vem pra desacatar e a gente na casa da gente... Eu tenho a felicidade de ter a minha casa pra morar... Graças a Deus... Mais de trinta anos aqui, nunca paguei um aluguel... Fomos morar na casa do Monçambico de Dalha, moramos cinco anos e meio... Casa de palha, quando tinha palha em cima... a gente viveu lá nas palheiras... No tempo que os meus filhos ganharam uns trocadinho e compraram madeira, trouxeram aí pra frente... Mas, foi tudo bom.

Se você quiser usar essa entrevista tá, na sua vontade, meu amigo. Também, quem sabe, amanhã não vem uma melhoria pra mim? Assim, é uma coisa que eu sou é analfabeta... Mas, é uma analfabeta que tem umas coisinha gostosa aqui dentro da cabeça... A gente lida com tudo meu irmão... Eu estou velha, mais ainda continuo viva... Quem sabe, quando dá fé, vem uma coisa boa pra minha filha, meus filhos, meus netos ou minha família.

[Dona Aldira atualmente cuida de seu ex-marido que está doente. Eles vivem na mesma casa, mas não se tratam nem agem como um casal. Eles se cuidam mutuamente, mas não parece existir afeto conjugal entre eles. Por três vezes dona Aldira tentou morar com um de seus filhos, mas a saudade de casa a faz retornar. Sorriso no rosto e esperança no peito,

atualmente tenta consertar a rede elétrica de sua humilde casa enquanto aguarda ansiosa o dia de se encontrar com seu Deus].

IVETE

Meu nome é Ivete Maria de Souza, tenho 60 anos. Eu nasci... Bem, lá aonde eu nasci mesmo... no local onde eu nasci... eu não tenho bem lembrança, porque eu sai de lá pequenininha... Era num seringal, eu nasci no Seringal Braça, colocação Baixa verde. Lá, meu pai cortava seringa, e depois a gente já... acho que com cinco ou seis anos... sete... por aí assim... aí ele veio pra colônia... E ficamos morando numa colônia por vários anos... Depois, a gente saiu dessa colônia... aí fomos pro seringal, novamente. Essa colônia era em Xapuri... no município de Xapuri... Ficava perto da cidade, entre o Seringal Braça onde eu nasci e o Seringal Novo Catete, sabe? Fica entre eles dois. Eu cheguei lá... tinha uns sete anos, mais ou menos, quando eu cheguei nessa colônia. Aí, nós saímos... eu já tinha uns dez anos, mais ou menos... Aí, fomos para outro seringal, Novo Catete. Meu pai foi pra uma colocação, né, nesse Seringal Novo Catete. E o seringal, inclusive, era do Jorge Kalume, né? Era arredado com seu João Figuerino... A gente foi morar lá... Lá, nós tivemos por muitos anos, né? Aí foi o tempo que nós viemos... Meu pai e minha mãe queria, porque eu queria voltar pra cidade... Eu queria vim pra Cidade, pra estudar... Porque eu morei, uma época, com a minha vó, no Seringal Filipinas, lá acima de Xapuri. Aí, volta pra casa do meu pai... Eu queria estudar... A minha mãe pediu pro meu pai comprar uma casa lá em Xapuri, na cidade... Aí ele comprou uma casa, ficou lá... A gente ficou lá, morando lá... Aí, meu pai, no seringal... a gente ficou uma época lá... morando com a minha mãe e meu irmão pequeno. E meu pai morava com o dono do seringal... No final do mês, que ele ia lá, deixar dinheiro, mercadoria assim... de produção que ele fazia... aí, depois, a minha mãe resolvera se separar dele. Ele foi numa época... 20 de Janeiro... que tinha Exposição todos os anos... lá pra Exposição... Aí ele falou pra minha mãe que tinha levado a embarcação pra trazer a gente... todo mundo... de volta pro seringal... porque ele não tinha condição de agüentar duas famílias... que era uma lá e outra cá... e ele não tinha... Minha mãe disse "Ah! Eu só quero ficar aqui na cidade, porque eu já estou acostumada aqui e os meninos estão estudando. E eu não vou mais voltar mais pra lá..." Aí: "Então, tá! Você fica, que eu vou mais os meus filhos..." Aí, pegou nós tudim... Levou nós tudo

pro seringal e ela ficou aí... separada. Aí, nos fomos pro seringal, novamente. Ficamos lá, nessa colocação... A gente se mudou pra outra mais longe... que era sete horas de viagem, do barracão pra colocação, né? Então, a vida da gente era assim... Do meu pai... ele plantava feijão, arroz, macaxeira, milho... era agricultor. Criava sempre animal, porco, galinha, pato, essas coisas... Sempre ele gostava de criar... Então, toda colocação que ele chegava, ele colocava pra criar... E sempre tinha agricultura pra gente se manter, não pra vender... mas, pra se manter, sabe? Então, sempre tinha o roçado, a gente plantava e colhia pra nosso alimento. E ele cortava seringa... E quando era época de seringa, ele cortava seringa... quando era época de castanha, ele quebrar castanha... aí ele quebrava castanha... E tinha aquele intervalo, que ele ia pra serrar madeira... Ele fazia era três coisas... um bocado de coisa... Cuidava de roçado, cortava seringa e serrava madeira... Era aquelas coisa... Essa madeira, ele serrava... ele vendia... Então, a gente serrava, levava pra beira do rio... e, do rio, colocava numa canoa e levava pra Xapuri, pra vender... Era assim...

Nós éramos sete irmãos, mas, nem todos são vivos... Agora, nós temos... Tem quatro só... dois homens e duas mulheres, vivos... Aí... mas, quando a gente veio pra cá, tava todos vivos, os sete. Aí, quando resolvi deixar meu pai no seringal, e ele já tava muito tempo separado da minha mãe... E eu, lá, no seringal... E aí eu resolvi voltar pra cidade, pra estudar... “Eu não vou ficar aqui, a vida toda, no mato, não!”

Nisso, eu tinha 15 anos, ia fazer 16... Tava vindo com 16 anos... Aí, eu voltei pra cidade de Xapuri... Aí fui morar em casa de família. Eu fui mora na casa da Ziza Castelo, em Xapuri. Ela trabalhava na Prefeitura Municipal e eu fui atrás de emprego... Eu disse pro meu pai: “Eu não vou mais voltar pro seringal, não. Eu vou atrás de um emprego, mas eu vou voltar a estudar até a primeira série... primário, né?” Aí, eu digo: “Vou voltar a estudar”. Aí fui procurar emprego... aí consegui na casa dessa mulher, né? Aí fiquei na casa da Ziza durante uns quatro anos... Aí, fui morar com ela... De lá... Aí ela... Eu entrei, mais ou menos, em abril, na casa dela... em abril de 64, né? Aí, quando foi em novembro, aí ela a Hélia veio pra... com o marido dela... Compraram uma casa aqui, que é encostado do Neutel Maia... fica de esquina com o Neutel Maia. Era uma casa de madeira, agora é de Alvenaria, de dois pisos... Ela disse que vinha embora aqui pra Rio Branco. Aí eu falei com meu pai que queria vim com ela. Ele disse: “Vá! Dependendo, se você se der bem, você fica,

se não, você volta. Eu estou aqui esperando e ta bom...” Aí eu vim com ela, aí, fiquei aqui... morando quatro anos com ela... Aí, quando eu cheguei aqui, fui estudar... Terminei o primário... Aí, fui fazer o ginásio... Aí, fazer o exame de admissão, que era tipo vestibular, agora... Eu sempre reclamo nisso, porque devia acabar com isso... E era um inferno pra gente, sair do primário pra ir pra 5.^a série. Era todo os anos, aquela multidão de gente, parecia vestibular, agora. Tinha que fazer a 5.^a série... o exame de admissão, para poder passar pra 5.^a série. Aí eu fiz quatro vez, aí foi que eu passei... Fiz o ginásio, do ginásio que fui pro segundo grau... Aí, graças a Deus, terminei o segundo grau. Aí comecei a trabalhar aqui e praulá... Parei de estudar, fiquei mesmo só trabalhando... Aí, trabalhei aqui de doméstica e lavando roupa pra fora... lavadeira... Aí, trabalhei... Depois, uma amiga minha arrumou pra mim estagiar no Hospital de Base... Nesse tempo, era Osvaldo Cruz, o antigo o Hospital Osvaldo Cruz... Aí, eu fui trabalhar lá, estagiar... Estagiava e fazia o curso de três, quase quatro meses... Aí, eu fiz o curso, passei... Aí comecei a trabalhar... Fiquei trabalhando três anos: 70, 71, 72... Trabalhei no Osvaldo Cruz... quando eu saí, já era Hospital de Base... Saí de lá... Um amigo meu, o doutor Augusto de Lima, que tem o nome dele aqui, nesse Posto [de Saúde], né? Então, ele ficou muito chateado, porque eu saí... que me deram as minhas contas, né? Era estagiária... Aí, não tinha muito dinheiro pra pagar e tal... Houve um probleminha lá, entre eu e uma enfermeira... Aí me tiraram fora, né? Aí, no caso, eu não quero entrar em detalhes, porque... [risos] ...mulher de um médico, né? Aí, sai fora... Aí, esse médico pegou, foi na Secretaria de Educação e conseguiu pra mim trabalhar na Educação... Eu sou enfermeira e... trabalhei com enfermagem três anos... Também trabalhei com enfermagem durante quatro anos em uma clínica particular... Trabalhei numa clínica que tinha em frente... Era a Clínica Santa Marta, enfrente o Paulo Veloso. Eu trabalhei lá durante quatro anos.

Na minha profissão... eu sou... como é que se diz? Sou atendente de enfermagem... que é assim que chamava nessa época. Era assim que chamavam... E aí eu vim desenvolvendo, né? Sempre fazendo cursinho, curso de teatro, de música... Tenho vários diplomas aí... tem mais de saúde... Depois, eu fiz de pronto socorro... Então, vim fazendo vários cursinhos... E, mesmo depois da educação, a gente fez... agora, já depois que o Jorge Viana entrou... Aí, veio esses cursos de especialização, preparação de pessoas... Aí eu fiz seis cursos... que eu fiz... Eu tenho o diploma aí... Tem um monte de curso, que eu não me lembro... Só sei que

fiz seis, né? Aí, fiquei trabalhando na educação... Até que adoeci, né? Aí fui operada e não pude mais trabalhar. Aí, entrei como presidente... Me colocaram como Presidente do Bairro, né? Fui trabalhar como Presidente do Bairro... Pra mim, isso foi uma grande experiência, de trabalhar com a comunidade... É muito bom... Aí, trabalhei bastante, graças a Deus... Assim, as pessoas, nessas outras eleições... perdi... assim... porque as pessoas são muito apressada... Quando eles querem as coisa, querem na hora... Então, você trabalha, por exemplo, você vai fazer um projeto... Você trabalha dois ou três anos pra conseguir esse projeto, pra depois realizar, né? Então, o seguinte: durante dois anos eu fiquei trabalhando atrás de conseguir essas coisas... Então, eu consegui... Só que quando eu consegui, chegou a eleição... Aí, o pessoal achava que eu não tinha feito nada certo. Mas, o projeto está montado, a verba ficou na conta... Então, tudo o que estão fazendo hoje, o que estão construindo, foi com a verba que eu deixei na conta, pra Associação... Então, o asfalto, deixei no depósito pra fazer aquela rua dali... A Rua Mauá, pra asfaltar a rua... Eu já deixei o asfalto no depósito, pra fazer... Ficou dinheiro pra reforma da pracinha aí. Então, ficou dinheiro pra reforma da quadra de areia, que eles vão fazer de cimento, agora, toda pintadinha, bonitinha... Então, ficou dinheiro pra comprar ou construção de uma Associação... que nós não temos aqui no nosso bairro, até hoje... Ninguém tem, né? Acabou-se os terrenos e nunca ninguém correu atrás... Eu já deixei o dinheiro na conta pra, ou comprar o terreno, ou construir... Se já tivesse o terreno... Já deixei o dinheiro na conta, 10 mil, pra compra de um terreno ou construção, né? Dinheiro ficou, também, pra construir quatro casas, pra pessoas que moram em área de risco, na bueira, aí, né? Então, a Assistência Social, a Prefeitura, veio, pegou o nome das pessoas, o número da casa, tudinho... tudo direitinho... Tá tudo documentado na Prefeitura... E a verba já ficou... 17 mil pra casa... Eu tenho até um projeto aí, pra mostrar pra quem quiser... que eu deixei pra fazer... E as pessoas já acham que eu não tinha feito nada... que eu não tinha conseguido nada... Aí votaram no outro... Agora tudo o que o outro vai fazer, manda atrás de mim... Não, agora, eu não sou mais Presidente, né? Nem posso assinar, a minha filha, ainda gora...

Eu mudei pra cá em 79, em Julho de 79. Eu acho que eu era a primeira moradora que morou aqui, tá entendendo? Quando eu vim pra cá, tinha muitas casas já construída... Assim que tavam construindo... mas, não tinha ninguém morando, ainda, ali, não. Depois, com uma semana... duas... chegou uns praulá,

pra lá pra trás... Moradores, aqui nessa minha área, demorou muito tempo de vir morar gente aqui... Era só o matagal, capinzão assim...Aí era só aqueles pinguinhozinho assim... Ali, na Rua Campo Grande... Era só um varadouro, de animal... no barro... na lama... como eu já te falei... E, lá, a gente... eu vim morar aqui, porque eu morava de aluguel, lá na Estação. Aí eu vim... desde o tempo que eu cheguei aqui... que saí da casa que eu morava... da mulher... fui morar com a minha mãe, uma época... Aí deixei, aí fui morar sozinha... Entrei no aluguel... aí vamos pagar aluguel... E tu sabe que aluguel come do prato do freguês, né? Aí foi o tempo que o Francisco Bezerra... que chama Bizerrinha... ele... eu não sei se tu sabe, que ele trabalha na Caixa Econômica... E, agora, ele tá trabalhando com duas campanha... trabalhando com o Márcio né? Coordenador do Márcio... Ele morava lá na Estação também... Eu morava numa rua, ele morava na outra... E ele disse: “Olha, Ivete, tão invadindo umas terras lá pras banda da Bahia, pracula... Tu não quer ir lá, dar uma olhada no terreno, pra ti tirar pra ti?” Eu disse: “Vamos!” Aí nos viemos, eu e ele... Aí, nos fomos lá, na Bahia... que era o João Eduardo... era o Osvaldo... a mulher dele... a mulher do João... Aí, tem outro que trabalha na Prefeitura, meu Deus... Que tinha até a mãozinha assim... Esqueci o nome... Aí eles fizeram uma comissão... O João organizou uma comissão. Assim, quando o pessoal começou a invadir, aí o João pegou, organizou para distribuírem os terrenos corretamente... Porque as pessoas chegam, invadem e tal... Porque tem muitos lugares aí, invadido... assim... local que as pessoas não deixam o local pra fazerem a rua... E ficam reclamando que a Prefeitura não faz rua, não sei o que... e tal... Mas, como é que vão entrar aqui? Pra cima, tem uns beco que você só entra de pé, nem bicicleta, não dá pra passar... As casas, uma aqui, outra aculá... Aquele bequinho assim... Então, o João Eduardo, na época da invasão aqui, ele pegou, organizou essa comissão. Ele era que distribuía os terrenos, sabe? Quando vinha uma pessoa atrás, aí iam, sim. Eles... e eles vinham... marcavam o terreno e já iam deixando exatamente o espaço pra fazerem as ruas, tá entendendo? Então... eu vim com o Bizerrinha... Fomos lá, falamos com o João, aí ele veio aqui... Aí já mostrou o terreno, só mata era cada árvore dessa grossura assim... sabe? Aí, fomos colocar fogo, sabe? Vinha nos finais de semana, colocava fogo... Fomos limpando, até fazer a casa... E a casa... e a confusão pra fazerem as casas... As pessoas vinham, tirava o terreno... aí quando era no outro final de semana, vinha, trazia umas madeira, por exemplo, os barrote... Aí, trazia os barrote, colocava lá dentro, assim... Dentro dos

matos, pra ninguém vê.. porque, se não... Aí, quando chegava no outro dia, os barrotes já não estavam mais lá... Você tinha que trazer outros... Aí você enfiava... Tinha gente que armava casa... Teve um caso ali, que o freguês veio, arrumou a casa, fez o travejamento todinho, e o outro veio e levantou a casa... Chegou, entrou, já... Aí, quando o dono chegou, a casa já tava armada... Aí: "Mas, quem que tá me ajudando a fazer minha casa?" Aí, cobriu tudim... Aí foi uma confusão danada, porque era dois donos da casa... e cada um chegava metia o pau e fazia o pedaço da casa, tá entendendo? E aqui, eu trouxe o material, deixei aí... Quando cheguei, tava... tinha tirado... tinha escondido no outro canto... E a gente procurando por dentro do matagal... Era uma confusão pra achar os barrotes pra armar a casa... Foi uma luta... Aí, graças a Deus, a gente conseguiu arrumar... levantar a casa... O meu padrasto ainda era vivo, nessa época. Ele me ajudou, assim, a comprar o material, porque eu ganhava muito pouquinho... e já tinha filha. Aí, tinha mais uma sobrinha que eu criava... Aí pronto... ele me ajudou a comprar... Aí os meus irmãos vieram mais os amigos dele, nos finais de semana, pra construir... trabalhavam e construía... Aí construímos primeira casinha de madeira. Cada um morador ia tocando fogo, fazendo aquela coivara do matagal, com os paus com tudo... iam fazendo as coivaras e tocando fogo naquele localzinho... que eu tocava fogo naquele lixo. Eu pegava, colocava um pé de planta ali, uma fruteira... Aí limpava outro canto, colocava fogo e limpava... Isso era cheio... cheio de fruteira... Aí atrás... queria que tu visse, parecia um sítio! É porque foi cortada muitas fruteiras, por causa dessa construção, agora, né? Essa última construção, dessa casa de madeira pra essa de alvenaria... eu construí a primeira lá na frente, bem pequenininha, seis por quatro... Aí, depois, a gente... o sacrifício era sair daqui pra ir trabalhar, né? Dentro da lama... Quando tava no enxuto, tudo bem, no verão... Mas, quando chegava o inverno... dentro da lama... E eu estudava lá embaixo, no CERB... Eu fazia o segundo... grau estudava lá embaixo... Tu acredita que quando era onze horas da noite, que eu vinha embora nas carreiras, morrendo de medo... Porque a gente descia de ônibus, lá naquele... lá na ladeira do Bola Preta... Tem uma parada desse lado assim... ali no igarapé, na bueira... Aí tem uma parada desse lado e a gente vinha de ônibus, por que morava pra cá... Descia ali e vinha no escuro... não tinha luz... não tinha rua... não tinha nada... era só o caminho... Aí, tinha que vir chutado... na carreira... morrendo de medo de vim os marginal... Porque era só o que a gente via por aí... Porque tinha um monte assim, aquele monte de marginal bebendo,

fumando pelo meio do caminho... E eu vinha de lá pra cá nas carreiras, feito uma louca... Quando chegava na porta, meu padrasto, que ficava com ela, que era bem pequenininha... E eu ia pra aula de noite... Trabalhava o dia todinho... Cinco horas, só tomava banho, vestia uma roupa e voltava pra escola... Aí, quando chegava da escola, na porta: “Blim, blim”. “Meu padrasto dizia: “Menina, para com isso... Corre, que eu sei lá se tem marginal atrás de mim...” Era uma piada, mas era engraçado... Mas, foi uma luta, até eu conseguir terminar o segundo grau, foi muito sacrifício... Já fui terminando assim e fazendo o provão. Fiz até o segundo ano, aí... no segundo ano, eu parei... Aí, comecei tudo de novo, a fazer o provão todinho... até terminar. O primeiro ano quando, a gente estudava no negócio do CERB, era aqui... A gente fazia a turma do primeiro ano, aqui, no Heloísa, que nesse tempo era que chamava não era Heloísa... chamava... Lourenço Filho... Aí, o primeiro ano estudava aqui no Lourenço... O segundo ano, estava lá em baixo... E o terceiro, era aqui, onde é a Secretaria de Educação, agora.

O terceiro era ali... Aí eu fiz o primeiro ano aqui... aí passei... aí fui estudar lá embaixo, no segundo ano... aí, já pro terceiro, que eu abandonei... Deixei... eu saí grávida... Comecei a passar mal... Aí o professor me deixou numa prova... Aí... sacanagem, né? Uma prova que eu já tinha feito... E ele queria que eu fizesse outra... de Inglês... E eu não tinha condição de fazer outra porque eu já tinha feito a minha prova final. Então, ele queria que eu fizesse a recuperação... Eu já tinha feito a recuperação de matemática e de física... Aí, nesse tempo, só podia fazer duas provas de recuperação. Então, eu já tinha feito de matemática e de física, não podia fazer de inglês... “Como que eu vou fazer, se eu já passei nessa prova, não...” “Mas eu perdi a tua prova, tu tem que fazer de novo”. Eu digo: “Negativo, você dê o seu jeito”. Era o Dandão... eu não me esqueço do nome dele... era o Dandão... que era professor de inglês... Eu até gostava dele, até hoje quando eu passo por ele, ele ri... Olho pra cara dele, olho... Eu digo: “Não gosto de nego nem um pouco”. Sabe que eu digo com ele? Ele só faz rir... E a mulher dele é bem branquinha, loirinha... Aí, ele me deixou reprovada, nessa prova. Aí eu abandonei, aí não fiz o terceiro ano, aí fui pro provão.

Eu saí grávida, mas não casei com o pai da menina... não casei com ele... Ele era casado com outra mulher. [risos]. Era casado, pai de cinco filhos com a outra esposam lá... Foi só um caso que a gente teve. Eu sabia que ele era casado e eu fiquei com ele porque eu quis. E eu nem cobrei pensão dele. Durante o tempo que

ele passou aqui, porque quando ele foi embora daqui... ela tinha seis meses de nascida. Durante o tempo que ele passou aqui, ele nunca deixou faltar nada pra ela, não... Mas, aí, foi o jeito de ele viajar, ir embora, porque não tinha trabalho pra ele aqui... Ele não era daqui, aí ele foi embora pra terra dele, que era Manaus. Ele foi embora com a família dele, mas ele disse pra mim: "Ivete, eu vou embora, porque não vai adiantar eu ficar contigo. Porque eu vou precisar trabalhar pra sustentar a minha família e sustentar você... E assim, eu tando aqui, eu não tenho trabalho... Vou deixar passar fome a minha família e você... E, aí, eu vou embora... Deixo você livre, pra você arrumar outra pessoa, que lhe ajude... E, eu, tando aqui, você não vai arrumar..." Eu não ia arrumar mesmo, não né? Mas, mesmo assim, eu fiquei só... Depois de muito tempo, gostei de um rapaz... tive outra filha... mas, morreu também... Aí, eu não quis mais ninguém... Eu estou com vinte e dois anos sozinha, só eu e ela.

Esse bairro aqui cresceu muito... Quando eu cheguei aqui, que era só o matagal, não tinha luz, não tinha rua, não tinha água, não tinha nada... Hoje em dia, é uma cidade... Às vezes, eu, conversando, eu digo: "Ô, mãe, não adianta a gente sai e mudar pra outro bairro... A gente não sabe como vai ser lá... Aqui já tá acostumado..." O bairro já cresceu, tudo mais ou menos... presta, né? Então, tem supermercado, drogaria, as coisas mais necessária que agente precisa, tá aqui perto da gente... Porque não tinha nada, quando nos chegamos aqui, só tinha mato... mato mesmo... E fomos batalhando, lutando... Aí veio as ruas... O João Eduardo veio pra medir, foi na época que mataram ele... O coitado do João veio aí, pra medir as ruas, aí, um infeliz matou ele.

O bairro está mudando e, eu acho que ele tá melhorando, né? Tá melhorando, porque, antes, não tinha nada... e, hoje, tem quase tudo... Ele só precisa que as autoridades tomem mais cuidado com ele, porque já tá com vinte e seis anos... Já tá bem velhinho... Enquanto tem outros bairros por aí que foi feito ontem e já tá todo na calçada... com isso... com aquilo outro... todo preparado... E o nosso aqui, com vinte e tantos anos, rapaz, já era pra ele tá todo com calçada, todo atijolado... Tem rua aí, ainda com matagal... Quando eu entrei, aqui, como Presidente, há dois anos atrás, as ruas era dentro do mato, dentro do matagal mesmo. Não tinha nem por onde passar carro de boi, certo? Não passava nem carro de boi... Aí, eu consegui, as máquinas e vieram ano passado, em agosto... Vieram, abriram as ruas, consertaram esgoto, que tava tudo quebrado... A pessoas recebia

aquela água com mistura, com água de esgoto e tudo... Concertaram tudinho... abriram as ruas... Hoje, as ruas tudo aberta, tudo piçarrada... Legal, que entra carro, moto, bicicleta, entra tudo... Mas, antes, não tava assim... Mas, eles precisam é tomar cuidado, porque já tinha dado tempo de essas ruas já tá todas elas calçadas... Eu te digo uma coisa... eu sempre digo pras pessoas: “Se algum dia fosse eu fosse autoridade e pudesse fazer as coisas... se eu fosse Prefeita um dia e algum dia eu chegasse à Prefeitura... eu faria da seguinte maneira...” – porque não tem verba, não veio verba pra fazer as coisas? “Agora, é o seguinte: são quatro anos que o nego fica lá, por exemplo, então durante o inverno... Durante o verão então trabalhava cedo, quando chegasse o inverno vamos fazer isso: preparar os projetos, pra quando chegar o verão já tá tudo pronto, só começar. Não é preparar tudo na época do verão, já é pra fazer, né? Então, preparava no inverno tudo que tinha que fazer. Então, é o seguinte... fazia da seguinte maneira: cada mês eu iria tirar dois ou três bairros, porque são várias equipes de trabalho... e não sei quantas máquinas... e não sei... Então, pega essas duas equipes e coloca em um bairro... certo, forte? E coloca pra trabalhar. ‘Olha, só vai sair daqui quando deixar ele prontinho da silva, com água, luz, calçada, com todas as ruas calçada, piçarrada, tá entendendo? Com todas as ruas abertas e pronto... com praça, com o que tiver de fazer’. Então, se vai fazer isso, vamos fazer e deixar o bairro pronto. Quando esse daqui tiver pronto, nós vamos entrar em outro. Aí, apronta esse aí...” Eu queria ver se não tava a maioria dos bairros prontos, prontinho da silva... Aí, se ele ganhasse a eleição, ele ia fazer o resto dos bairros... Ele não perdia mais eleições mais nunca... Então, seria assim, da minha forma, o trabalho... Seria de entrar num bairro e só sair quando ele tivesse pronto. Mas, não, eles pegam às vez, faz uma rua, aí abre mais duas... Essa daqui, que ficaram de asfaltar não asfaltaram nem toda... a Mauá. Deixaram ali, um pedaço por fazer. Não... era projeto pra fazer o resto todo que faltava... Não fizeram, deixaram um pedaço ali pra fazer... E, assim, eles fazem um pedaço e deixa o outro por fazer... Por que que não faz o bairro todo? Quando terminasse dali, saía e ia pra outro bairro... Eu acho que eu não trabalho assim... mal... desorganizada... Sei lá... Sei que da minha maneira, seria desse jeito.

Eu sempre andei pelo bairro, mas agora eu parei... Quando eu tava como Presidente, eu andava mais, né? Mas, é... quando eu tava na igreja, tava como chefe de organização da igreja... eu andava mais, porque eu visitava todas as mulheres da igreja... e tudo quanto era rua eu andava... Eu andava no Palheiral,

João Eduardo I e II... Então, eu conheço essas ruas tudim, uma pro uma... Aí eu andava em todas elas, agora porque eu tô meia assim... da igreja... Não tô afastada, né, mais eu não tô mais em organização nenhuma, que eu era Presidente lá da Sociedade de Socorro. Aí, eu tinha por obrigação, visitar todas as irmã da igreja... Faltava... “Quem faltou?” “Fulano e fulano...” Então, tantas professora, visitando... Então, contava as mulheres... e eu ia visitar todas elas. Então, eu andava saía de casa em casa, visitando. Saía pra saber como é que tava, se tava doente, passando necessidade, faltando alguma coisa em casa... Tinha que saber pra poder auxiliar aquela pessoa. Por exemplo, nós, da igreja, aí a gente vai fazer visita... aí, se nós encontrar uma família que tá passando necessidade... a igreja... a gente organiza um sacolão... Vai lá, tá faltando gás, vai lá, compra o gás, tá entendendo?

Eu sou membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Igreja dos mormos, por causa do livro, né? Mas, Mormo foi um profeta, por isso, tem o livro. Aí, a gente tem essa organização, né, na igreja... que ajuda a igreja toda. No mundo inteiro, tem irmãos que ajuda, o nome do programa é “Irmãos que ajudam”. Por exemplo, agora na alagação, né, aí veio um rapaz da... Parece e veio... trouxe dinheiro, não sei nem se eu posso tá falando isso aqui... Aí, ele veio ajudar a comunidade, né, das pessoas que estavam alagados. Então, a igreja ajuda... ajuda muito, as pessoas, tá entendendo?

Bem, da igreja... a gente sempre faz assim... fora, né? Porque aqui não tem local pra fazer. Por exemplo, quando é uma atividade pequena, a gente faz na igreja mesmo, não é? Por exemplo, sempre a igreja faz gincana, né, pras pessoas se comunicarem mais... ficarem mais... ficarem mais juntas, se conhecendo melhor... e se integrar mais dentro da igreja... Até agora, mesmo, essa semana passada, terminou uma gincana que tava tendo, né? Então, lá tem assim... por exemplo, você, cada noite... é uma noite por semana, né, que agente tira... nas quarta-feira... Então, toda quarta-feira, as crianças, moças, rapazes, homens e mulheres... tudo separados, os grupo, então faz assim: aqueles grupos aí, por exemplo, tem que decorar mais escritura... qual o grupo que traz mais escritura decorada, da Bíblia, ou o livro de Mormo... Aí, quem trazer mais escrita decorada, aí, aquele grupo vai tirar tantas pessoas pra... na hora do microfone, falar. E aí, quem leva mais alimento, vai ajudar alguma família que esteja passando crise... Então, qual grupo vai trazer mais alimento... cada quite de alimento vale dez pontos... então o nego se anima... quer ganhar e tal... Aí, sempre tem os prêmios... Então, o grupo que ganhar, ganha

churrasco, uma rodada de sorvete... A igreja sempre separa isso, então são bem legal, as atividades... E quando não é atividade, é feito um banho fora... jogo... essas coisa... Porque eles tem a capela, lá no Bosque, né? Ele tem um jogo dos homem, faz churrasco, jogam toda semana... Aí, às vezes, tem piquenique... Viajam assim... vão pra fazenda, algumas colônia, sitio... Aí, fazem assim... passam o dia pra lá... piquenique, sabe? Aí, fazem uma atividade bem legal. Às vezes, é dos rapazes, dos homens, das mulheres, da Sociedade do Socorro... Às vezes, tem atividade em geral, mas, sempre, as atividades são separadas... Quando é dentro da igreja, é todo mundo junto... quando é atividade fora, é só as moças e os rapazes que vão... Aí, os adultos são sempre pra outro canto, separado... Aí, baile de família... tem baile de jovem, porque tem os estudos bíblicos deles o ano inteiro... Aí, tem o baile da formatura, baile do início do ano... Aí, sempre é assim, tem sempre as atividades...

Sabe o que me lembro? Quando eu vim pra cá o mato cor verde, sabe? Eu me lembro de quando eu morava no mato, lá no seringal, né? Porque aqui só tinha mato, mesmo... era só o matagal mesmo... era tudo verde... campo verde, assim... Sei lá... Aí eu me lembrei quando eu vim pra cá, o matagal doido, né, no campo todo... Me lembrei quando eu morava lá, porque a gente respirava aquele ar puro, de fora da cidade... daquela poeira de cinza, fumaça de carro, desse tipo de coisa... Então, é muito bom... Quando a gente chegou aqui, que era um lugar novo, era bem fresco, bem à vontade, sabe? Campo verde, mato, sabe? Bem legal... A gente se sentia à vontade, era uma coisa, assim... legal, porque não tinha marginalização, né? A gente morava... a gente chegou aqui, era só eu e ela... Quando eu vim pra cá, a outra menina, que morava comigo, a minha sobrinha... ela...

Não tinha marginalização, a gente morava... a gente chegou aqui... era só eu e ela... quando ele veio pra cá... a outra menina, que morava comigo, e ficou mais meu irmão... aí, veio pra cá, só eu e ela... Ela tinha um ano... aí veio... só nós duas, pra cá... Daqui, levava ela pro trabalho... Do trabalho, levava ela nas costa, né? Então, não tinha medo de nada... Depois que desmanchei a casa, lá, e fiz a outra pra aumentar, pra cá, cobri só o assoalho e cobertura sem parede nenhuma, né? Só eu e ela... Era bom, sim, eu sinto falta disso, sabe? Daquela tranquilidade que a gente morava... Eu dormia de porta aberta, janela aberta... Quando eu me lembro, quando eu dormia só, eu mais essa criança... a gente... só nós duas... e a casa toda aberta... Tinha vez que o meu irmão vinha de noite... Meu pai morreu lá em Xapuri... fui pra Xapuri... Quando a gente soube da notícia, ele tinha morrido... Meu irmão veio

me avisar, chegou aqui, só eu e ela... Eu tinha chegado do trabalho, né? Tinha dado janta pra ela... Aí eu tava sentada na cama, fumando, porque nesse tempo eu ainda fumava... fumava feito uma caipora... nem vela eu acendia, porque nesse tempo não tinha luz, não tinha nada... aí, a gente usava vela... Aí, quando eu chegava, acendia pra fazer o mingau dela, esquentava uma comida pra mim, e tal, né? Jantava, aí, apagava a vela... Aí, ficava só com a claridade da lua... Era tão bonito, aquilo... e eu ficava olhando, em cima da cama, e a casarona aberta... e eu olhando lá pro tempo... pras outras construções, assim, sabe? ...pras casa... pra mata...Aí, eles chegaram de noite batendo palma, dizendo: "Ivete, onde é que tu mora?" "Eu tô aqui, menino!" Aí, eles entraram... Aí, era meus dois irmão... "Só tu e essa menina? Tu não tem medo?" "Eu só tenho medo dos castigo de Deus, porque aqui não tem nada". Era legal demais, muito tranqüilo, sabe? Era uma moradia muito boa... Hoje, a gente já se sente mais... assim... medros, sabe? A gente tá dentro de casa, ainda tem medo, né? Tá dentro de casa e acontece as coisas, né? Não precisa a gente ir atrás do bicho véi, não. Ele quem vem atrás da gente...

Aqui era muito diferente da Estação... porque é o seguinte, aqui eu me sentia à vontade, porque lá eu morava no meio de muita gente e eu tinha medo... Ao mesmo tempo, assim... de entrar gente, sabe, de invadir? E, aqui, não. Eu me sentia à vontade, porque eu tava no que era meu, sabe? Eu me sentia à vontade mesmo, porque eu tava no que era meu... Me sentia mais feliz da vida... Meu Deus, agora tô no que é meu, sabe? Não é coisa bonita, não é terreno nas cidade, não é terreno maravilhoso, mas eu tô no que é meu... Ninguém vem me colocar pra correr... pra correr... pedir aluguel... me cobrar na minha porta... aluguel de casa... Aqui, é minha... aqui, só Deus me tira... mais ninguém... Então, eu me sentia muito feliz e muito à vontade, assim... Sabe da diferença? Tu já pensou? Deixar de pagar aluguel pra tá no que é teu? É uma grande diferença, né? É muito bom...

Pra tomar banho, lavar roupas e fazer outras coisa, nós cavamos uma cacimbas. Quando nós chegamos aqui, não tinha água... tínhamos que cavar cacimbas... O meu irmão que ajudou a construir a casa... que era irmão de criação, o Joel, já morreu... Quando nos viemos, fizemos a primeira casinha ali na frente... Ele cavou um buraco ali... cavou um buraco até dois metros... a água era uma delícia, tu acredita? Depois, quando chegou o verão, a gente cavou mais, e chegou quatro metros... Esses quatro metros agüentou não sei quantos anos, até chegar a água encanada, acredita? Foi... A água daqui desse terreno é uma maravilha, bem

gostosinha... bem azulzinha... bem limpinha, ela... Aí eu fechei a cacimba e coloquei água da Sanacre, porque era o seguinte: eu sempre viajava... Quando eu vim pra cá, fiquei como turista... Só viajava... Aí, quando chegava, os pessoal tinha jogado... porque todo mundo tinha água... Aí... mas, tu sabe... que quando tá fechado, o dono não ta! E então, entra uns moleques e jogavam lixo dentro... Jogavam pau dentro, lata velha... Quando chegava, tinha que limpar tudo, esgotar até tirar o último bocado. Aí, eu peguei e abandonei... A última viagem que eu fiz, quando cheguei, abandonei a cacimba e liguei a água da Sanacre.

Aqui é um local legal, um bairro legal... Eu, pra mim, significa muito morar aqui... assim... porque eu não tinha casa, não tinha moradia, morava de aluguel... e através do João Eduardo, hoje eu tenho a minha moradia... Então, significa muito... Então, essa primeira invasão aqui foi uma benção mandada por Deus, que aí eu também consegui chegar nela.

Pra trazer minhas coisas, era tão pouquinha minhas coisas... a gente trouxe numa... Eu nem me lembro mais se foi numa caminhonete, que trazíamos as coisas... se foi em um caminhão... porque eu ainda tenho um bufê velho, que ainda existe ali na cozinha... tá com trinta e poucos anos... Ainda tenho um resto de um bufê, com as mesas e as cadeiras... tinha a minha penteadeira... Eu não tinha guarda-roupa, era só uma penteadeira, sabe? Aí, o fogão, o bujão a cama... era uma cama de casal...

Aqui não entrava carro, aí, foi assim... veio ali era tipo aqueles carro que tem aqueles negócio atrás... carroceria... Aí... pois é... Eles trouxeram, vieram na Campo Grande... deixaram lá... De lá, a gente trazia pra construir a casa... Trazia, deixava lá... De lá, carregava da segunda casa... na primeira casa, os meninos carregavam... Eu ajudei a carregar e tudo... E era telha, era tudo... A bagagem, a mesma coisa... O meu bufê, até hoje, tem o vidro quebrado... da coisa do bufê, porque quando... bem ali... tinha os pinheiro, que eles tinham derrubado... tinha um galho derrubado, assim... Aí, quando os meninos vinham com o bicho nas costa, bateu e quebrou o vidro, aí... tem de lembrança que os meninos quebraram.

Eu logo me adaptei... não sei como... mas, não sei se... eu tava tão à vontade, porque eu tava no que era meu... E eu só tinha medo de noite, quando eu vinha da escola. Durante o dia, tava tudo bem, ia pro trabalho, ia e voltava né? Porque eu ia de manhã e voltava... meio dia, voltava pro trabalho... e saía às cinco horas, quando eu tava trabalhando de tarde... Que eu trabalhava dois expediente... Logo quando

ela nasceu, eu fiquei trabalhando só um expediente... com a Flávia Pimentel, que era delegada do Ministério da Educação. E ela é minha comadre, madrinha dela, não é? Aí, ela me colocou pra trabalhar só um expediente... Eu fiquei só de tarde... Eu ia pro trabalho, aí, quando chegava cinco horas, só trocava de roupa e... pra escola. Mas, era muito bom...

Eu me considero uma pessoa feliz... Mas, eu só vou realizar a minha felicidade completa, mesmo... nem casa, carro, nem posse, nem daquilo e outro... no dia que a minha filha arrumar um trabalho e que ela fique boa de saúde, filho, pra agüentar... Nesse dia eu vou ficar feliz, quando ela voltar à saúde dela, arrumar um trabalho e arrumar um esposo de verdade. Aí vai completar a minha felicidade... Só isso... Porque eu não quero morrer e deixar ela sozinha... Eu quero deixar ela acompanhada com alguém, pra administrar o resto que eu deixar pra ela.

Eu tenho muitas situações que me deixaram feliz... uma delas foi quando eu tive a minha filha... Quando ela nasceu, pra mim, foi a melhor felicidade do mundo... Porque eu lutava pra ter um filho e não conseguia... Lutava, sabe? Saía grávida e perdia, sabe? Aí, no dia que ela nasceu, o médico disse: “Não. Só se a senhora não tiver cuidado com ela. Mas, se tiver cuidado, ela vai sobreviver...” Nasceu de sete mês... Aí, pra mim, foi uma grande felicidade... Outra alegria foi quando eu realizei um sonho... o primeiro sonho, foi quando eu fui trabalhar no hospital, porque quando eu morava em Xapuri, no seringal... Eu tinha uns onze pra doze anos, eu já sonhava dentro do hospital toda vestida de branco, tá entendendo? Com aquele chapéu na cabeça, correndo aqui e praulá... atrás dos médicos, pra atenderem os pacientes... Então, eu já sonhava... com onze ou doze anos... eu já sonhava isso... E aí morava lá... e virou... e mexeu... e foi o tempo que eu vim pra cá... E luta daqui e daulá... No dia que eu fui pra lá, que eu me achei dentro do hospital, aquilo foi um sonho realizado... Quer dizer, eu tenho vários sonhos que já foram realizados... Por exemplo, já minha filha, que eu tinha a maior vontade de um filho conseguir... outro, era de ser enfermeira, também consegui... Passei três anos dentro de um hospital, trabalhando... e, pra mim, foi um sonho realizado... que eu cheguei lá e consegui... Outro, foi conseguir a minha casa, que eu vivia de aluguel aqui aulá... Consegui minha casa, porque três sonho... e outra coisa... é... são vários sonhos que eu tenho... Outros, eu tinha assim... de viajar daqui praulá... Viajei bastante, porque eu fui trabalhar com cultura, com teatro... Trabalhei muito tempo com teatro, desde 87 até 92, por aí assim... fiquei trabalhando... A gente viajava quase todos os anos, teve

ano que a gente viajava... 90, 91, 92... sabe? Assim... viajando o tempo todo... Eu comecei a viajar em 88... até 92... no teatro era muito bom...

Eu engravidei nove vezes, e só tive ela... Todos morreram... O último que eu tive, eu fiz cesário, porque o médico disse: “Dona Ivete, a senhora tem que ligar suas trompa, porque a senhora já perdeu... já teve vários abortos... E a senhora fica fraca, vai findar morrendo...” Então disse: “Nós vamos ligar. Tá legal!” Aí ele ligou... aí menina morreu... aí ficou só com ela. Ela foi a sétima... E nasceu de sete meses... E pra segurar dentro, foi uma luta, porque era no remédio, na injeção direto... assim, pra segurar... Quando eu vejo mães, que tomam remédios, que dói, que joga no lixo, que joga dentro da água, não é? Meu Deus, enquanto eu lutava, maluca pra ter um filho... segurar assim... sabe? Ela nasceu... foi uma alegria doida... Eu chorava feito uma coisa doida, de alegria.

Quando a gente diz que mora aqui, as pessoas falam que aqui é violento... Porque comentaram que aqui é perigoso, que não sei o quê... e tal... que tem marginal... Marginal, tem em todo canto... gente perigosa, tem em todo canto... Só depende de você, se adaptar no local, sabe? Quando você se acostuma com as pessoa... como eu, já tô com 26 anos aqui... vou fazer 27... Então, eu já tô acostumada aqui... Eu fui a primeira moradora, certo? Então, quem veio pra cá, já veio depois de mim... Então, todos são meus conhecidos... e aí, a gente teme, porque, né? Então, essas pessoas não veio mexer com a gente... marginal mexe... O seguinte... eu nem gosto dessa palavra, “marginal”, porque é tão chato tão fei... Mas, essas pessoa que mexem com outras pessoas, são... É o seguinte... pessoas que vêm de fora, por exemplo... se vem umas pessoa de fora... de fora, pra cá... aí é arriscado, ter um debate, um choque. Mas, se for só as pessoas daqui, morador, daqui não tem problema, não.

I. Ah! Eu já imaginei cem vezes em mudar de bairro, mas não consigo pensar para onde iria... Eu já falei: “Helane, vamos vender essa casa... Vamos sair daqui... Vamos pra outro canto...” “Mãe, nem me fala nisso, sabe porque? Aqui, nós já estamos acostumada. Aqui, a gente já conhece todo mundo...” Todo mundo conhece... a gente... E eu não sei viver fora daqui... Eu não me imagino fora daqui... Eu não me imagino em outro bairro, tá entendendo? Eu já morei na Estação muito tempo. Morei no Bosque. Morei lá pra Seis de Agosto... Tudo de aluguel, né? Porque quando você mora de aluguel, você não tem paradeiro. Quando tá bem, o dono da casa vem pra aumentar o aluguel... “Ah! Fulano, eu vou precisar da casa”. Pra te

tirar e colocar outro com o aluguel maior. Então, sempre acontece isso... No máximo que a gente passa, cinco, seis meses... um ano... Viche... quando passa um ano, passa muito... de aluguel...

Aqui tem Associação de bairro... quer dizer... o prédio mesmo não tem não, tem a Associação, né? Existe a Associação Comunitária dos bairros... Prédio, mesmo, na casa... nós não temos... Associação... Sede da Associação, nós não temos... Mas tem Associação... Trabalhei como Presidente por dois anos... em dois anos passado... 2004 até 2006. Assim... de falar... de momento... Bom, na Associação... pra mim, é o seguinte... o primeiro momento, assim, que eu achei incrível, foi quando eu fui eleita.. que eu não esperava, né? Não tava esperando ser eleita... e fui eleita, assim, com maioria, né? E, depois, foi os trabalhos, as conquistas... que eu tive de resolver alguns problemas do bairro... Por exemplo, abrir as ruas, né? Mandar abrir as ruas... O projeto que eu consegui, que eu te falei... construir a quadra e depois a pracinha... e tal... E outras coisas por aí, né?

Hoje eu sou da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias... mas, antes, eu era da Igreja Católica. Eu não freqüentava, só fui batizada... quando criança, me batizaram nessa igreja... E, aí, depois, quando eu já tava grandinha... de nove, doze, onze anos, por aí, eu freqüentava... Eu morava lá em Xapuri... aí eu freqüentava a igreja, que eu era da que chamava de cruzada... Não, é dos jovens... De sete, oito, até 15, 16 anos, participava de catecismo, essas coisas... Então, eu fazia parte do catecismo, lá em Xapuri... Aqui no bairro... aqui em Rio Branco... eu freqüentava, assim, por exemplo, época de Natal, Ano Novo... tinha essas missas... sempre eu ia, depois, foi que abandonei mesmo, sabe? Deixei de ir, depois, comecei a freqüentar... depois que já tinha a minha filha... que ela participava do catecismo e eu sempre participava da missa... Porque ela tinha que fazer a primeira comunhão... Aí, depois que ela fez a primeira comunhão, também abandonei... Não fiquei, assim... de dizer que era daquela igreja, mas nunca ia freqüentando.

Eu acho que a Igreja Católica não ajudava o pessoal não... olha eu não quero falar de igreja porque a igreja se diz é só as pessoas... Na realidade, a igreja é as pessoas da comunidade, não é? O prédio...? Mas, eu acho assim que a comunidade mesmo... na Igreja Católica... acho que nunca se envolveu de ajudar o bairro, fazer isso, fazer aquilo... Não sei, não... Houve um Presidente, uma Associação, pra se virar... pra ir atrás das coisa pro bairro... Igreja, mesmo, não se envolve com isso não... Que eu saiba, não...

Minha maior conquista... sabe que eu nem sei te dizer? Porque, assim, eu conquistei poucas... muitas pequenas... Não sei... em uma das conquistas... assim... que eu lutei... quer dizer... conquistei o meu trabalho, com o meu sacrifício, conquistei o um emprego e, através de muito sacrifício, eu conquistei... E, fora disso, eu não sei dizer... Olha eu me sinto feliz assim, por exemplo, como eu já te falei... na outra, né... de ter trabalhado como enfermeira, que pra mim era um sonho... E eu trabalhei durante esse tempo, no hospital, na clínica... mais quatro, em uma clínica particular... Então, isso, pra mim, foi um sonho que eu já realizei... que eu tinha vontade... e consegui chegar lá... Não dei continuidade, mas... quer dizer... foi uma conquista minha, consegui chegar lá... Outra coisa que eu também tinha muita vontade era de trabalhar em teatro... Trabalhei também... que eu consegui, fazendo os cursinho, e tal... Através dos cursinhos, eu entrei trabalhando com teatro... E, assim, eu trabalhei de 88 até 92 em cultura... Uma coisa que eu amo, é o teatro... Às vezes, eu digo assim pra Ronília... pras pessoas... que uma coisa que eu gosto muito... gosto de enfermagem, tá internando... trabalhando na parte de enfermagem... Pra mim, era a coisa melhor do mundo... Sabe, eu trabalho em... sempre eu digo: "Trabalhei na educação". Trabalhava na educação, mas não gostava da educação... Eu gostava mesmo era da saúde... Durante o tempo em que eu trabalhei na saúde, eu trabalhava com amor... Eu amava a profissão, sabe? E o teatro, também... Eu gostei do teatro, também... Eu gosto demais de teatro... Eu gostaria, assim, por exemplo, se eu chegasse a morrer, de repente... morrer no palco... trabalhando...

Eu trabalhei até com o Matias... trabalhei junto com ele... Aí, o primeiro trabalho que a gente fez, na rua mesmo... foi junto com ele, fazendo apresentação no meio da rua... Foi junto com ele... Aí, depois, com o João Eduardo, não...o... com o... João da Neves, que era católico... que eu acho que tu já ouviu falar... conhecido mundialmente, não só nacional. Mas, mundialmente conhecido. Então, todo mundo respeita o trabalho dele... é um grande teatro e então eu trabalhei com ele, fiz curso com ele, então eu fiquei trabalhando viajei pro Rio pra São Paulo, uma vez pra Curitiba, conheci Brasília, tudo através do teatro.

Não penso em voltar pra minha terra, não... Lá é um município muito pequeno... minha família não existe mais lá... poucas pessoas... Então, é um município muito pequeno... Então, eu não quero voltar atrás... Cidade, se eu pudesse ir pra outro canto maior, que pudesse crescer... pudesse ir pra outro lugar...

daqui, eu ia pra frente, mas, não, voltar atrás, sabe? Gosto de lá... cidadezinha minha... mas, eu não gostaria de voltar, mais, praulá, não. De lá, eu só sinto falta da minha família... sinto saudade dos meus pais, dos meus parentes, mas, da cidade mesmo... do seringal...

Sabe... Eu sinto saudade do teatro de São Paulo... do maior teatro de São Paulo, o Municipal... Nós fizemos apresentação lá. Foi maravilhoso... Sinto saudade do mar, do Rio de Janeiro... Lá, nós trabalhamos no Teatro Glalso Gério [Gláucio Rogério?]. Trabalhei no teatro Cacilda Becker... Na primeira vez que eu fui... trabalhei com Casilda Becker... que é um grande teatro, que é muito falado, né... que é muito conhecido... E, depois, trabalhei no Gláucio Rogério... Quando eu fui pro Gláucio Rogério, eu já fui com os meus filhos... a Helane e o... E, também, recordo Brasília, porque foi muito legal, foi muito especial pra mim... Sabe, a primeira vez que eu viajei com o teatro, fui direto pra Brasília... representando, assim, o Acre... porque, aí, eu ia como Presidente do Grupo... E fui representando... e fui como Presidente... Então, tu já pensou, como é você chegar sendo recepcionado com televisão, com tudo? Com coisa que nunca te aconteceu?... Então, pela primeira vez, quando eu cheguei lá, em Brasília... onze e meia da noite... que eu entrei no hotel, na portaria, e lá mostra o povo todinho... E tinha onde colocar os materiais das peças, aí eles me indicara pra mandar o pessoal... já, lá, pra guardar o material... Aí, já me atenderam... “Não?... A senhora já tá preparada? Quer subir, pra tomar banho? Porque a senhora ainda vai participar de uma reunião, agora, meia noite...” Aí, quando eu vi o resto, assim... virou pra cá, aí eu, aparecendo na televisão... Aí, aquilo, pra mim, foi até um susto... que eu tivesse sendo gravada... Assim... pra mim, foi uma experiência muito grande... que... sei lá... foi uma felicidade, pra mim, tá representando o Acre, sabe? Eu era uma pessoa humilde, simples, lá do município... lá do seringal... me esbarrar em Brasília, representando o meu Estado... Um grande grupo, de vinte e tantas pessoas, trabalhou para conseguir passagens, pra conseguir alimentação, tudo... pra viajar com esse pessoal... Um grupo de bailarina muito grande... Aí... mas, foi maravilhoso... Passei um mês, lá, em Brasília... Curti muito e curti pouco, ao mesmo tempo, porque... o seguinte... é... como eu tava representado o Acre, aí eu não tinha tempo pra nada... era reunião todo santo dia... Todo santo dia tinha que se juntar com todos os presidentes... aí, nesse mesmo dia que ele eu cheguei lá, já fui... tomei banho, troquei de roupa, peguei a pasta, fui lá... Aí, fui arrumando o pessoal, lá, do grupo e já fui pro vigésimo andar... Aí, tomei

banho, descei pra jantar nas carreiras, também... porque já tinha passado da hora de jantar... E subi pro último prédio, lá... Quando eu fui pra reunião, aí tinha que fazer entrevista... Quando eu fui dar a minha primeira entrevista na televisão, aí, eles ficam fazendo pergunta assim... como você tá fazendo... como é que tava o Acre, o teatro do Acre... e tudo... Então, nessa época, eu tava bem focada, nessa época... Inclusive, eu era tesoureira da Federação... Aí, como eu ia viajar pra lá, o presidente não podia ir... aí, pegou e me mandou representando... Aí, Viche Maria, assim... todo mundo tratando maravilhoso... mas, foi ótimo, sabe? Foi uma experiência maravilhosa...

Eu fiz três casas nesse terreno... a primeira, a pequenininha, de seis por quatro... logo na invasão, veio, invadiu aqui dentro, pediu o terreno... e fizemos uma bem pequenininha, de seis por quatro, lá na frente... Aí, depois, eu digo: “Vou aumentar...” Aí, como era baixinha, eu fiz bem autona, com parte de baixo e tudo... Fizemos uns quatro pra trás, com separação de um metro pra cá... Aí, nós fizemos quatro metros aqui pra trás... Desmanchamos essa e emendamos com essa, aí. Ficou enorme, oito por quatro... quatro comprimentos de largura com oito comprimentos, a segunda... Aí, nós desmanchamos e fizemos essa.

Eu gosto muito de plantas... Agora, eu tenho poucas plantas... pouquíssimas, mesmo, porque logo quando eu cheguei aqui, eu fiz um jardim em frente da casa... Era terreno novo, né? Até grama eu trouxe, lá da praça em frente da PM... Tinha uma graminha, assim, linda... Aí, eu trouxe uma raminha de lá e plantei aí... Chega gente e pisa em cima, sabe? Tinha que ir na ponta do pé, pra não arrancar o capim, assim, sabe? Era roseira, era planta de todas as cores... Maravilha, sabe? Plantinha, assim, baixinha de flores... tinha flores de todo jeito, sabe? Planta que tem a folha roxa, assim, cabeluda... tinha de todas as cores... tinha uma toda roxa... uma que era vermelha com branco... verde com amarelo, assim... Então, tinha tudo que era tipo de planta, aqui... Lá na frente era lindo... o jardim... mas, eu trabalhava, nesse tempo, só um horário... Então, eu tinha um horário em casa, pra cuidar de planta, cuidar de tudo... Era legal, mas, aí, depois que eu comecei a trabalhar os dois horários, dois expediente, trabalhando e estudando, não tinha como condição de cuidar de planta, cuidar de nada... Aí foi indo... foi indo... e foi se acabando... Minhas esperança ainda é de terminar a minha casa e fazer uma área, aí, na frente, de três metros ainda... pra lá... Porque ainda tem quatro metros, de onde era a casa onde a

gente morava... Eu quero fazer só três metros e deixar o restante pra frente, pra mim encher de planta, sabe?

Algumas pessoas chamam esse lugar aqui de Baixada... Eu acho ridículo... Não sei por que, Baixada... Colocaram esse nome de Baixada, porque é a área todinha da Sobral, Bahia, João Eduardo I e II... Aí colocaram esse nome de Baixada, não sei por que...

Não, porque, Baixada, eles chamam o local todo... todos os bairros junto, sabe? Cada bairro tem o seu nome registrado, só que eles chamam Baixada, a região toda... Aí, agora, é Zona... sei lá... Foi o pessoal de fora, as autoridades que colocaram esse negócio de Baixada, não foi nós, não... Eu não gosto do nome de Baixada... É um negócio muito feio... parece, assim, negócio de periferia, lá do Rio de Janeiro... que chamam... como é que dá o nome? É... aqui chamam de baixada, lá, como é que é? Aquele lugar afastado... que só mora aquelas pessoas... marginal... Agora, me esqueço, não lembro, não... Como é que é que dá o nome daquele local, afastado, lá do Rio de Janeiro? Favela... é... como eles não devem colocar... de favela... Colocaram de Baixada, eu acho que eles queriam colocar de favela... Aí, se mancaram, e colocaram de Baixada. Lá no Rio de Janeiro tem a Baixada Fluminense, tem de... não sei o que... é bom deixar, não tirando o nome do João Eduardo, tá tudo bem... porque foi um homem que lutava, batalhou, foi uma coisa que eles não tinha nem nada haver com a coisa dele. Ele morava na Bahia, mas, aí, ele veio batalhar, porque ele queria ajudar a pobreza, queria ajudar a população carente, que ele disse que a terra, Deus deixou foi pra todo mundo, não foi pra um só, não. E, então, tinha que ser dividido igualmente, um pedacinho pra cada um. Todo cristão tem direito ao seu pedacinho de terra. Então, era isso que ele queria fazer... igualdade, que cada um tivesse o seu pedacinho de terra pra morar. Por isso que ele morreu, porque as pessoa, quando lutam pela comunidade, sempre cai, né? Sempre morre...

Olhe, pra falar a verdade, eu não gosto da Ditadura [Militar]... Eu não gosto desse negócio de carrancismo, não.. Olha, acho que lei sempre deve existir, porque é como diz nas Escrituras... que Deus diz que, quem não obedecer as lei daqui, num... quem não agüentar obedecer as leis daqui... não obedecer as leis de Deus... não resistir as lei de Deus... então, o nego tem que saber obedecer as leis daqui, pra poder saber obedecer as leis dEle... Resistir às leis dEle, também... Então, todo mundo tem que obedecer às leis daqui do chão... da terra... Mas, só que tem muitas

leis, carrancismo... tem muita gente que gosta de ser do carrancismo... Eu vou dizer, na entrevista, não tem bola, não... Eu não sou PT e não gosto do Governo do Jorge Viana, porque ele é um tipo ditador, ta entendendo? Se quiser escrever no livro, pode escrever, porque eu não tenho medo de cara feia... Ele governa tipo ditador, as pessoas tem que fazer o que ele quer. Ele não espera que ninguém dê voto, ninguém de experiência dê opinião, nem coisa nenhuma... Ele diz assim: "Eu sou o Governador. Quem manda sou eu, e tem que fazer o que eu quero, certo?" Então, ele é um ditador.

Eu conheço gente que sofreu na ditadura, só que não mora mais aqui, tá em Portugal... Eles apanharam, eles foram preso, eles foram proibido... Lá no Rio de Janeiro, São Paulo, muitas pessoas foram presas... Era proibido de fazer teatro, de fazer cinema... Nem tudo era... Sabe, nessa época a gente tinha a lei, que era o seguinte: você ia fazer um teatro, você tinha que escrever o texto e que tinha que passar... Eu fiz isso... se... se você escrever um texto de teatro pra apresentação que você fosse fazer, você tinha que levar a cópia com a original... leva na Federal, na Polícia Federal. O texto tinha que passar lá, não sei quantos meses, pra eles estudarem o texto... pra saber o que que ia passar e o que que não ia, tu tá entendendo? Palavra por palavra... Não é assim? Você escreve o texto e tal... sai palavrão e tudo o que não presta na televisão... Era porque, antigamente, as pessoas respeitavam as crianças, mais velho, todo mundo... As coisa, umas história decente... E, hoje, não é. Aí, da maneira que a pessoa dá vontade, escreve e sai tudo na televisão... Também, é um tipo de coisa que tu acha errado, né? Às vezes, passa coisa cedo na televisão que as crianças assiste, né? Então, eu acho errado. Então, nesse tempo, a gente escrevia o texto, aí, tinha que levar na Federal, pra Federal dá o parecer, se eles passavam ou não... Pra você poder passar aquela peça... aí, se as pessoas lá em São Paulo e Rio de Janeiro... Aqui, não. Muitas pessoas foram presa, apanharam e tudo, porque eles queriam resistir a Ditadura... Aí, foram muitas pessoas presas, exilados, né, que chama?

Aí, esse meu amigo ele foi exilado. Depois, com muito tempo, ele veio pra cá... Ele... nós trabalhamos muito em teatro, aqui, né? Aí, ele foi embora pra Portugal. Trabalhamos junto muito tempo em teatro. Foi com ele que eu fui pra Brasília, ele fazia o papel principal comigo. Aí ele foi pra Portugal...

Teve uma época aqui, que na Policia, por exemplo, quando eu cheguei aqui em 64, em novembro de 64, eu cheguei aqui em Rio Branco... Aí era o seguinte: as

peessoas tinham que... por exemplo... era recreio lá na praça que era enfrente o Palácio, que tinha aquela coisa... aquele coreto... lá... aí, o pessoal ia pra lá... a banda tocava, lá, e tudo, fazia aquela festeja toda... Aos domingos, as pessoas desciam para passear na praça. Mas, quando era nove horas, todo mundo tava chutando o rumo de casa, principalmente os de menores... Não podiam ficar na rua nove horas da noite, tinha que tá todo mundo recolhido... A mulher, a moça e a menina, quem fosse pego fora, depois das nove horas, essa era leveda pra delegacia e registrada como mulher solteira... como prostituta, tá entendendo? Então, o nego não podia ficar na cidade... passou das nove horas, tinha que correr no rumo de casa, porque se fosse pego fora de hora, era levedo pra Delegacia e registrado... Era desse jeito... Aí, depois, acabou... Entregue à bagunça, mesmo... acabou-se a lei, todo mundo... A gente vê é criancinha de cinco, seis anos pelo meio da rua, altas horas da noite... Minha Nossa! Às vezes, eu sinto falta dessas coisas, dessas regra, certo tipo de lei, tu tá entendendo? Que era mais corrigido... aí não tinha droga, marginalidade, porque os jovens cedo tavam em casa.

Os que ficassem, não era menor de idade. Por exemplo, pra pular carnaval, só era de maior. De menor, não podia sair... Quem foi que disse que os de menor iam pular carnaval? De jeito nenhum... Nem acompanhado... Tinha que ficar em casa, dormindo. Só os adultos, mesmo. Agora, dá meia-noite, uma hora da manhã, pode ficar... Aqui, se dá onze horas, meia-noite... menino de cinco anos, brincando no meio da rua, correndo... Aí, pra lá e pra cá, parece que não tem pai, não tem mãe... E isso é fora de lei...

E aí, dessa maneira que acontece as coisas, acontecem acidente... acontece estupro, acontece as marginalizações, porque a criança já vive solta, dia e noite... E, dali, começa a crescer e começam a se juntar com as pessoas erradas e fazer o que não deve... Quero dizer, a lei, antigamente, era boa nesse ponto, porque ninguém via uma criança na rua e nem de menor... até o nego... dezoito anos, Viche Maria, ficar na rua, fora de hora, quem é besta? Nem morto. Tava era agasalhado em casa, com medo... Não existia essas coisas que existe hoje, marginalização... Eu acho mesmo que se existisse droga, era só pros adultos, os pequenos não podia ficar fora de casa, de jeito nenhum, né? Então, era uma lei boa... E, como diz, carrascismo... Eu considero carrascismo... outras coisas, assim, maltratar pessoas, judiar, mais de dar moral, colocar moral na cidade onde mora... Criança tem que tá sempre em casa, tem que acordar, ir pra escola... Criança tem os horários de brincar, ficar no

meio da rua e tudo... no quintal, outra hora, vai estudar, jogar bola, uma bolinha, brincar de peteca... As meninas, brincar de boneca... Hoje em dia, ninguém brinca de boneca, não. É no meio da rua, brincando, as meninas misturada com os meninos... Então, sempre quando dá nove, dez anos estão tudo aí, tendo filho, porque esses são criado no meio da rua, entregue às baratas. Aí teve um... aí... que eu acho que era da tua época, uns tempo, por aí atrás, que tinha negócio da COE, né? Ela cacetava, mesmo. Mas, aí, na época da COE, era assim... legal, também, porque já existia muito marginal... Então, eles colocavam era no doze, pra colocar a meninada pra casa... Saíam nas ruas, aí, quem tivesse oito horas e meia, nove horas, na rua, metia era o tapa no pé do ouvido: "Pra casa, agora! Que, se não, vai pra cadeia. Aí, seu pai vai ter que vim buscar". Era. Aí, o nego tinha que ir pra casa, era todo mundo... "Não quero ninguém na rua". Não era bom, também, nera? E aí a cidade ficava limpa, não acontecia tanta morte, tanto acidente, tanta coisa... E quando não essas leis, ficam aí... até não sei que hora fumando, bebendo e se drogando, tá entendendo? Então, acontece tudo o que não presta... Tem que ter lei, tem que ter ordem.

A vida aqui no bairro, logo que eu cheguei aqui, era sacrificosa, porque não tinha rua, era só o matagal, mesmo... Tinha que fazer varadozinho para sair pra cidade... Mas, ao mesmo tempo, era uma vida saudável, porque era tranqüila, não tinha marginalização. A gente podia viver tranqüilo e calmo, sabe? Nas casas. Eu, por exemplo, quando cheguei aqui, a minha casinha logo que eu fiz a primeira, era pequenininha... Aí eu fui aumentar... Eu fiz, mais não tava nem fechada, só coberta e assoalhada... E eu só, com a minha filha de um ano, tranqüila... A gente vive trancado, com portas de ferro, e ainda fica com medo... Hoje, eu vivo amedrontada, eu vivo só, com ela, mas, antigamente, era muito bom... Não tinha essa violência, não. Era um bairro tranqüilo, calmo... Só não tinha estrutura de nada... Logo quando eu cheguei, era só o mato, mesmo... Tinha que bater terçado, tinha que bater machado pra corta os paus... Eu fiz tudo isso...

Eu cheguei aqui em 1979, julho de 79. Antes, eu morava na Estação Experimental, só que lá eu morava de aluguel... ganhava pouco e vivia de aluguel. Aí, quando um amigo me falou que estavam explorando essas terras aqui, tavam invadindo... Aí, tinha uma pessoa que estava organizando a distribuição das terras. Aí eu vim e falei com ele, que é o João Eduardo, né?!

Aí eu falei com ele e ele me cedeu este terreno. Aí ele veio medir com o seu amigo e me deram a terra. Aí eu fiz a minha casinha... e, hoje, estou aqui.

No começo, aqui, tinha pouca gente. Vizinhança, tinha pouca. Pra falar a verdade, não tinha ninguém morando aqui. Tinha casas começadas, mas, não tinha ninguém morando, não. Eu fui a primeira, mesmo. Aí, depois, foi fazendo a vizinhança... Mas, graças a Deus, eu sempre me dei bem com os meus vizinhos. Tanto faz, sair um e entrar outro, eu nunca tive problema com nenhum, não. E a estrutura, a gente sofre, assim, porque as ruas... Aí, melhorou. Aí foi começando a abrir rua, ligar luz... foi uma felicidade quando colocou a luz... a gente usava vela... Passamos dois anos ou três usando vela. Aí fizeram as ruas, colocaram os postes.

A gente veio pra cá porque tinham assassinado a Hosana. Aí o pessoal ficou revoltado. Aí começaram a invadir as terras, sabe? Porque era só o matagal. Aí juntaram uns cocado... era o João, o Granjeiro e o seu Manoel, lá da Bahia, a mulher do João... Era umas dez pessoas que organizaram a comissão, para dividir, aí começaram a invadir. Aí ele foram na Prefeitura, o João foi com o Governo...

Porque as pessoas invadiam por elas mesmas, um por cima dos outros, não têm nem mentalidade de pensar que um que tirar uma casa aqui, a uma distância, aí tira outra acolá... Ele dividiu tudo, aí, retinho, pra cada um ter o seu bocadinho de terra... Por isso, o miserável matou ele, por que ele queria fazer igualdade... cada um com seu pedacinho de terra... porque Deus deu terra pra todos nós. Então, cada um de nós merece um pedaço... Aí ele fez isso, lutou, deu a sua própria vida por nós.

Pra você ter uma idéia, o ônibus vinha, aí a gente descia ali, no Bola Preta, que é aquela ladeira ali. Aí ali ele entrava pro Ginásio e a gente descia ali no Bola Preta... Eu estudava lá no CERB, lá embaixo. Até a Rua Campo Grande foi feita logo que eu cheguei. Ali só era um caminhozinho... Aí, depois, começou a aumentar, porque começou a aumentar os moradores. Ele começaram a colocar os botecozinhos pra vender alguma coisa, né? Casinha ou comércio. E aí era um lamaçal... não tinha como carregar, era na carroça de boi. Rapaz, a lama dava aqui... cada buraco...

A lama vinha no joelho... aqueles buracão... porque as rodas dos carros iam passando. Aí, ia fazendo aquelas valas, liso, escorregava. Uma vez eu levei uma queda com ela no braço, mais ou menos, a essa hora... Eu vinha ali pela frente, era uma vala doida, aí eu pisei em cima de um caco de garrafa... quando cheguei em casa, o sagüeiro... vinha descendo... Minha Nossa Senhora! Era horrível! Mas, era

bom. Eu gostava e gosto daqui, mesmo com toda violência... Aqui, o nosso local, eu ainda acho calmo... Aqui, todo mundo se conhece, todo mundo se respeita.

Aqui era tranqüilo... O conflito de terra que houve foi o que o rapaz matou o João Eduardo. Ele já tinha o dele, mas ficava tirando e vendendo e o João não queria que acontecesse isso. Ele queria igualdade pra todo mundo, que cada um tivesse seu pedaço de terra... cada um com seu pedaço de terra... Então, quando ele vinha medindo as terras, ele ficou com raiva. Aí ele disse que não era pra ter muita terra pra uma pessoa só. Aí ele ficou chateado e atirou nele e matou.

No seringal é assim... a gente que mora no seringal... é assim... uma hora tá num seringal e outra hora tá em outro. Eu morrei no seringal, morei nesse Baixa Verde, onde eu nasci. Talvez se eu tivesse ficado no seringal... se eu tivesse ficado com a minha mãe e com meu pai... se eles estivesse juntos, todos os filhos juntos... talvez eu teria ficado lá... ficado lá, até casar, construir família... Mas, com a separação do meu pai e minha mãe, eu fiquei muito desgostosa da vida. Aí, depois, eu tinha que estudar... Eu estudava na rua, aí fui pro seringal de novo... Meu pai se separou da minha mãe, e, lá, eu tive que voltar pro seringal, pra tomar de conta das crianças... Aí, deixei de estudar. Foi quando eu passei um ano e pouco no mato. Aí eu disse pro meu pai que eu ia embora, arrumar um emprego na cidade, porque eu queria continuar meus estudos. Aí eu comecei a estudar, a fazer o primário, que era a quarta série. Já tinha feito até a terceira, aí fiz a quarta série. Aí fiz as provas.

Eu gosto e sempre gostei demais da tranqüilidade... calma... Logo que a gente chegou aqui, não tinha violência, droga... ninguém matava ninguém. Era um lugar tranqüilo. Depois que invadiram, era casa por todo canto. Era só casa feita, não tinha ninguém morando, não. Mas, aí, a gente podia dormir tranqüilo, sem aperreio. Logo, não tinha aquele negócio de roubo... Só teve uma vez que um cara veio bater na minha porta, não sei pra que. Acho que só pra me fazer medo, sei lá...

Sabe... eu já pensei em mudar de bairro, mas foi só uma vez. Teve uma vez que eu tive vontade de sair daqui, mas, aí, a minha filha não aceitou, porque ela gosta daqui. Ainda hoje, se eu falar em sair daqui, ela diz: "Ai, mãe... Não vamos sair daqui, não. Aqui, a gente já tá acostumado, já conhece todo mundo... Até os marginais, a gente já conhece, né? E aí vai pra um outro canto onde não conhece ninguém". E ela prefere ficar aqui... Mas, eu vou vender o outro terreno ou trocar em outra casa, pra quando ela casar, ir morar lá.

Quando eu cheguei aqui não tinha nem morador. Hoje eu sou a Presidente da Associação. Mas, antes, não tinha Associação, também. A associação foi fundada em 1984, a primeira Associação, porque sede, mesmo, até hoje, a gente não tem.

Tudo isso começou por causa da morte do João Eduardo. Ele já tava sendo ameaçado, já. Acho que era por essa pessoa mesmo que o matou, que vinha ameaçando, porque ele vivia trabalhando. Ele trabalhava loteando, fazendo trabalho, ali, dividindo os terrenos, distribuindo pras pessoas... Como ele queria, por igualdade, para que todo mundo tivesse o seu pedacinho de terra... Mas, aí, as pessoas, sabe... que tem os olhos grande, quer mais do que é pra ser... Aí ficaram ameaçando ele, mas ele não temia, não. Continuava no trabalho dele, sempre trabalhando na divisão das terras, distribuindo as terras... Até que chegou o dia, mas, antes, muito ele já estava sendo ameaçado.

A gente pegava por lá aculá tudo, né? Ele queria colocar a palavra certa, pra gente saber aonde começa e aonde termina... O Manoel queria colocar a placa, fazer a placa, pra gente saber aonde começa o João Eduardo e onde terminava... Pois é... Eu acho que é pequeno, mas, o pessoal diz que é o bairro maior que tem. Então, os outros é pequeno.

Esse bairro é formado pelas pessoas que vieram do seringal. Coitados, vieram em busca de uma melhoria... Aí, chegaram aqui, sem ter nem onde morar... É o que acontece muito, em todo lugar, as pessoas saem de seu lugar, aí vão pra um outro lugar em busca de melhoria pra vida. Aí, nem melhora, faz é piorar... Os coitados que eram seringueiros... No seringal tava bem melhor, comia, bebia, tinha o que comer... Aí, vem pra cidade pensando que melhora... Aí, chega aqui, não tem emprego, não tem nada, nem tem comida pra comprar. Aí vão passar necessidade, não tem aonde morar, é sofrimento pra essas pessoas. Depois de muito tempo... tem muitas pessoas que sofrem muito... e que ainda sofrem, porque tem muitos deles, ainda, que saem da colônia para vim pra cidade, pensando que vai melhorar... Só vem piorar a situação. Quem tem sua colônia, fique por lá, mesmo... porque, aqui, na cidade, só quem tem estudo é que tem emprego... já tem sua sobrevivência. Mas, pra quem vem do mato pra cá, sem ter estudo, sem ter nada, trabalha de quê? De diarista, pegar um diazinho aqui, outro ali... Aí vai passar fome, ele e a família... Não tem casa pra morar, não tem emprego, não tem nada... Vai só sofrer... Foi o que aconteceu com esse pessoal... Aí, vamos invadir terra.

Teve uma... teve a época que o pessoal começou a invadir as terras, os seringais das terras... pessoas tomar as terras... Bem, então aconteceu muito isso, muitas pessoas saíram de lá, por isso. Eram obrigados a sair, se não morria. Aí vinha pra cidade, aí, vamos sofrer, sem ter moradia, sem ter nada. Mas, aconteceu por isso, mesmo. Eu tava em casa, trocando de roupa, quando ele passou medindo as terras. Eu ia pro trabalho... aí, vi. Passou medindo... Aí ele disse: "Dona Ivete, vai afastar sua cerca pra trás mais um metro e meio. A senhora quer rua, ou não vai querer?" Aí, eu: "Quero, quero rua, sim". "Então, a senhora afasta mais um pouquinho pra trás, um metro e meio, pra passar com a rua". Que a máquina vinha pra abrir a rua... Aí, eu: "Tá legal". Aí eu saí e fui embora pro trabalho. Aí ele saiu medindo, saiu medindo... Aí, quando chegou lá no dito terreno do Ventinha, aí ele se meteu a brabo e disse que ele não ia medir nada lá, não. Aí ele disse que tava só fazendo o trabalho dele e que as terras era pra ser dividida igualmente, pra que todo mundo tivesse direito a seu pedaço de terra. Não era pra uma pessoa só, ficar com um monte de terra. Pra quê, né? Se ele não podia fazer, nem uma casa, quem dirá dez... nesse terreno... Aí, ele disse... ele disse que não se metesse a besta, a mexer no terreno delem, não. Porque se se metesse, ele ia meter bala. Aí ele já tava arrumando as tralhas pra sair. Ele tava lá no terreno, já tava se arrumando pra sair, quando ele levantou o braço... O pessoal diz que ele levantou o braço, pra mostrar a carteira, que ele era da construção civil, aí ele meteu a bala. Uma bala de uma espingarda vinte. Ele preparou... acho que já vinha ameaçando, mesmo, porque ele preparou a bala, não foi com cartucho, não. Foi com uma bala, ele preparou uma bala e deixou lá. Quando ele fui medir o terreno, ele meter bala. Então, sendo assim, ele já tava ameaçando. Então, era ele mesmo que tava ameaçando, que preparou a bala pra quando ele fosse, né? Porque se ele não tivesse preparado, ele não ia lá dentro... só pra não dar tempo de nada...

Depois da morte do João Eduardo quem continuou fazendo a medição das terras foi o pessoal da Comissão, mesmo, que deu continuidade. Ficou o Granjeiro, ficou o Manoel e a mulher dele. Só eram dez pessoas, né? Deram continuidade ao trabalho de medir as terras. E ele ainda tá por aí... Não sei nem se ainda é vivo, não foi nem preso.

Nesse lugar aqui onde se situa o João Eduardo, eu ouvi falar que iam fazer um estádio, aqui. Mas, o pessoal invadiram... Mas, eu ouvi o boato, dava pra fazer, porque tem muita terra... É bem grande, o João Eduardo. Dizem que é o maior bairro

de Rio Branco. Eu acho, assim, que o João Eduardo é pequeno... Ele não é tão pequenininho, não... mas, pelas medidas que dão, né? Antigamente, eu achava muito maior, né?

Porque os turistas vinham, encontravam os seringais, tomava na marra. Colocava fora mesmo, porque que o Chico Mendes morreu, né? Foi outro que morreu por causa de terra, por causa de seringa. O pessoal invadia e colocava as pessoas pra fora... Os seringueiros, de noite, iam pra lá... Colocava os seringueiros pra correr... ‘Tem tantas horas pra sair, se não, eu mato’. Colocava as coisas nas costas e saía, pra deixar a colocação pra eles. Eu sei que os seringueiros sofreram muito... Tanto sofreu os que ficaram lá, pelo mato... Assim, pressão das pessoas que tomavam suas colocações... Os que vieram pra cidade, ficaram sem moradia, sem emprego, sem nada. E, aí, acontece isso... tem que invadir, mesmo. “Aonde não tem ninguém, tem terra desocupada, vamos invadir... Invadiram a nossa, vamos invadir as dos outros, pra poder arrumar um lugarzinho pra, pelo menos, morar”.

[Dona Ivete continua cuidando de sua filha. Ela tentou mandato eletivo na política, mas não conseguiu votos suficientes para ser deputada estadual. É uma líder respeitada no bairro. Sonha com um mundo melhor e tenta viver um dia de cada vez. Uma mulher de coragem. Desiludida com os homens, nunca mais quis saber de se casar].

FRANCISCO

Meu nome é Francisco Monteiro... Tenho 62 anos... Eu nasci no laco, no seringal por nome Porongaba, a colocação chamava-se Pedrinha. Justamente essa Transacreana, passa mesmo lá, onde eu nasci, Porongaba, no laco... Onde ela passa pra beira do laco, dá 1 hora, a Transacreana passa justamente... é onde eu nasci. Lá era bom, nesse tempo o patrão de lá, um velho por nome de Lúcio Barbosa, aí de lá, desse Lúcio Barbosa, veio um por nome de Sartunino. Desse, foi outro, eu esqueci o nome... Eu sei que aí, no tempo que eu saí de lá, meu pai se separou da minha mãe, aí foi um pra um lado e outro pra outro... Por lá, eu fiquei mais meu pai. Aí viemos pro seringal do Sacado. Eu saí de lá com oito anos.

Minha mãe teve vinte e dois filhos, mas só que viveu mesmo, só tinha doze, os outros tinham morrido... Aí, agora, um tempo desse pra cá, morreu um bocado... agora, nós estamos em seis filhos. Naquele tempo, a mulher tinha filho, aí, à vontade... Naquele tempo que eu fui criado, não tinha esse negócio de leite em pó, isso e aquilo... O leite, fazia ele fraquinho, ainda colocava açúcar dentro... A massa era a macaxeira, espremia em um pano, colocava pra secar no sol, aí a gente comia. De primeiro, era criado tudo assim... A minha mãe é uma mulher que teve esses vinte e dois filhos. Ela nunca ocupou a bater, não. Minha mãe era filha de índio. Alguns homens que moravam nos seringais... eles atacavam nesse tempo... atacavam os índios pra tomar os seringais... Atacavam os índios, matavam pra ficar com o lugar... Eles atacaram uma maloca de índio, aí, matava os índios... Aí, o meu avô disse que era bem novim... um indiozinho bem novinho... Aí, ele teve pena de matar, pegou e levou pra criar. Aí criou ele. Aí, depois que ele ficou grande... Aí, diz que quando ele cresceu, o tiro dele era na mata... Só que, quando deu fé, ele chegou com o outro caboco... O velho falava as línguas dos cabocos, aí conversou tudinho... Aí o velho vai, e pega a cachaça, dá pro outro caboco. O caboco levou pra maloca. Aí, quando deu fé, os cabocos chegavam tudo com aqueles caldo pra trocar por bebida. Aí foi quando o velho domou ele. E eles, trabalhando com o velho, de graça. Traziam aqueles bolãozão de caldo. O meu pai gostava muito... E de repente, o velho Alfredo ficou quase dono do laco todinho, enricou. Ele era o patrão de Nova

Oringa. Aí, foi o tempo que ele começou arrendá seringal. Ele era um patrão forte do laco, conhecido...

Meu pai era Pernambucano, aí ele veio no tempo da Revolução daqui. Não, ele veio antes da Revolução. Ele já tava aqui, já era casado, aí ele veio pra cá rapaz novo, pra cortar seringa, né? Diz ele que lá, diziam que aqui... Ave Maria! A pessoa enricava de repente. Aí ele veio pra cortar seringa. Aí quando ele chegou foi cortar, justamente no laco, o Finado Alfredo foi quem trouxe ele, também. Nesse tempo, os patrões iam e traziam aquele horror de rapaz pra cortar seringa. Aí ele continuou... Foi o tempo que ele se deixou-se mais minha mãe... foi pro Sacado. Aí era eu, ele e dois irmãos e uma irmã... Viemos junto com ele e os outros foram mais minha mãe. Aí, um irmão foi ser empregado do barracão. Aí ficou a outra irmã e eu e o outro irmão. Aí, por lá, o outro irmão saiu e foi trabalhar de meeiro, em outra colocação. Aí ficou só eu e meu pai e minha irmã. Eu era tão pequeno que não sabia nem atirar... aí ele foi e adoeceu de uma perna, inchou, aí rachou o osso da perna, foi um reumatismo que deu... Mas, naquele tempo, ninguém sabia, aí eu é quem me batia pra fazer tudo em casa. De pequenino, fui indo e indo, até quando eu tava com quatorze anos, aí ele morreu... Com quatorze anos, aí eu tomei de conta da minha vida... Por isso, que hoje eu digo que o pessoal com quatorze, quinze não pode trabalhar, que tem é que estudar... Eu, com quatorze anos, tomei conta da minha vida, fui viver a vida. Aí, com vinte e dois anos, me casei e estou aí, com quarenta anos de casado.

Quando meu pai morreu eu fiquei só... aí eu fui trabalhar em outra colocação... Aí fiquei só mesmo, praqui, praulá. A minha irmã foi pra casa da minha mãe, aí, depois, foi pra casa da minha irmã mais velha, que era casada. Por lá, ela arrumou um marido também. Aí... essa morreu até em Manaus, tá com cinco anos que ela morreu... Ela trabalhava no Bombeiro, aqui. Aí, pegou uma doença, foi pra Manaus. Lá precisava ela tá morrendo, lá, porque, em dois em dois dias, tinha que tirar o sangue dela pra fazer circulação no aparelho todinho. Aí foi... e foi... até que não deu mais jeito, ela morreu. Graças a Deus, estou por aqui, me batendo... Eu sou uma pessoa que agradeço muito a Deus, porque, você acredita que eu já andei por tanto canto? Já andei por dentro da Bolívia, nesse fim de mundo tudo... No Peru, quando eu trabalhava numa firma comprando borracha... Mas, eu nunca achei uma pessoa pra viver com comigo, nunca. As pessoas às vez se admira, porque eu nunca peguei um tabefe de uma pessoa e nunca dei. Nunca, na minha vida, nem de

brincadeira. O cara chega e me empurrar... eu sou uma pessoa que eu nunca gostei de dessas brincadeira de agarrado. Se eu passar num canto, ver uma bebedeira, vou, não. Passo no caminho, vou-me embora. Num tempo, aí, quando eu era... eu que inventei de querer beber... e você sabe, isso não dá resultado nenhum... A gente via as presepadas dos outros, não dá resultado, não. Achava feio, aquele negócio [Risos].

Aí, depois, eu trabalhava numa firma. Aí... aí eu era classificador da borracha. porque eu nasci e me criei fazendo borracha, né? Aí, eu conheço todo tipo de borracha, né? Porque a borracha tem quatro qualificação com ela. E a pessoa não sabia, não é? Porque, aí, quando eu cheguei aqui... poucas pessoas sabiam classificar borracha.

Quando eu cheguei aqui, um dia, eles estavam atrás de serviço... Aí eu fiquei olhando lá, aí o cara perguntando isso assim, Aí eu disse pra ele: “Esse tipo de borracha, é esse. E esse, é esse”. Era um gerente... era quase dono... Aí o gerente ficou olhando assim: “O senhor conhece borracha?” “Eu nasci e me criei fazendo borracha”. “E foi mesmo?” “Foi”. “Pois, eu estou doido pra arrumar uma pessoa que conheça a borracha, pra separar”. Porque, nesse tempo, tinha um negócio da separação, né? Aí eu disse: “Pois eu me criei fazendo borracha. Sei todo tipo”. Aí, ele: “Então, me diga, aí! Porque...” “Tá aqui a borracha fina, ela é toda difumadazinha. Essa borracha fina, ela é de primeira. A segunda, é a borracha entre-fina, porque ela é defumada, mas tem leite qualhado pelo meio, nem é defumada e nem é qualhada, é entre-fina. Tem o cernambi, ele é todo qualhadinho. É só qualhadozinho, porque o cernambi virgem, que nós chamamos fino... tem o cernambi de rama, que ajunta todo aquele basculho, mesmo. Aí são as quatro classificação da borracha.” Aí ele disse: “Tá muito bem. Se o senhor quiser trabalhar aqui, eu lhe coloco”. “Eu quero”. Andava atrás de serviço mesmo, aí, peguei o serviço... Quando ele iam comprar borracha, assim, fora, aí eu ia pra classificar a borracha... Aí eu fazia um corte na borracha e olhava o que é que tinha dentro, se ela era fina ou se não era. Mas faz tempo... eu fiz isso em... 77... eu entrei lá na firma no ano de 1977, Agora que eu me lembro... É... faz tempo... Até hoje, eu ainda tenho a carteira, aí, tudinho... Aí eu passei quinze anos trabalhando lá.

Depois que eu tava trabalhando lá, tinha a laminadeira... Aí eu passei de classificar a borracha pra trabalhar na laminadeira. Aí foi o que causou esse reumatismo em mim... Nesses dias de friagem, eu saía daqui cinco horas da manhã,

quando chegava sete horas, eu já entrava dentro da água e começava a trabalhar na laminadeira, com água todo tempo. Muitas vezes, eu saía onze horas da noite, com as mãos que eu não sentia, ficava tudo dormente... Todo tempo molhado... Um dia, o doutor Medeiros passou lá e disse: “Rapaz, você vai se prejudicar tanto, com isso. Vai ser na sua idade. Como o senhor vai ficar, é arriscado o senhor ficar paraplético do reumatismo”. Nesse tempo eu era novo, ainda... “Ah, rapaz, que conversa é essa? Eu tô acostumado no seringal, andava dentro da água da lama, como é que...” “Tá bom”. Eu estava ali, aí o gerente de lá disse: “Rapaz, tu não vai atrás de conversar com ele, não. Que médico só quer saber disso... Aí... não prejudica nada, não. Porque a água bate e escorre”. E eu, pra mim, a gente era calçado com aquelas botas sete léguas, aí enchia de água, aí esquentava esfriava, aí foi penetrando na água... O que causou foi que eu tive um reumatismo doido. O doutor Ricardo foi quem tirou a água. Aí, hoje em dia, ainda estou aqui, sem poder trabalhar... E é assim...

Quando meu pai morreu, eu tinha uns 14 anos, eu acho... Aí eu fui pra outra colocação. Eu saí, porque era um primo da minha mulher... só que eu não conhecia ela nesse tempo. Era primo dela, que eu trabalhava com ele... Quando meu pai morreu, aí, na colocação, eu com quatorze anos... acostumado... nasci... com o pai... aí, o pai morre, assim... Aí, eu me aperiei muito... Eu não tinha sossego, pra mim, eu não tinha mais... aí eu pedi pra sair... pra ir pra outro canto... Aí, ele: “Se você quiser, eu não faço questão, não. Porque eu sei que você tá sentindo muito a morte do seu pai. Aí eu fui trabalhar no outro canto. Aí, pronto... Aí, quando eu saí dessa outra colocação, trabalhei o verão mais esse outro cara... Aí, saí e fui trabalhar com minha mãe, dentro de casa. Aí passei bem dois anos... Aí, saí, fui trabalhar no outro canto... Aí, comecei trabalhando, assim... Foi o tempo que eu me casei... Aí... aí... tomei de conta da vida dela. Aí, pronto...

A minha mulher, eu conheci porque ela e a família dela moravam em um seringal, no seringal que nós trabalhávamos... Aí, foram pra lá... a família toda foi pra lá... Aí, foi o tempo que eu conheci ela. Nesse tempo, ela era novinha, tinha treze anos, quando eu me casei com ela. Eu tinha vinte e dois anos e ela tinha treze. Aí nós tivemos sete filhos e todos são vivos, graças a Deus. Aí a família cresceu... Neto eu tenho um bocado, bisneto eu já tenho seis bisnetos. Só naquela casinha, ali no fundo do quintal, tem dois bisneto. Aí a outra tem dois bisneto... aí o menino aculé tem mais dois... aí, seis.

Meus filhos já se casaram... quer dizer, tem uma que teve um filho, mas, e agora, casou mais um rapaz. Aí, a outra, um dia desse, se separou do marido. Aí ela tá até aqui mais a tia dela, morando, aqui, do lado. É aquela que passou mais o meninozinho, aqui. Se separaram. Também, o cara não queria trabalhar. O cara tem sorte pra serviço feito não sei o quê.

Quando me casei eu não conhecia nada, aqui. Eu morava lá, com a família dela, porque o pai dela veio... morava em uma colocação, tudo junto... Aí eu me casei, fiz uma casa assim, na colocação, tudo junto. Era eu, o pai dela e um cunhado dela. Nós morávamos tudo junto. Aí, o cunhado dela foi e saiu, foi pra outra colocação. Aí, ficou só eu e o pai dela nessa colocação e ela. Aí foi o tempo que o pai dela também não agüentou mais trabalhar na seringa. Aí arrumou um serviço na marretagem e veio embora pra cá, pra Rio Branco. Viemos embora, ela se aperriou-se... Nós nunca tinhamos se visto longe da família... Vieram tudo pra cá, pra Rio Branco... Ficou só eu e ela... Nesse tempo, tinha três menino, só... Ah... ela aperriou-se muito... Só vivia triste... Aí eu convidei ela: "Você quer ir embora? Vamos!" Aí: "Eu quero". Aí animou-se... Disseram pra nós que aqui era uma beleza... Chegasse aqui, aí, ia ganhar o mundo... Nesse tempo, essa estrada de Xapuri tinha sido só raspada... O ônibus andava pra lá, mas era só... Era cada uma ladeira... Aí nos viemos pra Xapuri. Quando chegamos em Xapuri, pegamos um ônibus... se peguemos pra cá... Nesse tempo não tinha rodoviária, nem nada... Era ali, onde hoje é a Gamileira... Aí, tinha umas mangueira, ali... a rodoviária era debaixo daquelas mangueira... O ônibus chegava e parava ali... Sem eu conhecer ninguém... nunca tinha andado aqui... O cara foi e me informou que tinha o primeiro de lá, que morava ali, onde era o Apoio... Aí, quando eu desci do ônibus... quando eu desci, aí o homem disse: "Rapaz, tu vai pra onde?" Eu fui e disse pra ele: "Você me conhece?" "Ele disse: "Conheço, eu moro bem encostadinho dele". Digo: "É mesmo?" Ele disse: "É". "Então, tá bom". Fomos pra casa dele, quando foi no outro dia, nesse tempo tinha aquela Rádio Novo Andirá... Aí tinha aquele locutor, que já morreu... Eu fui bem cedinho... "Você sabe? Eu vou bem cedinho lá, na rádio..." Era o Cícero Moreira. "Eu vou falar pro Cícero Moreira, aí ele fala lá no rádio, aí eles escuta no rádio, aí vem me buscar aqui". Aí eu não sabia onde era. Ele foi mais eu, chegamos lá, eu falei, aí eu terminei de falar... "Tá aí... já falei tudo... se escutarem..." Eu voltei, aí, quando eu cheguei, com um pedacinho, o véio chegou... "Eu te escutei, falando lá e tudo. Vim buscar vocês". Pegamos um táxi de novo. O cara disse: "Quando tu quiser ir pra algum canto, é só

falar, que meu táxi só vive aqui”. Falei com ele: “Então, vumbora, pra ir me deixar lá na casa do veio...” Mas, eu cheguei lá, o negócio era diferente... Era tudo desempregado, não tinha emprego... o cunhado dela, era que era empregado em firma, aí... por nome Areo... que era aquele doutor... Alianaudes... Aí, nós ficamos por lá. Aí, eu aperreado, com um dinheirozinho... O dinheiro acabou-se e eu fiquei meio aperreado... Tinha um cara foi e me deu uma casinha pra eu morar lá... Aí eu fiquei lá na casinha e tudo... Acabou-se o dinheiro, eu andava praqui, praulá e nada... Eu, sem saber de nada... Até que um dia, apareceu um cara lá da fazenda dos Lameira, tinha uma empresa de ônibus, lá no Lameira... “Ô, rapaz, tem muito serviço lá, no Lameira. Se tu não quer trabalhar, lá”. “Rapaz, eu vou”. A aí eu fui lá... Cheguei lá, falei com ele e disse: “Eu preciso mesmo, sou acostumado a trabalhar assim no machado”. Nesse tempo não tinha esse negocio de moto-serra, era machado. Aí: “Eu nasci e me criei no seringal, pesado, no machado, na enxada, no terçado... “Então, vem trabalhar”. Ele foi, me deu uma casa... “Aqui tem casa, pode trazer a família”. Levei tudo, fui me embora pra cá. Trabalhei dois anos com ele.

Aí, a casa que eu ganhei dos Lameira ficava lá no bairro São Francisco... adiante do São Francisco um pouco, a fazenda do Lameira, quem vai no rumo do Quixadá, vai direto um pouquinho e dobra no Panorama. Quando eu cheguei, o meu sogro já morava lá na Baixa da Colina. Olha, eu acho que eu cheguei em Rio Branco... parece que em setenta e cinco... ou foi setenta e três... parece que foi em setenta e três... não... Eu cheguei aqui em 70... 1970... Aí, fui morar lá nos Lameira. Passei dois anos lá. Quando eu vim de lá, eu trabalhei um tempo de pedreiro e carpinteiro, fazendo serviço, assim, uma porção de tempo... assim, trabalhando de um lado, praulá. Aí o outro chamava, ia praulá... Teve um tempo que eu passei cavando poço, e assim... era levando... Já trabalhei carregando açúcar... Tinha aquele navio de livramento, aí nós ia carregar açúcar. Eu sei que, dessa firma, foi de setenta e sete, assinei minha carteira...

Aí, eu vim pra esse bairro aqui... eu vim... eu acho que mais ou menos em... mais ou menos em 78. E quando eu vim pra cá, ali no Aeroporto era um lixeiro, ali não tinha morador... Tinha saído a pista de avião daí, eles tinham mudado pra lá. Justamente quando eu vim pra cá... Aí a Prefeitura tinha feito aqui, a lateral do Aeroporto... loteou pro pessoal morar aqui.

Quando eu vim pra cá eu morei aqui nessa casa, daqui eu fui... a vizinha do lado, aqui, tinha um terreno. Ela foi e me deu o terreno, pra mim fazer uma casa pra

mim, que eu morava aí, mais meu sogro. Eu fiz uma casa até de tábuas velhas de caixa, cobri tudo de alumínio, cerquei tudo com aquelas tábuas velhas de caixa, coloquei uma lona assim... aí fomos pra debaixo. E fomos trabalhando... trabalhando... e ajeitando...

Minha casa já tinha assoalhado, com tábuas velhas que o cara me deu. Era tudo assim. A minha cunhada morava numa casa bem aculá. Aí pegou a casa dela e trocou nessa minha aqui. Só que lá, o terreno era pequenininho... Me chamou pra trocar as casas... A casa aqui não prestava, não. Mas, o terreno prestava... Eu pensei, assim: "Rapaz, eu troco". Aí, no outro dia, eu fui trabalhar, quando eu cheguei, nossas coisas já estavam aqui e as dela, lá. Aí atrás tinha uma área assim, mais era tão alta que a gente pegava assim no alumínio... De noite deu uma chuva, meu Deus, molhou tudo... Agora eu vim, tive lá na firma e conversando: "Rapaz, eu queria muito umas telhas, alumínio... Eu vou te arranjar, eu vou mandar o caminhão deixar lá, pra ti. Aí, tu ajeita tua casa, tá bom?" Rapaz, aí peguei um bucado de madeira e fomos nas serrarias. Naquele tempo, nós pegávamos aquelas madeiras velhas de fumo. Aí ficou uma casa grande, alta. Aí ajeitamos, oito por cinco a casa... Ficou boa. Nós passamos muito tempo nessa casa. Se eu quisesse destrocar a casa, digo: "Não agora, não." Aí, ele fez uma também. Digo: "Agora, vou trabalhar pra fazer uma de alvenaria". Aí, fui me batendo pra fazer...

Essa aqui foi minha terceira casa, mas eu trabalhei aqui demais... Quando eu adoeci, o médico disse que eu tava com esgotamento. Quando eu chegava, só fazia arriar as coisas ali, pegava a enxada e ia fazer massa... fazia duas, três caixas de massa e ia carregar... Você acredita que, às vezes, quando eu lembrava de almoçar, era três, quatro horas... sozinho, trabalhando, já escuro... Jantava e caía na cama... Quando era no outro dia, de madrugada, o trabalho de novo... Era assim... Eu já trabalhei muito... tudo era eu, mesmo...

Minha primeira casa era quatro por cinco, era pequenininha, era pouca gente... Nesse tempo não tinha problema de ladrão, nem nada.

Quando eu era pequeno, nesse tempo eu não sabia nem o que era festa. Eu ouvia falar.. Às vezes, a gente ia ficava sentado, vendo aquele pessoal... Naquele tempo, o pessoal antigo já sabia, né? Aquelas moças dançavam uma parte com um, depois o outro... e o pai e a mãe ficava lá... e os meninos iam brincar praqui pra lá. Nossa brincadeira lá, era de brincar de pular amarelinha, assim, brincar, assim, de

comboieiro... Andava com animal, era... Nossas brincadeiras eram assim... Era brincadeira mesmo de menino de seringal.

Aí, meu pai e minha mãe se separaram... eu não sei direito o motivo... parece que o meu pai era meio doente... eu sei que por lá apareceu um lá... aí a velha se engraçou do outro. Aí achou um e veio se ajuntou.

Se eu pudesse, até hoje eu tava lá... Pra mim era bom demais, eu gostava muito... Era porque eu queria fazer os gosto da mulher... Pra mim, foi bom ver meus filhos tudo sabido um pouco... Não é que nem eu, eu não sei de nada... Nesse tempo, pra lá, aparecia uma pessoa que quando sabia de algum canto, ficava todo mundo admirado... Eu nunca estudei. Não tive chance de estudar... de jeito nenhum... Eu assino meu nome, assim, porque eu aprendi em casa... Assim, na firma que eu trabalhava, tinha um rapaz que ele era um cara muito legal comigo. Ele me ensinava a fazer o meu nome.

Eu tenho uma perna doente... É essa perna aqui... minha perna é meio fraca... depois que eu peguei esse problema, aí fui operado, tem dia que dá uma dor no quarto até embaixo.

Eu quase não saio de casa... Eu visito assim... o seu Manoel... o bananeiro... tem o Romano... que tem a casa alta, que é de material de construção... e a igreja.

Eu vou pra Batista ali em frente o Distrital, sempre eu vou pra lá. Eu estou com dois anos e depois que eu adoeci, quando eu tava doente, aí veio a Thais e o Juscelino, foi que se casou com a Thais... Nesse tempo eles estavam namorando... Aí, no dia que eles chegaram aqui, eu tava arriado... Aí eles vieram aqui me visitar. Ele chegou aqui conversando... me vendo de dor, rapaz... Vou chamar, aqui, minha namorada e vamos fazer uma oração pra você... Aí fizeram a oração, sabe? Oraram e eu senti uma coisa tão... que... eu tinha me sentido bem, que nem sei... Aí eles foram embora: “De manhã, eu venho de novo, fazer a oração”. “Tá bom”. Eu fiquei... Aí ele perguntou: “Você não quer me acompanhar, ir pra igreja, servir a Deus?” “Rapaz, eu sou uma pessoa que acredito em Deus... morando naquela mata... e nunca fui ofendido por bicho nenhum”. Tá bom”. E a mulher... a mulher, quando chegava um crente aqui, fechava a porta [risos]. Nessa hora, ela tava também. Aí ele virou pra ela: “E a senhora também, não quer ir?” “Se ele quiser eu quero também”. Aí, foi todos dois de uma vez só. Aceitei, rapaz. Aí, você acredita que eu me sinto uma coisa tão boa? Aí, quando eu adoeci, que fui me internar mesmo na UTI, todos

dias eles estavam lá.. fazer oração. O médico era evangélico, só que o médico parece que era da Assembléia de Deus... Aí todos dias eles faziam oração, até quando eu tornei de novo e eles podiam ficar tranqüilo que ele vai voltar. Foi até que eu tornei, aí quando eu tornei, foi uma alegria, mas aí depois que eu tornei todos os dias eles estavam lá.

Aí depois que eu tornei todos os dias eles estavam lá, sabe? Fazendo oração comigo... Não perdiam um dia... No dia que eu saí, que cheguei em casa, de lá pra... eu fiquei na igreja me senti bem, mesmo. E aí eu tive um caroço aqui... mais era bem grande mesmo, era bem alto... chega a pulseira do relógio, quando escovava... Era um aqui... e outro mesmo no meio da cabeça... Cortava o cabelo, colocava o chapéu... ficava aquele nó na cabeça. Aí: "Rapaz, o que é isso, aí? Por que o senhor não mandou o médico tirar?" Do jeito que eu tava de alegria pra vim pra casa... o médico disse que ia tirar, mas ele não tirou logo... Aí: "Mas Deus vai tirar!" Aí juntaram tudinho e fizeram uma oração na cabeça. Não tem nem marca aqui, tem só um carocinho aqui. Mas, foi uma benção dada por Deus... Ela também ficou segura na igreja. Essa também ficava demais, e, graças a Deus, também foi pra igreja. E aí tem um menino que também tá na igreja.

Eu não sabia quase nada sobre o bairro quando eu me mudei pra cá. Nós, derradeiro, morava numa colônia... Era afastado da cidade, porque nesse tempo tinha três casinhas aqui e só tinha a dona Maria Cecília, que mora praulá, que era justamente aquela fazenda dela, que essa área era dela... Era abandonado, tinha um pessoal que morava ali, bem umas três pessoas que morava ali do outro lado, também. E era assim... depois que foram abrindo essa Sobral, que tinha um caminho e tinha um banho que era da Bonal. Lá, tinha um açude, tinha um campo de jogo... jogavam bola, tinha um clube onde era aquela torre. Depois que abriu a estrada que foi melhorando, quando dava uma chuva... Eu cansei... quando eu vinha do serviço, dava uma chuva de ficar a sandália, arregaçar a calça até em cima, era um sacrifício pra gente andar... Bem ali lavava os pés, que isso aqui era um gapó, que ia até a Semsur... Isso aqui bem aqui, tinha uns paus pra gente passar por cima dos paus...que era pra não se melar.

Essa rua não era alta assim, não... já foi aterrada... Aqui não andava carro, não andava nada, era um gapó, mesmo, isso aí. Aqui ficava só o lugarzinho das casas, quando chovia, a água invadia tudo... Aqui ficava tudo cheio de água.

Aqui tinha problema até de alagação, porque não tinha pra onde a água ir. Chovia, a água ficava toda, não tinha pra onde ir. Aí, com uns tempo, foi que o pessoal aqui inventaram uma bueirazinha, daculá. Aí foi morar um cara ali mesmo, na entrada da bueira, aí inventou um açougue. Lá, ele pegava aqueles osso de boi, aí metia tudinho dentro da bueira, socando pra tampa da bueira, que era pra não ter bueira dentro do quintal dele. Quando foi uma vez, ele pegou um pneu de carro e meteu dentro da bueira. Mas, deu uma chuva de noite... era até um dia de sábado pra domingo, quando o dia amanheceu, quando eu levantei tava todo plantado, tudo alagado... Eu digo: "Agora eu vi". Sai aqui só de calção, quando eu chego lá, na boca da bueira, nós metemos um negócio lá. Aí começou a molengar aquele negócio. Ele deitado lá... Rapaz, aí o cara começou a falar comigo. Como é que o cara faz um trabalho daquele pra prejudicar os outros? Só porque a casa dele era no alto? Aí ele levantou e disse: "Eu não quero bueiro dentro do meu quintal, não. Isso aqui não é lugar de bueiro". Aí o cara: "Mas, por que que o senhor fez a casa em cima do bueiro? Quando você veio pra cá já tinha o bueiro. Por que você não afastou a sua casa? Você está fazendo isso pra prejudicar nós?" Ele disse: "Eu não estou nem aí, a minha casa é aqui, quem não quiser que se dane." Rapaz, eu sei que nós lutamos. Sei que nós enganchamos lá, uns negócio, até que puxamos. Espalhou osso pra todo canto. Aí, saiu descendo, rapaz, de repente secou tudinho. Aí ficamos, assim, quando chovia alagava tudo, aí corria pra lá. Até que um dia, ele vendo, mesmo no verão, meteu uma coisa lá. Aí nós vimos que quando batesse o inverno lá, aí foi o tempo que quando o Jorge Viana entrou Prefeito. Aí nos falamos, encontrei ele bem na esquina, aí eu conversando com ele. Aí falei que tinha esse problema, aqui, que quando batesse o inverno eu mostrei pra ele onde era. "Mas, ninguém pode abrir a bueira, porque é no quintal dele". "Mas, eu vou dar um jeito nisso aí. Você pode esperar". Aí ele: "Pra cá tem uma saída de tarde?" Eu digo: "Tem". Nós fomos com ele até lá em baixo. Aí ele: "Ah! Da pra puxar pra cá". Foi a primeira coisa que ele mandou fazer. Aí, pronto. Aí nunca mais alagou nada.

Eu gosto demais daqui... não sei se é porque faz muito tempo que eu moro aqui e vivo muito bem. Os vizinhos são muito bom. Essa vizinha aqui, também, olha, ainda é mais antiga do que eu. Os filhos dela tudinho criou-se, quando nasceu, já morava aqui. Nasceu, criou-se tudo junto, mas, tudo são uns vizinhos muito bom pra mim Todos os vizinhos aqui, não tem um, são muito bom. Tem gente que mora nesse quarteirão, mas ninguém se conhece.

Aqui, antes era um pouco meio ruim. Aí, depois, que foi legalizado, aí, pronto. O bairro mudou, mudou demais... agora já tem pavimentação de piçarra... quando o Jorge Viana entrou, que ele veio pavimentar isso aqui. Quando ele saiu do mandato de Prefeito, entrou outro. Aí pararam muitas vezes, aquela lama medonha. Aí, quando ele entrou de novo, já mandaram fazer piçarra. Aí, tinha um morador, aculá: “Porque, pra meter barro aqui fica pior. Não. Tem que ser tijolo.” Rapaz, como é que o pessoal mete tijolo sem pavimentar? Meu rapaz, aí o engenheiro, ele chegou aqui um dia e eu conversando mais ele: “Nós vamos meter piçarra, aqui. Vai ser piçarrada, que quando chover e você pode até andar descalço”. Chove e não faz lama de jeito nenhum.

[Quase todas as manhãs, seu Francisco vai à esquina conversar com os amigos. Há como que uma rotina em sua vida. Conversa de manhã. Cuida do barzinho de seu filho à tarde. Assiste ao jornal à noite. Aos domingos, vai à Igreja Batista. Seu filho havia montado um pequeno comércio para ele, mas seu Francisco foi à falência, pois acabava doando as mercadorias para “os mais necessitados”. Atualmente, seu filho o entrete ao deixá-lo tomando conta de um barzinho, que só vende umas poucas garrafas de jucá, se é que as vende... É um homem de muitas lutas e vitórias].

RAUL ISAÍAS

Meu nome é Raul Isaías, eu vou fazer 83 agora, próximo 4 de outubro... nasci em 1924, mês 10... nasci em Paripuera, município de Cascavel, pra lá de Fortaleza... Eu saí de lá com 22 anos... A vida lá era boa, porque meu pai era um pequeno fazendeiro, era proprietário, vida boa pra nós lá... Meu pai criava boi, comboio, aquela coisa, coqueiral, terra, tudo nós tinha lá, ainda tem, ainda... Eu saí de lá na atitude de conhecer o Acre. Andar, né?! Não foi por briga, perseguição, nada, nada. Só pra conhecer... .. Eu embarquei de Fortaleza com problema de soldado da borracha, né? Fui direto para o rio Envira, passei por Maranhão, passei por Belém, passei por Manaus, direto pro Envira, pro Acre, né?! ... A viagem durou muitos meses, só em Belém nós passamos mais de 42 dias esperando o navio Belém, pra subir pra Manaus e um barco grande de ferro, navio e motor Belém, é o nome dele, mas ele é grande, era muito grande... Eu vim pra cá contratado pela companhia americana... como é o nome dela?... não lembro o nome... mas, de noite, era proibido fumar... pra não fazer luz de noite no submarino... Ele botava o navio no fundo do mar... submarino alemão... O submarino botou um monte de navio no fundo do mar... O navio Siqueira Campos, que ia daqui do Acre pra lá foi afundado... só o que ele levava era a borracha...foi afundado bem pertinho da praia, e ainda tá lá. O aço grosso dele, nunca tiraram, tudo porque o navio é muito grande, né? Só sabe como era o navio quem conhece...

Chamaram nós pra vir lá em fortaleza no acampamento... não tinha que vir... podia escolher ir pra guerra... mas se alistasse tinha que vir... quando nós embarcamos lá era no destino à borracha, né?... E quando chegava em Belém, tinha que vacinar, quando chegava em Manaus, tinha que vacinar... Vacina contra Febre Amarela, só se falava em Febre Amarela...

Eu vim em 1943, toda noite eu tô indo lá, andando, pescando, andar com aqueles cavalos atrás de boi, tudo eu faço... meu pai era um pequeno fazendeiro, tinha umas 60 cabeças, era pouco gado... Nós trabalhávamos no comboio, fazia rapadura fazia água-ardente, muitos coqueiros tirava aqueles coco, botava no comboio, com sete légua, né? Era assim o comboio... Lá tinha muita festa... Festas

lá era todos os sábados, tinha irmão, irmã tudo ia pra festa... Eu tinha... quando meu pai casou com minha mãe, tinha dois filhos, um casal, e nós somos três mulheres e três homens, seis, por parte do meu pai. Tudo nós considerava irmão, e até hoje, né?

Eu trabalhava como comboieiro... andava com comboio de burro, carregando borracha, entregando mercadoria, levando remédio, levando tudo... Eu fazia tudo lá... tirava leite... transportava mercadoria... Era lá no Seringal Bem Fica... lá a vida era vida de seringueiro, mesmo. Seringueiro, eu era comboieiro, né? Passava cinco dia, quando voltava, era sexta ou sábado, mercadoria e quando voltava com a borracha.

Eu tirei lucro lá... tem aqui a importância... um ano foi de 300, outro de 41 cruzeiros... naquele tempo dava pra comprar muita coisa... lá o patrão era bom... quem trabalhava tirava lucro... Agora, quem não ia cortar seringa, não tinha lucro, não... tinha até quem fugia pra outro seringal... Teve seringueiro que enganava o patrão... o comboio chegava lá e eles soltava as pélas no rio e fugia. Aí nós voltava, aí nem pegava a mercadoria que eles já tinham fugido... de gente ruim, todo canto têm. A malandragem não é só aqui na rua, o caba acostumado a lesar patrão fugia de um seringal pro outro. Ele não andava atrás, que ele não era malvado. Tinha patrão lá que mandava atrás e mandava matar, nera? Mas, ele não. Fugiu, butava e quem pagava era nós. Ficava na conta, chamava conta, tinha o nome da conta que eu não lembro mais o nome... conta geral, era a conta de prejuízo, não sabe? Aí nós ia pagar... mas quando o seringal tinha lucro... o lucro era do patrão...

Quando tinha lucro era do patrão... quando tinha prejuízo, nós pagava... então, a dívida, é claro que ficava na conta geral. Olhe, nós chegamos lá, aí o patrão disse: “Olha, nós vamos comprar um avião pra nós. Aí, vocês vão dar, cada, um dia de serviço e quem não puder dar um dia de serviço...” – a borracha era 250 Réis, não sei se era dois quilo de borracha por mês... – “pra nós comprar o avião”. Aí, quando o avião passava, que ia pro rumo de Cruzeiro: “Lá vai o nosso avião”. – com a mão, assim, olha. Mas, era mentira dos patrões, nós nunca... [risos]. Nós tava no barracão: “Vamos ver nosso avião”. Feijó era a cidade, mas, muito longe do barracão... o patrão nunca comprou o avião e ficou com nosso dinheiro...

Mas também, tinha seringueiro que botava coisa na borracha... isso era geral... eles cozinhava a macaxeira e colocava misturado com o leite... também colocava machado... colocava piçarra... Aí, quando cortava a borracha, aí aquela

borracha botava no canto, era descontado... Tinha muitos que fazia isso... de tanto fazerem isso que o patrão começou a serrar a borracha... No barracão, lá era grande... era tudo serrada na máquina... A borracha era do seringueiro, quer dizer, do patrão, mas, cada seringueiro tinha o seu numero, era 2, 3 era 5... Cada seringueiro tinha a sua máquina para serrar a borracha lá e ainda tem. Era uma máquina que quando ele acabava de defumar a borracha, botava ela assim, chapa de ferro, né? Botava em cima da borracha e botava um peso. No outro dia, tirava, ficava ali na borracha. Aí, nós vinha pro barracão, quando chegava, sabia. “Essa é minha”. “Essa é minha....” Não sumia, não. Ficava tudo certinho. Aí, iam pesar. Era muito homem, aí o patrão quem queria viajar pra Belém, pro Ceará, pra onde fosse ia, receber em Belém... E quem não queria? Ele ia, o companheiro, ele ia, o companheiro da borracha ou mandava o gerente... mas, quem tava devendo não podia viajar... não podia porque ele não tinha saldo, como é que ele ia viajar? Só se fosse por causa da doença, se adoecesse, ele levava pra Feijó. Mandava de avião, aqui pra Rio Branco. Doente não podia viajar no navio, o navio gastava muito dia pra chegar em Belém, quase um mês.

Tinha patrão que enganava os seringueiros, mas o meu lá, nunca enganou, não... mas ele era enganado... mas ele nunca enganou... Ele era bom... ele era uma pessoa boa... Eu trabalhava pra ele de comboieiro, eu era noteiro, era seringueiro comboieiro, trabalhava na loja, tirava leite, vaqueiro, tudo eu fazia lá... trabalhei nove anos lá.

Aí eu vim pra Rio Branco... eu tenho até a passagem aqui... eu cheguei aqui em 5... eu tenho a passagem guardada, eu sei porque eu peguei ela um tempo desse... aí eu consegui uma passagem com o prefeito de Feijó, esperei mais de sessenta dias por essa passagem... era lotado. Até que um dia ele mandou me chamar: “Diga pro Raul que venha, que tal dia o avião vem”. Aí eu vim pra cá.

Quando cheguei em Rio Branco, fui trabalhar no bairro do Quinze... depois, me casei. Aí, sim, trabalhei no Papouco... fui trabalhar na Acreana... ali no Neutel Maia... ali no aeroporto... na Acreana Indústria de Produtos Vegetais, eu dei entrada no dia 16 de março de 1973... Eu comecei como servente, depois virei vigia... eu ainda morava lá na Estação... depois fui morar perto do Santino... morei lá numa casinha coberta de palha, folha, depois que eu morei nisso, aqui, com uma casa coberta, feita de madeira de jari, aquele bicho que ferra é a madeira. Era a madeira que eu tirei pra fazer essa casa, não era madeira de tachi... O Turiba comprou

aquele terreno ali, onde é o bairro da Glória... ali era mata... aí invadiram... minha casa era grande... era de seis metros por quatro, assoalhada com madeira bruta... Aí eu comprei um bocado de tábuas, e ele me deu um outro bocado, e eu carreguei nas costas de lá até aqui. Paguei o canoeiro de lá, tombei até aqui. Naquele tempo não tinha marginal...

Eu fiquei sabendo desse lugar aqui com um amigo... aí ele veio e me deu. Ali era só a capoeira, aí eu fiz a casinha aqui e até hoje estou aqui. Ele morreu, já. Mas, quem me deu foi ele. E eu ainda não tirei o título, vou tirar esse ano... O projeto cidadão tá aí... Aí nós viemos pra cá em 1974... tinha poucas casas aqui... Viche! Aqui tá mudando pra uma cidade, luz, água, só não tem asfalto, mas vão fazer. Olha, casa de alvenaria, casa boa, tá é bom. A gente tá é no céu... eu vim pra cá porque eu pagava aluguel e aqui é nosso. Até hoje, desde que eu cheguei... não tinha muita coisa pra carregar quando viemos... a mulher trouxe o pinico, eu trouxe o saco na cabeça [risos]... Era... ninguém ajudava, nada não, meu irmão. Só o pinico... e o saco, eu butei nas costas... não tinha cama nem fogão... o fogão era a lenha, não tinha riqueza, hoje nós tamo no céu, graças a Deus, né?!

A diferença maior que nós sentimos é que lá não era nosso e aqui é nosso... aqui eu saía cedo, no meu horário... era vigia... Saía de tarde, chegava de manhã... quando nós chegamos aqui era uma vereda, caminho, era capim... hoje melhorou muito... Morar aqui significa muito pra mim, pois foi aqui que eu tive família, já tive neto. Ainda tô aqui, com saúde, completando 82 anos no dia 4, é muita coisa, né? Tenho amigo, não tenho inimigo, tudo é gente boa.

Quando eu cheguei, achei tudo estranho. Mas, a gente se acostuma... minha relação com os vizinhos é boa com todos... “Bom dia! Boa tarde. Como tá?” E só vou à casa deles se chamarem pra ir, uma boa relação, né?...

Das pessoas que moravam aqui quando eu cheguei, já morreram muito... Tem pouco... daqueles antigos já morreram muito, muito mesmo. Só aqui, na nossa rua, já morreu sete morador antigo que nem eu... mas eu não tenho medo da morte, não... medo de ninguém... não tenho medo de quem morre e nem de quem não morreu. Não é pecado eu dizer isso, não, porque a gente tem que morrer, né?... E eu sou um homem feliz, graças a Deus... tudo que aconteceu comigo é bom... mas, o melhor, é que eu casei, construí família e tô vivendo com ela, só essa é minha riqueza.

Eu não penso em mudar de bairro... se eu me mudar daqui é pra ir pra minha terra, Ceará, ou pra Manaus, porque lá tenho uma filha em Manaus, posso ir pra lá... agora tá muito bom aqui, mas antes tinha muita briga... mataram até uma moça... acho que era Hosana... Ela morava praculá, perto de um goiabal... mataram mesmo... o goiabal era grande, tinha pau grosso, tudo tinha, goiabal adoidado, depois invadiram e hoje é João Eduardo...

O terreno aqui é bom... tem muitas plantas... esse pé de mangueira quando nós chegamos aqui era dessa grossurinha aqui, era... O seu Antônio disse que ele quem tinha plantado, eu conversando mais ele... foi eu que plantei, pode ter sido, né? Aí nós vem, conversando, foi cortada umas três vezes aí ela brota, pra tu ver a natureza, né? Olha aí a fartura de manga, é manga no balde, olha aí que caiu ainda gora...

Minha religião é católica, nunca mudei... desde Ceará, tem meu registro, meu pai, minha família é tudo da Igreja Católica, não tem nenhum crente. Crente é modo de falar, né?... Mas é difícil eu ir pra igreja. Pra rezar, eu rezo daqui mesmo, de noite... eu nunca participei dessas coisas de encontros, terços, só quando eles vinham aqui, rezavam um terço aqui em casa... porque a Igreja Católica aqui nunca ajudou ninguém, só eles de lá. Eu nunca fui, não. Mas, quem ia, disse que dava um dinheirinho, um negócio. Se não tivesse, também não daria, né? Mas, em todo Brasil é assim... na minha terra também é assim... pois é... nós levava 400 reis pra levar tinha uma cúbica assim... coisa grande, assim, chegava e botava o cruzado lá. Quando acabava a missa, era um monte de cruzado... esse dinheiro era pra eles fazerem igrejas lá, pintarem e pra eles mesmo, né? Pros chefe lá... minha esposa freqüentava a igreja, as minhas filhas tudo freqüentava, cada qual tem uma religião, uma é da Assembléia e a outra eu não sei do que ela é... eu não ia pra igreja, mas participei da Associação de Moradores... nunca tive cargo, mas participei.

Aqui nós nunca tivemos problema de falta de comida, e até adoecer é difícil. Aqui eu tive muitas vitórias... a minha maior vitória é que eu tô completando 82 anos e tô bem, graças a Deus... só sinto saudades de Feijó... daqueles amigos, tem uns deles aqui. Meu patrão já morreu, tenho lembranças, não saudades, saudade é uma coisa, lembrança é outra... A diferença com a saudade pra lembrança, a gente tem aquele amor, e a lembrança lembra por uma pessoa um amigo etc... eu penso em voltar pra minha terra...

Eu realizei todos os meus sonhos... por exemplo, eu quero fazer uma casa, tô com dois anos construindo. Aqui, nós começamos, mas a casinha ainda não está terminada, ainda falta. É um sonho. Mas, vou realizar, gradear, olha... certo?... Essa é a terceira casa que eu faço aqui... porque eu trabalhei e construí com sacrifício... é o maior orgulho, né? Meu dinheirinho que eu tô pegando, é uma felicidade, né?... mas, ainda tem tanta coisa que a gente pensa em fazer, né? Comprar carro pra andar... mas isso nós vamos fazer ainda, jogando na loteria pode acertar, certo?

Aqui perto tinha umas seringueira... eu ouvi falar de plantação de seringa que era pra mandar tudo pra América... fizeram até uns seringais... lá tinha muita plantação... e ainda tem no seringal aqui em Sena Madureira... Tem um seringueiro que plantou muita muda de seringa aqui, na região, para a Sudam, que fica de Tarauacá pra cá... tem outro plantio de outro senhor... o pessoal plantava mesmo... e aí tem a Bonal... aí a Bonal é da Sudam, do governo federal, né? Aqueles dois seringais que tem a Bonal é do governo federal.

Eu vim pro Acre na época do presidente Getúlio Vargas... naquele tempo teve 3 anos de seca no Ceará... e ele sustentou o pessoal todinho com trabalho e comida pros pobre... nós era rico graças a Deus... mas, os pobres, ele sustentou como trabalho e comida... Ele dava trabalho e comida... foi ele que chamou a companhia americana, os transportes tudo era as americanas... o soldado vinha cortar seringa pra tirar a borracha e mandar pra guerra... a gente atendia a obrigação... Você chega um tempo sem serviço, às vezes se esconde... não quer... mas nós fomos voluntários...

Aí, depois do Getulio aí teve o vassoura... o Geisel... aquele outro... o Jânio Quadros... teve um que fugiu que foi pro Paraguai pedir socorro que quiseram matar ele depois de Getulio...

Na época do Getúlio era bom, porque naquele tempo era o seguinte, o governo daqui vinha do Rio de Janeiro, não era de Brasília... Naquele tempo nem falava em Brasília. Brasília foi construída há pouco anos... naquele tempo o Presidente, finado Getúlio, escolhia e mandava pra cá, se não tivesse dando certo, mandava buscar o caba e mandava outro o governo aqui pro Acre. Porque, aqui no Acre, mataram muita gente, patrão, seringueiro, pra roubar... fazia tudo isso. Aí o Getúlio mandava, quando tava... com o caba tava com três meses mandava outro... pra chegar aqui meu irmão... só de avião... Esse campo aí foi feito pelos

presos, pra aterrisar um avião aqui era um sacrifício. Ali, onde é o aeroporto, ali... ali naquela Estrada da Sobral era onde o avião corria, dobrava lá pra Rádio Farol.

Depois veio a Revolução... a Ditadura dos militares... naqueles tempos os governos daqui, eram... aqui era deste tamanho... era um sacrifício... Olha, eles ficavam devendo. Tinha que ir lá pro Rio de Janeiro, atrás de dinheiro. Ver se tinha esses funcionários velhos, antigos, ainda tem uns que ainda vivem contando história, passava de seis meses sem ver dinheiro. Agora tem um conhecimento do calçado, o remédio, o jabá, o feijão e o arroz tinha o armazém. Lá, ia só pegar. Eles vinham em três em três meses, às vezes, em seis mês que vinha de novo, porque o governo não conseguia o dinheiro, tinha que ser pegado lá no Rio de Janeiro, pra pagar o povo... Pode perguntar, tem muito funcionário, aí, que conta... Quando eu cheguei aqui, eu sabia dessa história. Quando eu tava lá em Feijó, não sabia... Meu patrão vinha pra cá e levava o jornal pra mim ler pra ele, porque ele era analfabeto... pedia o jornal de Belém, de Manaus, levava daqui de Rio Branco... Naquela época da Ditadura teve muita prisão injusta... até hoje tem... o guarda não advinha... o delegado não advinha...aí ele pega o caba, judia... às vezes, não é nem aquele cara, certo? É só Deus... às vezes, as pessoas eram presas injustamente...

Quando nós chegamos, aqui tinha poucas casinhas... eram bem pequenininhas... essa igreja não era nem aqui... era ali do lado da escola Frei Thiago...

Tá aqui meus documentos... eu tomei a vacina pra vir pra cá pro Acre, no dia primeiro de fevereiro de 1942... embarquei no dia 25 de fevereiro do mesmo ano, com destino a Feijó, eu era o número 24 da lista...

Olhe... quando a gente é novo, tudo é fácil pra namorar... Conhece namorada pra todo lado, agora é que a gente não quer, só faz conversar.... A gente pedia que o patrão trouxesse mulher de Belém pra lá pro seringal, pra gente se casar... aí ele trouxe seis mulheres... parece que era... Aí, quando chegou lá, no barracão, o navio chegou... era seringueiro lá que fazia medo... cada qual agarrou uma... elas esperava que a gente pegasse e levasse sabe?... Aí tinha uma que era feia... eu já tava com ódio dela... era uma mulher feia... quando outro seringueiro chegou e perguntou pra ela: você que ir comigo? Quero. Então vamos embora... mas era feia...

Eu sempre imaginava que eu ia viver muito, por causa da minha família... meu pai morreu com quase 100 anos... ele não acreditava no doutor... sei lá como era...

ele só acreditava no dinheiro... ele era católico... gostava da igreja... mas ele se rendeu..., aí ele montava nos burro... lá montou num burro, o burro derrubou ele, e aí ele já tava velho... quase 100 anos... aí caiu do burro e ele morreu... mas ele ainda era pra tá vivo... Minha mãe morreu com mais de cem anos... se Deus quiser, vou passar dos cem anos... Deus sabe, nós não sabemos... a gente pode viver muito ou até morrer num desastre... do coração... nunca se sabe... Olhe, eu não sinto nada... de repente... se eu for andando e morrer, morreu... É uma morte boa ligeira, não dá trabalho a ninguém... Hoje, não. Tudo... é coração... é próstata... é tanta coisa... naquele tempo ninguém sabia o que era isso, não... Mas, eu não vou morrer agora não... eu tenho tanta coisa pra realizar na vida... Se eu tivesse condições... ainda ia fazer muito pelos meus netos, bisnetos... pra mim não precisa que eu já tenho minha aposentadoria... eu já tô velho... eu penso em meus netos... as minhas filhas estão bem... elas moram todas aqui no bairro...

Eu conheci o João Eduardo... um homem justo... era uma pessoa boa... por causa da briga desse terreno aí, atrás, é que mataram ele...

A saudade é grande... quando eu vou dormir, eu penso em tanta coisa... começo a pensar coisas boas, e durmo... só isso... Me lembro do Ceará, no tempo que o meu pai era fazendeiro... boi... aqueles campos... Tudo aquilo já morreu, mas, pra mim, ainda me vejo montado num cavalo... Eu sonho correndo tudo isso, na beira do mar... tomando banho... até já subindo em coqueiro... eu já sonhei subindo pra derrubar côco... Nós tínhamos sitio... mas, agora não temos mais... Tudo eu sonho... Eu penso em um dia voltar pra lá... tem que me enterrar lá, junto com meu pessoal, com minha família, com meus avós, bisavós, tataravôs... Todos estão enterrados lá... meus irmãos estão enterrados lá... mas se eu morrer aqui... que me enterrem aqui, porque não tem condições de me mandar pra lá... Eu não sou nada de importante... tem que enterrar aqui mesmo, né?... Aí, se eu não quiser ser enterrado aqui, eu brigo pelo caixão, aí botam no avião e mandam pra lá [risos]... Eu não tô pensando em morrer, não... ave Maria... Quando eu falo em morte... a gente tem que falar na vida... a gente fala que a vida é ruim... mentira, somos nós que fazemos a vida ruim. Quem não quer trabalhar... só quer roubar... quer matar... enganar os outros, são ruins. Mas, se você andar direitinho, a vida não é ruim, não... não falta nada. Deus ajuda a dar o pão de cada dia que Ele prometeu, né? Eu já trabalhei de vigia, servente, na agricultura, comboieiro, boteco, em pensão, marretando, em tudo eu já trabalhei.

Hoje aqui ta muito bom... eu vou passear ali na Digô... mas de noite eu não saio pra canto nenhum... eu ainda vou viver muito não vou viver só com 82 anos não, ainda vou ver esses meninos tudo rapaz, se Deus quiser eu vou cuidar da minha vida mais do que eu já cuidei.

[Um lutador que se embrenhou nos seringais do Acre, no tempo da Batalha da Borracha. Seu Raul ainda fica fascinado ao ver uma câmera ou um gravador. Convida para sentar, conta seus causos e feitos. Sua batalha se deu desde há muito tempo. Ele ainda sonha em viver melhor e proporcionar conforto aos netos como cuidou dos filhos.].

RAIMUNDA

Meu nome é Raimunda Mota de Lima, tenho 54 anos... Eu nasci no seringal Triunfo, perto de Xapuri. Eu só estudei até o primeiro ano básico, que hoje é o primeiro ano do segundo grau... nós saímos do seringal, eu tinha oito anos. Aí nós viemos pra Rio Branco, morar ali no bairro da Cerâmica. De lá eu vim morar ali do lado do Instituto São José até eu me casar...

Quando eu casei eu tinha 20 anos, hoje eu tenho 54 anos, então, eu tenho 34 anos morando na Bahia... Quando nós chegamos aqui, a minha mãe fazia suspiro pra meu pai vender no tabuleiro, lá onde é o formigão hoje... Naquele tempo, as pessoas viviam de vender aqueles pacotinho de cigarro, vendendo bolo, trabalhando em padaria... Eu trabalho desde cedo... eu não tive infância, minha infância foi cuidando de meus irmãos... Eu tenho dez irmãos e criei todos eles... quando tinha tempo é que eu brincava de boneca de pano que minha mãe fazia... Se eu pudesse, tinha ficado lá no centro da cidade, mas o barranco levou a nossa casa...

Eu vim aqui pro bairro em 1974, depois que eu me casei... nós não fomos pra outro lugar, porque meu marido não tinha condições pra comprar uma casa noutra canto... Moro aqui há muito tempo e nesse tempo o bairro mudou muito... agora tem rua, água e luz que antes num tinha... já faz um tempo que tem isso aqui... à vista do que era, o bairro melhorou...

Olha eu não me divirto muito, aqui, não... Quase não saio de casa, porque eu não gosto... não bebo, não danço, não saio pra canto nenhum... O único lugar que eu vou com freqüência é pra Digô... pra comprar, pagar, dever [risos]... Eu não ando pra canto nenhum... Eu vim pra cá porque meu marido, o pai dos meus filhos, que já morava aqui. Quando eu me casei, aí nós viemos pra cá... eu não sabia nada daqui, não sabia nem onde ficava... Peguei o ônibus do Aeroporto, descia lá na Semsur, aí vinha de pé. E todas as coisas que trazia tinha que vir nas costa, não tinha rua, só tinha o caminho, não entrava carro... Só tinha rua até o Aeroporto Velho, dali da Semsur, a gente vinha de pé, trazendo tudo nas costa. E ali onde é a Semsur era a cerâmica da Prefeitura, onde a Prefeitura fazia tijolo...

Nossa primeira casa aqui era de madeira, coberta de alumínio, media 6 metros por 8... aqui não tinha quase ninguém quando nós chegamos... tudo era diferente aqui... porque eu me criei no centro da cidade. Aí, vir pra cá... não tinha luz, não tinha nada, só lama... pra ir pro trabalho lá na Santa Clara, era com sapato na mão, e lavava os pés na poça de lama, lá, na ladeira do Bola Preta, pra pegar o ônibus do Aeroporto... Lá na empresa eu trabalhava no almoxarifado... essa empresa era uma construtora que construiu um monte de obras... construiu o prédio do Banco Bradesco, Biblioteca Pública, 700 casa da COHAB, ali da Floresta, Vasco da Gama.

Quando eu cheguei aqui não tinha esgoto, alias, até hoje não tem... não tinha água encanada... pra lavar roupa eu ia lavar lá no rio detrás do Serafim... lavava a roupa, estendia na areia e de tarde pegava pra trazer pra casa... passava o dia inteiro na beira do rio lavando roupa, eu e as minhas vizinhas... Antes, a gente lavava naquele esgoto, que antigamente era o igarapé, ali no Bola Preta... hoje virou esgoto.

Esse bairro aqui era tranqüilo... o que teve de diferente foi a morte da Hosana, pelo motivo de não ter rua e a gente ter que andar por dentro do matagal... mataram ela na entrada da Bahia... Eu conheci a Hosana, ela era baixinha, meio caboquinha, bem gordinha... ela era gente boa... ninguém nunca soube, porque que mataram ela, e nem quem matou, ninguém nunca descobriu... mas isso foi antes... Agora é calmo... se alguém quisesse morar aqui, eu indicava pra morar... Aqui é tranqüilo e eu gosto daqui... aqui tem tranqüilidade, e eu conheço todo mundo, sabem quem eu sou. Então, não tenho medo de andar a qualquer hora do dia ou da noite... Aqui, de primeiro, pra mim era muito sufocante, mas, depois, me acostumei... Eu tava acostumada com um tipo de vida e tive que mudar pra outro tipo, mas, depois, não deu vontade de sair daqui, não. Eu tenho vontade de viver aqui, só saio daqui quando morrer... antes eu pensava que eu fui sair do centro da cidade pra morar num seringal...

No começo aqui foi meio difícil, mas a gente sempre se acostuma... foi difícil porque não tinha luz, não tinha água, eu era acostumada a beber água gelada, pra beber água quente, não tinha televisão, era muita lama... Olha... até um dia desses eu não tinha vizinhos aqui perto... porque eu moro na beira do igarapé... toda vez que chove alaga aqui, não precisa nem o rio alagar... o muro ali no fundo é mais baixo. Aí a alagação de 97 veio e passou por cima do muro... até agora, nesse ano

alagou. A água teve por aqui, só não entrou dentro de casa, faltou dois dedo pra subir... eu vou vivendo, nunca pensei em vender minha casa e ir embora, até porque eu não sou mulher de correr por pouca coisa... a alagação vem, mas depois volta... a água sempre baixa e fica tudo bem, não vai ficar a vida inteira...

Aqui não tem muito problema, tinha no começo. Era um bairro muito perigoso, que ninguém queria andar aqui. Mas, hoje, não tem mais não... tinha até briga de família... mas pra mim eles sempre foram sempre pessoas boas. Eles faziam muitas brigas, mas só os mais antigos... Mas, já morreram a maior parte. Pra mim, era gente boa, eu nunca tive problema. Eles sempre me respeitaram e me trataram bem.

Eu conheci o João Eduardo... esse terreno aqui foi ele que arrumou pra mim comprar... mas eu sei pouca coisa da vida do seu João Eduardo, era meu vizinho, mas eu não tinha muita intimidade com ele, não, Só que ele era gente boa, ele a mulher dele. Ele fazia parte da Igreja Católica, dum grupo de jovem aí. Ele fazia parte da Igreja Católica, sempre tava ajudando as pessoas. Eu sei pouca coisa da vida dele, na época que mataram ele, acho que a minha filha tinha... acho que dois mês de nascida...

Eu tenho três filhos... todos três já arrumaram família... também tenho três netos... o meu filho mais velho terminou os estudos do segundo grau, minha filha parou os estudos no meio e não terminou o segundo grau, e o meu filho mais novo também desistiu e ainda não terminou os estudos...

Eu me considero uma pessoa feliz porque acho que Deus me deu tudo o que eu merecia, me deu lar, me deu uma família, me deu um teto pra morar, eu me considero feliz... O que me deixou muito feliz foi o nascimento dos meus filhos... meus filhos são bons pra mim... às vez fazem raiva, mas é normal... Não são viciados em droga, em bebida, só o mais novo que bebe, de vez em quando. Não são traficantes, eu acho que isso, pra uma mãe, é muito orgulho, né? Muitas mães têm filhos drogados, traficantes... Meus filhos têm o defeito deles, mas também, têm as qualidades.

Eu gosto dessa rua aqui... Da Digô pra cá é um lugar que não tem bar, não tem boca de fumo, eu gosto daqui... eu não penso em sair daqui... daqui só saio lá pro Jardim da Saudade, onde eu comprei um pedaço de terra... quem não tem uma terra num cemitério, não é enterrado, eu tenho terra lá hora... Comprei essa, tem que comprar lá pra quando morrer, cava um buraco e joga lá dentro... A terra da minha mãe que eu comprei, tem a terra que comprei pro meu irmão que morreu, eu

comprei terra pra minha tia, qualquer pessoa que morrer da minha família eu posso enterrar lá eu tenho terra comprada lá.

Meu ex-marido eu conheci assim... Eu tinha viajado, aí quando eu cheguei em 70, aí eu fui na casa do meu tio, lá na estrada de Sena, perto do igarapé São Francisco. Quando eu cheguei, ele tava lá, com o pessoal do BEC, tavam fazendo as pontes da estrada... Aí foram pra lá pra Sena, aí ele foi com o pessoal do BEC, só que quando ele chegou aqui, ele não podia viajar pra Porto Velho, porque ele num tinha documento, a mãe dele perdeu o registro dele, aí ele ficou na casa do meu tio, até completar 18 anos. Aí eu cheguei na casa do meu tio, ele tava lá, aí eu perguntei pra minha tia: "Quem é esse homem feio?" Eu detestava o pai dos meus filhos. Ele era insuportável, pensa num homem que eu não gostava... Aí, um dia, eu disse pra minha tia: "Ele é tão feio..." A minha tia disse: "Diga isso, não, que um dia você ainda vai casar com ele". Eu disse: "Não joga essa praga..." E me case com ele... aquilo que eu detestava, eu tive. Nós namoramos seis anos... o namoro de antigamente era longo, pra durar seis anos, não era como esses de hoje. Era ele sentado numa cadeira aqui, eu ali, e o velho, meu pai, do lado, por isso que durou seis ano e teve o casamento. Vivemos 32 ano de casado... e tivemos três filhos...

Esse negócio de planta no quintal eu não gosto não... esse negócio de enfeite... não serve pra nada... a gente tem que plantar o que comer, vale plantar uma planta que a gente não come ela, aí perde um monte de tempo... aguardar fazer isso e aquilo, só por beleza... faço isso não... Aqui, eu tenho planta que dá o que comer... ali eu tenho cebola, eu tenho um pé de morango... Aqui não dá pra plantar nada, aqui alaga tudo, aí eu só tenho trabalho... antigamente eu plantei abacaxi, plantei mamão, laranja, a água matou tudo... não tem aquele ditado que a gente só mata aquilo que come... a gente vai botar planta que não come... aí chega alguém que vê sua planta muito bonita e fica só cobiçando as coisas dos outro (Risos)... não gosto disso, não.

Sabe que eu nem sei qual é a minha religião que eu tenho. Eu nem ando na Igreja Católica, vou as vez na Igreja Evangélica, mas também não sou evangélica... não sou católica nem evangélica... mas, eu vou mais na igreja evangélica... Eu sempre vou, em qualquer uma que me der vontade de ir. Eu já passei dois ano na Casa da Bênção, passei três na Universal, passei dez na Batista, passei um ano na Quadrangular, mas eu não sou crente, não. Eu não estou preparada pra receber um batismo não... pra mim ser crente é acreditar em Deus, e isso acho que eu sou... Eu

só vou ser crente de verdade no dia que Deus me libertar do cigarro, aí eu vou me batizar, que eu vou estar preparada... porque não adianta andar fumando escondido na minha casa... Eu posso até esconder dos irmãos, do pastor, mas eu não estou fumando escondida daquele lá de cima... Eu não posso servir a Deus e ao Diabo, por isso, nunca me batizei... Mas se não tivesse o cigarro... Aí eu me batizava, porque eu nem bebo, nem danço, e nem ando em festa, nem em carnaval... hoje eu acho que eu estou mais pra evangélica, mas quando eu cheguei aqui no bairro eu era católica, porque foi lá que eu me casei...

Quando eu cheguei aqui, tinha uma Igreja Católica, essa São Sebastião, só que era de madeira, lá do lado do Frei Tiago. Era bem miudinha, de madeira... muita gente reunia lá, mas eu nunca fiz parte de lá, não... porque eu não gostava... o padre José vinha pra cá, no começo dos trabalhos na igreja... Eles reuniam nas casas... aqui tinha uns três monitores, no começo... mas eu nunca participei... Eu fazia parte da Associação dos Moradores ... mas lá foi só decepção... Uma vez teve um arraial que teve com um garrote, o material que foi doado pra fazer a sede da Associação, a sede nunca foi concluída e o material sumiu, evaporou tijolo, tudo, o dinheiro tirado pra ajudar a comunidade, não sei pra onde foi, por isso que eu me desentendi com o presidente, até hoje nós somos intrigados.

Hoje a situação no bairro melhorou muito... antes tinha um monte de gente pobre... hoje os que não podem fazer sua casa, o governo está fazendo... e eu hoje vivo da pensão do meu ex-marido... Esse bairro Bahia Nova era propriedade privada... aí, o pessoal veio e invadiram tudo... Nenhum dos invasores mora mais aí, porque eles viviam só de invadir. Depois que invadia, tirava terra, vendia e já sumia pra outro canto. Aí, depois, invadia de novo em outro lugar... eles não tinham moradia fixa, invadiam porque não tinham onde morar quando eles invadiam... e já tiravam um monte de terreno, porque aí, na Bahia, tem pouca gente que é da época da invasão... Todos eles já compraram a terra... todos... não tem nenhum invasor... mas quem invadiu já vendeu e foi invadir em outro lugar.

Eu aqui já tive momentos difíceis... porque quando me casei, meu marido era desempregado e eu trabalhava, mas tinha que ajudar a minha mãe que ela tinha 07 filhos e ajudar o meu pai pagar aluguel, e ainda arrumar dinheiro pra comprar comida... dar dinheiro pra minha mãe que não tinha emprego. Aí, passei dificuldade, mas superei tudo... já faltou comida pra mim... não tinha comida pra comer, não tinha dinheiro pra comprar, não tinha comércio aqui... Aí, agente ia passando como

podia... às vezes, a vizinha me dava carne pra comer... e a gente ia vivendo... Quando eu tinha uma coisa, ela não tinha, aí eu dava pra ela. Aí ela me dava aquilo que eu não tinha... eu dava feijão e arroz pra ela, e ela me dava a carne... quando eu tinha açúcar, aí ela não tinha pó de café, aí a gente ia passando... E meu filho mais velho, quando nasceu, era muito doente... a gente levava ele nos médicos a qualquer hora da noite, atravessava a rua com água na cintura na época da alagação, ali na ladeira do Bola Preta, pra pegar um carro lá em cima... as vezes acordava duas horas da madrugada pra ir pro hospital, ligava a lanterna e ia pra lá... só voltava seis horas da manhã... e assim a gente vivia...

Graças a Deus nós conseguimos comprar esse terreno e fazer minha casa, esse terreno foi 08 anos de trabalhos que eu tive de indenização, comprei esse terreno por 7 mil cruzeiro e o homem fez a casa pra mim por 10 mil cruzeiro... minha primeira casa feita aqui era de madeira... era de seis metros por oito, coberta de alumínio... foi um tempo difícil que não traz saudades...

Aqui é o meu lugar... porque aqui a hora que você deita de dia, você dorme, de noite você dorme, não tem bar, não tem festa, não tem aquele rolo de carro pra cima e pra baixo. Não gosto de tumulto, gosto de viver tranqüila, quieta num canto... O que eu me orgulho de ter feito é ter conseguido criar meus filhos sozinha... meu ex-marido saiu de casa faz dezesseis anos... aliás se eu pudesse voltar atrás, nunca tinha me casado... Eu não me arrependo dos meus filhos, mas me arrependo do casamento que tive... casei com a pessoa errada... e não penso em me casar nunca mais... porque Deus me deu um esposo, um casamento, mas como ele viu que tudo o que eu passava, eu não merecia e tirou porque que ele me libertou do sofrimento. Por que eu vou voltar pra procurar a mesma coisa?... Meu casamento durou 32 anos, mas não foi feliz... não tinha respeito... não tinha fidelidade... como é que tem um casamento feliz?... O casamento acabou porque não deu mais, hoje nós somos bons amigos, ele entra aqui, ele sai, a gente conversa, não passa de um amigo e tem muita mágoa. Eu não perdôo ele nunca... um dia ele chegou em casa e me disse pra não tocar nele porque ele tinha nojo de mim (choro)... ele sentia nojo... ele saía com as putas por aí, e eu não dizia nada (pranto)... ele saía com os amigos, arranjavam mulher, e eu sempre perdoei... mas, ele disse que tinha nojo de mim... e isso eu não consigo perdoar (interrupção da entrevista por pranto de pesar profundo)... Ele vem aqui... vê os filhos dele, mas não

toca em mim... eu não deixo... e eu não toco nele, se ele tem nojo, eu nunca mais deixei ele tocar em mim... e nós nos separamos... foi o fim.

A única coisa de bom que ele me deixou foram meus três filhos... eu sinto orgulho de meus filhos... orgulho de mais uma etapa na vida vencida, acabou minha responsabilidade na vida com eles, já estão todos encaminhados na vida e o que não quiser fazer nada, aquilo que Deus determinou que colocou na minha mão, aquela responsabilidade, aquele compromisso, eu lutei muito... Lutar é caminhar na vida... eu fiz meu papel... agora cabe a eles escolher seguir o bem ou o mal... Agora qualquer um escolhe o que quiser porque eu não posso mais determinar se vai pra lá ou vai pra li, ou vai pra direita ou vai pra esquerda, vai pro lado ruim se quiser... Porque eu orientei bem, criei, fiz tudo pra eles estudarem, terem um bom emprego, terem uma profissão... meu filho mais velho é policial militar, é casado pela terceira vez, mas agora casou no papel... minha filha tem dois filhos, mas ainda não casou... meu filho mais novo casou outro dia, ele engravidou uma menina, aí o pai dela chamou ele lá pra conversar, quando ele voltou já tava de aliança no dedo e data do casamento marcada...

O pessoal inventou agora de chamar esses bairros daqui de baixada... Eu acho que baixada é uma coisa baixa... é verdade que ninguém aqui mora no morro, mas também aqui ninguém mora em favela, mora num bairro que não é favela, só que eu acredito que as autoridades que eu vejo, o Governador falar do pessoal da baixada, Prefeito chama de pessoal da Baixada, os secretários a mesma coisa... Eu acho que eles pensam que aqui todo mundo é bandido, que não tem ninguém de bem, pra chamar aqui de Baixada, porque aqui é um bairro, sempre foi um bairro Assim como tem o bairro da Floresta, tem o bairro da Sobral. Então, por que que agora querem chamar aqui de Baixada? Aqui não é a Baixada Fluminense... as autoridades querem mudar o nome do bairro, mas eu não acho certo, porque eles têm que ter respeito pelas pessoas que fundaram esse bairro, e as pessoas que fundaram botaram o nome de Bahia...

Eu era pequena na época da Ditadura Militar... eu acho que nem sabia o que tava acontecendo, mas na época eu lembro que a minha mãe disse que teve não sei se foi o Doutor Mário Maia, que ele saiu daqui porque não podia mais viver aqui, exilado... Não sei onde foi ele... Com um tempo, ele voltou. Teve muitos, né? Aqui como no Brasil todo, que foi pro exílio em outros países pra depois voltar. Mas, eu não me lembro muito bem disso, aí, não... mas eu acho que a Ditadura era boa, eu

nunca me senti assim prejudicada por causa disso, não. Até meus vinte ano, você andava, você podia dormir, com sua casa aberta, não tinha perigo algum de alguém roubar... De noite, você não encontrava ninguém na rua pra lhe fazer mal nenhum. Olha eu morava lá perto do Igarapé São Francisco, na estrada de Sena, pro rumo do Distrito, já eu vinha pro Colégio das Freiras de manhã... e saía oito hora da manhã... aí vinha de pé, que não tinha ônibus... meio dia, eu tava atravessando a ponte pra ir pro Colégio da Freiras, lá do outro lado, estudar, aí saía as 5 hora. Eu, dois colegas, um deles era filho dum preso ali da penal, onde é o CFAP, dali ele ficava antes da penal do CFAP e o outro era filho dum preso... entrava lá ficava lá e eu ia direto sozinha oito e meia, nove hora da noite. Nunca ninguém procurou me fazer mal nenhum, e eu só tinha 13 ano, na época, entendeu? A única coisa que eu tinha medo, um era filho de um policial da Guarda Antiga e o outro era filho dum preso. Hoje, ele é um dos melhores advogados daqui do Acre. O que era filho de preso hoje é um oficial aposentado, do Exército Brasileiro... A única coisa que nós três tinha medo... era só eu de mulher... e tinha que vir com eles dois, aí um estudava na ETCA, o outro no Colégio Acreano... Era ali lá perto da AABB, disse que aparecia alma roncando, como se fosse um bando de porco... a gente tinha medo daquilo ali, era só disso que a gente tinha medo, oito e meia da noite, da Estação pra lá, só andava carroça de boi.

[Dona Raimunda não quis mais saber de homem. Acolheu seus três filhos em seu lar. Seus filhos, noras e netos. É uma mulher que tem as marcas de sofrimento no olhar, mas que do seu jeito, sabe ser feliz.].

RAIMUNDO MARTINS

Meu nome é Raimundo Martins da Silva. Tenho 70 anos, nasci no Seringal Mauritània, no município de Lábrea, Amazonas. Eu morei lá até os 25 anos, depois, eu me desgostei da vida e vim para o Acre. Esse foi um caso difícil, né? Primeiro, porque minha mulher morreu afogada e eu desgostei e vim-me embora pra cá. Segundo, porque o pessoal dizia que o Acre era um rio de dinheiro, né? E não era. Terceiro, porque eu vim pra cá porque eu tinha vontade de conhecer, e vim e conheci, e tenho muitos colegas, muitos amigos, né?

Eu vim do Amazonas direto pro seringal Bom Destino, lá acima de Porto Acre... Lá. Primeiro. eu consegui uma colocação, e fui cortar seringa no centro, do Bom Destino. Eu cheguei lá viúvo... Aí eu passei 17 anos solteiro, né? Aí, casei de novo... com uma moça chamada Raimunda Bonifácio da Silva... nós dois tivemos 05 filhos, mas só uma sobreviveu. Nossa vida era dura, era uma vida de trabalho, né? De viver do trabalho, plantar os legumes pra colher, pra poder viver, né? Plantação... Mas aí, eu não agüentei mais trabalhar. Trabalhei que estanquei. Trabalhei dez anos na colônia.

Depois, eu saí de lá e vim direto pra cá pro João Eduardo. Eu cheguei aqui em 1982. No dia de São Francisco, dia 04 de outubro de 82. Eu vim com a minha embarcação... Deixei a embarcação no porto do mercado, aí eu aluguei um carro e trouxe pra buscar as coisas pra cá.

Esse lugar aqui, quando eu cheguei, aqui nem tinha rua, não tinha luz, nem tinha água, nem tinha nada. Só tinha o lugar pra morar, mesmo, e mato. Eu vim pra cá porque meu tio Bernaldo morava no Palheiral e tinha um conhecido que comprou esse lote aqui, aí eu fui e comprei dele. Aqui não tinha posto de saúde, nem tinha escola, não tinha nada. Já, depois, foi que fizeram aquele posto ali, né? Ali no Palheiral... Pra o que é hoje, naquele tempo não tinha nada, nem rua não tinha.

Pra chegar aqui, era um sacrifício... o carro deixava nós aqui na frente e o carro depois vinha deixar nós aqui, rasgando mato aí por dentro. Tinha poucos vizinhos aqui. Tinha uns três ou quatro.

Eu não tenho saudades de nada... não tem porque o que tinha naquela época era destruído, que era mata, né? Era naquele tempo não tinha fome zero né?

Naquele tempo pra cá mudou 100%, não foi? Hoje tem muita coisa, tem comércio, né? Tem tudo é que tá bonito.

Olhe... minha primeira mulher morreu... a segunda mulher morreu também, agora vai fazer 12 anos, dia 6 de junho [de 2007] intera 12 anos. Ela me ajudava muito a cuidar da taberna que nós tinha. Nós vendia gás, vendia comida, vendia coisas pra mantimentos. Hoje não chama mais assim de taberna, hoje é comércio. Pois é... eu vivia da venda na taberna e da minha aposentadoria.

Quando eu cheguei aqui nem associação de bairro tinha... não tinha presidente, a associação que tinha era lá pra cima, lá no João Eduardo I.

Eu cheguei aqui um ano depois de matarem o João Eduardo. E aí eu fui ficando... e acabei ficando por aqui porque achei bom [risos]. E não penso em me mudar...

Aqui quase ninguém vê a Igreja [Católica] fazendo nada. Tem igreja pra lá, tem igreja pra cá, mas, aqui mesmo, no bairro, nem tem. Quando eu cheguei aqui não tinha igreja, pra ir pra missa, só se fosse lá embaixo, no Centro. E hoje eu só vou pra igreja aqui e aculá, dificilmente eu vou.

No começo era difícil, não tinha água encanada. Pra beber água tinha que ser de poço. Aqui mesmo onde eu moro tinha poço. Aqui era bom, eu sempre me dei bem com os vizinhos, era eles lá e eu cá. Pra conversar a gente conversava o que era preciso. Esse negócio de visitar... eu ainda sou daquele costume, do pessoal, de ir lá só quando precisa, e vim aqui só quando precisa, né? Pra conversar, só por ir, era muito difícil.

Olhe, antes eu morava lá no Projeto Humaitá... pra cima... o ramal que fizeram ia até a beira do rio. Aí eu quando casei com a Mundica, nós fumo pra lá... A Mundica era filha do Zé Bonifácio, mas lá colônia dele não tinha projeto, lá tinha um ramal que eles fizeram, mas não chegou na beira do rio... o ramal que saía na estrada perto lá do Zé Bonifácio saía na colônia, no Seringal, então lá ainda não tinha projeto ainda, né? Aí, eu morava com a Mundica... passamos um bom tempo... uns dez anos... aí, viemos pra cá. Quando chegamos aqui a minha filha mais velha era bem pequenininha. Tinha uns quatro anos.

Aqui era difícil, as crianças não podia nem brincar... não tinha nada... Ninguém podia nem descer no quintal que era tudo alagado... Essa área aqui alagava... Aqui não tinha quintal, não. Eu fui que fiz o quintal aterrando, pegou quase 100 carrada de barro... Olhe... esse terreno aqui é dez de largura por vinte e cinco

de comprimento... Pois é, meu irmão, aí, no tempo que nós chegamos aqui, não tinha nada, né?

Eu comprei aqui por 70 contos que a gente chamava, mas, é 70 cruzeiros, né, hoje? 70 conto... Eu tenho vinte e cinco anos aqui, esse vinte e cinco foi quem me salvou, porque minha casa tava no nome de outro Raimundo Martins, lá na Prefeitura... quem me salvou foi esse vinte e cinco, né?... Tinha outro Raimundo Martins que era o dono daqui... Depois eu vou te contar essa história como foi... Eu fui lá pra fazer... pagar o IPTU e tava no nome de outro... Foi... Eu vou contar... Mas filma aí, também.... O meu IPTU veio um IPTU muito caro, aí eu fui lá na Prefeitura, primeiramente eu fui fazer, por que o pessoal disse quem ganhar um salário, que era aposentado, não pode pagar IPTU. Eu fui lá, cheguei lá, falei. O caras vieram, chegaram: “Seu Raimundo, o senhor não pode pagar? Fica dizendo que o senhor tem três casas... Tem essa aqui, tem uma na Bahia, tem uma na... ali na Vila Ivonete, perto do Horto Florestal...” Aí eu disse pro rapaz: “Pois é, se tem essas casas, você passa pro meu nome que eu só tenho essa daqui”. Quando foi no outro ano, meu IPTU caiu, fui reclamar. Cheguei lá, fui reclamar cheguei lá. “Esse IPTU não é seu, não”. Porque tem três Raimundo Martins, tem eu aqui, tem um pra li, pra banda da Bahia, e tem aquele Raimundo Martins que é diretor da TV Gazeta.

Já tá com três coisas que acontece comigo, por causa desse negócio. Aí eu paguei mais doze reais pra fazer um novo cadastro. Primeiramente, antes disso, eu fui comprar um liquidificador lá em baixo mais a Socorro, lá na casa... Naquela loja perto da Biblioteca, comprei, aí eu dei... era cinqüenta e quatro reais. Aí, eu dei vinte e sete, aí, depois, dei os outros vinte e sete. Tá até ali. Aí ficam ali me mandando me cobrar, me cobrando e ligando no telefone da minha irmã e ela telefona pra cá e telefona pra cá. Isso aí já é outra história, né? Isso aí é outra historia, né, do pessoal de Prefeitura. Aí, quando eu cheguei lá, minha irmã: “Martins, tem uma loja te chamando. Disse que tu ta devendo lá”. “Meu Deus do céu, qual é essa loja?...” “Eu não sei”. Aí, um dia botei a minha roupa e fui lá embaixo. Aí eu comprei um colchão, lá aonde hoje é aquela Novalar... de primeiro, como é que era o nome daquela loja, ali... era, de primeiro?... Não lembro o nome... era ali perto da cabeça da ponte nova... que vive trocando de nome... eu acho que era... aí, eu esqueci agora... Pois é, comprei lá um colchão, aí ele foi lá. Aí o rapaz disse: “Não, aqui o senhor não deve nada não”. Aí eu fui na GR, que eu tinha lá comprado um fogão e esse sofá,

também. Mas, eu já tinha pago. “Não, aqui o senhor não deve nada, não”. Mas, não fui na Loja Eletro, eu tinha comprado um liquidificador mais não me lembrava...

Quando foi um dia, eu tava roçando, aí quando a mota parou aí. “Aqui é que mora o Raimundo Martins da Silva?” Eu digo: “É sim, senhor”. “Amazonense?” Eu digo: “Amazonense, filho de Sebastiana Paulino da Silva e Manoel Martins da Silva, seu pai. “É... o que que o senhor quer?” Ele disse: “É porque o senhor comprou um ar-condicionado e nunca deu nem uma entrada”. “Eu não, rapaz. Eu não comprei não, eu comprei na loja eletro mais foi um liquidificador. Eu vou buscar”. “Não precisa”. “Eu vou buscar”. Aí, busquei pra ele: “Ta aí, se o senhor quer vê um ar-condicionado, aqui, na minha casa. Então, vamos entrar. Se tiver, eu pago”. “Não, não precisa”. “Precisa, pode entrar”. “Eu queria que o senhor fosse lá, pra mim...” Aí, eu fui lá, entrei lá, era ali do lado da Caixa Econômica, ali... Aí, o cabra me atendeu: “Eu não quero nada, não. Eu quero falar com o gerente. Quem é o gerente aqui?” “É aquele de camisa azul, que tá aculá”. “Eu quero falar com ele”. Eu sei que eu falei com ele, eu fiquei doidinho... eu disse tanta coisa. Disse: “O senhor tá nervoso?” “Eu to. Eu não comprei uma coisa, rapaz, como é que eu vou pagar uma coisa que eu nem comprei?” Aí ele disse que agüenta, aí eu vim embora. Fica na mesma... Aí a Socorro foi lá, disse que ia levar a imprensa lá. Aí eu fui comprar essa geladeira em outra loja, aí foi um rolo danado, lá. Aí eles mandaram a geladeira o nome da rua aqui é rua da Hosana, e eles mandaram lá pra Vila Ivonete...

Essa casa eu comprei a terra com a armação. Aí, lá, eu ia trabalhando... Trabalhei lá uns tempos, aí vim e cerquei ao redor. Aí fui pra lá de novo, quando eu vim, aí trouxe o Danilo. Foi ele que fez. Quando eu cheguei aqui, a casa já tava pronta e o poço também.

Olhe, eu vou lhe dizer como foi que eu conheci a Mundica, mas nem as minhas filhas perguntaram isso [nesse momento as filhas param o que estavam fazendo para ouvir o pai]... ela não era bonita não, mas eu gostava dela, né? Aí eu vi ela umas duas vezes... então, eu fui trabalhar na casa do pai dela, seu Zé Bonifácio... Eu trabalhei muito com ele... eu era diarista... Na vida da gente acontece tanta coisa, rapaz... Vou falar uma coisa pra você... Tá filmando?... É... a primeira vez que a gente vê a pessoa ficar sem graça... se agente tiver a sorte de casar com aquela pessoa, casa, se não tiver, aí que tá o problema. Sabe porque que eu vou te dizer? Sabe, a minha primeira mulher, ela era pequena, uma mocinha, né? E eu me engracei nela... passei 10 anos pra ver ela... no dia que eu vi ela nós se gostemos...

Eu tava de viagem, aí eu vi ela de passagem... Ela, mocinha, bem miudinha, menina bonita essa... mas, acabou, né? Nós precisamos sair de lá... Mas, dez anos depois, tocou de sorte a minha mãe vir morar no mesmo seringal dela, pertinho dela, vice como é a história? Aí eu vi... Aí, um dia, eu fui na casa da minha mãe visitar ela... nunca deixei de tá perto da minha mãe, sempre tava do lado dela. Aí, fui lá... quando eu chego lá, dô de cara com a menina, ó? [é a primeira vez que todos da casa param tudo só para ouvir]... Aí, eu digo... aí eu olhei prali... Aquela menina, quando ela me viu, se engraçou-se pra mim, também. Ali, disse, dona Sebastiana: “Esse aqui é o filho da senhora? Então-se a senhora é minha sogra”. Pensei que tinha sido uma brincadeira., né? Mas, deu certo... Começou. Aí, assim é que se deu da primeira vez que eu vi ela. E a Mundica, nós se gostamos assim eu comecei a vê ela... Mas aí, ela morreu... morreu junto com meus filhos... aí eu fui embora... vim pro Acre... Aí eu conheci a Mundica, minha segunda esposa... aí eu fui vendo ela lá no Bom Destino, começamos a conversa e tal. Tocou a sorte de trabalhar com o Zé Bonifácio, mas, repara, aí deu certo, né? É assim desse jeito, olha menino... quando a gente começa a gostar, a gente gosta tanto, que a gente gosta até o fim da vida, né? É uma coisa muito difícil, muito complicada. Eu disse isso pra minha filha, pra qualquer uma pessoa, né? Porque eu tenho experiência, né? Se aí não é experiência que ninguém me deu, eu que tenho. Uma pessoa quando casa, não tem experiência... vai saber como é a vida de casado depois de cinco, dez anos... Tudo é muito novo, né? Agora que tão ajustando as coisas.

Por exemplo... Aí é que você vai entender isso que eu vou falar pra você... você casa com a dona... passa um ano, dois, três, quatro... é a mesma coisa de você tá criando um menino... começa a criar pequenininho e vai crescendo, vai crescendo quando você vê começa a dar trabalho, né?[risos]... É a mesma coisa. Então o casamento é assim desse jeito, você casa com a mulher, você não vai casar com homem, né? Vai casar com a mulher, aí você quer tá bem, com aquela criatura, trata bem dela – não estou dizendo que é com a sua mulher, mas, muita é assim. Aí, você dá o pé, ela quer a mão... aí, depois, o bicho começa a pegar, meu irmão... é verdade, tô lhe dizendo. Então-se, a gente, pra viver com a mulher... mas, pra viver com uma família, é preciso ter muito cuidado, pra não fazer besteira. É... porque, às vezes... às vezes, você diz assim, porque nós todos somos iguais, né? Tanto faz a mulher como o homem... somos iguais, não tem ninguém melhor do que o outro. Aí, às vezes, o cabra vê a mulher, tá com outro aculá... Aí ela diz... Ah! Ele não sabe,

não... Aí um dia, vai se lascar, né? Eu vou lhe contar uma... lá no Amazonas, essa primeira mulher que eu tinha, morava assim, embaixo, aí um dia eu vinha do roçado, lá... chegando, comecei a conversar com a menina, lá... Era longe lá de casa... Quando eu cheguei, a mulher já sabia, né?... Ela não me batia porque eu não achava graça pra ela, porque ela era uma paraibana, com os braços dessa grossura, macetona, uns 70 quilos. Se ela me pegasse, botava debaixo dos braços dela, me acertava de chinela. Então, eu respeitava ela. Eu não dava muita trela pra ela, não. Quando eu cheguei, ela: Ei, Martins, tu num...” – porque foi assim, ela me pediu milho do roçado... Quando eu cheguei, eu dei o milho pra ela... Quando eu cheguei, ela disse: “Ei, Martins, tu trouxe o milho pra gente comer canjica?” Eu digo: “Eu não, você não falou nada”. “E como que tu trouxe pra Raimunda?” Já sabia, né?... Já teve quem contasse, né? Antes de eu chegar, ela já sabia... Então, aí é, cuide, tá no gancho... Aí, o cara pensa que tá escondendo, mas, tá nada. Um macaco escondido com um rabo de fora. “Risos”. Então – se é esse o motivo de muita gente se casar e não dar certo, né?

Nós viemos pra cá. A Mundica disse: “Martins, eu não vou pra rua, não”. “Vai, não? Vendi a colônia e agora como é que vai ser?” “Agora, tu vai ficar sem nada”. “Mas, se você não quiser ir, eu vou dar a metade do dinheiro pra você seguir o seu rumo do mesmo jeito. Eu vou, que eu já vendi a colônia”. “Vou, não, porque você chegar lá, eu vou ficar só, logo... porque você arruma outra mulher, né?” Nós vivemos aqui um monte de ano, ninguém nunca me viu com outra mulher, né? Mas ela pensava isso, nera? Então, se esse negócio que nós estamos falando não é se referindo a ninguém... o caso é assim mesmo, né? O Manoel, uma vez, disse assim: “Padrinho, hoje, pra gente viver com uma mulher, precisa de muita paciência... que as mulher vem dar por 1 real pra gente... Às vez até de graça, pois é isso que é... Ele disse isso pra mim, e a mulher dele estava escutando que as mulheres dão até por um real. “A gente é que se amarra pra não ir lá, porque elas querem fazer a sujeira”. É mesmo, né?... É verdade... eu não tô lhe dizendo?... Ou o camarada se segura o se lasca... porque se você fizer, você tá lascado... porque se a mulher souber, ela bota em você e você não tem direito, olha a coisa pior do mundo é o homem não ter direito de falar... apanha de chinela [risos]... E se começa o troca-troca de chifre... chifre pra lá, chifre pra lá, acaba o casamento... Eu vou te dizer uma coisa... O cabra vai lá pega duas mulheres... ela vai lá e pega mais dois, depois mais três... Acaba o respeito e pronto.

É preciso a gente ter moral. Isso eu disse pro marido da minha filha, ontem. Eu disse pra ele: “Rapaz, você não é homem, não? Tem que dar moral, rapaz. Rapaz, tem que dar moral na sua casa não é, não?!... Rapaz... Que é isso? Por que ela é minha filha, que eu vou dar ponto pra ela? Não senhor... Dê razão a quem tem, né?” Então, o rapaz trabalha, então ela em vez de tá na casa dela, vinha é pra cá lavar roupa, porque lá tem água tem tudo. Num pode, né?

Acabou por hoje?... Depois entrevista mais, né?... Então, tá bom...

Olhe, menino... eu só estudei até o segundo ano... Até a segunda série do livro de ABC. Eu vim estudar aqui na cidade, porque lá no seringal não tinha escola, né? Como é que ia estudar? Na época que nós chegamos no seringal, naquela época, só quem estudava era os rico, pobre não. Pobre não tinha vez, né? Pois pobre era o nome daquele bicho burro de carga, né? [“Risos].

Então pobre era pra trabalhar, né? Ou sustentar os patrões, sustenta os filho do patrão... Agora, os filho do patrão, aprendia, né? A gente trabalhava pra eles, nera? E os pobres tudo era burro, né? Você pode reparar, no seringal, na época, era tudo quem sabia ler. Eu vim aprender aqui.

Olhe, eu conheci muito seringal... tinha um monte, tudo com nome bonito... era Novo Brasil, Bom Destino, Nova vista, Catatiá, Bom Jesus, Liberdade, Santa Cândida, Igualdade, Cachoeira, Independência, Mauritània, Lusitânia, Realeza, Boa União, Bela Rosa, São Luiz do Mamuriá, Esperança, Quaquetá, Floresta, Panorama, Glória, viche... um monte de seringal... e tinha um monte de colocações em cada um deles... era Telheiro, Refugio, Café, Limoeiro, Rabo da besta, Bufador, Feijão Duro, Arraial, Bambu, Difícil, Gavião, Laranjeira, Limão, Ponta da Terra, Maloca, Samaúma, Alegria, Centrinho e Quatipuru... e muitas outras... era lá que nas colocações que os seringueiros morava e o dono do seringal, ou então, o gerente, morava na Sede do Seringal...

Eu nasci no Amazonas, município de lá, no Seringal Mauritània... A vida era trabalho só trabalhar, lá não existe nada, né? Naquela época, eu fui criado... Nós chegamos no Seringal Realeza em 1942... Nessa época, não existia movimento, não existia essas coisa é hoje, o pessoal reclama, que é ruim... tem o relógio pra pôr no braço, tem isso, tem aquilo... Naquela época, não tinha... Era sacrificoso, porque não tinha um freguês, que conhecesse nem a cidade de origem dele... como eu, não conheço Manaus, não é? Eu não conheço Manaus, mas eu morava lá perto, porque ninguém tinha isso... “dinheiro” pra ir e nem os patrões facilitava, né? Só quem

queria ter conhecimento era eles, num era? Pra tu ter uma idéia, em 42 apareceu o primeiro rádio. Quem era o pobre, quem tinha rádio naquela época? Ninguém... porque não tinha energia, não tinha nem como... e a rádio que existia era a Difusora do Acre e a Difusora do Amazonas, só essas mais ninguém... Daí, foi surgindo, não é? Aí, quando chegou o primeiro rádio, lá em Realeza, aquele pessoal ia tudo pra lá, ver o rádio tocar, conversar... Ninguém sabia o que era... Então, daí, você vê a diferença... dali pra cá, é grande, não é?

Naquela época, quando você via dizer assim: “Fulano estudou seis anos” – ele era formado, né? Hoje você estuda a vida toda e não forma... você faz uma faculdade, aí tem outra, tem mais outra... aí, depois, tem mais outra, porque aumentou, né? Aumentou tudo, né? Naquele tempo, o estudo era fraco. Outra coisa que tinha, também, só quem fazia a faculdade eram os ricos, os patrões, né? Os filhos dos patrões, iam pra Manaus, pro Rio de Janeiro, já se formaram não era? Mas, pobre, vem aqui pro Acre. Cheguei aqui, fui pro zero, cortar seringa, sofrer por lá, tirar leite de pau, não é? [Risos] É... naquela época, o menino era assim... Vamos falar do comboio da borracha, que tinha. Então, naquela época era assim, eu chegava no barracão fazia a nota, né? De sal, de açúcar e tal e tal... patrão mandava deixar no centro, né? Se você não tivesse borracha pra cobrir aquilo ali, outra vez não ia mais, né? Você tinha que ter a borracha, vamos dizer assim, a sua produção 50 Cruzeiros naquela época, só podia compra esses 50, se passasse, aí não vendia mais, né? Ai você ficava sofrendo lá, não era por falta das coisas... hoje tem muita facilidade, né? Mas, ficou pior do que era antigamente, sobre a mata, não é? Porque, naquela época, menino, você ia, você se colocava na colocação sem preocupação... Era com o patrão, mais você colocava uma coisa, né? Você podia limpar o roçado, você podia fazer isso podia fazer aquilo. Hoje as colônias não pode mais desmatar uma coloniazinha dessa. Não pode, mas, eu vi ai o cara falando que o IBAMA, que o cara não pode desmatar mais de três tarefa, o que ele vai fazer com três tarefa de terra, vai plantar nada, né? Então, tudo vai mudando, né? Aí, hoje, lá aonde eu nasci, naquela época... hoje é estrada, hoje tem luz, lá. Então, sobre isso aí, mudou muito. Adiantou muito daqui pra lá, né? Mas, tu junta as coisa, ficou pior, né? Porque acabou-se a castanha, acabou-se a seringa, a caça, tudo, né? Então, ficou pior porque o homem se alimentava era da caça, da castanha... Então, naquela época, eu cheguei no Bom Destino no dia 5 de agosto de 1960... eu já tinha 25 anos...

Olhe... eu casei a primeira vez, casei no seringal Independência... eu trabalhei, eu cortei seringa com 25 anos, com quinze eu cortei no Amazonas, com 10 eu cortei aqui no Bom Destino. Eu cheguei no dia 5 de agosto, cortei seringa em 60, até dia 25 de 70, tá com 10 anos, né? Ai eu deixei porque a gente tinha, naquela época... hoje tem os emprego, você tem seu emprego, naquele tempo não existia isso, sabe porque, porque não tinha ninguém, nera? Você, naquela época, era a borracha e mais ninguém. Você, com essa borracha, o que você ia fazer? Nada, não era? Então, o pessoal do Bom Destino, tinha o seringal, tinha o depósito Aquiri, temos Canidé, o Tucumudo, tinha a Glória tinha onde o Zé Bonifácio, morava, né? Tinha o depósito de Porto Acre, tinha a Floresta, a Esperança e o Caquetá, né? Isso tudo cheio de gente produzindo pra uma gente só, nera? Então-se, hoje os patrão tão bem e os freguês, é isso daí.

Tinha caso que patrão que enganava o freguês... Eu acabei de te dizer que ninguém sabia de nada. A pessoa que não sabe lê, é cego, o cabra faz dele o que quer, porque assim... aqui é o roçado, não é? Aí você encosta aqui: "Fulano, o que, que você quer?" Você mesmo faz sua nota lá e deixa lá, né? Trás a borracha você, não acerta o peso, mede... irmão, não acerta nada, né? Eles fazem o que querem, não é não? Aí, aquela borracha chega, aí você faz duas quinzena... sabe o que é duas quinzenas? Sabe o que é quinzena? Quinze dias, que é duas quinzenas de borracha, duas entrega de borracha. Aí voltava lá pro chefe do centro, né? Aquele papelzinho era a guia, nós chamávamos guia, nera, a mercadoria. Você joga pra lá, porque você não sabe de nada, mesmo, né? Lugar que você não conseguia voltar, não. O peso da borracha e o tanto que deu-se, tem só que se deve, você jogar pra lá. Esse é o motivo de hoje o pessoal ir atrás do soldado da borracha, porque se não agüentasse, ele era ruim, porque eles trabalhavam mesmo, né? Conforme o que eu tô lhe dizendo, era assim mesmo, aí via um comboio... quando passa, ficar espiando, aí vou fazer outra, né? Aí, levantávamos, fazer outra e assim era a vida toda...

Mas também tinha freguês que engana o patrão... Era muito difícil, mais acontecia.... Era assim... Muitos quando chega aquele arigó, que chamava arigó, né, que é os cearenses que tem hoje... muitos deles ia pra colocação, o patrão mandava a borracha, a aviação de lá, deixava lá, a aviação, levava a borracha e deixava o patrão chupando dedo, né? Outros, cobrava e não pagava e saía do seringal e ia embora, não sabia nem pra onde, nera? Esse, por isso, é que os patrões só vendia um bocado, porque era pra tirar tudo isso, né? Tu já pensou? Olha, lá no Bom

Destino tem pra mais de duzentos burro comendo a tua custa, porque era tu que sustentava, não era? Agora, mais duzentos empregados comendo a tua custa, o pessoal roubava muito, nera? Lá no Bom Destino era assim, a cada animal tinha a sua guia de consumo, nera? Quem se responsabilizava por isso era os comboieiros, por exemplo, 10 animais comia 10 quilo de milho não era. Aí colocava na nota cada sei o que comeram, né? Remédio, o que fosse preciso... Agora, a produção vamos vê se dá pra pagar, tudo era assim. Lá, se nascia um animal, um bezerro, tudo era anotado, não tinha jeito, nera? Tudo anotadinho, no fim do mês tinha que prestar conta. A mesma coisa era o seringueiro, no fim do mês você tinha que prestar conta com o patrão, se você devesse, se você devesse, ele não manda mercadoria pra você, quer dizer que era uma coisa na outra, quase animal também, não é verdade?

Eu mesmo fiquei doente no seringal, eu peguei essa hanseníase, né? Eu não conheço porque eu, eu vou lhe contar como foi pegado... Eu, quando eu morava no Amazonas, eu fui trabalhar numa farinhada, aí fui carregando o saco de farinha quente pra beira do rio e lá me molhei. Passei três dias sem falar, quando eu fui vê tava com isso daqui tudo pipocado, não era? Daí pra cá começou a dormência, dormência e trabalhando, foi a maior perdição eu ter ido trabalhar doente, conforme eu lhe falei, mas a gente que é pobre tem que trabalhar, você empregado você tem que ir pro seu setor de trabalho, todo mundo tem sua responsabilidade. Eu tô cansado de dizer aqui em casa, cada qual tem sua cruz, uns carrega maneiro, outros carrega mais pesado e outros carrega médio, mais tem que carregar. Então-se eu cheguei lá no Bom Destino, eu tinha um medo de doutor tão grande, pra mim era a pior onça, doente, não podia andar e cortava seringa, e cortando seringa, sei que quando foi um dia eu disse seu Ageno eu não vou mais corta. “Eu vou pra Rio Branco me tratar, eu estou doente”. Ele era o cara assim, ruim, pra viagem, assim ele era uma boa pessoa, nera? Me levou lá nesse doutor barão, que hoje tem esse posto aí, que se chama barão, mais ele não fez exame, não fez nada, dava só as pílula pra mim, quase que eu morria ó, fiquei todo doente. Uma vez, todo lascado, isso foi em fevereiro de 77, fevereiro de 67, 77... eu era casado com a Mundica... Pois bem, aí eu vim pra... eu fui lá no seu Ageno. “Eu quero ir de novo pra Rio Branco, eu quero me consultar com o doutor Élson”. “Mas, seu Raimundo, o senhor não já se consultou-se”. “Mas, eu quero ir de novo, eu não posso mais trabalhar”. Aí, eu fui. Aí, então, vamos. Aí eu vim mais ele... Chegamos, aí o doutor, ele consultava ali, naquele prédio da Policia Federal, né?

Pois bem a Saúde era ali. Aí eu fui pra lá, cheguei lá, o doutor Élon fez logo um exame, né? Disse: “Você tá doente”. Eu digo: “Eu vou morrer?” Aí comecei a me tratar, desde essa época me tratando, mas, já tava todo aleijado, nera? Sem poder, o que que eu ia fazer? Aí eu comecei a tomar remédio, mas teve dois anos que eu nem vim aqui na rua tomar esse remédio. Aí eu não vim pegar esse remédio há dois anos, por causa desses dois anos, eu paguei sabe o quê? Dezoito anos de tratamento. Quando eu cheguei, que fizeram exame em mim, já tinha multiplicado. Aí, vamos tomar remédio. Bem, aí lá vai... lá vai... Aí, quando eu cheguei... aí na doutora Leia... estava me tratando com a doutora Leia... com o doutor Guilherme... O doutor Guilherme e depois disso não é? Eu me tratava com o Doutor Élon, aí, depois, veio outro doutor, me tratei com aquele Efrain, ele mora lá na Seis de Agosto, ali perto da caixa de água. Ele trabalha lá no Hospital de Base, não sei se ainda ele trabalha... Aí, quando foi quando eu comecei a me tratar de novo. Aí, um dia eu cheguei lá, no hospital: “Doutora Leia, eu queria uns remédios. Eu vim busca um remédios”. “Você não vai mais tomar remédio, não. “Você vai morrer agora”. “É mesmo, doutora Leia?” Disse: “É, seu Raimundo. O senhor tá de alta”. Rapaz, eu fiquei muito alegre, ó... [risos]... Pra mim foi uma alegria que eu não sei não, me agarrei com ela, ela chorou, muito obrigado, o senhor tá de alta agora, o senhor não vai mais tomar remédio, o senhor só tem que vim aqui, porque tem que vim sempre, sempre, né? Mais não precisa mais tomar remédio, mais agora o senhor tá defeituoso por causa de que o senhor mesmo que não tomou o remédio no tempo certo. Eu não posso ter me queixado dele, né? “Doutora Leia, eu queria o remédio, eu tô doente... “balançou a cabeça e sorriu”.

Pois bem, aí a doutora disse: “Seu Raimundo, é muita sorte a pessoa chegar o ponto que o senhor chegou no tempo que o senhor tratou, porque muitos não agüentam e morre, não é? Porque a doença é muito forte, mas o senhor ficou bom, agora ficou defeituoso. Mas, não tem problema”. Agora um tempo desse, fui no hospital de novo fazer exame. Eu digo: Eu quero fazer exame. Não deu nada, aí eu fiz o exame dessa explicação. Esses exames, também, não deu nada. Então, eu não tenho mais doença, né? Porque, se tivesse, ainda tinha dado, não era?

Lá no seringal Bom Destino tinha festa no centro... Todo mundo se acostumava, vamos dizer assim, com o ideal daquele movimento, daquele seringal ou da sua casa, não é? Você, por exemplo, eu tenho minha casa feia, mais eu gosto daqui, aí eu chego na sua casa já não gosto da sua casa... Então, é assim no Bom

Destino, tinha aquele pessoal que fazia festa, brincava, bebia cachaça e era aquele rolo, mais tinha aquele divertimento, não é? Agora eu vou explicar uma coisa pra você também, lá brocava o roçado de adjunto, mandava pro outro, fazer a festa, dá de comer àquele pessoal... O pessoal trabalhava, bater terçado o dia todo só pra essa festa, aquela rapaziada, tinha cara... tinha homem lá que era boa pessoa, carregava até de 60 homens, brocava o roçado, derrubava todinho, o roçado era grande... Aí, de noite, tava aquela festa, né? Aí, tinha festejo de dia de ano, tinha festejo de tudo, todos os anos tinham, né? Agora só tinha naquela época, gostava de matar os outros, nera? Naquele tempo era o revolve do lado, nera? Faca do outro lado, era o ideal deles, lá eu tinha até medo daquilo, cada qual tinha uns 38 do lado, facona. Aí tomava cachaça, deu muita briga por lá também. Foi o tempo que eu cheguei lá, me assombrei, iche! Aí, lá, eles não tiravam a mão da cintura, na. Mas, eles faziam festa e festa boa, tinha festa de São João, de São Pedro e Santo Antônio, aí era festejo, ichi, tocado de Porto Acre, Venceslau, vinha tocar naquelas festas tudo... Tudo era festa, naquele centro, agora só dava mais era homem, mulher era pouca que naquele tempo quase não tinha... E pra dançar era só... dançava só, nera? Não vi dançar homem com homem, não... mas dizem que dançava, antigamente.

A vida era sofrida, trabalhava, cortava seringa, matar caça e plantar pra que pudesse comer alguma coisa, né? Aí, todo mundo era amigo, nera? Naquela época, bebia umas cachaças. Eles não mexiam com ninguém, não. Se você não fosse mexer com eles, mexia não. Agora, pra quem não tinha costume, era uma vida perigosa. Olha, tinha bicho ali que tinha cara feia socado naquele centro, nera? Mas, a aquilo acabou-se tudo. Hoje, é tudo domesticado, porque lá tudo hoje é cidade, não é? Lá, no Bom Destino, não tem aquele negócio lá, que é até do governo, lá, o memorial o negócio, lá...

Eu cortei seringa até 1970, depois fui trabalhar na colônia, trabalhei dez anos na colônia... trabalhava de agricultor, plantando todo tipo de coisa, que a gente podia plantar, né? Plantava... Agora, eu saí da colônia por causa de... das alagações, mataram minha plantação, aí eu vim-me embora, mas eu trabalhei dez anos, ainda. E eu gostava de trabalhar na colônia, só não gostava por causa de tempo assim, né? Enchia. Eu acho bom, aí vim pra cá, aí eu cheguei aqui em 1982.

Se pudesse, eu não voltava mais pro seringal, não... Porque a gente, quando a gente era naquela época, era uma coisa, e hoje é outra muito diferente,

sabe por quê? Porque a existência acabou-se. Outra coisa, naquele tempo, como eu lhe falei ainda agora, você pode ter sua colocação em qualquer canto, né? Você tinha a sua colocação, você podia caçar, você podia fazer tudo, hoje não é mais assim, você não pode nem tirar, pode ou não pode, não né [risos]? De maneira nenhuma, viche, agora quem mais acabou isso, heim? Foi esse pessoal que vieram de fora, tu já pensou todo mundo com seu monte de família, né? Ai só tem que comer, não é? Tem que derrubando a mata pra ir como, é agora. Aí, agora, num quero mais. Como é que pode, tão falando em mandar mais gente pra cá? Outro dia eu escutei no jornal que vão mandar mais, vão trazer mais gente pra cá, agora da onde eu não sei.

Aqui no bairro eu não ando pra canto nenhum, eu conheço aqui muita pouca gente, muita pouca mesmo... Agora, eu conheço aqui ali a Ivete, a Isabel e só o Siterano mesmo, e os outros eu não conheço não, rapaz daqui, aquele dali da frente.

Antes eu tinha uma taberna, eu comecei no comércio, ia até bem, mas, perdi a minha venda. Desgostei, quero mais, não, por que o que eu tenho dá muito bem pra mim comer, né? É mesmo que eu tá me batendo. É perigoso, é ai que tá. O outro dia, a Socorro falou pra eu colocar umas coisas aqui dentro desse quarto, uns negócio de colcha, essas coisa pra vender, né? Eu digo: “Não quero”. Não sabe porque, eu quero só, né, se o pessoal vê você entrando com essas coisas aqui, né? Tem gente curiosa, né? Aí, o vizinho rouba e vai ficar ruim pra mim, não é? E assim, do jeito que tá, todo mundo me conhece aqui, nunca ninguém me roubou aqui, né? Nada, eu deixo os baldes lá embaixo, nunca ninguém roubou, e se vi uma coisa dessa, não fica perigoso, não fica?

Pois é, então é assim, eu conheço aqui todo mundo, assim de comércio, não é? Eu, se eu fosse colocar um comércio, hoje, aqui, eu sei quem paga e quem não paga, se ele é bom, se ele não é. Eu negocieei doze anos vendendo bebida, nunca ninguém brigou aqui. Uma vez, o cara chegou aí do trabalho, deu um tapa no outro. Aí: “Como é que é isso, rapaz? Vocês são tudo amigo, aqui. Daqui dessa rua tudo se conhece. Vai bater no outro rapaz? Faça isso, não”. Já o outro vinha com uma faca pra furar ele. “Não, rapaz. O que é isso e tal...” Foi só isso que aconteceu, mas nada. Aí, disseram: “Por que não chamou a polícia, não né? Calma, né? “Não, vamos primeiro tentar”. Aí, pedi a faca, guardei, né? Mas, hoje, não tem mais essa resistência, né, pra lutar num comércio. Outra coisa, a pessoa que luta com

comércio, é responsável por muitas coisas, primeiro por que você só compra fiado, não tem dinheiro pra supri tudo que precisa, e tem que pagar os patrões, né? Então, eu sei muito, mas eu não fiquei devendo nada pra ninguém, paguei tudo direitinho. No dia que eu fui acabar : “É o seguinte: eu não quero mais fazer negócio. Se a conta tiver grande, eu entrego a mercadoria tudo, mas, eu não quero mais. Eu vou parar”. Mas, aí, ele me davam permissão pra mim vender, né? Aí, eu fui pagando até que acabou tudo.

Meu amigo, aqui no bairro mudou tudo. Aqui no bairro, quando eu cheguei, não tinha água, não tinha luz, não tinha rua, não tinha comércio, não tinha nada. O comércio que tinha aqui, era a Laura, o menino dali o... o França, só esses dois que são conhecido, dali, desde quando eu cheguei aqui que eles tem comércio ali, só esses e mais ninguém. Pra hoje, já tem até supermercado, é muita diferença, né? Tem supermercado, tem farmácia, tem tudo aqui oque tem lá no centro. Aqui, também tem, né, negocio de ferragem, tem tudo... Só o que tá faltando aqui é um Posto de Delegacia, pra colocar aqui no bairro, né? Porque, aqui, quando há uma ocorrência, é preciso ir lá pro Sexto, né, praulá, ou ir lá pra baixo, não é? Então, tá faltando isso aí, mas, eu já vi no jornal que eles vão implantar. Não teve um tempo que teve um ali... Bem aqui perto, ali na Rua Campo Grande... Teve um tempo que teve, no tempo que tu estudava, tinha esse posto Policial lá, mas não sei o que houve que se acabou-se. Mas, do mais tem tudo, agora, a população aumentou 50%... quase 100%, né? Esse bairro, é aqui nesse lado aí, não tinha morador, repara como é que tá, já mudou tudo, todo mundo.

O bairro tá mudando pra melhor, à vista do que era tá um céu, agora, né [Risos]? É que que... não é que nem ali, naquele canto ali que vocês moravam, que tu mora, que a Maria mora...? Ali era uma buraqueira feia, não tá bonito, agora, lá? A mesma coisa aqui, aqui eu coloquei mais de 100 carrada de barro, aqui nesse terreno.

Mas aqui, eu não tenho diversão não, só em casa mesmo nessa televisão, “Risos”. Aqui eu só visito o J... lá agente conversa, bate um papo lá, um cara uma vez, eu nunca mais fui lá na casa do pobre, ele é quem sempre vem aqui.

Bem, eu sou do tipo assim, eu não ando em casa de ninguém, nem eles vêm aqui, né? Aí, sempre a pessoa tem raiva dos outros, né? Ó.. É o que faz a pessoa ter desgosto da família, com os vizinhos, é eles viverem na sua casa, os vizinhos é na hora da precisão, né? A mesma coisa.

Aqui é muito diferente do seringal... o cara mora lá nessas colônias e vem pra essa cidade, é uma diferença muito grande, né? Eu vou lhe dizer uma coisa pra você, eu morei no Amazona, saí de lá com 25 anos, não sabia o que era um carro, você acredita nisso?... E lá ainda tem gente que não sabe o que é carro... Olhe, lá no seringal, a mulher foi tirar um cacho de banana, aí a mulher só mais dois menininhos, e a mulher quando palmo o cacho de banana, uma cobra pegou. Ela foi e disse pro meninozinho que ela tava tonta, não tava mais enxergando mais nada e deitou-se. E deitou-se... foi, essa que ela já foi e ficou, esse... bichim e anoiteceu e amanheceu e quando foi no outro dia, passou um carro. Disse: "Fulano..." Aí o bichim disse assim: "Ei, o papai não tá, não. A mamãe tá morta". Aí disse: "Ei, venha cá". "O papai não tá aqui, não. A mamãe morreu, aí, disse que o homem chegou lá: "A mulher já foi-se e essas crianças, aí, é que é né?"... Isso acontece muito, porque no seringal, como eu tava dizendo pro menino aqui naquela época a gente só chamava por Deus, né? Não tinha outra solução, o que que eu achava bonito, que Deus é tão bom que aquela mulher ganhou um horror de menino e não morreu, nenhuma, né?

Nada que tinha aqui, antigamente, não me chamou a atenção. O que mais me chamou atenção aqui é que quando eu cheguei aqui não tinha nada, né? Não tinha nada, né? Aí, eu só olhava daqui. Só via aquele campo, não tinha nada. Então, aqui, ninguém esquece, pra hoje é como se fosse uma coisa escrita e ninguém esquece daquilo. Hoje quem chega aqui, como nós já chegamos, depois, não conta mais assim, porque quando já chegou, aqui, já tinha muita casa, no tempo que eu cheguei aqui só tinha o seu Santo, que morava ai.

Esse bairro aqui é bom. Se alguém quisesse morar aqui eu indicava...

Rapaz, indicaria sim, porque cada qual, né? Aí, cada história, cada qual é um caso, por que um chega não acha bom mais outro chega e acha, né? Você repara que hoje, naquela época, né... mas, hoje, mudou não mudou? É difícil você vê que teve uma prisão, uma apreensão de droga, uma morte, aqui no João Eduardo. Naquele tempo...ah! era comum. É, hoje já é diferente... Então, o pessoal parece que vai aprendendo e vai mudando o ritmo, é diferente... Outra coisa, também, que aquele pessoal que vivia aqui, que era desse tipo de gente, que já tão velho.

Eu gosto daqui e só pretendo sair daqui quando botar os pés pra frente. Só mudo daqui pro [Cemitério] São João Batista... Eu não tenho vontade de sair daqui,

não. Só quando morrer mesmo. Eu era pra eu ir lá pra onde tá minha velha, né? Mas, o Bernaldo precisou de mim primeiro, né? Eu nunca gostei de andar me mudando, né? Eu, durante a minha vida, fiz três mudança, fiz do Amazonas pra cá, e fiz do seringal pra colônia e da colônia pra cá, ninguém pode andar com os cacarecos na cabeça, não. É... a gente se acostuma, não é? Agora, sabe do que que eu tenho vontade é de ajeitar? O assoalho da minha casa.

Quando eu cheguei aqui tinha poucos vizinhos... depois foi chegando gente... e hoje, tem deles que ainda moram, mas a maioria deles não mora mais, não... A maioria já venderam as casas e foram, sumiram...

Graças a Deus, eu sou feliz... só de esta vivo [Risos]. Aí, eu me lembro quando eu cheguei lá, no hospital, a doutora perguntou pra mim: “Seu Raimundo, quantos anos o senhor tem, seu Raimundo?” “Eu sou bem novinho, ainda tomo leite. Aí a mulher achava graça, eu tenho 70”. “ E o senhor não tem acompanhante?” “Tem sim, senhora, graças a Deus”. “Quem é o seu acompanhante?” “Deus, meu pai poderoso, que vai me proteger muito bem, mas a minha filha tá aí. Ela veio pra ficar, mas eu mandei ela ir pra casa, porque a casa tá só, né? Eu, estando aqui, estou guardado, né? E lá não tá, tá certo?” Aí ela achou graça.

Rapaz, tem até uns engraçados que fala mal desse bairro, né? Tem gente que mora pra Baixada, eles chamam os abestado, não é? Sabe por que? Tinha um cara que morava nessa casa, aí. Ele chegou lá em baixo, foi puxar uma carteira de cigarros, puxou assim pra fumar... Aí a mulher disse assim: “Esse abestado é lá do João Eduardo”. Aí ele disse: “Sou de lá, mesmo. Aí que disse que aqui só tem gente pobre, não é? Aí foi engraçado a mulher falando.

Essa casa aqui é boa... tem muita fruteira, tem acerola, tem pé de cidreira, tem uma porção de coisa aí. Mas a minha primeira casa, quando eu cheguei aqui, era pequenininha era 6 por 4, mas era. Eu comprei só a armação, depois foi que eu fiz ela desse tamanho mesmo.

Olhe, minha religião é Católica, eu sempre fui Católico e pretendo ser até morrer... no início do bairro a gente ia pras reuniões da Comunidade [Eclesial de Base], mas, hoje, eu não vou mais... a igreja era bem pequenininha, ali perto do João Paulo, uma casa coberta de palha. Aí, depois, lá aumentaram o João Paulo e deram aquele terreno ali perto da Marilda Gouveia... A monitora daqui era a dona Francisca, depois, passou pra dona... Pra uma mulher que tinha ali que eu me

esqueço o nome dela... meu Deus... como é que é o nome daquela mulher?... Eu não lembro, mas aqui tinha igreja, tinha Associação de Moradores, só que eu nunca vi eles fazerem nada por ninguém... se faziam, não fiquei sabendo... No começo, eu acreditava na Associação... tirei até a carteira... até hoje tenho a carteira... hoje a Associação tem presidente, mas ninguém vê o pessoal, né? Eu não vejo a menina aqui, a era Presidente de bairro...

Pra mim, eu acho que a associação nunca teve nenhuma coisa melhor, porque a primeira vez que eu precisei deles, eles não me acudiram, né? Fui lá, precisei de um carro lá pra... eu tava com a menina doente, não me arrumaram, né? Porque disse que o carro não tinha óleo, não tinha não sei o quê, não tinha nada... Eu ainda, só de tempo de Associação de bairro...

Antigamente, eu acho que a Associação ajudou muita gente, porque se não fosse a Associação de Bairro, não tinha aberto as ruas, não é? Então, aí deram uma força muito grande pros moradores. Só tem que, pra mim, não ajudou assim, sistema financeiro, mas assim, eu acho que ajudaram, porque se não tinha Prefeitura, porque quando nós chegamos aqui esses terrenos aqui falaram que era de Cohab... aí a Associação de Bairro ajudou em muitas coisas, aqui.

Rapaz, teve um tempo que a gente, pra comprar um quilo de carne era a maior luta do mundo. Passei um mês sem comer carne, até o tempo do Sarney que teve aquele negócio lá. Aí, eles não queriam matar os bois. Aí era aquela confusão, mas, depois, mudou, até hoje, né? Aqui, logo que eu cheguei, passei dificuldade de doença, a minha filha mais nova era bem doentinha, e eu também sou... Mas as coisas melhoraram...

Foram muitas lutas, mas o que eu posso dizer que venci na vida, foi ter arranjado um canto pra eu morar, e é meu mesmo, não é? E eu faço de conta que o terreno é meu mesmo. Então, eu fico feliz com isso, e feliz também porque criei minhas duas filhas, não é? Dei educação a elas, com saúde também e a mais nova eu dei muita força pra ela...

Aqui eu sinto muita saudade... da minha filha que se mudou, da minha família... Rapaz, o que eu nunca mais esqueci foi no tempo que a gente faz aniversário, né? A Socorro fez um aniversário aqui pra mim que eu não me esqueci mais...

Eu não sei falar de sonho, não. Eu não sei nem explicar. O sonho que eu tinha de ser sadio, mas dou graças a Deus, também por ter 72 anos pra mim é uma

vitória muito grande, de ter sido liberado dessa doença, também,. O médico disse que eu tava de alta, que eu passei dois anos sem tomar remédio, curado. Fiquei defeituoso, mais fui curado, pra mim, foi uma vitória muito grande, porque não é todo mundo que alcança isso, aí não é?... Eu queria ficar bom da hanseníase, e no dia que a doutora me deu alta do tratamento, eu dei tanto agradecimento à doutora que ela chorou. Mas, eu ainda sonho, sonho em realizar a construção de uma área aqui na frente da minha casa... esse é um sonho que eu ainda não realizei.

Sabe, eu já fui várias vezes na minha terra natal, mas senti que eu não sou mais de lá, né. Estou com 46 aqui, eu não sou mais de lá... Meus documentos é tudo acreano, eu sou acreano... Me sinto acreano, mesmo, fui criado desde 47 anos aqui, se não sou daqui, sou de onde? No Amazonas eu fiquei só 25 anos, eu estou com 47 anos aqui... Se eu pudesse, o que eu queria era encontrar meus parentes que tenho em Manaus, mas é difícil... não tenho endereço nenhum de lá, né, por parte de pai né? A minha família é muito grande eu tenho muitos parentes, muitos irmãos, muitos assim primos, só moram tudo em Manaus. Mas, eu não tenho endereço de lá de nada, moram em um seringal pra lá, perdi o contato... Tinha vontade de me encontrar com eles, mas, é difícil, quando tem o endereço é fácil, né?

Eu queria ter feito tanta coisa... Mas a gente só faz as coisas com o consentimento de Deus, se não deu certo, se Deus não deu permissão, Ele vai fazer não, não é verdade? A coisa que eu tinha mais vontade no mundo era de ter um ordenado que não precisasse ter dinheiro, não é? Então-se, sobre esse assunto aí, só é um motivo, não é? Mas, vai no rumo, então a gente não tem é tem tanta coisa no mundo que agente quer fazer e não pode fazer porque falta né.

E olhe, tem um pessoal aí querendo mudar o nome do bairro. Querem chamar de Baixada. Mas não tá certo. O nome daqui tem que ser João Eduardo, João Eduardo foi quem derrubou sangue por isso aqui, né Ele foi quem morreu, ele foi quem derramou o sangue. Então, se o nome daqui é João Eduardo... Já muita gente já começaram a mudar, já tem umas três Prefeitura que entrou esse negócio. Tinha uma mulher prali que queria mudar o bairro, não sei o que rola... Um negócio lá... Levou pra Prefeitura, mas não deu certo. Então, eu acho, no meu pensar, que o nome tem que ser esse mesmo que tá, porque já tem João Eduardo I, né, João Eduardo II... Então não pode mudar...

E a Ditadura Militar, que atrapalhou a vida de muita gente... por que naquele tempo, porque os pobres não tinham comunicação com certas coisas que tem hoje,

não é? Naquele tempo, eram só os grandes que tinha acesso às coisa que tem hoje. Hoje, um pobre pode falar numa rádio, na televisão, pode falar em frente o Palácio, pode falar no Quartel, pode falar em qualquer canto, não é? Assim que ele tinha razão de falar, falar mesmo... Então, hoje o pobre tem muita ... tem muito valor. Sobre esse assunto, naquela época, quem era que ia falar: “O seu fulano roubou. Seu fulano roubou?” Quem era que ia falar isso? Ninguém, não era verdade? Porque os grandes, esse pessoal que governavam assim, eles estavam tudo na mão, não era do Militar, né? Eles tem vontade... que vontade de novo. mas não pode, mas não pode voltar mais. Por isso, porque eles formaram, nos também feito, não é não? Nós temos o direito de falar tudo direitinho, ver uma coisa, ver que não da certo. Nós temos direito até de tirar o Presidente, se não der certo, a gente pode tirar ele, porque é nós que colocamos ele lá. Nesses tempo, não tinha eleição, não é? Nesse tempo, era assim, aquele que tava lá, tava bem, não é? Acabam o dinheiro da gente, é... nessas eleição, né? Mas, agora, eu vi aí no jornal que um dia desses andaram falando que queriam que voltasse por causa das eleições, porque entra muito dinheiro aí entra a roubalheira.

Rapaz, no tempo do Governador Wanderley Dantas foi que começaram a abrir essas partes aí dessas terras, não é? Quando começou a vender, né? Mas ele fez muitas coisas, foi ele que fez aquela ponte, não é? Aquela Ponte Velha, ali, naquela época é eles fizeram muitas coisa, mas eles, os governos de hoje, são diferente, não é? Não é mais daquele jeito, porque vai mudando, não é? Vai mudando por que a população cresceu, as pessoas falam do governo, mas ninguém pode falar de ninguém. Sabe por que? Só porque eles podiam ajeitar aquilo, tudo aqui, era Deus, mais ninguém.

...[Então eu queria lhe agradecer porque encerramos o período de entrevista, pela paciência, pela disposição...] De nada... Me dê 50 reais... Mas rapaz, você vem aqui, me entrevistar e diz que vai me dar um livro... eu aceito, vou dar pra minhas filhas, mas era bom mesmo era uns trocados...

[Após alguns anos, seu Martins conseguiu construir sua área na frente de casa. Sorriso no rosto, brinca com o neto recém-nascido. Quase todos os dias, ao cair da tarde, é possível vê-lo embalando-se em sua

rede. Ele conseguiu conter o progresso da Hanseníase em seu corpo e agora sonha em construir uma casa de alvenaria no lugar de sua velha casinha de madeira].

ANTÔNIA

Meu nome é Antônia Maria da Conceição. Tenho 92 anos. Nasci no Rio Envira, Seringal Santa Rosa. Eu estudei até a segunda série. Meu pai se chamava Janduré Pereira, e minha mãe, Antônia Maria da Conceição. Meu pai era seringueiro e minha mãe cuidava de casa e costurava pra fora. Nós somos nove irmãos, dois homens e sete mulheres.

Quando eu era criança no seringal, eu brincava correndo pelos matos. Meu pai ia pra estrada, eu ia também, fazia armadilha... Eles iam, dava o tiro, pedia agente pra olhar o que era... Chegava lá, tava o tatuzão... pegava, tratava, fazia o arroz, pisava. Minha mãe ia pro outro lado seringal, eu ficava mais o meu pai mais de mês. Ela ia pra lá porque ela tinha uma filha que morava em outro seringal, e ela era casada. Quando ela ficava gestante, ela ia pra lá pra pegar a neném... E eu tinha que ficar fazendo as coisas pro meu pai e pros meus irmãos.

Depois eu casei e nós mudamos pra Tarauacá. Meu marido ia caçar, ele matava capivara paca, veado, essas coisas... E quando não era, fazia rapadura... O serviço lá era esse: ia brocar roçado mais os outros, ajudar... e pagavam ele... Era assim... ele ia mariscar, também, de tarrafa, quando não tinha nada, ele ia cerrar madeira, fazer tábua...

Eu tive seis filhos, cinco mulheres e um homem.

Mudei pra cá pro bairro em 1976. Ali não tinha casa, ali tinha uma casa velha, aí do lado da padaria tinha uma casa grande, tinha um pessoalzinho numa casinha pequena, eu peguei e comprei. Daqui, comprei com o dinheiro de umas vacas que eu tinha, que eu criava... Vendemos lá, aí eu comprei essa casa... Tinha dois lotes de terreno aqui. As casas eram umas assoalhada, outras era no barro, as paredes eram de palha, tinha umas casinhas cobertinha de palha também, não tinha esse negócio de tabua, não.

Antes de comprar esse terreno, eu vim pra casa da minha filha, foi que eu vim procurar essa casinha. A Titã morava aqui, era empregada. Eu gostava daqui, a minha filha procurou praulá, só encontrou casa cara e não tinha dinheiro pra comprar... Aí eu comprei essa casa barata, essa era uma menor.

As casinhas no Bola Preta eram mais na parte de cima, mais pra lá, uma casinha aqui outra aculá, aqui em baixo quase não tinha casa.

A gente não tinha quase nada... Quando eu vinha doente eu peguei minhas coisinha, pagaram minha passagem, ficou tudo lá: panela, cama... Meu filho vendeu tudo lá, foi que eu comprei aqui... Eu vim mais uma mulher... ela já morreu. Deniza, ela já morava aqui... aí, ela veio, chegou lá. Aí ela foi até lá na casa dela, aí pagou um motorista pra me deixar aqui na minha filha. Ninguém me ajudou a trazer as coisas, porque não tinha nada de mais. Meu filho ficou lá, ele vendeu tudo. Vendeu a casa, o gado, as galinhas que tinha, comeram nessa casa. Nós tinha umas doze cabeça de gado.

Meu marido não veio porque nós éramos separados já. Nós já estamos separados há 45 anos. Nós ficamos só amigos. Eu conheci ele, foi assim: quando ele chegou em Tarauacá eu vinha... eu vinha do Envira. Eu vim noiva com outro rapaz, aí o quê que deu? Fui conhecer e tudo... Aí, quando foi num dia, lá tinha um rapaz por nome Raimundo. Aí, eu conversando, o rapaz que era meu noivo foi-se embora pro Acural, trabalhar, não sabe?! Foi arrumar o dinheiro pra nós se casar. Foi, e nada... Custou a aparecer. Quando ele apareceu passava no outro caminho por aculá. Não ia lá em casa, ia por lá. Quando meus irmão ia pra rua, via ele lá na rua, aí dizia: “Mana, tu viu o primo?!” Era primo nesse tempo. Eu digo: “Não!”. “Ele não passou por aqui”. Eu vi ele na rua”. “Viu?” “Vi”. Mas foi um castigo... Quando foi um dia, apareceu um homem que era do Acural, chegou mesmo assim na porta, deu boa tarde. Eu digo: “Suba.” Ele disse: “Não, senhora. Quero subir não”. “Me dê um pouco de água”. “O senhor veio de longe?” Ele disse: “Vim, sim, senhora. Vim do Acural”. “O senhor tá com fome?” “Quero, não, senhora”. Ele disse assim: “A senhora não tem notícia de um cara que foi pro Acural, não? O nome dele é Chico Pereira, ele trabalha lá junto com nós. “Ih, é?!” “Ele agora tá até namorando lá com uma moça. Toda noite, ele vai lá pra casa dessa moça. Vai tocar”. Tocava muito bem, violão. Eu digo: “É mesmo?!” “É”. Aí a mãe saiu lá pra cozinha, me perguntou direito, não diga nada não. Aí a mãe perguntou: “E ele tá noivo?” “Eu acho que ta, parece que vão se casar também”. “Foi bom saber notícia dele, que ele é nosso conhecido lá do Envira. Noivei com ele ainda lá, no Envira e tudo...” Não tava noiva com ele ainda não... “Nós conhecemos ele lá do Envira”. “Então, tchau”. “Tchau”. “Eu lá vou mais esperar...” Aí fui com outro, era bonito, baixinho, e tal... A irmã dele gostava de mim, aí pronto... Aí, quando foi um dia que eu fui pra novena, me

encontrei com ele... com esse que tava no Acural, que era meu namorado, que eu tava noiva. Me deu boa noite, eu não dei mais boa noite, não. Acabou casamento. Pronto. Não fiquei mais com amizade com ele e nem nada, acabou... Aí me casei com o irmão da minha amiga. Depois que me casei, morei muito tempo mais a mãe dentro de casa. Eu, mamãe, o papai, lá em Tarauacá. Aí eu fui lá pro Acural, morei um ano no Acural... O pai dela passava com a namorada... Eu logo quando cheguei no seringal doente, toda assanhada, eu sempre gostei de andar com o cabelo assanhado... Por isso, que eu digo pras meninas: “Não precisa pintura, essas coisas, não. Vocês... é um negocio de pintar as unhas, pintar os lábios...” Pois, eu, nunca gostei. Eu de cabelos assanhados, sentada na paxiúba e ele passava, mais a namorada dele. Outra que ele tinha, bonita, cabelos alvinho, cabelo loiro, eu não tinha nada com ele né? Esse moço daí... Ah, sim! Olha, o nome da outra era Elisa. Aí ele dizia: “Olha, Elisa, agora vem umas mocinhas lá do seringal Santa Rosa, duas moça. Uma é até bonitinha que é alvinha, cabelo loro, cabelo cortado, a outra toda arrupiada”. Ele dizia assim. “Não diga isso não, o senhor diz isso com ela... Olhe lá! Depois o senhor acaba casando com ela”. E ele: “Deus me livre, eu lá vou casar com aquela moça. Uma moça feia daquela”. Quando ela soube disso, ela contou pra mim. Aí eu: “Deus me livre de casar com ele, o homem véio feio, testa de relâmpago. Eu lá quero me casar com ele. Deus me livre!” Mas, depois, eu saí de casa mamãe... Nem sabia... Fui pra beira do rio, tinha outro lá, bonitinho... que é alvim... O nome dele era Manoel Simão. Aí nos ia pra lá chamar ele pra ir tocar em festa lá em casa. Ele era bonitinho... Depois ele casou-se com outra... eu já tinha me casado... Ele trabalhava no Fórum, mas eu namorei pouco tempo... Mas, eu dizia: “Manoel, tu tão bonito, foi se casar com aquela moça tão feia!” “Tu não quis casar comigo”. Eu era feia também, mas todo mundo dizia: “É preta, mas, é zelosa”. E pronto, aí me casei com ele, morei trinta anos com ele. Já depois... já tinha essas menina, aí espatifamos tudo, ele veio me bater... Aí eu deixei... Já tinha ela... Ela tinha um ano a outra tinha sete e a caçula tinha cinco. Aí eu fui pegar, fazer bolo de macaxeira, vender... Tirava lenha, esfarelava... Quando eu chegava em casa, colocava aquela bacia de bolo na cabeça, aí ia deixar na rua, no botequim pro homem vender pra mim, depois que eu deixei o marido.

De noite no Acural, entrava na canoa pra ir atrás do tracajá, praia grande. Eu, toda vida, tive cuidado comigo e com os outro. Aí eu fiquei dentro da canoa... pra cá... Tinha a praia e um horror de mato, tudo... E a canoa encostada aqui, e eu

sentada, e a menina dentro, e eu andava pra ele, e ele já ia longe. Ele era baixinho... Aí, dali, aquele medo de ficar aqui dentro dessa canoa... fiquei pensando em onça... Eu aqui, dentro, mais minha filha... se entrar aqui uma cobra, daí de dentro da água. Tudo o que o pessoal contava eu acreditava. Mas, era uma luta pra eu sair mais ele... Mas, eu ia o meu sono... Aí eu tava dormindo. Ele disse que ia pra praia de madrugada, eu ia ver. “Não vai, não, que eu não fico aqui, não. Eu tenho medo, eu não tinha medo de gente não, eu tinha medo era de alma. Não podia dizer: “Morreu uma pessoa aculá”... se fosse de noite, eu não dormia mais.

Meu casamento foi feliz até uns dois anos, o resto não. Tinha muita briga, ele ficava com raiva, eu morava na casa da minha mãe, eu e ele. Ele foi pra casa do pai dele. Ele ficava muito bravo.

Eu tava assando a carne, não tinha brasa. “Tu, também, não procurou lenha e nem nada pra pôr aqui no fogo.” Aí ele veio dizer que eu não assava logo a carne, que ia esfregar a carne na minha cara. Ele não me bateu porque a mãe não deixou. Ele disse assim: “Vocês não pode se adaptar na minha casa”. Meu pai e minha mãe nunca me bateu, alguma vez que ela me dá uma pisa mas é porque ela é minha mãe, não é você. Joguei a mala dele lá em baixo.

Depois nós separamos. Mas a gente ficou só amigo. Ele ia pescar, ele chegava assim na ponta de paxiúba. “Cadê a Nilda?” “Não tá aqui, não”. “Tá aí uns peixes que eu peguei”. “Ta”. Eu não deixava as amizade não. Aí foi o tempo que ele veio pra cá, aí eu vim aqui uma vez aí. Minha filha já estava bem de vida aqui, já tinha se casado, tava morando ali pra banda do Aeroporto Velho, pra lá do Ginásio aí eu vim ela estava de bem mais o marido dela. Passei um mês aqui me tratando, depois que fui pra lá... Cheguei lá, ela ainda morava lá... Aí quando eu cheguei lá, eu disse assim: “E Dico?” O nome dele era Raimundo Damião da Silva, “Dico, se eu fosse tu, eu ia embora pra Rio Branco”. “Ele disse: Por quê?” Eu digo: Porque tu vive por aqui, agora, tirando essas coisa pra vender pra comer... Por que quando eu morava contigo, eu ia pra mata contigo te ajudar. Eu tinha medo de tu cair por lá e morrer por lá”. Por que uma vez ele caiu que quase morre de hérnia. “E, agora, tu tá vendo que eu não vou mais.” “Nada, tu... que tu que tá querendo que eu vá embora daqui”. Eu digo: “Não, você vai se quiser. Estou dizendo que a sua filha está bem de vida. Se você for pra lá, pode arrumar um emprego, que não precisava mais você viver no mato”. Aí ele ficou calado. Quando foi depois, ele veio pessoalmente aqui.

Viu que tava bom de vida, o marido dela era empregado da fábrica... Aí o Aeroporto era aqui.

Eu fui atrás de uma passagem pra essa menina vir pra cá, que eu... O marido da minha filha mandou buscar ela. Aí ele disse que podia a mandar a menina, só que ela não vinha mais. Agora, a minha filha lá doente, passando... “Mãe, entenda...” Lá na maternidade... O senhor repare que o marido dela, da que tava lá em Rio Branco, ele tinha três passagens corrente, três passagens por mês... “Se o avião do Pedro vier, eu aposto que ele dava passagem pra minha filha...” Aí, quando dá fé, eu olhei pra cima... Lá vem o avião do Pedro... “A senhora conhece o avião do Pedro?” “Eu conheço sim, ele vai pra Cruzeiro e volta. Eu fico olhando... Eu só vivo no Aeroporto, tiro os gado de dentro da pista...” Pois bem... O avião aterrisou, ele disse: “Deixe que eu vou lá”. Eu digo: “Não, deixe que eu vou.” Eu digo: “Ele quer é me enganar. Ele que falar com o Pedro, pro Pedro não deixar a menina ir”. “Ela vai amanhã.” “Eu quero que ela vá, hoje.” “O que é que a senhora quer?” “Eu quero... arrume uma passagem pra minha filha, daqui quando você voltar de Cruzeiro, pra ver se você pode levar ela pra Rio Branco.” O sargento disse que só de manhã. “Ela tá passando mal na maternidade”. O avião passava mesmo em cima da casa... Aí, quando o avião... nós tudo conhecia... Até ela já conhecia o avião... Nesse tempo, tinha um avião vermelho... sei lá como era... Aí passava mesmo assim na porta... Pegou um temporal, só vinha ela e ele, o Pedro, dentro do avião. Aí quase eu morro de medo.

Eu senti muita diferença quando cheguei aqui, porque eu já sentia desde quando eu andava aqui. Eu dizia que nunca vinha morar aqui, as menina pelejava pra mim vender o gado pra mim vir morar aqui. Pois é... Minha filha disse: “Eu vou pra lá, quando eu chegar lá, eu vendo. Eu vou agora, meu filho já tá grande.” Já tinha dezessete anos... ele vivia pra casa de farinha, carregava roça, carregava pra queimar tijolo e pronto, ia pro roçado. Quando eu fui deixar de fazer bolo, eu tava no cuidado dele, ele trabalhava no Deracre.

Quando cheguei aqui parei de trabalhar, minhas filhas, uma já era empregada, a outra era empregada. Essa, também, já tinha o marido dela. Aí, pronto...

Meus filhos trabalhavam, vendiam pipoca, o meu filho já trabalhava no Deracre, não era?! Aí ele foi trabalhar em Monte Dourado, em Belém do Pará, dezoito anos. De lá ele mandava um dinheirinho pra mim. Quando ele chegou, ele já

foi trabalhar... Foi ali, fazendo tijolo. Estava ganhando um dinheirinho praulá... Ele me dava...

O Bola Preta era uma boate que tinha ali naquela Vila Militar. Uma vez eu fui pra lá sem saber. Era porque quando eu descia essa ladeira, eu vinha de pé lá da Maternidade, da Santa Casa... Eu vinha de pé, às vezes, doente já... Aqui, aculé tinha aqueles banco, não era? Assim... cheio de carro, de nada. Tinha aqueles banco... Quando cheguei perto da Bola Preta, uma tava assim... Foi, e disse assim: “Sai daí, dona, vem se sentar aqui, mais nós, pra conversar”. Aí eu me levantei de lá, fui e sentei lá na casa dela. Foram buscar café pra mim. Eu bebi. “A senhora é doente?” Eu disse: “Só nas pernas, me dá uma dor que eu não posso nem andar”. “Depois que a senhora veio pra cá, foi?” “Aí ela disse: Tá bom, a senhora sabe onde é que tá?” “Eu sei que eu tô aqui na casa de vocês, mas, não conheço vocês.”. Ela disse: “É porque tem muita gente que não gosta de vim pra cá e sentar aqui, não”. Eu disse: “Por quê?” “Não, porque nós somos mulheres solteiras”. E tal... Aí contaram a vida delas. Eu digo: “Ah! Minha filha, eu não tenho nada de bondade com essa coisa, não. Eu já tive irmã solteira também.” Eu digo: “Maninha, agora eu já vou”. “Ela disse: “Quando a senhora tiver cansada, pode vir pra cá, pra gente conversar, tá bom?” Aí desci a ladeira e vim me embora.

A casa das mulheres era de madeira... parece que era... eu não entrei lá pra dentro, fiquei assim... fora. Mas, vi que fora, era de madeira. Às vezes, a gente passava e lá tinha muita mulher, às vezes, tinha pouca. Lá elas faziam festa mesmo, que chamava Bola Preta. Toda noite a gente escutava zoadas de festa, daqui praulá, a gente escutava. Pelo que me contaram chamam de Bola Preta porque em frente à casa tinha uma bola bem preta em cima. Então, ela ficou conhecida, essa boate, como bola preta, por conta dessa bola. Quem me falou é mais antigo daqui. A casa tinha outro nome, mas não me lembro não. Porque ninguém conhecia pelo nome, conhecia como bola Preta. Então, até a ladeira ficou conhecida como ladeira do Bola Preta. Essa ladeira era bem mais alta, cortaram muito ela pra poder fazer a pavimentação da rua. Cortaram ela, né? Na época que ela chegou aqui, era bem mais alta. Cortaram ela, lá em cima, pra baixar mais ela.

E essa bueira aí, quando a gente ia chegando aí embaixo era um garapé. As pessoas lavavam roupa, só via aquelas mulheres dentro do garapé lavando roupa. Eu não lavava lá não, eu saía pedindo água nas cacimbas, não tinha água encanada, tinha muita água de cacimba nos poços. Foi ruim quando nós chegamos

não tinha água. Nós tínhamos que pedir ao outros, pedia praulá, prali, ia lavar roupa...

Aqui tinha eletricidade... Aqui faltava morrer de calor que nem tinha água nem eletricidade, não tinha um pé de planta, não tinha nada, nada... Foram plantar depois que eu cheguei. Aí eu comecei a plantar, era chão rachado. Uma vez eu tava deitada, aí não agüentei, molhei a rede pra poder me deitar... tava pegando fogo... Quando já depois, ia buscar água lá no Palheiral, do pipa... o pipa vinha deixar. Mas isso aí foi depois, muito depois. Mas, no começo, não tinha nem um pingo de água.

Cheguei, já tinha. Mas, eu morava em Tarauacá, que sempre eu vinha aqui me tratar. Eu vinha quatro vezes por ano, tinha ônibus não, praulá não tinha Palheiral... Era mata, essa ladeira era bem alta.

Agora, viche, o bairro mudou demais... Olha essas doidices não tinha, agora os pessoal anda tudo é doido. Era tão silêncio, aqui, a gente dormia tão bem... não tinha medo de nada, não. Logo quando eu comprei a casa, a minha menina dizia: "Faz medo dormir, aí?" "Faz, nada". Alguns abestado vinha, jogava pedra em cima da casa.

Aqui eu acho que tá mudando pra melhor, nuns pontos, e tá mudando pra pior, noutros.

Olha, agora eu não posso mais nem andar, porque, quando eu cheguei aqui, eu quebrei meu pé. Passei foi tempo... Tinha o Hospital de Clínica, que é o Hospital de Base... Hoje em dia... Levavam eu nos braços pra li pra frente, pra pegar um táxi. Era uma dor tão grande no pé que eu não agüentava. Fui atrás de pegar um táxi lá no Segundo Distrito, porque, pelo Quinze era a coisa mais difícil, que aqui não existia. Me levavam lá pro Pronto Socorro. Depois que eu quebrei o pé, pronto... deixei de andar por aqui tudo... andava... Quebrei o pé, fiquei doente mesmo, internada. Antes eu andava por ali, mas não tinha quase costume, fazia pouco tempo que eu tinha chegado. Quando fui visitar minha filha que mora ali depois da bueira, eu caí dentro da bueira, fiquei lá em tempo de morrer, só não morri porque gritei muito e um colega voltou e olhou. Eu tava dentro do bueiro, dessa bueira velha aí.

Aqui já apareceu um monte de gente querendo comprar minha casa. O pessoal pelega pra eu vender a casa e comprar no outro canto. Vendo nada, meu cantinho é aqui, eu não vendo, não. Só saio daqui quando morrer. Mas, pra ir pra outra casa? Eu não vou, não. O meu filho já fez uma casa boa, lá perto da casa

dele. Eu não fui. Casa bem feita mesmo, toda grandona... “Eu tenho vergonha de a senhora morar aqui”. “Mas, meu filho, eu não vou”. Tem três casa atrás da casa dele, que ele fez uma... ele disse que é pra eu morar. Eu digo: “Vou, nada”. Eu digo: “Não. Fica aí pra quando seus filhos crescer”. E essa daí, era dele e eu não saí daqui pra morar lá. Quando ele chegou aqui, fez essa casinha aí.

Eu moro aqui com minha filha e dois netos. Meu outro neto mora ali, naquela casa ali, na frente. Ele a mulher e meu netinho. Não consegui me aposentar como soldado da borracha, porque meu marido morreu e nós tava separado. Aí meu nome tá trocado na identidade. Meu nome do fim é Silva, mas na igreja de Tarauacá tá escrito Luíza. De quando eu era moça... Aí quando fui tirar meus documentos aqui, trocaram meu nome de Conceição, e esqueceram o nome de meu pai.

Quando eu me casei eu era moça. Aí, quando eu me casei, eu mudei para Antônia Maria da Silva, por causa dele, que era Raimundo Damião da Silva. Mas, aí, quando eu deixei ele e vem aqui pra Rio branco, eu não tinha registro. Lá, o Juiz foi e disse: “A senhora é casada?”. Eu fui e disse que não. “E como é que a senhora ainda assina com o nome dele, não já se deixaram? Por que que a senhora não tira esse nome dele?” Eu digo: “Não, pra que tirar?” Ele disse: “Porque a senhora não mora mais com ele. É bom tirar, porque isso depois vai dar uma confusão. Eu digo porque que dá, porque quando a senhora tiver algum serviço qualquer, ele vai querer tomar. E assim, a senhora com o nome dele, ele tem direito de tomar da senhora. Aí, então, por que que a senhora não coloca o nome da sua mãe? Como é que é, então?” “Pode, Antonia Maria da Conceição”. Aí, no registro, coloquei. Ali, na política, meu nome tá assim quando eu voltar a primeira vez. Ainda tava lá na igreja, olha...

Eu acho que sou feliz porque, graças a Deus, nessa idade... Graças a Deus, nunca aconteceu nada comigo. A coisa que a gente não esquece é do pai e da mãe da gente, que é uma coisa que eu nunca esqueço. Mas, uma coisa alegre era quando a gente era novo, que ia pra festa, que ficava muito animado... e tudo... Quando eu nasci, lá no Acural, tudo era muito alegre, lá... muito alegre mesmo. Era festinha na beira do rio, faziam aquelas festa... Eu ia nas canoas, passava a noite dançando. Eu já era casada e eu ia mais o meu marido. Aí nós dançávamos a noite toda. Lá não tinha problema de querer roubar a mulher dos outros. Nós tudo era amigo, as casadas dançavam com os maridos dela, e as solteiras dançavam com os maridos das outras, mas não tinha negócio de ciúme. Quando voltava, voltava tudo

em paz, graças a Deus. Não tinha negócio de briga lá não. Quando eu ia, graças a Deus, não tinha, não.

Mas, não era essas dança imoral, como hoje, não. Essa dança de hoje é doida. Era decente. Eu dançava com todo mundo do seringal, eu saia de casa mais meu pai, era Dorinha... tinha quinze anos. Quando foi num dia de São João, o pai fazia festa lá em casa, de São Pedro. Um colega nosso, nesse tempo, era compadre... quando foi um dia, meu pai esqueceu da festa do outro lá, foi lembrar já cinco hora. Disse assim pra mamãe: “Mas, tu não sabe o que eu me lembrei agora?!” Aí a mãe disse assim: “O que foi?” “Menina, a festa do compadre. Nós não fomos pra festa que em ...” “Mas, ainda é cedo, agora que é cinco horas. É três horas de viagem, ainda dá pra nós ir!” “Será que dá? Minha filha, se arrume. Vai fechar a porta...” Ficava era tudo era aberto... Quando chegamos, já escuro... Era um varadourozinho... A casa era toda aberta, não sabe? Nós chegamos, já tinha era muita gente do seringal... Nós morávamos no seringal de Santa Rosa. Já tinha gente de Porongaba, São Francisco... tudo ia pro essa festa, de longe. Agora, nós olhávamos pro terreno, era só mato... Fazia o café nas lata de querosene... Hoje em dia tudo faz mal, né? Tem que ser uma panela bem areadinha... Não tinha briga...

Depois que cheguei aqui nunca mais fui em festa... Não danço mais, não. Deixei de dançar muito nova... Quando eu tava com trinta anos, eu deixei, porque a minha filha já tinha se casado, já tinha filho... E eu ia só olhar, ia só fazer minhas vendazinha... Aí, eu ia vender e ela ia cançã... Essa daí era pequena, mas já dançava... a mocinha já dançava... Já tinha neto...

Hoje, eu não danço mais porque sou doente. Mas, se não tivesse o pé quebrado... E se eu fosse sadia... Ainda na idade que eu tenho... já tava era lá dentro das festas dos velhos.

E sou católica, mas hoje não posso ir mais pra igreja. Sou católica a vida toda, desde que eu nasci, eu me batizei. Hoje eu não posso ir pra igreja, mas quando eu morava em Tarauacá eu ia... Eu não saio de casa. Não. Eu saio de casa só pra ir ao médico. Antes, aqui tinha o padre João, a gente rezava, ficava sabendo dos batizados.

Eu vim, passei só três dias aqui, aí me internei logo na Santa Casa. Passei um mês... nem sei mais quando eu melhorei. Lá, fiquei sem andar... Depois que eu melhorei, passei três anos com a mão doente... Estou viva aqui na rede... De

primeiro, eu ainda andava ali pra trás, ia no canteiro... Agora, só saio se for carregada de carro... Vivo nessa rede há dez anos.

Eu sinto saudades do pessoal que eu deixei lá em Tarauacá. Eu queria voltar lá, pra ver como é que ta... Mas não posso... Às vezes, quando eu entro num carro, eu penso: “Ah! Se esse carro fosse pra Tarauacá...” Eu ainda tenho parente meu, lá. Tenho saudades do dia da procissão de São Francisco. Lá em Tarauacá a procissão era muito boa, muito animada. E é preciso que eu diga que não era pra essa menina não ser crente. A filha que falou contigo... porque ela nasceu no dia de São Francisco... Quando eu ia ganhar ela, o pessoal ia passando pra procissão de São Francisco... quando eu ganhei ela... E ela tem o nome de Francisca das Chagas... Aí eu tenho devoção em São Francisco. Aí, quando foi depois, eu saí... eu coloquei o nome de Francisca Ramona... Eu coloquei o nome de Francisco... Tudo são Francisco... Eu queria colocar o nome da minha filha de Francisca também, não coloquei porque já é tudo Francisca. Não, mas eu quero colocar o nome de Francisca em todos as outras... Eu fiz promessa a São Francisco das Chagas. Coloquei o nome de São Francisco em todos os meus filhos, só não em um que eu desobedeci a minha devoção... aí ele morreu...

O que, muitas vezes... o que eu queria fazer era de andar passeando por aí... Desde que tava internada, que as filhas me perguntava: “A senhora tinha vontade de passear?”. “Ah, sim! Ave Maria! Se eu pudesse, só vivia andando... Era passeando por todo canto... Eu ainda tinha coragem de arriscar a vida de ir de avião pra Tarauacá...” Mas não dá, porque agora não dá mais, não... Eu não enxergo nada, me agarro nas parede, tonta... Já, depois dessa diabete, tem dia que eu não durmo com dor no espinhaço... Só vivo mais é assim... deitada...

Eu não sei de quem era essas terras... Quando eu cheguei aqui, não tinha ninguém, aqui do lado... Só essas casinha daqui da frente... Mas, aí, houve a invasão, né? Foi no tempo que o João Eduardo começou a distribuir essas terras. Mas, quem era mesmo o dono, eu não sei.

O que eu sei é das minhas plantinhas... Eu tinha buriti, açaí, abacate, cupuaçu, manga, graviola, coco, cacau, jambo, goiaba... Tinha até seringueira. Aqui também tinha flores, mas todo mundo que passa aí e arrancava tudo. Agora tá morrendo tudim, eu não posso fazer mais nada. Hoje eu não posso mais cuidar das minhas plantas, nem do meu canteiro ou do meu pé de cidreira para fazer chá. Aqui era tudo limpinho. Agora eu tenho problema no meu joelho, não posso me abaixar.

Olha, hoje eu sonhei com uma pessoa que eu nunca tinha visto. Sonhei que ela vinha hoje. E era você. Eu sonho muito. Eu tenho é sempre... com gente viva, com quem morreu e com quem não morreu. Um dia desses, eu sonhei com a minha sobrinha tudim, quando elas era crianças... Cabelinho delas cortadinho, bem curtinho... No tempo que não tinha isso de cortar cabelo, assim, né, redondinho. Aí, eu fui e disse: “Olha, essas tuas menina tão muito bonita! Elas não eram tão bonita, assim... Agora, tão bonita!” Eu cortei meu cabelo redondinho. Meu cabelo era dourado, sei lá, ... loiro. Minha mãe era morena do cabelo pretinho, e meu pai também era moreno

O pessoal diz que não existe alma... Eu mesma, nunca vi. Mas, eu tinha medo... Eu não ia no cagador – antes, chamava assim. Eu tinha medo... Eu chamava meu marido, pra ele ir comigo. Eu tava com a lamparina. Ele: “Eu te alumio. Por aqui, vai menina!” Era perto... Eu não ia, não. Nesse tempo, a “casinha” era feita de paxiúba... de palha... no Acural... De dia, passava o dia sozinha... plantava cana, roça, capinava... essas coisa tudo... criava minhas galinhas, tudo.

Rapaz, eu queria saber o que você acha de a gente que morre. A gente dorme falando, conversando deles... O quê?... Às vezes, a gente nem tá se lembrando da pessoa, e sonha?! Eu sonho demais... e é com uns sonhos alegres. De primeiro, eu tinha medo. Agora, não. E, outro dia, que sonho a bessa com esse meu marido, pai dela... Já morreu... No sonho, eu dizia: “Vamos embora? Tu disse que ia, e tu agora não vai?” Depois, ele em pé, com a roupa azul: “Vamos, embora?”. Eu dizia: “Nossa Senhora lhe protege e Jesus também...” Eu dizia: “Não vou mais...” E, agora, derradeiro, eu sonhei com ele: “Tu só vive dizendo que vai, e nunca vai.” Mas, agora, eu vou.

Eu não sei o que quer dizer, porque que quando ele morreu... que iam levando ele, não sabe?... eu ia morrendo de chorar. Eu disse: “Vai, que, depois, eu vou...” Quando foi uma vez, eu sonhei com ele, normal, tranquilo... Ele olhava pra trás e dizia: “Vamos, dona!?” Eu dizia: “Não vou, não”. “Tu não disse que ia?” “Mas, não vou mais...” E, agora, eu sonhei dizendo que ia.

Quando tinha saúde eu fazia era biscoito, broa, cocada, pão-de-ló... levava pra vender. Eu não queria vir pra cá, vim por que tava doente, com essa dor. Foi preciso meu irmão matar um garrote, pra vender a carne, pra pagar o avião pra eu vir pra Rio Branco. Eu já não durmo de noite, meu olhos doem... Eu babo de noite... Eu não dormi com fome, tem leite, mas, não como. Eu sempre jantei, mas, agora,

dói... Eu era doente desde criança, melhorava... ficava numa boa... ficava doente de novo... passei um ano doente de sezão e impaludismo na adolescência... Aí chegou a febre, frio... Quando eu ficava gestante não podia urinar, quando podia urinar não podia defecar... Eu fui dormir, ontem, era mais de meia noite, pensando no Acural... Ontem, sonhei. Me lembrava dos móveis, dos macacos todos. Perdi o sono... Aí, depois, vinha outro sentido... Lembrava do rio, o Rio Acurau... Encostava a canoa no barranco... Vinte e três anos... meu marido ia matar tracajá, eu não sabia remar direito, com a menina no colo. Achei melhor atravessar o rio... a praia grande... a lua clara... Meu marido veio com o tracajá, me deu imporão... subi o barranco. Aí, andava no mato... Dizia: “Dico, tu não matou um papagaio”. Mas, macaco de toda qualidade nós via. O Acural dá 12 horas de viagem na pernada, rumo a Tarauacá... A minha criação no Acural de um pinto e um pinto, foi dando ninhada. Tinha ovo com fartura e cem cabeças de galinhas.

Eu adoeci e o doutor disse que tinha sido um tumor que tinha espocado dentro de mim; e, se eu tivesse vomitado, eu não tinha escapado. Aí eu defequei. Era pôde... era pôde... era pôde... Parecia que as vermes tinham morrido e apodrecido dentro de mim. É como se eu tivesse defecando as tripas. “Dói a costela?” “Dói.” “Dói?” “Dói.” “Dói?” “Dói...” Aí me internaram na Santa Casa... Aí era remédio, era soro... Aí, quando mandavam eu tomar banho no chuveiro, sete horas da manhã, eu passava um frio... Aí eu sofria muito pra ir pro banheiro... Quem ora por mim é Jesus Cristo, depois dele, é São Francisco das Chagas...

[[Dona Antônia ainda mora em sua rede, agora há 12 anos, pouco enxerga e não sai de casa, nem mesmo para ir ao quintal. O sofrimento é latente em seu olhar e sua voz rouca, que entre tosses e gemidos, é uma constante nas entrevistas. De acordo com ela, essa tosse já está ocorrendo há trinta anos, com espaços de alguns meses. Tosse seca de dia, com baba à noite. Dona Antônia aos 93 anos está extremamente magra, já não consegue comer direito nem dormir a contento. Parece um bebê... frágil,

delicada e muito necessitada de carinho. Ela conta os dias até nosso próximo encontro. E chora de alegria pelos bons tempos vividos quase sempre que nos reunimos para recordar.].

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)